Imaginário!

Novembro 2026 • 28





Imaginário!

Parahyba: Marca de Fantasia, n. 28, Novembro de 2026, 384p.
ISSN 2237-6933

Publicação da editora Marca de Fantasia, que é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da UFPB - Universidade Federal da Paraíba

---

MARCA DE FANTASIA
Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa, PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
https://www.marcadefantasia.com

Editor/Designer: Henrique Magalhães
Capa: Bira Dantas

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS
Adriano de León - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB
Edgar Franco - UFG
Edgard Guimarães - ITA/SP
Gazy Andraus - IFSP-Rio Preto
Heraldo Aparecido Silva - UFPI
José Domingos - UEPB
Marcelo Bolshaw - UFRN
Marcos Nicolau - UFPB
Marina Magalhães - UFCG
Nílton Milanez - UESB
Paulo Ramos - UNIFESP
Paulo Vieira - UFPB
Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
Waldomiro Vergueiro - USP

Revista de análise sobre Comunicação e Artes. O uso das imagens serve apenas ao estudo, de acordo com o artigo 46 da lei 9610. Os direitos autorais dos textos e imagens pertencem a seus autores ou detentores das obras.

Sumário

Apresentação 7
Henrique Magalhães

Agaquentrevista 9
Daniel Figueiredo & Ciberpajé

Ensaios

O Ciberpajé e o desvio luminoso da arte transmídia 61
Sergio Cesario

A aurora pós-humana de Edgar Franco/Ciberpajé: BioCyberDrama Saga e Licanarquia 66
Moema Rampon

Ato I – pré-Ciberpajé & pré-AmAntE da hErEsiA, século XX: num instante – 75
AmAntE da hErEsiA

Nuances entre Carbono e Silício: "Oráculos" e "Cão Breu Pós-Humano" 83
Frederico Carvalho Felipe (a.k.a. Fredé CF)

A Arte como travessia 92
Anésio Azevedo Costa Neto

Sobre o Processo Criativo da arte de capa da Imaginário! inspirada pelo Ciberpajé 102
Bira Dantas

Artigos

Reflexões poéticas sobre resistência digital na obra artística do Ciberpajé 108
Wellington Lima Amorim
Daniel Fraga Castro

Possibilidades transmidiáticas na obra do Ciberpajé 139
Rafael Senra

A paratopia, a desterritorialização e a cultura da poética ciborgue nos discursos artísticos de Edgar Franco *Ciberpajé* 152
Ricardo Celestino

Por uma antropologia do Ciberpajé: misticismo e transcendência tecnológica na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco 181
Edgar Indalecio Smaniotto

Análise do Discurso digital: a cosmogonia do Ciberpajé 198
Fabíola Barros Castrillon

Entrevista: Ciberpajé

As HQtrônicas e a contemporaneidade dos quadrinhos digitais 228
Guilherme "Smee" Sfredo Miorando
Sebastian Horácio Gago

Resenhas

Uivo: chamado à alcateia humana! 258
Gazy Andraus

Licanarquia: convite ao reencontro com seu eu selvagem 264
Kesia Ramos

2021 – Ciberpajé 267
Fabio Shiva

A serpente e o abismo 272
Rubens César Baquião

Transessência 275
Raquel Alves de Freitas Nunes

Uivos do Lobo Selvagem 280
Alexandre Chakal

Vida como Arte, Academia como Magia 283
Sergio Cesario

Posthuman Worm/CybOrgasmOrgy 285
Valtemir Amler

Agartha: Amor e Sexo 287
Fausto Ramos

Duetos Essenciais 293
Marcos Freitas

BioCyberDrama Saga 295
Elydio dos Santos Neto

Conversas com o Ciberpajé: uma viagem transcendente com um ser "sem caráter" e iluminado 300
Sara Gaspar

Artlectos e Pós-Humanos:
Uma viagem intergaláctica pelos 13 números da revista em quadrinhos do Ciberpajé 307
Larissa Dias

BioCyberDrama Saga 345
Luiz Bras

O experimentalismo neobarroco nas potências especulativas de Transessência, de Edgar Franco, o Ciberpajé 348
Ricardo Celestino

EP Ciberpajé – Máquina hiper-real: o real excessivo que está mais calcado em uma realidade alienante 353
Gabriel Pinheiro

Translobo: nova obra do Ciberpajé provoca a mente com imagens e palavras mágickas 357
Claudio Ellovitch

Enteogênicos: Quimeras em hipercomunicação com o multiverso 359
Douglas Guerrero

Ecos Humanos: Um trabalho lúdico como um beijo no rosto e direto como um corte na jugular 363
Carlos Lopes

Conversas de Belzebu com seu Pai Morto: Inquietante desde o título, a obra transmídia provoca reflexões sobre as consequências de nossos atos no planeta 366
Fredé CF

Renovaceno: as inquietações que anestesiamos 373
Rachel Cosme

Posthuman Tantra - Ten Years of Posthumanity (Tributo): a vida é curta demais para que a gastemos sem desfrutar de várias possibilidades de experiência 376
Cristiano Passos

Um visionário da Aurora Pós-Humana 379
olyveira daemon

Apresentação

Um passeio lúdico pela obra de Edgar Franco

Esta edição especial da Imaginário! tem uma proposta alvissareira: fazer um dossiê sobre a obra de Edgar Franco, o Ciberpajé. Não é tarefa simples, nem fácil, reunir ensaios, artigos, entrevistas e resenhas sobre um conjunto tão amplo da produção do autor, em suas múltiplas expressões.

Dada a sua expressiva presença midiática, é raro não conhecer algum aspecto dos trabalhos de Edgar, seja nos quadrinhos, na música eletrônica, nas performances poético-visuais, no audiovisual, seja nas pesquisas e na formação nesses campos da cultura e da comunicação. Edgar tem se destacado em todas essas áreas, com propostas transgressoras e originais.

Mestre, doutor, pós-doutor e professor titular da Universidade Federal de Goiás, Edgar também se notabilizou na pesquisa acadêmica, com trabalhos premiados em eventos da área e reconhecimento nacional e internacional. No curso de Artes Visuais, em que ensina na graduação e na pós-graduação, conduz com brilho alunos e alunas dedicados, que buscam nele caminhos qualificados e pouco usuais para sua formação.

Conheço Edgar de longa data, desde o tempo em que fazíamos fanzines, na década de 1980, e seguimos juntos até hoje, com admiração mútua pela persistência e pela inquietação que nos movem. Com a criação da editora Marca de Fantasia, em 1995, foi com Edgar e com o companheiro Gazy Andraus que aprofundamos os conceitos dos quadrinhos poético-filosóficos, termo, a propósito, criado por Edgar para

denominar os quadrinhos livres dos enquadramentos textuais e visuais das próprias histórias em quadrinhos.

Pela Marca de Fantasia, mas não só, podemos acompanhar o percurso da obra de Edgar: as revistas Tyli-Tyli/Mandala e Artlectos e Pós-Humanos, os livros de e sobre quadrinhos e outros livros teóricos, nos quais expõe seu amplo campo de conhecimento.

Já falei muito de Edgar nos prefácios que escrevi para algumas de suas obras, que tive a honra e o prazer de editar. Agora deixo que o leitor descubra, nesta seleção de trabalhos planejada pelo próprio autor, as possibilidades e motivações que se apresentam numa leitura irremediavelmente prazerosa.

Henrique Magalhães
Editor
11.2026

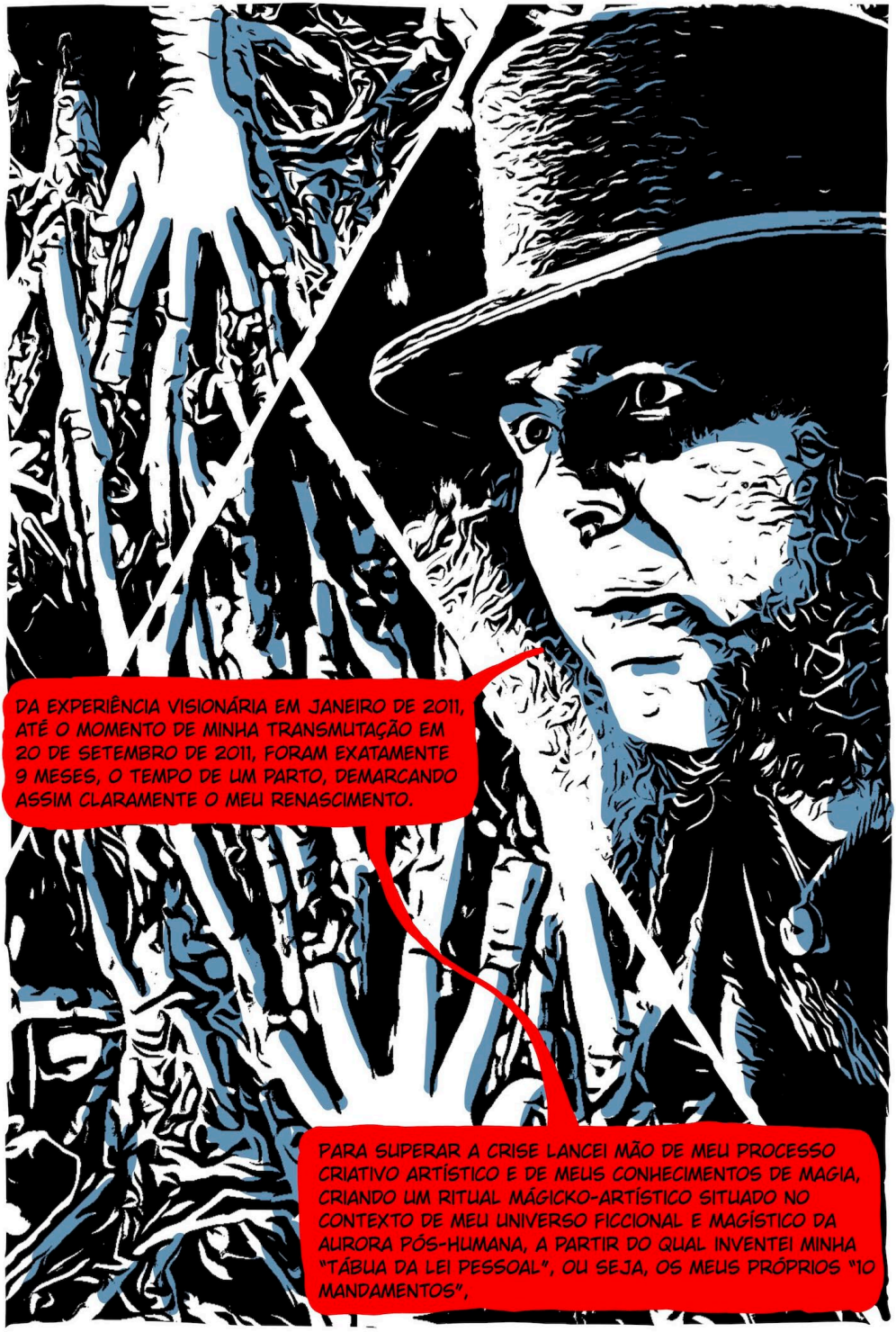
Agaquentrevista

Daniel Figueiredo & Ciberpajé




EM QUE MOMENTO, OU ATRAVÉS DE QUAIS ATRAVESSAMENTOS, OCORRE A TRANSFORMAÇÃO EM CIBERPAJÉ, E COMO ESSE PROCESSO SE DISTINGUE DE UMA SIMPLES CONSTRUÇÃO CONCEITUAL OU PERSONAGEM ARTÍSTICO?


MINHA TRANSMUTAÇÃO EM CIBERPAJÉ FOI O ÁPICE DE UM MOVIMENTO INTERNO CONTÍNUO EM 40 ANOS DE QUESTIONAMENTOS DE MEUS VALORES COMO SER. ELA ACONTECEU LOGO APÓS UMA CRISE PESSOAL DEFLAGRADA POR UMA EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA COM O ENTEÓGENO PSILOCYBE CUBENSIS ATRAVÉS DA QUAL PRATICAMENTE TODOS OS MEUS VALORES E EXPECTATIVAS COMO INDIVÍDUO FORAM ESFACELADOS, DILACERADOS POR UMA AVALIAÇÃO SEM BARREIRAS DE QUEM EU ERA ATÉ AQUELE MOMENTO.


DA EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA EM JANEIRO DE 2011, ATÉ O MOMENTO DE MINHA TRANSMUTAÇÃO EM 20 DE SETEMBRO DE 2011, FORAM EXATAMENTE 9 MESES, O TEMPO DE UM PARTO, DEMARCANDO ASSIM CLARAMENTE O MEU RENASCIMENTO.
PARA SUPERAR A CRISE LANCEI MÃO DE MEU PROCESSO CRIATIVO ARTÍSTICO E DE MEUS CONHECIMENTOS DE MAGIA, CRIANDO UM RITUAL MÁGICKO-ARTÍSTICO SITUADO NO CONTEXTO DE MEU UNIVERSO FICCIONAL E MAGÍSTICO DA AURORA PÓS-HUMANA, A PARTIR DO QUAL INVENTEI MINHA "TÁBUA DA LEI PESSOAL", OU SEJA, OS MEUS PRÓPRIOS "10 MANDAMENTOS",


...NA VERDADE, OS VALORES QUE EU PASSARIA A CULTIVAR A PARTIR DAQUELE MOMENTO, QUE CHAMEI DE "CHAVES DA TRANSMUTAÇÃO", MAS JÁ COM A CONSCIÊNCIA DE QUE ELES TAMBÉM NÃO SÃO IMUTÁVEIS, INCLUSIVE JÁ PASSARAM POR TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DOS ANOS.
A TRANSMUTAÇÃO EM CIBERPAJÉ NÃO FOI SIMPLESMENTE UM ATO PERFORMÁTICO ARTÍSTICO, OU UMA PROPOSIÇÃO MENTAL TEÓRICO-ABSTRATA-CONCEITUAL. PARA ALÉM DE SER O CIBERPAJÉ EM CONTEXTOS ARTÍSTICOS E ACADÊMICOS, EU TORNEI MINHA EXISTÊNCIA COTIDIANA UM ESPAÇO DE CONTÍNUA CRIAÇÃO PARAPERFORMÁTICA, SENDO O CIBERPAJÉ INTEGRALMENTE EM TODA MINHA EXPERIÊNCIA ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA.


AFORISMO I
SÓ É VIÁVEL A AUTORREVOLUÇÃO! SÓ EXISTE UM ÚNICO DEUS POSSÍVEL, TORNAR-SE O SEU PRÓPRIO DEUS E INVENTAR A SUA REALIDADE, MODELAR COM O BARRO DA INVENÇÃO OS SEUS VALORES. DEUSIFIQUE-SE AGORA! (CIBERPAJÉ)


COMO A TRANSFORMAÇÃO EM CIBERPAJÉ IMPACTA A RELAÇÃO COM A DOCÊNCIA, A PESQUISA E A EXTENSÃO, ESPECIALMENTE NA CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE EXPERIMENTAÇÃO INDIVIDUAIS E COLETIVOS?


ENTÃO...
APESAR DE SUAS FALHAS E DEBILIDADES, A UNIVERSIDADE PÚBLICA AINDA É UM DOS ÚNICOS ESPAÇOS POSSÍVEIS DE AUTOEXPRESSÃO NO CONTEXTO DE NOSSO STATUS-QUO REGIDO POR DOGMAS CRUÉIS DE ORDEM MORAL, CULTURAL, RELIGIOSA E IDEOLÓGICA.
INFELIZMENTE O AVANÇO INESCRUPULOSO DE CERTOS DOGMAS CULTURAIS TAMBÉM TEM CONTAMINADO O LIVRE PENSAMENTO NA ACADEMIA, MESMO ASSIM, REPITO, AINDA É UM DOS POUCOS AMBIENTES ONDE É POSSÍVEL A REFLEXÃO E O LIVRE PENSAR. ASSUMIR-ME COMO CIBERPAJÉ NO ÂMBITO DA ACADEMIA, MESMO NA ÁREA DAS ARTES VISUAIS, FOI UM ATO DE CORAGEM, A RESISTÊNCIA DOS PARES APARECE DE FORMA VELADA NA MAIOR PARTE DAS VEZES, MAS EM CERTOS MOMENTOS É DESCARADA.

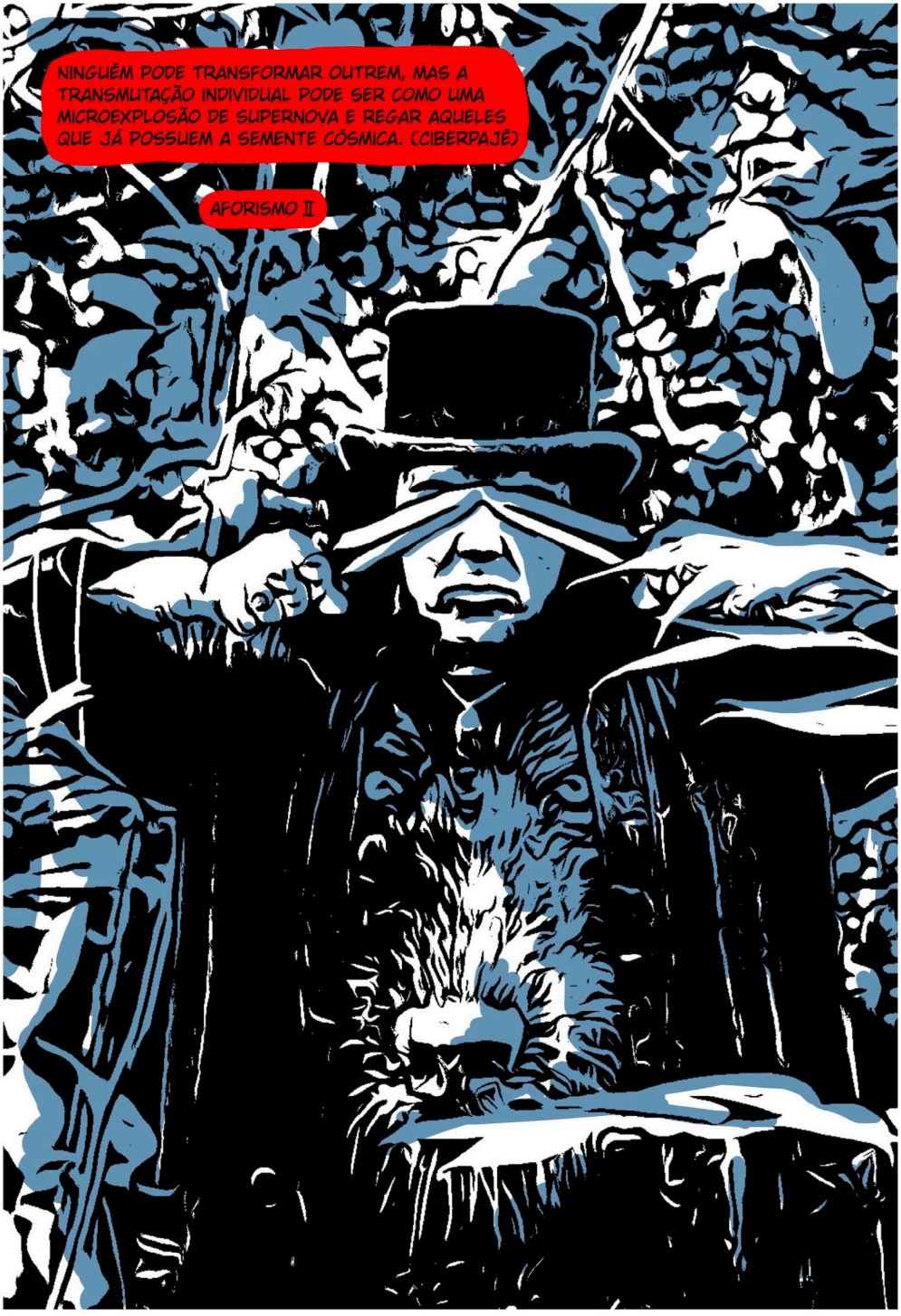
INFELIZMENTE AS PESSOAS TORCEM A CARA PARA TUDO QUE É GENUÍNO, LIBERTÁRIO, E FORA DO SENSO COMUM E DA NORMOSE QUE MESMERIZA NOSSA ESPÉCIE. TORNAR-ME CIBERPAJÉ FOI UM ATO POLÍTICO, MAS TAMBÉM LÚDICO, E A ACADEMIA NÃO GOSTA MUITO DO RISO, DA ALEGRIA, TEM UMA TENDÊNCIA À SISUDEZ, À RIGIDEZ, AO SOFRIMENTO.

E A IMAGEM DO CIBERPAJÉ CARREGA UMA CARGA DE GOTICISMO E DE CIBERPUNK, MAS NA PERSPECTIVA QUE EU E AMANTE DA HERESIA DEFINIMOS, EM NOSSO CONCEITO DE "BREGA CIBERPUNK", POIS SOMOS QUESTIONADORES QUE AMAMOS A VIDA, AMAMOS AS CORES DA LUZ NO ALVORECER.

MINHA TRANSMUTAÇÃO SURTIU POUCO EFEITO ENTRE OS PARES PRÓXIMOS DAS ARTES, MAS TEM AJUDADO A CRIAR UM AMBIENTE PROPÍCIO PARA A LIVRE EXPRESSÃO ARTÍSTICA DOS DISCENTES DA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO, ISSO É CLARAMENTE VISTO NOS EVENTOS PRODUZIDOS PELO GRUPO DE PESQUISA QUE EU COORDENO O "CRIA_CIBER" (CNPQ FAV/UFG).




ESPECIALMENTE NOS EVENTOS DE EXTENSÃO QUE ORGANIZAMOS ANUALMENTE, O "FESTIVAL DE ARTES CIBERPAJELANÇAS", E A FEIRA "ZINELÂNDIA", QUE APRESENTAM A EXPLOSÃO CRIATIVA DOS INTEGRANTES DO GRUPO EM EXPOSIÇÕES DE ARTES VISUAIS, QUADRINHOS, FANZINES, PERFORMANCES, MOSTRA DE VÍDEOS, FILMES, ANIMAÇÕES E OFICINAS.
POR OUTRO LADO, A MINHA TRANSMUTAÇÃO TEM TOCADO MUITOS PESQUISADORES DOCENTES DE OUTRAS ÁREAS QUE PASSARAM A OLHAR COM MAIS INTERESSE PARA AS MINHAS CRIAÇÕES E ISSO TEM RENDIDO MUITAS PESQUISAS SOBRE MINHAS OBRAS EM ÁREAS DIVERSAS QUE VÃO DAS LETRAS, ARQUITETURA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, PASSANDO PELA COMUNICAÇÃO E CHEGANDO À BIOLOGIA!
NESSA PERSPECTIVA JÁ FORAM LANÇADOS 6 LIVROS ACADÊMICOS DESSES PESQUISADORES TOTALMENTE DEDICADOS ÀS MINHAS OBRAS E IDEÁRIO, TAMBÉM JÁ FORAM REALIZADAS INVESTIGAÇÕES DE TCC, DE MESTRADO E DE DOUTORADO E ESCRITOS DEZENAS DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE AS MINHAS CRIAÇÕES.


NINGUÉM PODE TRANSFORMAR OUTREM, MAS A TRANSMUTAÇÃO INDIVIDUAL PODE SER COMO UMA MICROEXPLOSÃO DE SUPERNOVA E REGAR AQUELES QUE JÁ POSSUEM A SEMENTE CÓSMICA. (CIBERPAJÉ)
AFORISMO II

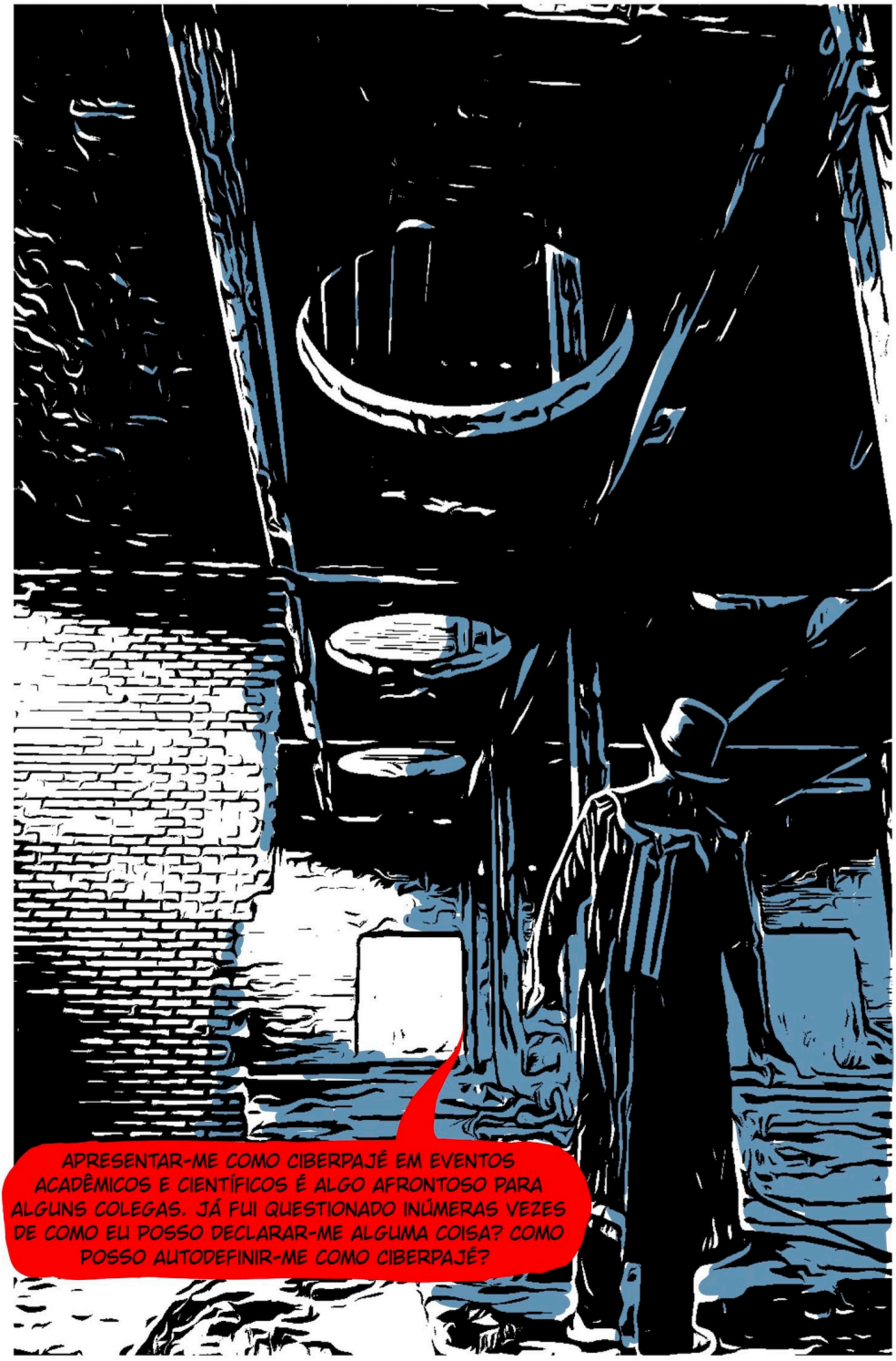

QUAIS CONFLITOS SURGEM AO TRANSITAR ENTRE O RIGOR ACADÊMICO, A ESCRITA CIENTÍFICA E OS MODOS POÉTICOS, PERFORMATIVOS E MÁGICKOS DE CRIAÇÃO?


BOA PARTE DO AMBIENTE ACADÊMICO É FORMADO POR SERES ENGESSADOS, HIPERRACIONALISTAS, LEGALISTAS, ADICTOS DE UMA VIDA E VISÃO TEÓRICA EMBRUTECIDA POR UMA PSEUDO RAZÃO CIENTÍFICA E POR NORMAS RÍGIDAS DE CONDUTA, ALGO QUE ACABA GERANDO UMA ESTRANHA OBSESSÃO COM A BUROCRACIA E SEUS DESDOBRAMENTOS TORPES.
DE FORMA SAGAZ EU CONSIGO CONTORNAR OS DETRATORES DE MINHA ATUAÇÃO ACADÊMICA - BASEADA NO INCENTIVO À CRIATIVIDADE, NA PROMOÇÃO DA (RE)INVENÇÃO DE SI MESMO, NA CRÍTICA E REFLEXÃO SOBRE A EXISTÊNCIA, MAS SEM PERDER O PRAZER DE VIVER - SEGUINDO CERTOS PRECEITOS CAROS AOS BUROCRATAS E SENDO UM DOS DOCENTES MAIS "PRODUTIVOS" DA MINHA UNIDADE ACADÊMICA.
MAS LONGE DE SER UM ESCRAVO DO PRODUTIVISMO ESTANQUE DOS PAPAGAIOS DE PIRATA ACADÊMICOS.

MINHA PRODUTIVIDADE NASCE DA PAIXÃO PELO CRIAR E INVENTAR, CRIAR ARTE-MAGIA NAS MÚLTIPLAS MÍDIAS E SUPORTES, INVENTAR CONCEITOS SEM MEDO DA CRÍTICA, PRODUZINDO NOVOS TÚNEIS DE REALIDADE TEÓRICA PARA SEREM NAVEGADOS POR OUTROS PESQUISADORES.



ASSIM SOU O PESQUISADOR ACADÊMICO CRIADOR DE NEOLOGISMOS-CONCEITUAIS COMO "HQTRÔNICAS", "CURTAFORISMO", "ANIMAFORISMO" E DE TERMOS QUE DEFINEM CONCEITOS E GÊNEROS COMO OS "QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS", O "BINARISMO ANTICÓSMICO", O "BREGA CIBERPUNK" (COM AMANTE DA HERESIA), ENTRE MUITOS OUTROS.


APRESENTAR-ME COMO CIBERPAJÉ EM EVENTOS ACADÊMICOS E CIENTÍFICOS É ALGO AFRONTOSO PARA ALGUNS COLEGAS. JÁ FUI QUESTIONADO INÚMERAS VEZES DE COMO EU POSSO DECLARAR-ME ALGUMA COISA? COMO POSSO AUTODEFINIR-ME COMO CIBERPAJÉ?


DOU RISADA E DIGO QUE TENHO O ARCABOUÇO TEÓRICO-CONCEITUAL, A EXPERIÊNCIA DE VIDA E A CORAGEM POÉTICA PARA DECLARAR-ME SER O QUE EU DESEJAR SER!
OBVIAMENTE ARCANDO COM AS CONSEQUÊNCIAS DISSO, COMO ARCO COM OS ÔNUS E OS BÔNUS DE SER GENUÍNO, DE SER O CIBERPAJÉ!

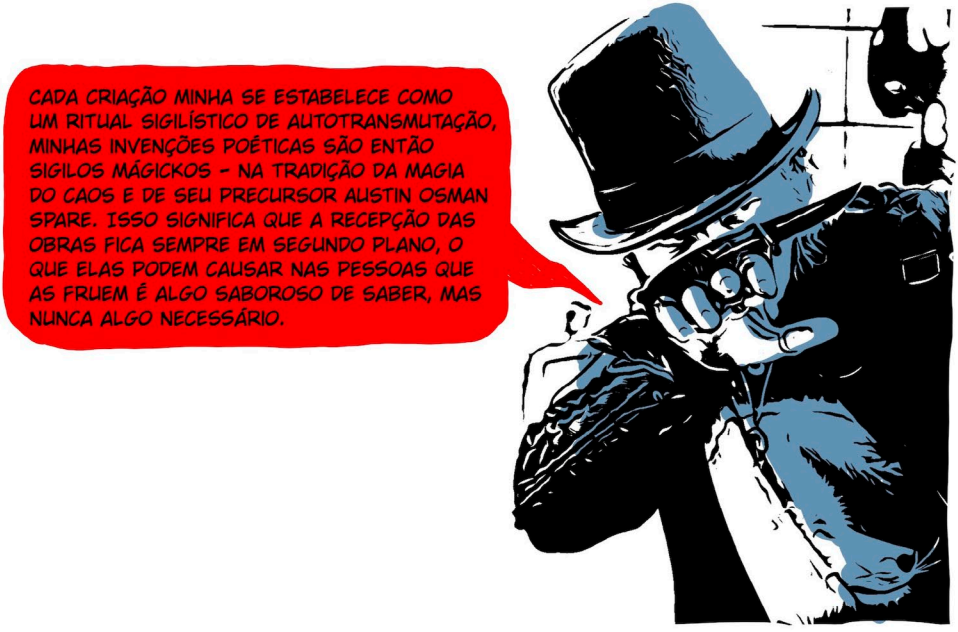
AFORISMO III

UMA VIDA GENUÍNA SERÁ SEMPRE INVENTIVA, CRIATIVA. DAR NOMES ÀS COISAS INOMINADAS É REINVENTAR O MUNDO, ESCULPIR AS FORMAS DA REALIDADE COM A MAGIA DA VONTADE. (CIBERPAJÉ)




EM QUE MEDIDA AS OBRAS DO CIBERPAJÉ PODEM SER COMPREENDIDAS COMO RITUAIS CONTEMPORÂNEOS, CAPAZES DE PRODUZIR ESTADOS DE PRESENÇA, AFETAÇÃO E COMUNHÃO EM CONTEXTOS PÓS-HUMANOS?


TODA A MINHA ARTE É RITUALÍSTICA, DOS POEMAS, PASSANDO PELOS QUADRINHOS, MÚSICAS, FILMES E CHEGANDO ÀS PERFORMANCES. TUDO QUE EU CRIO EMERGE COMO UM RITUAL DE TRANSMUTAÇÃO INDIVIDUAL, POR ISSO O OBJETIVO FUNDAMENTAL DE MINHA ARTE É O ATO CRIATIVO EM SI E NÃO A RECEPÇÃO.


CADA CRIAÇÃO MINHA SE ESTABELECE COMO UM RITUAL SIGILÍSTICO DE AUTOTRANSMUTAÇÃO, MINHAS INVENÇÕES POÉTICAS SÃO ENTÃO SIGILOS MÁGICKOS - NA TRADIÇÃO DA MAGIA DO CAOS E DE SEU PRECURSOR AUSTIN OSMAN SPARE. ISSO SIGNIFICA QUE A RECEPÇÃO DAS OBRAS FICA SEMPRE EM SEGUNDO PLANO, O QUE ELAS PODEM CAUSAR NAS PESSOAS QUE AS FRUEM É ALGO SABOROSO DE SABER, MAS NUNCA ALGO NECESSÁRIO.


A OBSESSÃO CONTEMPORÂNEA COM O DESEMPENHO E OS NÚMEROS, CIFRAS, TRANSFORMOU A IDEIA DE SUCESSO EM POPULARIDADE, UM ENGANO CRUEL E TORPE. PARA A MASSA IGNÓBIL TER SUCESSO É SER APRECIADO POR MUITOS, POR ISSO VALE QUALQUER IDIOTICE PARA TORNAR-SE "INFLUENCER". DAÍ VEM A FALÁCIA CONTEMPORÂNEA DA AFIRMAÇÃO DE QUE "NÃO EXISTE ARTISTA SEM PÚBLICO", COISA DE ANIMADORES DE PLATEIAS QUE SE CONSIDERAM ARTISTAS.
ALGUMAS DAS OBRAS CRIADAS POR MIM QUE TIVERAM O MAIOR SUCESSO, POIS AUXILIARAM-ME NAS TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS BUSCADAS EM MINHA ARTE-MAGIA, OBTIVERAM UMA RECEPÇÃO PÍFIA DE PÚBLICO; JÁ OUTRAS QUE AS PESSOAS ADORARAM E CHEGARAM A ALGUNS MILHARES DE FRUIDORES, NÃO OBTIVERAM O SUCESSO QUE EU DESEJAVA NO QUE SE REFERE À MINHA TRANSMUTAÇÃO INTERIOR.


OBVIAMENTE É PRAZEROSO PERCEBER QUANDO MINHAS OBRAS TOCAM AS PESSOAS E AS PROVOCAM, UM BOM EXEMPLO DISSO SÃO AS PERFORMANCES QUE REALIZO COM MEU GRUPO POSTHUMAN TANTRA. ALI EU ESTOU INCORPORADO COM OS SIGNOS E SÍMBOLOS DE MINHA AURORA PÓS-HUMANA, VIVENDO SEMPRE UM TRANSE POÉTICO-MÁGICKO E JÁ ACONTECERAM REAÇÕES DE TODA ORDEM DURANTE AS APRESENTAÇÕES.
PESSOAS CHORAM, OUTRAS GRITAM, ALGUMAS JÁ SE DISSERAM EXCITADAS SEXUALMENTE, JÁ FOMOS VAIADOS, EXPULSOS DO PALCO, ENTRE OUTRAS EXPERIÊNCIAS DE ÊXTASE E REPULSA DO PÚBLICO. NO CASO DAS PESSOAS, MUITAS VEZES FORMA-SE UMA EGRÉGORA COM PARTES DO PÚBLICO QUE ENTRA NA MESMA SINTONIA DA AMBIÊNCIA RITUALÍSTICA PÓS-HUMANISTA CRIADA E ISSO AUXILIA NA PROFUSÃO ENERGÉTICA DO ATO!


AFORISMO IV
NA DANÇA DA CRIAÇÃO DIÁRIA SURGEM AS TRANSMUTAÇÕES NECESSÁRIAS. VIVER É REINVENTAR-SE E DIVERTIR-SE COM AS MUTAÇÕES INEVITÁVEIS. (CIBERPAJÉ)


DE QUE MODO A AURORA PÓS-HUMANA EMERGE EM SUAS OBRAS COMO UM TEMPO DE TRANSIÇÃO, RUPTURA OU REINVENÇÃO DAS FORMAS DE EXISTÊNCIA HUMANA E NÃO HUMANA?


A AURORA PÓS-HUMANA É O FRUTO DE UMA VIDA DE CRIAÇÕES E BUSCAS TRANSCENDENTES, ELA SURGE DE MEUS ESTUDOS E INQUIETAÇÕES A RESPEITO DA ACELERAÇÃO TECNOLÓGICA E EMERGÊNCIA DO PÓS-HUMANO, MAS TAMBÉM ATRAVÉS DAS MINHAS BUSCAS TECNOGNÓSTICAS EM UM CONTEXTO TECNOXAMÂNICO QUE TEM A ARTE COMO PROCESSO DE CRIAÇÃO MÁGICKO.


TRATA-SE DE UM UNIVERSO DE FICÇÃO CIENTÍFICA TRANSMÍDIA QUE TAMBÉM É O MEU SISTEMA MÁGICKO DE MAGIA CAOTICISTA, UM ARCABOUÇO DE SIGNOS QUE CRIA UMA COSMOGONIA ÚNICA MIXANDO HIPERTECNOLOGIA E TECNOGNOSE PARA REFLETIR SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO DESLOCAMENTO CONCEITUAL PROPOSTO POR P.K.DICK.
OU SEJA, USAR UM FUTURO HIPOTÉTICO FICCIONAL PARA ACELERAR MUDANÇAS DO PRESENTE E REFLETIR MAIS VISCERALMENTE SOBRE ELAS.


NESTE CONTEXTO INTERESSA-ME MUITO TRATAR DO "PÓS-HUMANO" – CONCEITO QUE FALA DA COISIFICAÇÃO DA VIDA ATRAVÉS DA IMBRICAÇÃO COM O SILÍCIO E A TECNOGENÉTICA, MAS SOBRETUDO DO "PÓS-HUMANISMO", QUE PENSA UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO HUMANO EM RELAÇÃO À BIOSFERA E AS OUTRAS ESPÉCIES E USA TECNOLOGIAS ANCESTRAIS COMO OS ENTEÓGENOS PARA PROMOVER UM RESGATE DA NOSSA CONDIÇÃO ANIMAL, GAIANA E CÓSMICA!


AFORISMO V
ANTECIPO MINHA TRANSIÇÃO ASTRAL ENTERRANDO-ME NA TERRA VERMELHA DO CERRADO, ENRAIZANDO-ME PROFUNDAMENTE NOS VEIOS ABISSAIS DE GAIA E RENASCENDO NA FORMA GLORIOSA DE UM LOBO-GUARÁ CÓSMICO QUE LAMBE AS CRATERAS DA LUA PREPARANDO-A PARA O COITO UNIVERSAL. SOU NATURAL, SOU NATUREZA. (CIBERPAJÉ)


COMO OS SUPORTES TECNOLÓGICOS UTILIZADOS (PLATAFORMAS DIGITAIS, REDES SOCIAIS, DISPOSITIVOS MÓVEIS OU AMBIENTES VIRTUAIS) OPERAM NÃO APENAS COMO MEIOS, MAS COMO ENTIDADES COAUTORAS DO PROCESSO CRIATIVO?


COMO DESTACAVA O SAUDOSO PESQUISADOR BRASILEIRO DA ARTE MÍDIA, ARLINDO MACHADO, "O ARTISTA TRABALHA COM AS FERRAMENTAS DO SEU TEMPO", POR ISSO TODAS AS FORMAS COMUNICACIONAIS E INVENTIVAS DA NOSSA ERA ME INTERESSAM, MAS TAMBÉM AS DE ERAS REMOTAS, SOBRETUDO FERRAMENTAS DE ÊXTASE, DE GERAÇÃO DE ENOC (ESTADOS NÃO ORDINÁRIOS DE CONSCIÊNCIA).
NESTE SENTIDO ESTES DISPOSITIVOS DEIXAM DE SER APENAS FERRAMENTAS ELES TORNAM-SE ANTENAS ASTRAIS QUE, SE USADOS COM CONSCIÊNCIA E SAGACIDADE, PODEM AMPLIFICAR AS NOSSAS EXPERIÊNCIAS IMANENTES E TRANSCENDENTES.


ESSAS ANTENAS ASTRAIS AGEM COMO COAUTORAS CRIATIVAS POR PERMITIREM UM MERGULHO ABISSAL EM NOSSO SER E EM NOSSAS COMPLEXIDADES E SOMBRAS COLOSSAIS, ELAS VÃO DESDE OS ENTEÓGENOS COMO A AYAHUSCA, O PEYOTE E O PSILOCYBE CUBENSIS...
...PASSANDO PELA MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL, PELOS SONHOS LÚCIDOS E CHEGANDO ÀS REALIDADES VIRTUAIS E INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS PENSANDO-AS COMO EGRÉGORAS DO MANANCIAL CRIATIVO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE. É IMPORTANTE SALIENTAR QUE O USO DESSAS ANTENAS DEVE SER FEITO COM CRITICIDADE E TENACIDADE.


AFORISMO VI
VISLUMBRAR A IMENSIDÃO ABISSAL DO UNIVERSO ATRAVÉS DAS HIPERTECNOLOGIAS ANCESTRAIS E ATUAIS MIXANDO SONHOS MILENARES A VISLUMBRES PÓS-HUMANISTAS. ESTA É A SINA GLORIOSA DOS CRIADORES DE SEUS MUNDOS, ARTISTAS-MAGOS QUE FUNCIONAM COMO HOLOGRAMAS DO COSMOS INFINITO. (CIBERPAJÉ)


EM SEUS PROCESSOS CRIATIVOS, QUAL É O PAPEL DO ACASO, DO ERRO, DO SONHO E DA ESCUTA FRENTE AOS PROTOCOLOS TÉCNICOS E ÀS LÓGICAS DE EFICIÊNCIA DIGITAL?


VIVO UMA PROFUSÃO IMENSURÁVEL DE SINCRONICIDADES, QUE NÃO SÃO SIMPLES DEFEITOS SINÁPTICOS, OU COINCIDÊNCIAS QUE MINHA MENTE FEBRIL UTILIZA PARA DAR UMA COERÊNCIA INEXISTENTE AOS FATOS. NÃO!
A VERDADE É QUE NÃO SABEMOS NADA SOBRE O UNIVERSO E MUITO POUCO SOBRE O COMPLEXO ABISMO QUE SOMOS, NEM ARRANHAMOS UM MILÍMETRO DA CARAPAÇA DA VERDADE PROFUNDA, E NOSSOS SENTIDOS, NA PERSPECTIVA DE ALDOUS HUXLEY, SÃO VÁLVULAS QUE IMPEDEM A PERCEPÇÃO ILIMITADA PARA MANTER-NOS FIXOS NA EXPERIÊNCIA ORDINÁRIA DO VIVER COTIDIANO.
Sub Rosa


EM CIRCUNSTÂNCIAS MUITO ESPECIAIS ESSAS VÁLVULAS SE ABREM E PODEMOS TOCAR O INFINITO! ENTÃO EU DIGO SERENAMENTE QUE 90% DA MINHA ARTE É INTUITIVA, FRUITIVA, VEM DESSES LAMPEJOS ATÁVICOS TRANSCENDENTES...
...DESSAS PERCEPÇÕES NÃO ORDINÁRIAS DA CONSCIÊNCIA, DESSAS PULSÕES VISIONÁRIAS DOS RAROS MOMENTOS EM QUE EXPERIMENTO A ETERNIDADE, OS OUTROS 10% SÃO RACIONALIZADOS, FRUTOS DA ANÁLISE E DO MÉTODO NA PERSPECTIVA DECARTIANA.


PARA CRIAR A AURORA PÓS-HUMANA E DAR-LHE FIDEDIGNIDADE, MERGULHEI EXAUSTIVAMENTE EM ESTUDOS SOBRE A EMERGÊNCIA HIPERTECNOLÓGICA, SOBRE OS CONCEITOS DE TRANSUMANO, EX-HUMANO, PÓS-HUMANO, SOBRE A TECNOGENÉTICA, AS REDES NEURAIS, OS AMBIENTES VIRTUAIS...
...MAS DEPOIS DE ESTRUTURAR ESSE CONHECIMENTO PRAGMÁTICO MIXEI-O AOS MEUS VISLUMBRES ENTEOGÊNICOS E INTUIÇÕES TRANSCENDENTES, CRIANDO ALGO MALEÁVEL E MUTÁVEL COMO MEU UNIVERSO FICCIONAL TRANSMÍDIA, DISTANTE DA FICÇÃO CIENTÍFICA "HARD", UM GÊNERO ESCRAVIZADO PELO CIENTIFICISMO E SUAS PREMISSAS.
ASSIM, O ACASO, E O ERRO SÃO MANANCIAIS FUNDAMENTAIS DE MINHA OBRA ARTÍSTICO-MÁGICKA. SOBRE A ESCUTA, AMO CONHECER A FUNDO OS SERES HUMANOS, CADA UM É UM COSMOS COMPLEXO E CONTROVERSO, MAS ULTIMAMENTE TENHO OUVIDO MAIS AS ÁRVORES, AS GRAMÍNEAS, E OS ANIMAIS.


AFORISMO VII
É MAIS DIVERTIDO INVENTAR VERDADES MUTANTES DO QUE SER MESMERIZADO E ESCRAVIZADO POR VERDADES CRIADAS POR MENTES TORPES E DOGMATIZADORAS. É MELHOR INTUIR O NADA DO QUE IDEALIZAR PARAÍSOS PROMETIDOS POR LARÁPIOS SEDUTORES. (CIBERPAJÉ)


COMO SEUS FANZINES SE CONFIGURAM COMO ESPAÇOS DE EXPERIMENTAÇÃO RADICAL, CIRCULAÇÃO MARGINAL E PENSAMENTO EM PROCESSO NA SUA OBRA?


ABSOLUTAMENTE TUDO QUE EU CRIO É "FANZINE"! POIS MINHAS CRIAÇÕES PARTEM DA PERSPECTIVA LIBERTÁRIA, PARATÓPICA, ANTISSISTÊMICA, AUTOFINANCIADA, D.I.Y., E INVENTIVA. NAS PRODUÇÕES DE VÍDEO, CINEMA E ANIMAÇÃO, SOU UM ZINEASTA, NAS CRIAÇÕES SONORAS E MUSICAIS SOU UM MUZINISTA E NAS EXPERIMENTAÇÕES CORPORIFICADAS EU FAÇO PERFORMANZI.
ESSES CONCEITOS INCRÍVEIS DE AMANTE DA HERESIA EXPANDEM A CRIAÇÃO ZINEIRA/ZINÍSTICA PARA TODOS OS ÂMBITOS E LINGUAGENS ARTÍSTICAS. PARA MIM O VERDADEIRO SENTIDO DO CRIAÇÃO É INVENÇÃO, ENTÃO ESTOU SEMPRE ROMPENDO OS LIMITES DAS LINGUAGENS COM AS QUAIS ESCOLHI CRIAR, ESBARRANDO NAS BORDAS DE SUAS SINTAXES E ROMPENDO-AS JUNTAMENTE DAS SEMÂNTICAS MÚLTIPLAS.


A MINHA ARTE É MUTANTE, VIVA, VIVIFICANTE, ALTERNATIVA, CIRCULA NO MÍTICO "UNDERGROUND", É CONTRA FÓRMULAS, ESTÉTICAS E IDEOLOGIAS DOGMÁTICAS. EU CRIO COMO UM MENINO QUE BRINCA, DIVERTINDO-ME COM O ATO DE CRIAR SEM AMARRAS, SEM EXPECTATIVAS
POR ISSO DECIDI VIVER FINANCEIRAMENTE DO MEU HOBBY, QUE É SER PROFESSOR E PESQUISADOR, PARA MANTER IMACULADO E LIBERTÁRIO O MEU PROCESSO CRIATIVO ARTÍSTICO!


SOU UM ARTISTA-MAGISTA QUE VIVO DO MEU HOBBY PARA NÃO MACULAR A MINHA ARTE.
É IMPORTANTE DIZER QUE SER PROFESSOR E PESQUISADOR NAS ARTES, ONDE MINISTRO DISCIPLINAS SÓ DE TEMAS QUE ME INSTIGAM É UMA ALEGRIA!
MEU SÁBIO E SAUDOSO PAI, DIMAS FRANCO, SEMPRE ME DIZIA PARA QUE EU ESCOLHESSE COMO PROFISSÃO ALGO QUE ME DESSE PRAZER, ME ENTUSIASMASSE. SEGUI ESSE INCRÍVEL CONSELHO!


AFORISMO VIII
O FEITIÇO PARATÓPICO DOS "MAGARTISTAS" ZINEIROS PRETENDE ZINAR O COSMOS INTEIRO! (CIBERPAJÉ)


COMO OS CURTAFORISMOS CONDENSAM O IDEÁRIO DO CIBERPAJÉ E FUNCIONAM COMO DISPARADORES POÉTICOS, FILOSÓFICOS E/OU RITUALÍSTICOS?


A MINHA ESCRITA AFORÍSTICA SURGIU NATURALMENTE APÓS MINHA TRANSMUTAÇÃO EM CIBERPAJÉ, O SEU OBJETIVO NUNCA FOI VOMITAR VERDADES COMO UM GURU IDIOTA E SIM FIXAR PARA MIM AS EXPERIÊNCIAS IMANENTES E TRANSCENDENTES DE MINHA VIDA COTIDIANA, ELES SÃO COMO UM DIÁRIO DE REFLEXÕES BUSCANDO A DIFÍCIL ARTE DE "SER EU MESMO INTEGRALMENTE".
ZINES POÉTICO-FILOSÓFICOS


COM A DINÂMICA DAS REDES SOCIAIS, MUITOS AMIGOS E PESSOAS QUE ME ACOMPANHAM COMO ARTISTA PASSARAM A GOSTAR DESSAS REFLEXÕES CURTAS E FILOSÓFICAS E ELAS GANHARAM UMA PÁGINA NO AGORA DEMODÊ FACEBOOK. O INTERESSE PELOS AFORISMOS E POR EXPRESSAR-ME ATRAVÉS DELES CRESCEU E SURGIRAM MUITOS DESDOBRAMENTOS DE SUA EXPRESSÃO, PRIMEIRO OS HQFORISMOS...
...DEPOIS OS AFORISMOS MUSICADOS COM O PROJETO MUSICAL CIBERPAJÉ - QUE JÁ TEM UM CD LANÇADO E 46 EPS CRIADOS EM PARCERIA COM MUSICISTAS E BANDAS DE 8 PAÍSES DIFERENTES NOS QUAIS EU RECITO OS AFORISMOS COM A MINHA VOZ E OS CONVIDADOS CRIAM A AMBIÊNCIA MUSICAL, UM TERCEIRO DESDOBRAMENTO FOI O SURGIMENTO DOS CURTAFORISMOS, CURTAS-METRAGENS QUE PARTEM DE MEUS AFORISMOS MUSICADOS E CRIAM METÁFORAS VISUAIS QUE REFORÇAM AS MENSAGENS AFORÍSTICAS.


ELES FORAM INICIALMENTE CRIADOS EM PARCERIA COM MEUS GENIAIS AMIGOS AMANTE DA HERESIA E LUIZ FERS E AGORA JÁ ESTAMOS EXPANDIDO-OS E VOCÊ, AMIGO DANIEL FIGUEIREDO, HONROU-NOS COM A PARCERIA CRIATIVA EM UM DOS NOVOS CURTAFORISMOS. AMANTE DA HERESIA, COM SUAS INVENTIVIDADES CONCEITUAIS QUE SEMPRE TRAZEM ALGO DE JOCOSO E BRINCALHÃO, ESCREVEU ATÉ UM "MANIFESTO DO CURTAFORISMO", NO ESPÍRITO DO MOVIMENTO "DOGMA" DE CINEMA.
OS CURTAFORISMOS ANTROPOFAGIZAM A LINGUAGEM DO CINEMA E DO VÍDEO PARA DIFUNDIR O IDEÁRIO DO CIBERPAJÉ E DAQUELES AFINADOS COM ELE E TEM COMO UMA DAS BASES TRAZER ALGO DE LEVE OU DIVERTIDO NO CONTEXTO NARRATIVO. OUTRA CARACTERÍSTICA BASAL É O CUSTO ZERO DE PRODUÇÃO, O QUE NOS TORNA EFETIVAMENTE ZINEASTAS!


AFORISMO IX
FIXAR ATRAVÉS DE LINGUAGENS MÚLTIPLAS AS MINHAS PERCEPÇÕES E BUSCAS COMO SER É UMA FORMA LÚDICA E EFETIVA DE IMPREGNAR O INCONSCIENTE COM AS DESEJADAS MUTAÇÕES IMANENTES. (CIBERPAJÉ)


SEUS TRABALHOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS TÊM CIRCULADO NO MUNDO, SENDO INDICADOS EM FESTIVAIS E GANHADO PRÊMIOS, COMO VOCÊ ANALISA SUA PRODUÇÃO E A DE SEU GRUPO DE PESQUISA (CRIA_CIBER) FRENTE A ARTE E A CULTURA VISUAL?


PENSO QUE ESSAS PREMIAÇÕES E A CIRCULAÇÃO GLOBAL - OBVIAMENTE EM ESPAÇOS RESTRITOS ALTERNATIVOS - SÃO O FRUTO DE ALGO CRIADO DE FORMA COMPLETAMENTE VISCERAL, TENDO COMO ÚNICO OBJETIVO A AUTOEXPRESSÃO LIVRE DE AMARRAS DE QUALQUER ORDEM.
QUANTO MAIS PENSO NO ATO CRIATIVO COMO UMA BRINCADEIRA MÁGICKA ONDE EXPRESSO-ME COMPLETAMENTE E SELVAGEMENTE, MAIS INTERESSE SURGE POR MINHAS OBRAS.


CRIAR PARA MIM É EXERCITAR A REINVENÇÃO DE SI. É NAVEGAR NO MAR BRAVIO E INTENSO DAS TRANSMUTAÇÕES INTERIORES COM A CURIOSIDADE DE UM MENINO E A SELVAGERIA DE UM LOBO ANCESTRAL!
ESSA PERSPECTIVA LIBERTÁRIO-CRIATIVA É O QUE TENHO TENTADO TRANSMITIR AOS INTEGRANTES DO GRUPO DE PESQUISA CRIA_CIBER (CNPQ FAV/UFG) E UMA DAS MINHAS MAIORES ALEGRIAS É VÊ-LOS GANHANDO ESPAÇOS E TOCANDO PESSOAS COM SUAS CRIAÇÕES EM ÂMBITOS REGIONAIS, NACIONAIS E GLOBAIS!


AFORISMO X
A BRINCADEIRA PODE SER MAIS EFETIVA QUANDO FORMAM-SE EGRÉGORAS DE SERES BRINCANTES. A CRIAÇÃO É A BRINCADEIRA MAIS DIVERTIDA E TRANSFORMADORA DE TODAS. BRINCRIAR-SE! (CIBERPAJÉ)


SENSACIONAL MEU QUERIDO MAGO DAS PROFUNDEZAS DO CIBERESPAÇO...FICAMOS POR AQUI E ATÉ UMA PRÓXIMA ENTREVISTA-RITUAL!

Agaquentrevista

Concepção de Ciberpajé e Daniel Figueiredo

Arte por Daniel Figueiredo a partir de fotos originais dele e de acervo do Ciberpajé com fotos de Anésio Neto, Daniel Rizoto, Rose Franco, Luiz Fers, Danielle Barros, Whisner Fraga, Carla Dias e Sam Colodeto.

Entrevista ao Ciberpajé conduzida por Daniel Figueiredo entre janeiro e março de 2026.

O Ciberpajé e o desvio luminoso da arte transmídia

Sergio Cesario

Meu primeiro contato com o nome do professor Edgar Franco, o Ciberpajé, foi mais que uma coincidência de pesquisa. Foi um tropeço necessário — há cerca de dois anos, imerso em investigações sobre arte e pós-humanismo, tentando mapear o território movediço onde minha série de arte digital *Os Tronies Transumanos dos Últimos Dias* poderia ressoar.

Foi então que encontrei sua tese *Perspectivas Pós-Humanas nas Ciberartes*. Entre as páginas que fundiam xamanismo, tecnologia e ficção especulativa, encontrei algo mais que apenas referências, descobri um espelho conceitual para aquilo que vinha pressentindo entre uma criação e outra.

A figura do *ciberxamã*, o ritual digital, a tecnologia como vetor de transcendência; tudo ecoava no que eu buscava com os *Tronies*: arquétipos pós-humanos que não fossem apenas corpos modificados, mas portais vivos de uma consciência em mutação, suspensos no tempo, à espera de um rito que os ativasse.

A partir dali, ganhei a licença simbólica para fundir a linguagem dos arquétipos jungianos com estéticas *cyberpunk*, *biotech* e visionárias;

Sergio Cesario é jornalista, artista visual e escritor. Vive entre os Estados Unidos e Portugal. Sua obra investiga as transformações da identidade e da consciência na era das tecnologias emergentes. Atualmente publica ensaios sobre cultura e especulação tecnológica na newsletter Vozes do Telesterium, pela plataforma Substack.

e, acima de tudo, para reimaginar meus personagens fora dos retratos digitais, e sim, incorporados como presenças latentes, incubadas em câmaras de silêncio, à beira de serem convocadas para um templo ainda invisível.

A leitura deixou de ser apenas intelectual. Tornou-se visceral. Ali estava, articulada com uma clareza simbólica e uma potência visionária raras, uma inquietação que eu mesmo carregava, embora ainda não havia traduzido com tanta precisão. Foi o espanto de perceber que o mundo que eu acreditava estar inventando em solidão já havia sido sonhado, cartografado e habitado por outro; e que os *Tronies Transumanos*, que eu imaginava inéditos, talvez fossem ecos de mitos criados duas décadas antes.

Com Edgar Franco, ou melhor, com o Ciberpajé (porque a persona é substância, não máscara), entendi que o artista verdadeiramente raiz não busca uma cadeira na mesa da legitimidade cultural. Ele dissolve a própria mesa. Sua obra deixa de emanar das demandas do mercado ou das modas acadêmicas. Brota de uma fonte mais profunda, onde o ato criativo recupera sua dimensão de ritual. Desenhar, compor, escrever, performar: cada gesto é um ato de alteração da estrutura do real, uma intervenção no tecido das possibilidades. Enquanto a "economia criativa" domestica e formata, o Ciberpajé age como quem sopra vida no invisível, recusa o tédio como condição natural e trata a criação como um processo alquímico de transmutação.

É impossível dissociar seu pensamento de sua prática existencial. Numa era de instabilidade, personas líquidas e discursos desconectados do viver, essa coerência é um ato de rebeldia. Transformar-se no Ciberpajé vai muito além de escolher um pseudônimo pitoresco; foi assumir um estado de ser. Suas escolhas, como o distanciamento consciente do celular, a cultivação do silêncio como campo fértil, a proteção feroz da atenção num mundo de estímulos compulsivos, não são ex-

centricidades, mas parte de um código de ética que permeia e sustenta toda a sua produção. É uma postura de resistência biopsíquica.

Na *Aurora Pós-Humana*, o professor Edgar não constrói apenas um universo ficcional. Ele ergue um ecossistema simbólico completo, um habitat para ideias-força. É um espaço onde criaturas híbridas pulsam, signos esotéricos dialogam com algoritmos, seres em mutação perpétua realizam rituais de recalibração cósmica. É um sincretismo visionário que funde Helena Blavatsky (1831-1891) com inteligência artificial generativa, a magia do traço de Austin Osman Spare (1886-1956) com paisagens sonoras *dark ambient*, o pensamento enciclopédico de Giordano Bruno (1548-1600) com as previsões aceleracionistas de Ray Kurzweil. Nele, o pajé da floresta e o magista do terminal são facetas de uma mesma entidade: aquele que manipula símbolos para afetar tanto a mente, como a própria maturação da realidade.

Questionado sobre a sensação de sincronicidade entre criadores que compartilham zonas simbólicas invisíveis, o Ciberpajé afirma: *"Os seres que vibram nas mesmas frequências, como alguns artistas, criam egrégoras mágickas que os conectam em dimensões sensíveis inexploradas ainda por nossa mente consciente, por isso essa sensação de sincronicidade é genuína."* Ele aponta que estados não ordinários de consciência (provocados por técnicas ancestrais, sonhos ou mesmo o processo artístico) rompem os véus da cultura e abrem passagens para uma memória transindividual, uma linguagem viva entre mentes despertas.

Ao refletir sobre o papel do artista no mundo atual, ele responde sem receios: *"Essa é uma guerra perdida. [...] Resta-nos a única revolução possível, a de si mesmo, e como um artista-mago revolucionário eu estou disposto a ser um* ciberpunk *convicto, apropriar-me de todas as ferramentas do hipercapital para subvertê-las."* O artista transumano, nesse sentido, é um sabotador lúcido: hackeia os próprios meios do sistema para instalar ali novas formas de percepção e subjetividade.

Toda sua produção, afirma, nasce de atos mágickos: *"O objetivo desses sigilos artísticos é produzir sucessivas transmutações desejadas em mim rumo à integralidade de ser."* O público pode se transformar, sim – mas como efeito colateral. O centro de gravidade permanece o próprio processo: os trânsitos interiores, os trances criativos, os fluxos visionários que guiam a mão que desenha e o som que vibra.

Contraponto direto do "mago publicitário" (aquele que sequestra a linguagem para convertê-la em consumo), Ciberpajé opera na direção oposta: ele transforma o ruído informacional em sentido experiencial. Seu trabalho é mágico. Mas a magia aqui nada tem a ver com espetáculo ilusionista; é a *tecnognose*, a magia entendida como tecnologia simbólica de alta precisão, uma linguagem que modifica a consciência e, por ela, o mundo. O artista transmídia, nesse molde, é um arquiteto de sistemas de força autônomos, que funcionam fora dos circuitos industriais de validação.

Escrever sobre ele, portanto, é mais que analisar uma obra; é prestar homenagem a um desbravador de clareiras. Clareiras no pensamento, na criação artística e, sobretudo, na percepção da arte como força viva e propulsora. Em tempos geopolíticos sombrios, de repetição algorítmica, cinismo esterilizante e fórmulas previsíveis, a obra de Edgar Franco vibra como um desvio luminoso. Um desvio urgente e necessário.

Para mim, que sigo mergulhado na construção de *Consciência Síntese | O Livro do Simulacro* — uma narrativa filosófico-visual que investiga os limites da consciência e os cruzamentos entre inteligência artificial e mito — ter o Ciberpajé como autor do prefácio é mais que uma honra: é uma consagração afetiva. Um ciclo que se fecha, uma linha que se acende. Retorno, agora por escolha e afinidade, àquele primeiro espanto fértil, quando tropecei em sua tese e, nela, reconheci não apenas um mapa, mas um aliado no caminho.

A arte, afinal, ainda pode ser um feitiço preciso. E o Ciberpajé segue conjurando seus mundos com a intensidade rara de quem vive o que cria.



Ciberpajé por Sergio Cesario, retrato criado especialmente para este ensaio.

A aurora pós-humana de Edgar Franco/Ciberpajé:
BioCyberDrama Saga e Licanarquia

Moema Rampon

Quando fui convidada a escrever este ensaio sobre Edgar Franco, o Ciberpajé, foi uma grata surpresa e um presente. Edgar Franco é uma daquelas raras e notáveis pessoas, singulares e visionárias, que surgem de tempos em tempos, que produzem um legado que alcança e conquista vários cantos do mundo.

Edgar Franco/Ciberpajé é um artista que rompe fronteiras entre a arte tecnológica, a academia e as histórias em quadrinhos, rompendo também, padrões mentais e sensoriais. Sua arte transcende a si mesmo em contínua mutação e evolução e seu universo pós-humano desafia as fronteiras entre o sagrado e o tecnológico, o ancestral e o pós-humano.

A aurora pós-humana, segundo a definição de Edgar Franco/Ciberpajé: "é um vasto universo transmídia de ficção científica distópica que explora um futuro onde a humanidade está em transição, com a realidade material em dissolução e o surgimento de novas formas de vida pós-humanas e artelectos (artes/intelectos)".

Na aurora pós-humana vemos uma ruptura entre os ditos "reinos": animal, vegetal e mineral, onde estes reinos se reorganizam permitindo o surgimento de seres híbridos através de bioengenharia. Há tam-

Moema Rampon, é cientista da computação, com interesse em Arte, Ciência e Tecnologia.
Email: moeemab5@gmail.com

bém, a transferência da consciência humana para chips de máquinas, o desejo humano de se tornar imortal – os seres abandonando a biologia frágil em busca da imortalidade cibernética.

Conheci a profundidade da arte de Edgar Franco/Ciberpajé, através da fantástica novela gráfica, BioCyberDrama Saga, uma obra visceral que antecipa, senão profetiza, o cenário de um futuro provocado pela reconfiguração da condição humana. Edgar Franco/Ciberpajé é mais que um profeta, é um visionário pós-humanista e sua obra causa impacto por estar baseada em possibilidades.

BioCyberDrama Saga é uma obra que apresenta em sua narrativa, na forma de quadrinhos, um contexto futuro em que a humanidade está quase extinta, um futuro onde a biologia e a tecnologia se fundiram de forma irreversível. Nesse futuro distópico, o acesso à tecnologia gera novas castas de seres, desde divindades tecnológicas até párias mutantes.

Seus personagens humanos, seres mutantes (biocíbridos) e divindades tecnológicas habitam um mundo que nos força a questionar a condição humana, enquanto sugere que o código de programação das máquinas e o DNA de seres vivos sejam linguagens semelhantes, ambas capazes de criar vidas e significados.

A tecnologia pós-humana atinge então uma complexidade que, como diz Arthur Clarke: "toda tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia". Nesse contexto entra o Ciberpajé, aquele que faz mediação entre o mundo invisível (software) e o mundo visível (hardware).

Figura 1

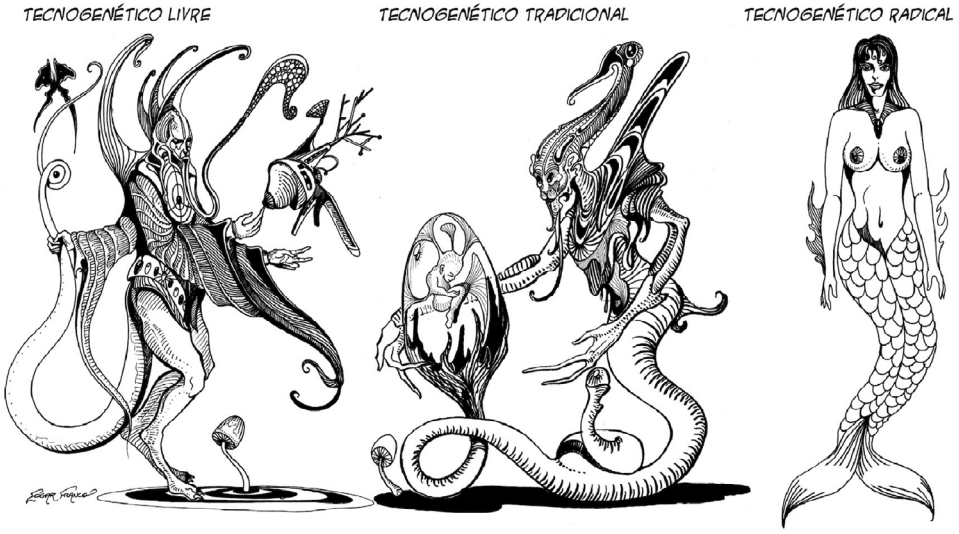


Figura 2

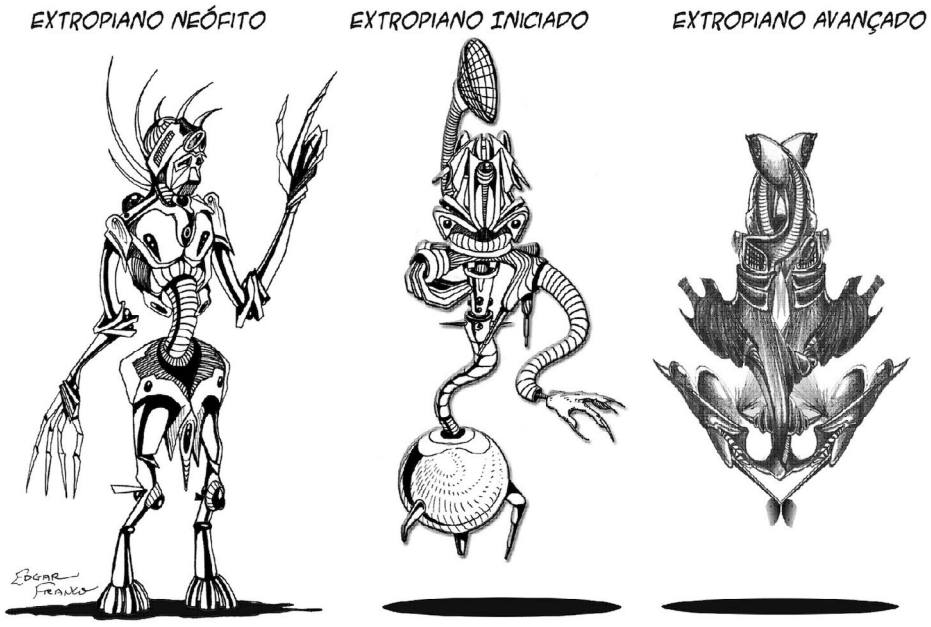


Figura 3



Figura 4

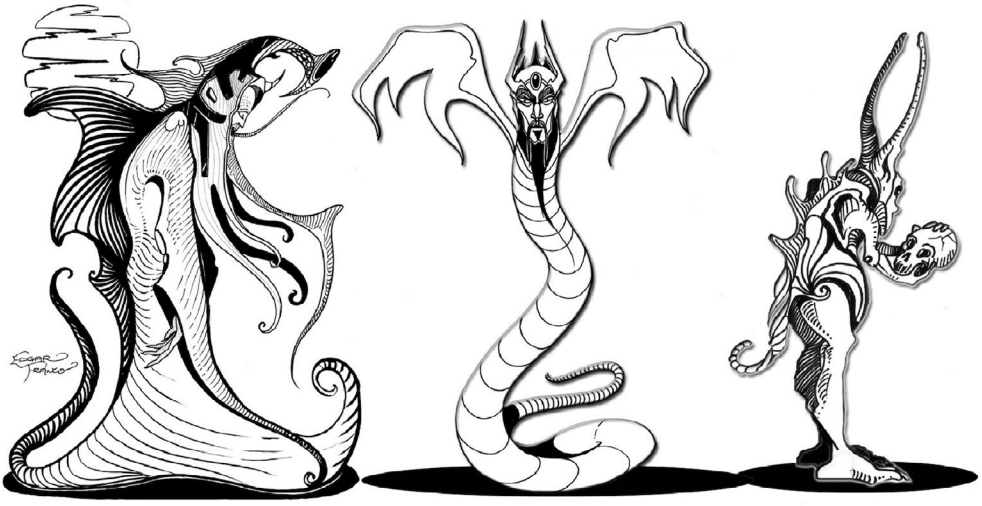
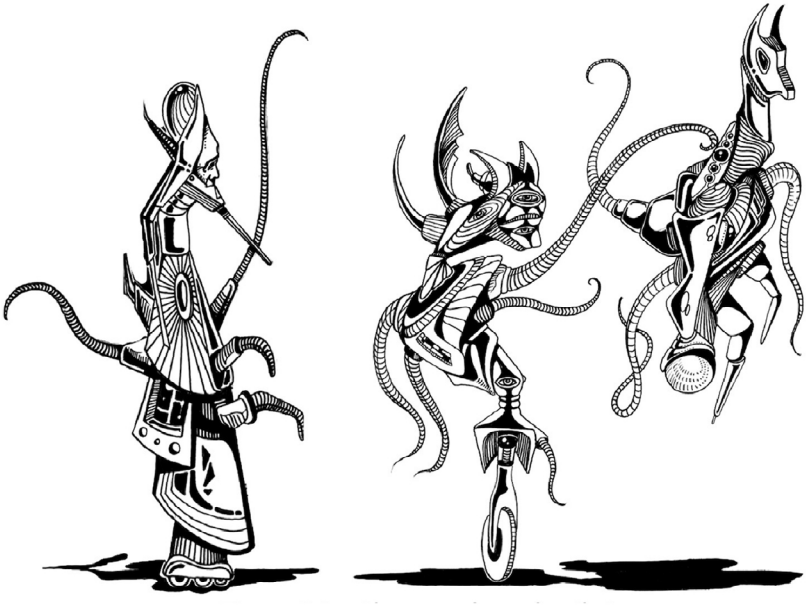


Figura 5



Figuras 1 a 5. Artes de Ciberpajé com as Espécies da Aurora Pós-Humana. Fonte: BioCyberDrama Saga, Edgar Franco e Mozart Couto, Editora UFG, 2013, p.35-36

Sua arte possui traços futurísticos e psicodélicos únicos, causando um impacto visual muitas vezes de forma hipnótica, seja em preto e branco ou em cores, estas em tons vivos, fluidos e apaixonantes.

Além disso, faz do uso do som um recurso importante em suas performances artísticas e na arte transmídia como uma extensão vibracional da narrativa, a música transforma também, a experiência de ler seus quadrinhos em uma experiência ritualística e sinestésica.

A música busca induzir o público a um estado de transe, facilitando a imersão em sua arte pós-humanista.

Figura 6



Figura 7



Figuras 6 e 7. Chaves da Transmutação “O amoroso” e “O renascido”, de Ciberpajé

Outra obra artística fascinante é a criação conceitual Licanarquia (licantropia + anarquia), um dos conceitos mais intensos de seu universo pós-humano. Licanarquia explora a mutação selvagem e a resistência política do corpo, buscando resgatar seu lado primitivo (animal) e instintivo. Os personagens de Licanarquia possuem corpos com próteses tecnológicas rústicas conectadas a pelos, garras e presas.

Em Licanarquia é celebrada a fúria, a disformidade e a monstruosidade como personalidade e individualidade, o personagem tendo o poder de transformar sua própria biologia em um mundo que a tecnologia tenta domesticar, impondo um futuro com genética perfeita.

Na Licanarquia é usada a ciência para induzir um estado de transe e estabelecer uma conexão com a natureza que o homem esqueceu, caracterizando um encontro do antigo com o tecnológico.

No pós-humanismo se busca a imortalidade através da máquina, na Licanarquia se busca a intensidade através da mutação, desafiando o espectador a refletir até que ponto a tecnologia pode ser usada para libertar o lado selvagem e instintivo.

Figura 8



Figura 9



Figuras 8 e 9. Capa de Licanarquia, por Ciberpajé e Toninho Lima, 2021 e capa do EP “A Blindagem do Lobo”, de Ciberpajé e Fredé CF, 2024

Ao consultar uma inteligência artificial sobre uma possível síntese da obra de Edgar Franco/Ciberpajé, obtive a seguinte resposta: “Ele transforma o computador em um altar e o software em um amuleto.”

Edgar Franco, é um iconoclasta, um vírus fractal na arte e como Ciberpajé, incorpora em sua produção artística, o sagrado e o tecnológico, onde a tecnologia não precisa ser um instrumento de alienação ou insensibilidade, mas pode ser uma nova via para o xamanismo e a transcendência. A sua arte, em essência, visceral e hipnótica, reside na simbiose e é compreendida por aqueles que possuem espírito livre.

Ato I
– pré-Ciberpajé & pré-AmAntE da hErEsiA, século XX: num instante –

um dia qualquer em bra$ília. tédio! na farra do concreto & do asfalto. só a gente mesmo para trazer sinuosidade utópica nessa distopia reta & plana: punks! será que podemos sonhar com um *waterworld* pós esse sol de rachar? o ano: 1995. um levantar das escadas do espaço cultural da 508 sul foi realizado. dentre punkistas, em auto-instrução integral insurgente, me levanto & caminho rumo à biblioteca de artes de lá. salve margot! na porta, um cartaz me pucha pela camisa: oficina de quadrinhos de autor. opa! tô dentro! me inscrevo. na hora! alguns poucos dias depois começa. & lá se dá meu primeiro contato:

“de pedaços de conceitos // e arbitrariamente fui // moldado... // eu sou assim... // sim... // sou... // e vocês... // ... minha // imagem e ;;// semelhança! // ...olhe a // essência...”

[frankenchrist – edgar franco – 1994]


EU SOU ASSIM...
AAAA

frankenchrist: uma HQ poético-filosófica de quatro páginas, dentro do zine bArAtA – Nº19, especial frA)nkenstein. grafiação feita por um dos siameses proponentes da oficina, edgar franco – o outro é gazy andraus. eu não tinha ideia. mas estava na minha frente o pré-Ciberpajé – ao mesmo tempo em que eu nem desconfiava ser um pré-AmAntE da hErEsiA. muito rapidamente, a recém-aberta, nuvem de probabilidades, se fecha. a oficina termina. uma semana inteira, intensa, inspiradora: há vida para além das HQs comerciais! transformado & empolgado, crio um zine de tirinhas de humor anárquico, mas não anarquista: "u mamute nacional" – três números apenas; em 1998, publico seu derradeiro. passo a me dedicar aos zines anarquistas. perco os rastros daqueles quadrinistas siameses. 1995 passa. a vida continua. seguem-se os últimos suspiros do século XX. o bug do milênio não acontece. jesus cristo não volta. nenhum cataclismo acontece. cai o pano.

Ato II
– Ciberpajé & AmAntE da hErEsiA, século XXI: 21 anos depois, ao acaso –

"u mamute nacional" ficou no século passado. fazer zine & quadrinhos de autor, não. meu humor mudou. se revisou, refinou & renegou as piadas de minhas antigas tirinhas. mas tudo guardado em caixas – plásticos, pastas, envelopes. novo milênio, século XXI. ainda em bra$ília, concreto, asfalto, retas, geometria euclidiana. só que, sem tédio algum para mim. me movimento, pogo em roda punk, mosh na galera, ando de skate, em vários mundos. um deles, é o ciberespaço. sem que meu fantasma na máquina lhe torne nova alma. torno-me um ciberpunk em plena autoficção:|:anarco:|:sci-fi:|:materialista cujo futuro será um empolgante AnArquismO fAntÁsticO – meu universo ficcional que se concretiza & insurge na primeira metade da segunda década dos anos 2000: 2014 para ser mais exato.

após mergulhar em cosmopercepções outras – das mais diversas etnias indígenas, da negritude pós-diáspora, & do sincretismo popular de lendas & causos – em ArtesaniA digitAl, passo a criar imagens de um folclore-futurismo insurgente. a elas edito *trailers* com múltiplas colagens visuais – o *copy* é *figth*! – componho música digital experimental, atmosférica, & escrevo narrativas – nanocontos & contação de histórias. minha cosmopercepção está em ebulição. sou gêneses de algo que não tenho a menor ideia para onde vai tudo isso. big bang criativo em seus pós 1·10-43 segundos. devido o nascimento desse universo bebê... um vortex! um convite, de três cabeças, da galeria deCurators: "*topa fazer uma oficina sobre narrativa sci-fi catastrófica?*". é claro! qual é o acontecimento? um de seus grandes festivais artísticos: o tecnoxamanismo! ano: 2016.

> 02/04/2016, 16 hs – Galeria Alfinete
> **Oficina 1 – Preparatória para o ritual: INTERESCRITURA – TRANSNARRATIVAS – SCI-FI**
> Com Léo Pimentel, Fabiane Borges e Carol Barreiro

programação completa. data & hora: confirmados. outro convite aceito. não por mim. mas por outro habitante do cerrado. um também realizado. ex-pré isto, & nós, pós aquilo: transumanos. metamorfoseado phoderástico! o dia é o mesmo. um sábado para chamar de nosso. a tarde ficou para minha oficina sc-fi: interescrituras:|:transnarrativas. a mesa-redonda noturna para ele: sobrevivência:|:catástrofes:|:metafísica:|:ficção. a bonança sempre deve vir depois das tempestades. e assim foi. phil jones, uma das três cabeças decuradoras, me disse: "*cara, vem uma figura hoje que você precisa conhecer. ele faz umas HQs muito doidas. e se auto(re)conhece como ciberpajé. acho que tem tudo a ver com amante da heresia*". quem será tal figura? um completo desconhecido: nunca vi mais gordo, com ou sem costeletas. no entanto, amor à primeira...

02/04/2016, 20 hs – deCurators
SOBREVIVÊNCIA, CATÁSTROFES, METAFÍSICA E FICÇÀO (decurators)
Moderação: Fabiane M. Borges
1- Angel Luis // 2- Adirley Queirós // 3 - **Edgar Franco / Ciberpagé** // 4 - Hilan Bensusan // 5 - Marcos Woortmann // 6 - Phil Jones



trocamos realizações: zines & cds em fluxos. na virada do dia, ouvindo a sonzêra, já em tantra pós-humano, & apreciando as HQs, de grafiação ciberpajeana, uma faísca de memória! eu reconheço esses traços! já vi em algum lugar essa magistral habilidade de deixar rastros gráficos em nossa sensibilidade. onde? onde? já sei! de moto, corro para a casa de minha mãe: asa norte ao guará ii, num eixão só. meus arquivos. meu acervo. minhas maravilhosas tralhas mnemônicas. tesouros da mais valiosa riqueza. tudo o que guardo, me aguarda. minhas caixas – plásticos, pastas, envelopes. milênio, séculos, anos passados. fantasmas? não! mas, sim! uma mulher-cicatrizes-costuras chora. sem saber, foi ela quem me encantou por todos esses anos. mulher-zine-recorte-remonte.

seus cabelos negros seguem um vento lunar. borboletas-mamilos em repouso. borboletas-silhuetas em pleno vôo. um prego fixa o peso do mundo em suas costas. acho que é isso que a deixa triste. sim! amor à primeira vista por esta mulher-solidão. junto a essa imagem, habitante das costas do número especial do bArAtA, quase se tornando "simples quimeras, no livro eterno das horas[1]", há um certificado. certificação

1. Tênue Esfera Azul – Posthuman Tantra.

maravilhosa que atesta que há 21 anos, nos cruzamos pelas nuvens de probabilidades das nossas vidas. que futuróloga, oráculo, cientista louco do tempo, poderia adivinhar? como o universo se dobra? curva-se em seu próprio eixo – fita de moebius & nós, atualizados: eu & o criador dessa tão bela frankencriatura; ambos, agora, eu, AmAntE da hErEsiA & ele, Ciberpajé. que comecem os jogos! ou melhor, & vai começar a brincadeira! pararati bum bum bum...



Ato III
– Orquestra Transmídia de Anarquia Mágicka e Além: 31 anos em 10 –

com berimbau plugado num pedal de distorção: a primeira participação ruidosa com a Posthuman Tantra. ainda em 2016. sem saber que, no próximo ano, goiânia entraria de vez em meu mapa afetivo-criativo. 2017: FAV/UFG, inicio meu doutoramento em Arte & Cultura Visual. Ciberpajé? meu orientador. 2024, no mesmo PPGACV, concluo meu pós-

-doutoramento. Ciberpajé? meu tutor. & todo o tempo, Cria_Ciber como singularidade. hoje, 2026! comemoramos uma década daquele reencontro cósmico. dois multiversos ficcionais & vitais que se festejam: amizade & cumplicidade; admiração mútua & inspirações múltiplas; vida & arte, se mesclam em nossas mais altas potências criativas de riquezas biográficas: quadrinhos de autor; tecnoxamanismo; Posthuman Tantra & pErformaNZis; PPGACV-FAV/UFG & Cria_Ciber; Zineastas em curtAforismos, videoclipes & videoartes; muZinistas em projeto de aforismos musicados (heresia cósmica & urgência mágicka) & quilombots; Zintelectuais em textos acadêmicos em coautoria; zines & ciberpajelanças em brega ciberpunks cerras; tatuagens em biohacking...

"*depois dessa atitude simpática que acabo de assumir em relação*" a nós & a nossos encontros, "*talvez me seja mais facilmente permitido dizer francamente algumas verdades sobre*" Ciberpajé: "*uma vez que agora já se sabe de antemão que são apenas – as* minhas *verdades*". (nada como roubar algumas palavras de Nietzsche[2], dando um sorriso irônico de canto de boca...).

§ 01.

um visionário que não corre à frente do mundo – escuta o que o mundo está prestes a ousar a dizer. vê, não porque enxerga longe, mas porque seus olhos não estão presos ao perto. reconhece o invisível, a realidade virtual que ainda é semente. vê fluxos. vê direções. percebe a mudança antes que esta perceba a si mesma. escuta o ruído do que quer nascer. assim vê, assim escuta ciberpajé.

2. Aforismo 231, Nietzsche, Além do Bem e do Mal (Rideel, 2005).

§ 02.

reconheço. história natural de seu traço. não constrói templos. flutua onde o espaço ainda não decidiu ser forma. ali, o presente vibra. a presença para só quem flutua, o vê. para não tropeçar, não há chão. para não impedir o olhar, não há paredes. para não limitar o alto, não há teto. linhas que precedem o visível. que não procuram estruturas, mas sim, ressonâncias. escuta o desenho do que será, entre o ainda-não e o quase. nesse intervalo, ao seu traço, tudo é possível. assim desenha ciberpajé.

§ 03.

seu futuro é instinto. fareja o que irá florescer; e o que irá apodrecer. afia seu faro no vento cortante do cerrado. seus olhos brilham por entre árvores tortas ainda em brasa. enquanto isso, sua sabedoria não uiva para a lua, mas para órbitas. sua caçada é um laboratório mágicko. nos pelos de seu rosto, guarda poeiras de estrelas, vivas e mortas. atravessa por entre cosmos como migração biocyberdramática. seu cálculo é selvagem. presas-equações. garras-firewall. rasga algoritmos bionários anticósmicos. assim uiva ciberpajé.

§ 04.

um mago que não usa roupas, mas arquivos sobre sua carne. pele película. fluxo sanguíneo de informações. cada mídia lhe é um novo órgão. por isso sonham. texto, som, imagem, código, vozes que não envelhecem, se atualizam. abandonam passados como quem troca de pele. se reencarna em múltiplos suportes. vida transmídia. que não é linha, mas rede. que não é biografia, mas ecossistema. cada mídia é tecido novo. vísceras-zines. quando silencia, não é morte, desligamento, nem delete. é latência. um feitiço lançado à outra interface. assim se despe ciberpajé.

§ 05.

generosidade que não oferece coisas, mas começos. não abre portas. mas céus. ao mesmo tempo em que, naquele lugar que ainda não há espaço nem tempo, ele sussurra: “entra”. enquanto cria gravidade. habita-me a ti mesmo. não para hospedar. mas para coautoria. cria cosmos não por poder, mas por exuberância e excessos: de luz, de sombra, de escuta, de gritos, de urros de sim. expande. exp---ande. é falha no ego. *bug* na solidão. *overflow* no estar junto. fissura sombrio-luminosa. não governa. compartilha. quem criou quem? assim cria ciberpajé.

assim vejo meu ciberpajé.

AmAntE da hErEsiA. (aka. léo pimentel souto)
cerrado, verão, MMXXVI



Nuances entre Carbono e Silício:
"Oráculos" e "Cão Breu Pós-Humano"

Frederico Carvalho Felipe (a.k.a. Fredé CF)

Recebi com enorme honra e alegria o convite para escrever um texto ensaístico sobre a obra e ideário do mago psiconauta, artista transmídia, pesquisador e professor Edgar Franco, o Ciberpajé, um valioso amigo que também é uma das grandes referências e inspirações poéticas das minhas criações e do campo da Arte e Tecnologia em geral.

Logo de início, me deparei com uma infinidade de pensamentos sobre qual tema/recorte poderia fazer de uma obra tão ampla e complexa que tanto admiro. Após longo tempo de reflexão, optei por escrever um texto que abarcasse de alguma maneira uma narrativa transmidiática e que dialogasse com práticas que venho ultimamente me dedicando. Assim, voltei o olhar ao início de nossas parcerias e à primeira obra deste artista que profundamente me impactou: "Oráculos".

Apesar de já conhecer previamente o universo artístico do Ciberpajé desde o início da década de 2010 (especialmente a obra "BioCiberDrama Saga" de 2013, parceria do artista com Mozart Couto), foi no ano de 2017, ao cursar como seu aluno especial a disciplina "Arte e Tecnologia" no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG), que tive uma maior imersão

Frederico Carvalho Felipe (a.k.a. Fredé CF) possui graduação em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Goiás (2004), e mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG). É professor universitário de Cinema e outras artes visuais. É um artista transmídia e multimídia com experiência na área de Artes e Estudos Culturais.

em suas obras e pude, assim, conhecer mais sobre sua poética, suas ideias e referências artísticas que me ampliaram bastante o olhar sobre a criação de universos ficcionais autorais poéticos-filosóficos sob o viés da transmídia.

Nesta ocasião, tive contato com a obra "Oráculos" (2017) e fiquei profundamente tocado. A obra é um álbum que reúne 10 narrativas, criadas na linguagem dos quadrinhos poético-filosóficos, inspiradas no I-Ching e em arcanos maiores do Tarot ao longo de 20 anos e publicadas inicialmente em revistas alternativas e fanzines. O processo criativo destas HQs se deu a partir de consultas a estes oráculos e significações percebidas e interpretadas pelo autor naquele momento de vida, relacionando tais ferramentas oraculares com o processo mágicko de transmutação de sua própria realidade ordinária de forma extraordinária pela arte.

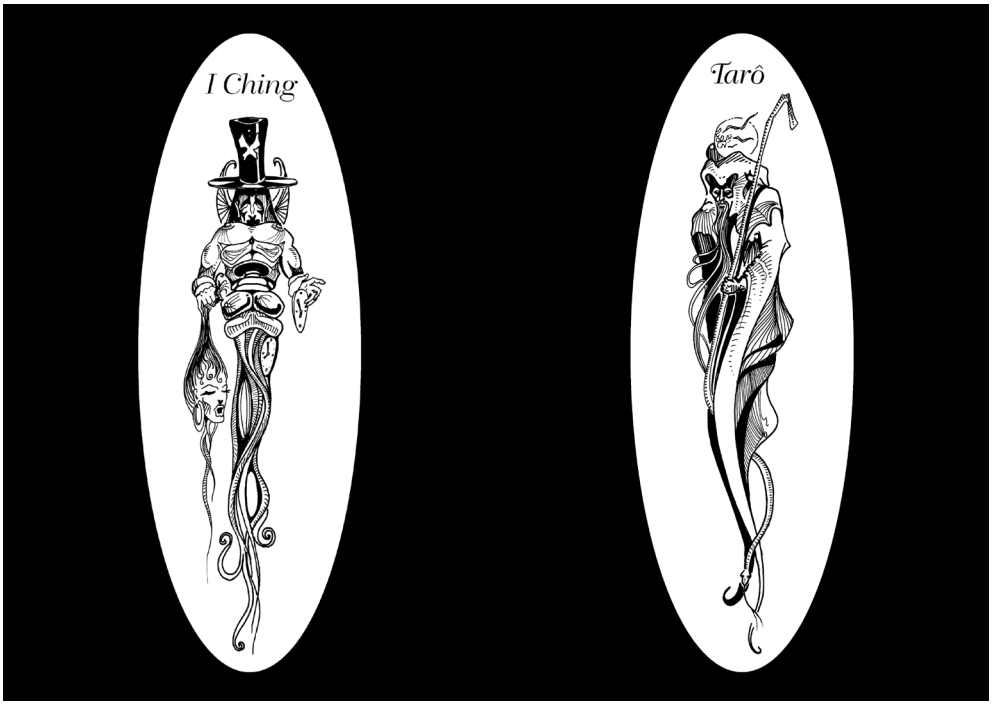


Figura 1. "Oráculos". Ciberpajé, 2017

Desta forma, foram criadas narrativas metafóricas oriundas de elementos da memória, percepção e imaginação do artista, conectadas às simbologias dos oráculos e os contextos de tempo e espaço recortados pelo autor que, por meio de desenhos e aforismos com intencionalidade poética, transmutou o prosaico por meio do lúdico, do fantástico, apresentando leituras peculiares sobre temas que os circundavam naquelas ocasiões.

Tal ato insurgente perante o óbvio validado do *status quo* dominante, transforma a criação artística (tal qual Jodorowsky propõe com sua psicomagia), não se limitando a descrever ou analisar os significados dos hexagramas do I-Ching ou das cartas do Tarot, mas tecendo conexões transcendentais com o todo, com o Cosmos, com o onírico, com o mitológico, imaginando tais oráculos como parte essencial da psique e do inconsciente coletivo a partir de perspectivas subjetivas de sua expressão artística.

A importância da trajetória de Edgar Franco no cenário da arte contemporânea brasileira não se limita a uma produção imagética singular, mas instaura um campo conceitual próprio que tensiona fronteiras entre quadrinhos, performance, arte tecnológica, espiritualidade, música e filosofia especulativa. Ciberpajé não é apenas um pseudônimo artístico, mas uma entidade poética viva que articula tecnoxamanismo, ficção científica autoral e pensamento crítico em uma potente tessitura simbólica.

Desde os anos 1990, sua pesquisa em histórias em quadrinhos poético-filosóficas e sua atuação acadêmica consolidaram uma investigação radical sobre a hibridez entre humano e máquina, carne e silício, mito e algoritmo. A chamada Aurora Pós-Humana, conceito que atravessa sua obra, não se apresenta como mera celebração tecnoutópica, mas como campo de tensão reflexiva. Um limiar onde identidades reconfiguram-se, e onde a própria noção de "natureza" é pensada em chave expandida.



Figura 2. Ciberpajé e Fredé CF no lançamento do álbum "Oráculos" em Goiânia, 2017

Sua produção vislumbra uma consciência planetária interconectada por sistemas telemáticos e biotecnológicos. Ciberpajé não se limita a ilustrar tais proposições, ele as ritualiza. Seus quadrinhos são dispositivos de passagem transdimensional, portais de travessia que convocam o leitor a abandonar a passividade e assumir uma postura mais ativa diante da própria imaginação, do próprio ser/estar no mundo.

A criação torna-se um ato mágicko no sentido mais arcaico e ao mesmo tempo mais futurista do termo. Uma intervenção na percepção da realidade. Criar é operar deslocamentos. É reprogramar o olhar. É instaurar micro-revoluções sensíveis, subjetivas, integradas. É uma autocura.

A meu ver, o que singulariza sua poética, contudo, é o modo como trata sobre ancestralidade e futuridade sem hierarquizá-las. O universo da Aurora Pós-Humana não nega o passado, mas o transmuta em espiral. Um retorno que nunca é o mesmo. Um descascar de uma cebola e suas camadas. Talvez por isso sua obra ressoe de maneira tão intensa em artistas que, como eu, buscam construir universos ficcionais autorais não como fuga da realidade, mas como estratégia de reinvenção do real. Como forma de reexistir em tempos de hipercapitalismo algorítmico e saturação imagética, a criação de mitologias próprias torna-se

gesto de resistência ontológica. Inventar mundos, criar personagens e contar histórias é uma forma de não sucumbir ao que é dado.

E é precisamente neste ponto que "Oráculos" se revela como núcleo irradiador de potências para mim, não apenas um álbum de HQs. Uma espécie de laboratório existencial onde o artista testa, consulta, transfigura e retorna. Experimentação pura! Um espaço-tempo imbricado, onde arte e vida não se separam.

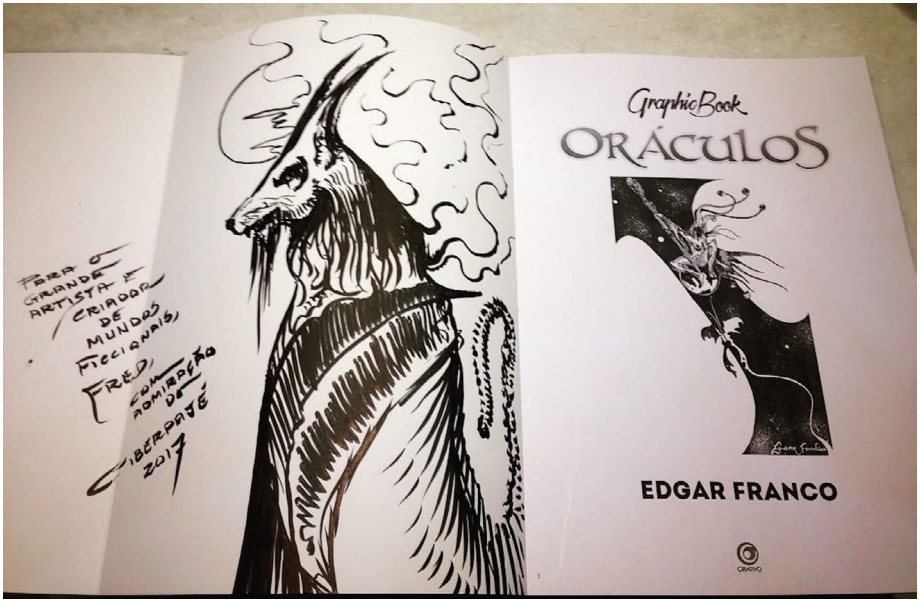


Figura 3. Autógrafo poético-filosófico no álbum "Oráculos", 2017

Num ato expandido de autotransformação, Ciberpajé situa artefatos ancestrais em seu universo da Aurora Pós-Humana, transpondo, conectando e vislumbrando temporalidades e espacialidades a partir de sua obra ritualística autoral. O artista estabelece uma projeção conceitual especulativa profunda sobre questões seminais da contemporaneidade, imaginando novas dimensões transcendentais que tocam nas diversidades tecnológicas e híbridas da natureza como um todo, do micro ao macro, nos lembrando sobre nossa existência enquanto seres apartados culturalmente do habitat que trazemos em nossa essência.

Uma pausa agora. Me veio, de rompante, a necessidade de uma carta, um caminho, uma reflexão.

Respiro.
Inspiro como se sentisse o perfume de uma pétala.
Expiro como se soprasse uma vela.
Não se apaga. Incinera!
Adentro uma esfera azul royal. Transcendente pela própria natureza
Rasga a carne. Fura a bolha. Cintilante punhal que doma. A fera insaciável do real.
Oculto naquilo que não vê. Cantante naquilo que se é.
Leve como as asas de uma borboleta que dispara furacões.

Neste intervalo, me vi diante de um gargalo que só poderia ser preenchido pelo nada de uma taça transbordante e sussurrante que me veio às mãos. Tal taça exposta por uma carta que abri em meu tarot pessoal, anti-mekHanTrópico, inspirado por tal obra seminal que venho ensaiando sobre. No fundo do deck, a cigarra vestida por cores artificiais, digitais. Redes neurais texturizadas. Cartas estas baseadas nos Arcanos 6 e 2, consecutivamente, do tarot de Marseille. Decisões, escolhas, estudos, fundamentos, elementos ocultos que elucidam o caos ocasional. Ao acaso sincronizado em presença real sobre o texto. Sobre a obra original. Sobre o que se expande, ainda hoje, enquanto sobra de resquícios, de forma seminal.

Ao me deparar com o imprevisto e aparentemente desvio do que antes se abordava, o ciclo se rompe, expande. O baralho já gasto não rebaixa o oráculo, mas provoca um novo espasmo. Aponta para uma determinação. Intenção. Pulsão. Para além do bem e do mal. Para além da razão e da emoção. Um ensaio já é uma ação, um fenômeno, uma ocasião.

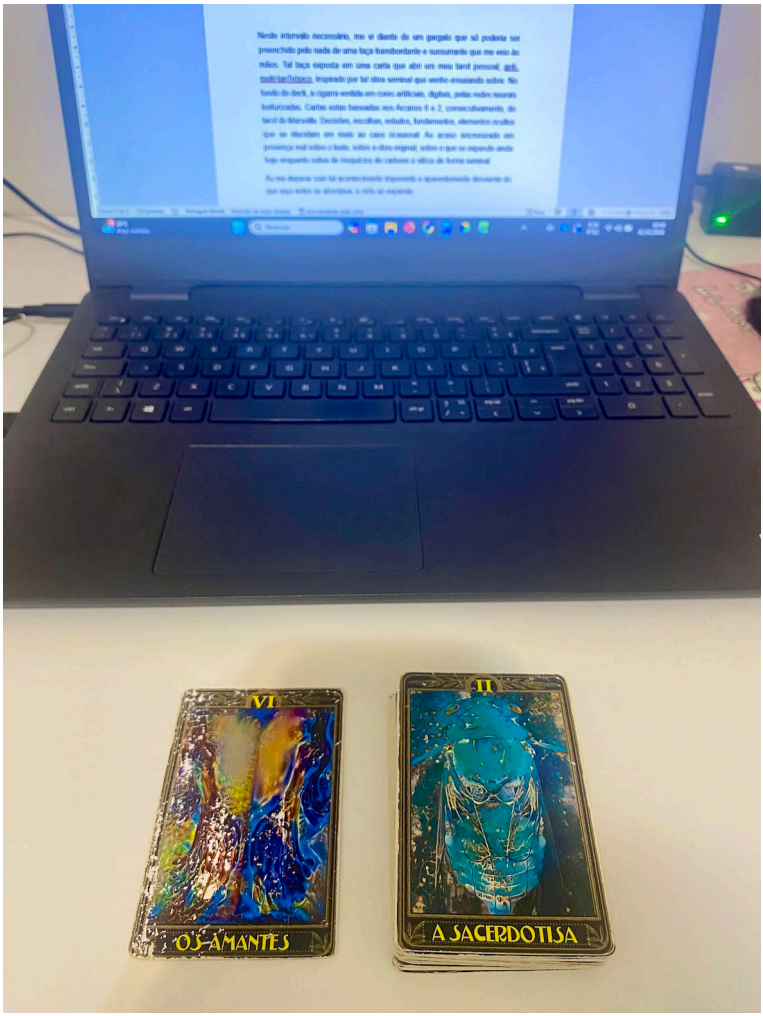


Figura 4. Tiragem do Tarot anti-mekHanTrópico, 2026

Naquele momento passado, em que me vi deslumbrado pelos “Oráculos” ciberpajeanos, transcendi a lógica que ainda me prendia o pensamento criativo e, como uma injeção de coragem e impulso, compus um álbum musical inspirado na obra em questão. Convidei o Ciberpajé para uma parceria até então inédita e que floresceria adiante com muitos outros frutos transmidiáticos que me honram e orgulham por demais.



Figura 5. Capa do álbum musical "Cão Breu Pós-Humano" de Fredé CF. Arte do Ciberpajé, 2019

Esta primeira semente, latente, lançada em 2019 como "Cão Breu Pós-Humano", demarcaria uma intersecção de universos. Um big bang, uma explosão, uma satisfação que trago comigo desde então. Uma amizade astral e admiração sem igual que funciona como um antídoto contra a dor existencial de habitar um mundo (imundo) no qual o sofrimento tantas vezes assola.

Um portal transdimensional que acolhe as sombras que por vezes me pairam sobre a visão turvando-a. Abraço-as agora com alegria e integração mais consciente. Tais obscuridades também me pertencem e me perfazem no "ser quem sou". Desde então, a admiração que eu tinha sobre seus trabalhos artísticos foi expandida a um estado de gratidão colossal por me abrir a mente a novas conexões existenciais, cósmicas, essenciais.

Sobretudo por me ajudar a sair de um poço sem fundo ensimesmado, que me adoecia em meio ao hipercapital institucionalizado. Não agindo

como um guru, mas como um mentor, um orientador na busca pela minha voz interior própria, foi ativado algo que já habitava minha alma. A vontade de potência como impulso vital fundamental para expandir, autoafirmar, crescer, superar a si mesmo. Me acolher e acreditar nos encontros enquanto potências cósmicas de resistência. Renascer e novamente enxergar o agora eterno que nos transpassa. Todos somos ao mesmo tempo poeira cósmica e brilho estrelar. Perspectivas novas para mim, de conseguir enfim refletir e enxergar, com afeto e amizade profunda e sincera, a luz que há dentro de cada um de nós, de cada ser, de cada instante, de cada dádiva. Respirar o tudo em meio ao nada.

Este brilho se torna um motor energético quando conectado a outra alma sem competir, sem disputar, sem comparar. Apenas ser/estar, de maneira poética. Criar! Como a tempestade que assola e limpa o terreno para a vida renascer. A luz infinda de um Quasar ecoando formas, sons, cores, poesias de maneira inebriante e insurgente. Criar sem a necessidade de agradar. Sem a obrigação nem ambição de ser útil. Reexistir com a dádiva serena e selvagem de compartilhar a existência coletiva. Em cada lua, cada ciclo, transmutar. Uivar! Regenerar enquanto natureza que somos. Pela arte! Pela vida!

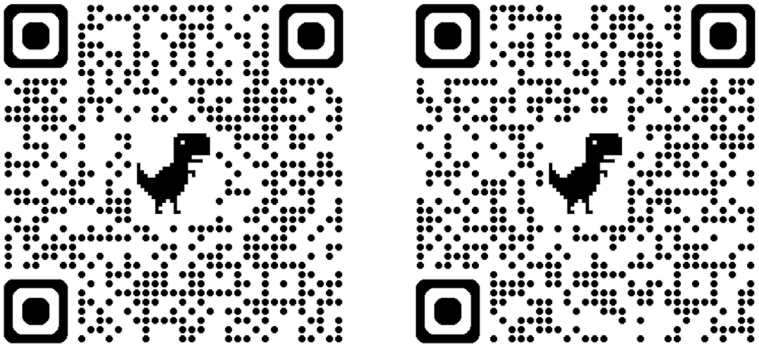


Figura 6. Expansões transmidiáticas. Escolha seu caminho

A Arte como travessia

Anésio Azevedo Costa Neto

I. Amizade

Poderia iniciar este texto descrevendo minha trajetória artística, enumerando projetos, conceitos e deslocamentos. Contudo, isso me pareceria incompleto. Há 22 anos de amizade atravessando essa história, anteriores à própria figura do Ciberpajé. Falar de Edgar, portanto, não é apenas falar de uma referência estética ou conceitual, mas de uma presença que acompanhou minha formação humana e artística.

Pouco antes de 2010, se não me falha a memória, Edgar me confidenciou o desejo de levar o Posthuman Tantra aos palcos. Eu acompanhava seus singles e EPs desde o Posthuman Worm e já havia me tornado seu fotógrafo em sessões que compunham seus discos. Quando surgiu o convite para São Thomé das Letras e o Posthuman Tantra realizou seu primeiro voo, lembro-me do entusiasmo ao narrar o acontecimento. Não era apenas um show; era a materialização de um gesto que atravessava seus anseios.

Sonhávamos que aquilo chegaria a Ituiutaba. Em 2011, veio o convite para um evento underground em nossa cidade. À época, o termo designava o que escapava ao circuito radiofônico e às feiras agropecuárias

Anésio Azevedo Costa Neto é artista transmídia e professor assistente no Instituto Federal de São Paulo (IFSP - Brasil), Votuporanga, Brasil. Realizou Pós-Doutorado no Laboratório de Dispositivos de Entrada e Interação Musical – IDMIL, na Universidade McGill | CIRMMT, Canadá. É também pesquisador colaborador do NICS - Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora da UNICAMP.

— qualquer banda que não coubesse naqueles moldes era underground. Dividimos o espaço de uma casa de shows. Ali, fiz minha primeira performance ao vivo, e Edgar registrou tudo. Hoje entendo que ali foi o testemunho de algo prestes a nascer.

Vídeo 1: https://www.youtube.com/watch?v=PQeF4_Xt_Oo



Figura 1. Frame da performance "É necessário (Des)comunicar", de Anésio Neto, realizada no Festival Rock Night 6, Ituiutaba, MG, 2011. Filmada pelo Ciberpajé

Desde cedo, Edgar não apenas me incentivava; ele me confrontava com aquilo que eu evitava fazer. Muitas vezes, o que eu chamava de receio era apenas o adiamento de um salto. Nossa amizade sempre teve essa dimensão: não apenas afeto, mas deslocamento.

Vídeo 2: https://www.youtube.com/watch?v=Ak87wbxJx0k



Figura 2. Frame da performance arte colaborativa “A Linguagem e a Fissura”, de Anésio Neto. Ituiutaba, MG, 2012

II. Formação

Sou artista sonoro e visual brasileiro. Minha pesquisa investiga as interseções entre arte, ecologia e tecnologia. Atuando como stellatum_, desenvolvo projetos audiovisuais imersivos fundamentados em dados ambientais, sobretudo de ecossistemas brasileiros. Componho obras de drone ambient que exploram duração, textura e densidade por meio de amostragem, apropriação e síntese. Trabalho com sonificação, espacialização sonora e formatos imersivos como dispositivos de conscientização ecológica.

Vídeo 3: https://www.youtube.com/watch?v=tGAq5dtYiOo



Figura 3. Frame da performance Mata Atlântica II,
de Anésio Neto (stellatum_), Argentina, 2023

Contudo, essa descrição objetiva não dá conta do processo que a antecede. A presença de Edgar foi decisiva na consolidação da poética do stellatum_. Seu conceito de Posthuman Tantra e a noção de "Aurora pós-humana" não me interessaram apenas como universos ficcionais, mas como metodologias de existência. Ao assumir-se como Ciberpajé, ele não cria apenas uma persona: ele transforma a performance em condição cotidiana.

A influência mais profunda talvez tenha sido a compreensão da arte como processo expandido. A obra deixa de ser o fim e passa a ser um momento dentro de uma cadeia contínua de experimentação. Ferramentas computacionais, estratégias transmídia e universos especulativos não são ornamentos tecnológicos, mas dispositivos para instaurar realidades possíveis.

Após concluir minha graduação em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia, eu me via preso à análise conceitual da representação. Queria entender as engrenagens do impulso criativo, mas ainda falava sobre "a arte" como categoria abstrata. Foi nesse período que

queimei uma ponte: abandonei a segurança do discurso teórico isolado para investigar os processos criativos a partir da prática. Durante anos, vi o campo artístico pelos olhos de Edgar. Apenas ao concluir meu mestrado comecei a reconhecer meus próprios mundos.

III. Travessia

Entre 2011 e 2016, minha trajetória foi marcada por hesitações e reinícios. Finalizei o mestrado em intervenções e performances urbanas e iniciei a elaboração de um projeto de doutorado que dialogava com os ambientes do Posthuman Tantra. Não fui aprovado em 2013. Permaneci alguns anos em suspensão.

Em 2016, aprovado na UnB, retomei o percurso com outro foco: o Cerrado mineiro. A pergunta tornou-se inevitável — como inserir o Cerrado em minhas indagações sem reduzi-lo a tema ilustrativo? A resposta começou a surgir na imersividade, na possibilidade de articular vídeo e som como campo sensorial.

Em 2017, fui aprovado em concurso para o IFSP e deixei Brasília. A mudança geográfica produziu também deslocamento interno. Afastei-me por um período do doutorado e, ao retornar, percebi o quanto meu projeto ainda era apenas intenção.

Foi então que surgiu a ideia de utilizar rascunhos composicionais de vídeos como base para uma performance audiovisual. Ao encontrar a noção de manipulação em tempo real de áudio e vídeo como deslocamento espaço-temporal estético, algo se alinhou. Apresentei uma performance inédita na qualificação. A banca aprovou. Ali não estava apenas uma exigência acadêmica cumprida, mas a formulação embrionária de um caminho.

Travessias raramente são lineares. Elas se fazem por tentativas, recusas e retornos.

IV. Consolidação

Em janeiro de 2019, Edgar convidou-me a criar uma performance audiovisual em Ituiutaba. Aquele convite consolidou o que vinha se formando de maneira difusa. Ali estavam as bases do stellatum_.

Ouça o EP resultado de nossa parceria no link:

https://ciberpaje.bandcamp.com/album/cerrado-ser



Figura 4. Capa do disco resultante da performance audiovisual realizada entre Ciberpajé & stellatum_, em 2019 na cidade de Ituiutaba, intitulada “Cerrado Ser”, arte do Ciberpajé

Talvez tenha sido uma das performances mais significativas de nossas vidas. Não apenas pelo gesto artístico, mas pela presença: seu pai, Dimas Franco; seu tio Palito; minha mãe, assistindo pela primeira vez a um trabalho meu realizado em tempo real. A performance deixou de ser apenas deslocamento estético e tornou-se memória compartilhada.



Figura 5. Ciberpajé durante a performance “Cerrado Ser”, de Ciberpajé & stellatum_, 2019, Ituiutaba, MG



Figura 6. Ciberpajé e Anésio Neto durante a performance “Cerrado Ser”, de Ciberpajé & stellatum_, 2019, Ituiutaba, MG



Figura 7. Público da performance “Cerrado Ser”, de Ciberpajé & stellatum_, 2019, Ituiutaba, MG



Figura 8. Ciberpajé, Anésio Neto e o público da performance “Cerrado Ser”, de Ciberpajé & stellatum_, 2019, Ituiutaba, MG

Depois disso, vieram o estágio doutoral no Canadá, apresentações na Argentina, participação no FILE, discos lançados por selo experimental, o pós-doutorado na McGill. Concomitante, Edgar acumulou prêmios internacionais, produziu muito, viajou e expôs trabalhos. Ainda que nossos caminhos tenham se diferenciado, um eixo em comum: a arte como campo de instauração de mundos.

V. Gratidão

Somos distintos em desejos e pesquisas. Ainda assim, há algo que nos mantém vinculados: uma partilha de tempo e de formação. Muito do que me tornei como artista passou por essa convivência — por incentivo, fricção, escuta e discordância.

Falar de Edgar é reconhecer uma presença que me ajudou a atravessar medos, a abandonar zonas de conforto e a instaurar meus próprios territórios. Não se trata apenas de influência estética, mas de cumplicidade formadora.

Recordo-me de um verso de "Ténue Esfera Azul":

"estamos unidos pelo nosso tempo / nossa ínfima e saborosa existência podemos compartilhar (...) cada um de nós é um universo, seres únicos, mergulhados na vastidão de uma espécie instigante, simultaneamente tão amarga e tão doce".

Talvez seja isso que sustenta este texto: a consciência de que processos artísticos são também processos de amizade. E que certas travessias nunca são solitárias.



Figura 9. Anésio Neto (a.k.a. stellatum_) & Edgar Franco (Ciberpajé) após sessão de fotos na antiga fábrica de óleo em Ituiutaba, dezembro de 2021

Sobre o Processo Criativo da arte de capa da Imaginário! inspirada pelo Ciberpajé

Bira Dantas

Quando fui convidado pelo Mestre do Quadrinho Nacional Edgar Franco para fazer a capa da edição especial da revista Imaginário! da Marca de Fantasia, intitulada "O Ciberpajé e a Aurora Pós-Humana: dos quadrinhos às criações transmídia", uma grande alegria tomou conta de mim. Edgar e Henrique Magalhães são muito queridos não apenas por serem artistas especiais e criativos, mas por produzirem um material muito mais amplo do que imagina nossa curta percepção.

Primeiro pensei numa capa que mostrasse essa relação extra sensorial do Mestre e sua produção eclética. A revista traria artigos acadêmicos sobre suas obras, resenhas de seus quadrinhos, músicas, vídeos, animações, além de uma entrevista inédita.

Como nossa primeira experiência de parceria se deu através de um sonho que resultou na HQ "Planetae post-humanus" pensei na cena de Edgar dormindo sobre a prancheta de desenhos, circundado por materiais de desenho e pintura e suas criaturas estranhas da Aurora Pós-Humana emergindo do papel e sobrevoando por seus caracóis capilares e sua cartola provocadora, enebriados pelos resquícios do pó do sono lançados por Morpheus (ainda vou desenhar essa cena).

Bira Dantas é cartunista, ilustrador, caricaturista e quadrinista, atua com quadrinhos, ilustrações e charges desde 1979 e já foi condecorado com o Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional, em 2012, e o Prêmio Angelo Agostini de melhor cartunista, chargista ou caricaturista, nos anos de 2003, 2004 e 2006.

Mas desta vez a relação convite/conceito/produção não havia acontecido pelo mundo etéreo e invisível. Ao contrário, me fez acordar antes das cinco da manhã e, com a madrugada ainda escuta, me fez pensar conscientemente sobre o que desenhar. Foi aí que a ficha caiu. Edgar se mostra para nós, leitores, como Norman Rockwell, cujo autorretrato já inspirou tantos artistas a redesenhá-lo e repintá-lo.

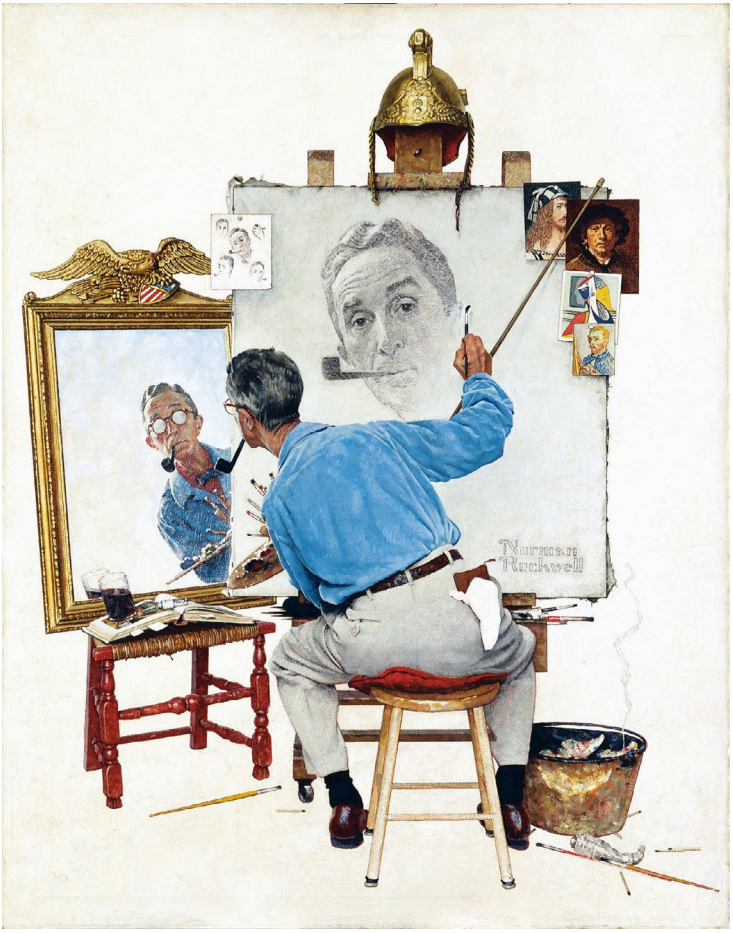


Figura 1. O *Triplo Autorretrato de Norman Rockwell*, pintura do ilustrador norte-americano Norman Rockwell criada para a capa da edição de 13 de fevereiro de 1960 do *The Saturday Evening Post*

Comecei a desenhar, inspirado em seus quadrinhos e em suas inovações, como Ciberpajé, que muda a cor da cartola e o casaco. Ora se mostra com óculos escuros, ora sem nada. Ora assim, pra assado, mas sempre impressionante. Fui avançando no desenho, nos sombreados, nos detalhes, fotografando cada etapa da elaboração da capa e enviando para o Mestre homenageado, seu inspirado editor, minha irmã acadêmica Betânia Dantas - também amiga e colega de cátedra de Edgar Franco - e alguns amigos aqui de Vitória.



Figura 2. Esboço a lápis, de Bira Dantas

A experiência de ver a arte tomar corpo e ganhar cores aquareladas se chocou com as dificuldades técnicas das mesquinhezas rudimentares da tecnologia moderna na reprodução do real. Como alcançar a reprodução fiel do que estava no papel? O processo de digitalização por escâner perde sutilezas de cores minimais, a fotografia por celular empastela e escurece os brancos do papel. Parti para um processo híbrido, que mescla o que escaneei com o que fotografei, misturando suas realidades e fundindo uma imagem que se aproximasse da minha intenção primordial. Aquela consciente, que se esbarrou nas coisas do inconsciente, do incontrolável.



Figura 3. Processo de pintura, por Bira Dantas

Pois é, meus amigos. Um pedido de Edgar Franco (Ciberpajé) não é bolinho. Lembro de meu quase encontro com ele, em Campinas, quando frequentava a Unicamp. Minha irmã Betânia me passou seu endereço. Ele morava na rua de baixo da do sindicato onde eu trabalhava. Eu já conhecia seu trabalho dos fanzines. Betânia o recomendou muito bem pelos contatos acadêmicos que travaram, também com o amigo fanzineiro e acadêmico Gazy Andraus.

Montei um pacote com minhas revistas e jornais e levei até seu prédio, mas como lá não estava, acabei deixando na portaria. Depois começamos a nos encontrar nas premiações do Troféu Angelo Agostini e eventos como os lançamentos dos Sketchbooks da Editora Criativo. E cada encontro foi como se reencontrasse um velho amigo de muitas outras vidas.

Alguém com quem se vê a morte de uma estrela ou surgimento de uma nova galáxia. Como Roy Batty em Blade Runner: "Eu vi naves de ataque em chamas perto de Órion. Eu vi raios-C brilhando na escuridão perto do Portal de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva..."

Só que com a gente estes momentos não se perderão.



Figura 4. Arte de capa finalizada, por Bira Dantas

Reflexões poéticas sobre resistência digital na obra artística do Ciberpajé

Poetic reflections on digital resistance in the artistic work of the Cyber-shaman

Wellington Lima Amorim
Daniel Fraga Castro

Resumo: O filósofo Byung-Chul Han propõe uma perspectiva filosófica extremamente crítica da era da informação. Sua filosofia apresenta o sujeito contemporâneo como alguém que reside em uma exposição total pelos mecanismos das redes, uma espécie de "prisão de luz", em que a identidade social está totalmente desnuda. Trata-se de uma forma fetichista de reconhecimento, tudo o que está completamente à luz deve ser compreendido como algo bom, o que implica em diminuir o poder crítico, a diferença e a alteridade. Nesse contexto Han duvida de toda forma de ativismo social na internet. O filósofo Habermas com seu conceito de Esfera Pública concorda em parte, mas o pensador Manuel Castells admite possibilidades de intervenção social pelas redes. A crítica de Han se coloca ao lado da sociedade do espetáculo de Debord em que se valoriza apenas o aparecer e não o ser. No entanto, existe a possibilidade de pensar se o artivismo, a arte como intervenção social, pode trazer essa diferença. Analisa-se a obra de Edgar Franco, também conhecido como o

Wellington Lima Amorim. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Email: wellington.amorim@ufrgs.br; Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7299-410X

Daniel Fraga Castro. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Email: daniel.mitsein@gmail.com; Orcid: https://orcid.org/0009-0009-9593-6760

Artigo originalmente aceito para publicação na revista Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes, link da publicação do artigo original:

https://publicacoes.ciac.pt/index.php/rotura/article/view/499/397

Ciberpajé; um artista transmídia e instrutor universitário cujo trabalho é um xamanismo digital fundamentado na lógica de rede. Sua obra é interpretada sob a crítica de Han e investiga-se como as produções performativas, gráficas e teóricas do Ciberpajé dialogam com a acusação de que o ativismo digital se torna um espetáculo narcisista no sentido freudiano. Quando se questiona seu artivismo percebe-se uma proposta de resistência, mas que, paradoxalmente, joga o jogo da visibilidade que pretende denunciar. Na obra do Ciberpajé há uma possibilidade de negatividade e silêncio, mas sempre resta dúvida sobre a transformação verdadeira da sociedade.
Palavras-chave: Ativismo Digital; Ciberpajé; Psicopolítica; Resistência digital

Abstract: The philosopher Byung-Chul Han proposes an extremely critical philosophical perspective on the information age. His philosophy presents the contemporary subject as someone who resides in total exposure through the mechanisms of networks, a kind of "prison of light," in which social identity is completely laid bare. This is a fetishistic form of recognition; everything that is completely in the light must be understood as something good, which implies diminishing critical potency, difference, and otherness. In this context, Han doubts all forms of social activism on the internet. The philosopher Habermas, with his concept of the Public Sphere, partly agrees, but the thinker Manuel Castells, admits possibilities for social intervention through electronic networks. Han's critique aligns with Debord's society of the spectacle, in which only appearance is valued, not being. However, it is possible to consider if artivism, art as social intervention, can bring about this difference. The work of Edgar Franco, also known as the Cyber-Shaman, is analyzed; a transmedia artist and university instructor whose work is a digital shamanism grounded in network logic. His work is interpreted through Han's critique, and the study investigates whether and how the Cyber-Shaman's performative, graphic, and theoretical productions engage with the accusation that digital activism becomes a narcissistic spectacle in the Freudian sense. When someone questions his artivism reveals a proposal for resistance, but one that, paradoxically, plays the game of visibility that it intends to denounce. In the work of Ciberpajé there is a possibility of negativity and silence, but doubt always remains about the true transformation of society.

Keywords: Digital Activism; Ciberpajé; Psychopolitics; Digital Resistance

Introdução e metodologia

Este artigo aborda de forma aprofundada a relação entre sociedade, tecnologia e ativismo na era digital, explorando, enquanto ferramentas teóricas, as críticas de Byung-Chul Han sobre a sociedade da transparência e seu impacto no ativismo digital em um cenário específico: as plataformas digitais. De que maneira o ambiente digital molda a subjetividade, a política e as formas de resistência? Torna-se necessário confrontar também tal situação com teorias clássicas como as de Habermas, Castells, Debord, Foucault e Freud. A metodologia adotada combina uma revisão teórica interdisciplinar, com análise de casos contemporâneos e obras que desejem engajar com o ativismo digital.

Levanta-se a possibilidade de realizar o artivismo no ambiente digital. Nesse contexto apresenta-se como figura paradigmática o Ciberpajé, um artista que cria uma obra para ilustrar as tensões entre a performatividade e a possibilidade de resistência autêntica no ambiente digital. Assim, pretende-se estabelecer um diálogo entre teoria e prática, destacando a importância de compreender as dinâmicas do ativismo digital, principalmente sob a crítica de Han, ao mesmo tempo em que se propõe uma reflexão sobre as possibilidades de resgatar formas de resistência como a negatividade, a negação das determinidades dos dados da realidade; o silêncio, ingrediente para a contemplação e a alteridade, recusa a permanência no solipsismo intelectual. Usa-se como exemplo o Ciberpajé como um questionamento: é possível trazer negatividade ao mundo digital? A metodologia envolverá uma análise comparativa de textos filosóficos, estudos de caso e obras artísticas, buscando oferecer uma compreensão aprofundada dos limites e potencialidades do ativismo na sociedade da transparência.

I. A sociedade da transparência e o ativismo digital

O filósofo Byung-Chul Han alerta para o surgimento de uma sociedade da exposição quando a perda da negatividade gera uma transparência total. A privacidade e o mistério se dissolvem em positividade aprimorada. Nada mais é escondido ou protegido de qualquer luz; tudo está livre para o esclarecimento e superexposição. Somos criaturas sem sombra, sob os radares da tecnologia, entregues à vigilância voluntária. Han coloca desta forma: habitamos uma espécie de prisão digital. Todos os usuários do ambiente da internet estão presos pelos mecanismos da própria prática digital. É uma prisão não demarcada por barras, mas pela interconexão total; uma prisão de luz, pois está constantemente revelada pela livre circulação de dados, a face profunda do capitalismo informacional. O indivíduo é absolutamente transparente, mas a dominação espreita nessa transparência por trás da tela do algoritmo.

A transparência como tirania suga o discurso e ossifica o sujeito. A realidade digital é, para Han, nada senão isenta de imperfeições, porque falta a esse mundo dimensões existenciais mais espessas. Trata-se de um tempo sem passado, futuro ou beleza. No entanto, é o deslizamento, indeterminação, negatividade que também nos liga ao Outro, enquanto categoria existencial. A sociedade da exposição é pornográfica, porque coloca tudo visível, torna tudo e qualquer coisa erótica impossível. O rosto está escondido sob a maquiagem da mídia, coagido pela gama de aparências, absolutizado em sua visibilidade. O hipervisível reifica, aliena o corpo para objeto expositivo. Nesta era, o inefável, mistério e silêncio são vistos como coisas que atrapalham; tudo deve ser reduzido a farinha para o moinho do cálculo e do consumo. Nas redes sociais, essa lógica da hiperproximidade se inflaciona como uma bolha narcísica. A Internet abriu um ponto de encontro com o eu, preservando a condição de similaridade e igualdade e deletando o dife-

rente. O exterior e a distância foram arrebatados; somos reféns apenas de bolhas e tribos que concordam conosco.

A visão do filósofo é bastante agressiva e conservadora no que tange o ambiente tecnológico. Para ele a conexão online se transforma em mera produção de *likes* ou, melhor ainda, o *ciberativismo* realiza uma satisfação narcísica porque proporciona a ilusão de ação, ou melhor, lá, no reino da rede social, há apenas um povo que produz corações e não pensa. Neste anêmico teatro de filtros positivos, é difícil produzir antagonismo real, apenas, talvez, mau humor momentâneo. Não se apresentam as rugosidades da existência na vida online e todas as discussões nesse ambiente se tornam supérfluas.

Os gritos de indignação secam-se nas janelas; por mais que a rede encoraje o diálogo, não traduz essa indignação em ação; o espaço público online é um spa, privado e consensual. Han prossegue dizendo que a hiperconectividade não nos emancipa, mas é uma ferramenta de um panóptico moderno. De fato, esta é uma maneira de descrever, então, o que é a dialética de tal liberdade presente, como Han já disse: em um tempo de aparente liberdade, de vigilância e controle amorosos, a vigilância torna-se ilimitada.

Na obra, *No Enxame*, Han observa que o espaço digital é povoado por enxames digitais, ou seja, multidões conectadas que reagem, mas não agem politicamente. Diferentemente dos movimentos tradicionais, detentores de identidade, propósito e, por vezes, organização, o enxame é efêmero, disperso e reativo. Ele escreve: *"O enxame digital não forma um 'nós', não conhece nenhuma interioridade comum, nenhuma alma coletiva. Não conhece nem o amigo nem o inimigo."* (Han, 2014, p. 13).

Nesse contexto, o ativismo digital tende a substituir a práxis política pela performance afetiva: curtidas, compartilhamentos e *hashtags são mais expressões de estado emocional do que de engajamento reflexivo e estratégico*. A figura do *hater* ou do cancelamento, por exemplo, são

expressões de uma lógica punitiva e personalizada que impede a construção de um discurso político transformador. Milhares de usuários podem atacar uma figura pública em questão de horas, sem organização formal ou pauta estruturada, apenas por reatividade.

Os movimentos como *#PrayForParis* ou *#StopAsianHate* podem gerar grande mobilização momentânea; porém, segundo Han, essas ações não são necessariamente seguidas por articulação coletiva no espaço físico ou institucional e tendem a permanecer apenas no nível da comoção digital. A mobilização digital é um enxame que passa rapidamente sem gerar mudanças estruturais. Han vê a internet como um terreno que sufoca o diálogo pela sobrecarga de estímulos e impediria qualquer atividade política efetiva. No entanto, a posição de haniana pode ser criticada, pois existem autores divergentes sobre mesmo problema.

O filósofo Jüngen Habermas (2023) defende uma esfera pública baseada em debate racional, argumentação e deliberação. Contrariamente à Han, Habermas acredita no poder da argumentação pública como base da democracia. Nesse sentido, o ativismo digital poderia ser visto como acesso à participação política ao enfrentar desafios fundamentais relacionados à deliberação racional, à fragmentação discursiva e à captura algorítmica dos debates. A ascensão do ativismo digital transformou radicalmente a dinâmica da participação política que se tornaram arenas de mobilização, denúncia, formação de opinião e organização de protestos em escala global. Apesar de ser uma teoria anterior à internet, fica-se a questão: O ambiente digital pode ser compreendido como uma nova esfera pública deliberativa?

É possível apontar alguns fatos que mostram como os movimentos online podem constituir esferas públicas insurgentes que questionam normas dominantes e reconfiguram a visibilidade de sujeitos marginalizados, como aponta Celikates (2015). A Primavera Árabe, o movimento *#BlackLivesMatter* e os protestos de Hong Kong revelam como plataformas digitais podem articular manifestações massivas, desafiando regi-

mes autoritários e mobilizando solidariedade internacional o que levaria a pensar que Han está errado. No entanto, a esfera digital é também palco de desinformação, discursos de ódio, bolhas epistêmicas e ativismo de sofá (*slacktivism*), ou seja, formas de engajamento superficiais.

A esfera pública é um espaço de mediação simbólica, onde se forma a opinião pública e se legitima a autoridade política. Com isso, o fenômeno da internet multiplicou os canais de expressão e reduziu drasticamente os custos de entrada no debate público, como argumenta Peter Boeder (2005), O *Legado de Habermas* é inevitável na análise das redes digitais: blogs, fóruns e redes sociais ampliaram a participação e criaram uma nova esfera pública, fragmentada e descentralizada. Porém, deve-se lembrar que para Habermas, a qualidade do discurso importa tanto quanto sua quantidade. Essa nova esfera não necessariamente cumpre completamente os critérios habermasianos, como alerta Geiger (2009), a *esfera blogosférica* é muitas vezes regida por algoritmos que priorizam visibilidade, emoção e polarização, não a razão ou o consenso.

A crítica de Nancy Fraser (1990) à concepção unitária da esfera pública é relevante: é preciso considerar esferas subalternas e formas contra-hegemônicas de expressão. Os algoritmos que mediam a visibilidade e o alcance das mensagens digitais interferem na neutralidade do espaço público. Em vez de abrir debates, as plataformas frequentemente reforçam preconceitos e estimulam reações emocionais. A racionalidade comunicativa é substituída pela lógica de engajamento. Embora a internet tenha ampliado a participação, ela não garante, por si só, uma deliberação pública racional e inclusiva.

Da mesma forma, Manuel Castells, bastante mais contrário a Han, enxerga o potencial emancipador das redes digitais. Para ele, o *"Movimiento 15-M"* (Movimento 15 de Maio) espanhol mostram como redes horizontais podem produzir ação política real. Partindo do arcabouço teórico presente em obras como *A Sociedade em Rede* (1996), *Comunicação e Poder* (2009) e *Redes de Indignação e Esperança* (2012), é

possivel compreender a articulação entre internet, poder e resistência no contexto da sociedade informacional. Castell propõe uma leitura crítica dos limites e potencialidades do ciberativismo na contemporaneidade.

No alvorecer do terceiro milênio, quando a história parecia se esfarelar em ruínas narrativas e promessas cansadas, algo insólito começou a pulsar nos cabos invisíveis da internet: vozes subterrâneas, gritos anônimos, rostos sem rosto, insurgências pixeladas. Através de uma abordagem interdisciplinar, sugere que o ativismo digital constitui uma nova forma de ação coletiva permeada por contradições profundas no seio de uma ordem capitalista globalizada. Com uma verve quase poética, o autor foi um dos primeiros a perceber que o ciberespaço não era apenas um novo meio, mas um novo modo de existência social.

Em sua análise visionária, a sociedade deixava de ser apenas uma estrutura vertical de instituições e passava a funcionar como uma rede rizomática, distribuída, fluida. Sem ingenuidades, o mundo em rede de Castells não é um Éden digital, mas um campo de batalha onde se entrecruzam fluxos de poder e contrafluxos de resistência, uma arena onde se joga o drama contemporâneo do desejo de transformação social diante de estruturas cada vez mais difusas e opacas. O que antes era centralizado e hierárquico, como as instituições estatais, partidos, sindicatos, agora se descentraliza e se desarticula. O poder deixa de ser um trono fixo e se torna um fluxo: *"A nova morfologia social das sociedades em rede afeta todos os processos e funções sociais"* (Castells, 1996). O ativismo digital é filho legítimo desse novo regime. Diferente das formas tradicionais de militância, ele não precisa de sedes físicas nem de lideranças formais. No entanto o próprio autor adverte que a rede também é forma de controle, pois aqueles que controlam os nodos estratégicos, os servidores, as plataformas, os dados, controlam os fluxos de significado e, portanto, o próprio imaginário coletivo.

Nesse cenário, realizar ativismos digitais é tanto exercício de liberdade quanto ato de fé num terreno minado. Em sua obra Castells faz

uma crônica dos levantes digitais que marcaram o início da década: Primavera Árabe, Occupy Wall Street, Indignados na Espanha, protestos no Brasil em 2013. Esses movimentos têm algo em comum: surgem de forma espontânea, horizontal, auto-organizada. Movimentos sem rosto, sem líderes fixos, baseados em conexões afetivas e éticas. A lógica do *"não nos representam"* ecoa como uma sinfonia dissonante em praças, *tweets* e transmissões ao vivo. Castells vê nesses movimentos a emergência de um poder mais simétrico, mas observa que a ausência de estratégias institucionais e a efemeridade das mobilizações dificultam transformações duradouras.

O ativismo digital é, assim, uma labareda que ilumina brevemente a noite do mundo, mas será capaz de incendiar as estruturas petrificadas? Para Han os eventos analisados por Castells são exceções e que, na maioria dos casos, o digital gera dispersão e impotência política. O enxame digital ainda é o declínio da coletividade política. Em vez de uma multidão com propósito comum, temos indivíduos atomizados que reagem em tempo real, guiados por algoritmos e emoções. Han denomina esse fenômeno de *psicopolítica*: um governo das almas por meio da liberdade aparente. A militância digital, nesse contexto, colabora com o sistema que finge combater. Enquanto alguns celebram a conectividade como nova força democrática, Han insiste que sem interioridade, negatividade e silêncio, não há verdadeira resistência. É preciso que alguma coisa resista à subjetividade consumidora. Talvez fosse importante ver um tipo de atividade em rede que tente trazer essa negatividade.

II. Reflexões poéticas e o artivismo digital

Cabe analisar a produção do artista brasileiro: Edgar Franco, pesquisador de pós-graduação em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás. Ele se autointitula Ciberpajé, uma entidade que funde tecnologia, tradição ritual e imaginários futuristas. Desde os

primeiros fanzines até HQs publicados por editoras consagradas, sua produção é um entrelaçamento contínuo de elementos mágicos e tecnocientíficos, performando sob o signo do inconformismo. O Ciberpajé é o outro do pesquisador Edgar Franco, tudo aquilo que é diferente de si mesmo pode aparecer por essa persona enraizada com as coisas da terra, devires cósmicos e tecnológicos. A partir dessa figura estranha de si destaca-se a prática do "*Artivismo":* uma fusão de arte e ativismo que propõe a ruptura reflexiva de ações habituais e comuns ao nosso cotidiano. Esclarecendo melhor:

> *"Artivismo* é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência." (RAPOSO, 2015).

Este tipo de prática funciona como reinvindicação social através de uma ruptura artística. O artista pode propor cenários, paisagens e uma ecologia de ações alternativas em que os indivíduos podem fruir, participar e até criar em um objeto artístico. Em muitos casos podem servir como mídias táticas e que os meios de comunicação podem ser usados para promover a crise, a crítica e a oposição (GARCIA; LOVINK, 2002). Nesse sentido as produções estéticas na web poderiam ser maneiras rebeldes de reutilizar a estrutura constituída. Os artefatos podem ter outro rumo para além do mero consumo e criar assim uma rugosidade, uma tensão ou até um silêncio de significação entre os habitantes da internet, como parece ser a proposta do Ciberpajé.

Como se comentou anteriormente, Edgar Franco desenvolve seu trabalho a partir da intersecção das artes visuais e das artes narrativas, privilegiando o campo de atividades na *Web*. Enquanto artista trans-

mídia que explora vários campos, Franco passa também pela animação na internet, a *videoart* e *webart*. Realiza vídeos, aplicações computacionais em RA (Realidade Aumentada), uso performático de figurinos exclusivos e ações artísticas criadas em parceria com os integrantes do seu grupo de pesquisa *CriaCiber*. É neste contexto que se revelam as obras do Ciberpajé enquanto artivismo.

Inicialmente é importante entender como ele concebe essa persona. O prefixo ciber, vem do conhecimento da cibernética com seu processo eletrônico de sistemas de comunicação. O termo foi agregado ao pajé, expressão Tupi para o líder espiritual xamânico que orienta seu grupo na relação com a natureza e outras entidades. Chamar-se Ciberpajé denota, assim, a conexão e troca de informações dos seres vivos entre si mesmos, mas também entre seres vivos e máquinas. O mundo bidimensional da internet pode ser explorado pela sua estética de rituais heterodoxos, como uma "mágica eletrônica". O mundo natural e o mundo eletrônico recebem uma ponte através de si e de suas atividades. Ele incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios mágicos de conexão entre mundos estranhos.

Surge uma arte que promove a autotransformação na busca da própria estruturação como ser integral, ou seja, ele espera que suas imagens eletrônicas, vídeos e músicas possam quebrar a realidade banal dos espectadores para assim abrirem seus horizontes críticos. Ele se coaduna com a ficção científica do escritor Phillip K. Dick que usava de um deslocamento conceitual: critica-se o presente através de uma imagem hipotética e fantástica do futuro. Da mesma maneira, Franco usa da estranheza de sua estética para refletir os problemas da vida nas redes sociais.

Em certa medida ele cria uma espécie de *brasilfuturismo*, na mesma linha que o movimento negro de Sun Ra criou o afrofuturismo. As imagens tradicionais da cultura brasileira são redescritas em uma imbricação com objetos eletrônicos e tecnológicos da internet. Pela con-

tradição dessas forças ele cria objetos únicos em que busca contaminar positivamente as pessoas desejando despertar a busca pela própria vida integral. A "arte como cura" dos Pajés através das artes.

Remontando aos rituais de pajelança da mística indígena, que conectam o mundo dos espíritos ou dos totens animais ao mundo real, o autor integra aquilo que a sociedade contemporânea havia desintegrado. Sua performance é em si uma interpretação singular da atividade do Pajé dentro do ciberespaço. Ele trabalha com a arte da performance, uma forma artística que combina diferentes artes e que se caracteriza pela sua realização ao vivo, sofrendo o risco e a precariedade das contingências momentâneas. Franco cria seus artefatos entre os interstícios e encontros fortuitos de uma tradição ancestral dentro da velocidade pós-moderna. Adentra-se no pós-humanismo, na robótica, na biônica, na invasão alienígena, na telemática, e no ciberespaço de maneira disruptiva.

Como exemplo do que o artista faz na internet pode-se apontar a importância dos seus canais do youtube. O canal *@posthumantantra* apresenta entrevistas e comentários sobre suas percepções de arte e cultura, mas também traz obras específicas para o contexto da mídia eletrônica da internet. Tratam-se de músicas, imagens audiovisuais e videoclipes que exploram as possibilidades estéticas da internet. O autor usa seus textos em sobreposição aos vídeos e sonoridades, muitas vezes sem se preocupar com narrativas lineares, apenas para gerar sensações aleatórias em seus espectadores. Como um convite ritual que quebra a expectativa de uma estória a ser contada, mas que causa um incômodo que permite questionar o meio eletrônico que se experimenta naquele momento.



Figura 1. Videoart do Ciberpajé. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=QQwGN9fuXTg

Em seu outro canal do youtube, nomeado Edgar Franco (Ciberpajé) a proposta é bastante parecida, mas outros objetos audiovisuais são apresentados. Suas criações prosseguem combinando campos culturais diversos através de seus textos filosóficos em conjunção com seus desenhos e suas músicas. Um dos objetos é de bastante interesse, O Enterro dos Deuses, realizado com um software neural pertencente ao Google. Trata-se da tecnologia DeepDream que usa a chamada rede neural convolucional. Ela opera ajustando os pixels de uma imagem de modo que certos neurônios no ser humano que normalmente reconhecem padrões como rostos fiquem cada vez mais ativados e reativos. O algoritmo amplifica os sinais internos da rede de maneira iterativa, gerando realces, distorções e formas mais próximas da abstração, criando objetos que lembram visões oníricas ou psicodélicas. Como se percebe, a temática e a vivência ritualística são atravessadas pela mídia eletrônica do Ciberpajé.

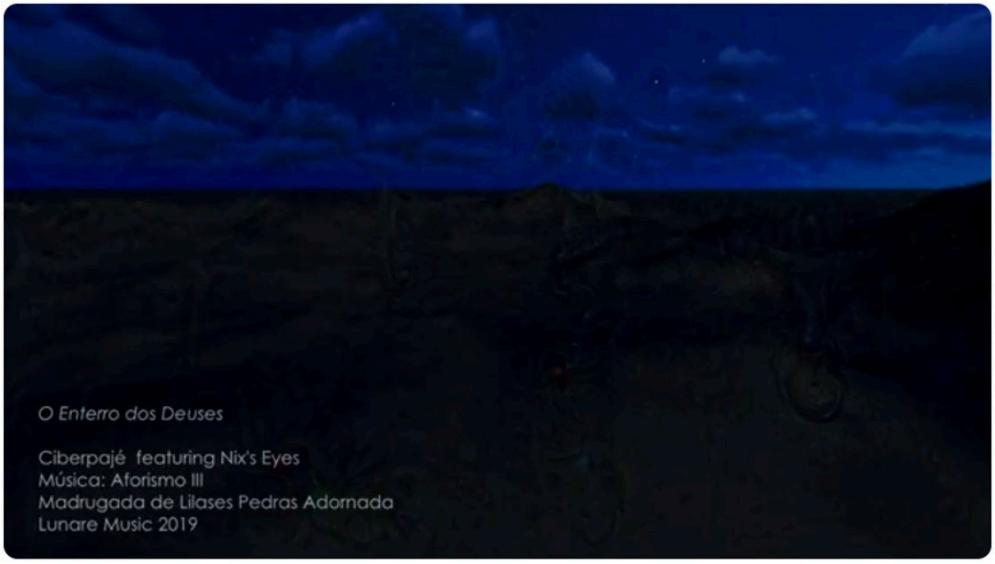


Figura 2. O Enterro dos Deuses. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=guAS447sSac

Em seus canais do Instagram *Cria_Ciber* e *ciberpaje* também mostra sua arte de combinação e transformação. Embora a maior parte das postagens seja de referência aos seus compromissos acadêmicos, registros de apresentações e comentários sobre sua perspectiva artística, há espaço para momentos de sua poética na rede. O autor usa de fotoperformances e desenhos próprios aliadas aos seus textos para criar sua arte tensionada. Os meios eletrônicos servem para enviar a mensagem de que tudo aquilo que é apresentado pode causar tensão. São objetos que podem ser captados e reproduzidas como tantas outras imagens eletrônicas, mas que neste caso se propõem a causar alvoroço no receptor. São imagens que prometem criar tensão e reflexão, tentativas de quebrar a anomia comum daqueles que se deixam facilmente enfeitiçar pelo belo padronizado na sociedade.

Como se vê, a cosmogonia pessoal coloca o Ciberpajé no centro da reflexão, irradiando laços entre música, heavy metal, quadrinhos, ambientes acadêmicos, objetualidade ritual e espiritualidades, num caleidoscópio onde a vida cotidiana e a arte se fundem, sugerindo um indi-

víduo que performa múltiplas identidades: artista, professor e esotérico; fazendo de sua própria biografia um texto aberto, denotando como cada experiência (do trabalho com grafite à performance de palco) alimenta o ser central. Em outras palavras, Franco não separa claramente o seu eu desse alter ego artístico com intuito de transmutar a realidade. Será que o Ciberpajé não poderia servir para repensar a tradição no contemporâneo que Byung Chul Han teme se perder pela internet?



Figura 3. Arte visual do Ciberpajé sobre a internet.
Fonte: https://www.instagram.com/p/DMVSvxnsZr-/

Franco reforça esse propósito de imersão no mundo comum. Ele enxerga as ações cotidianas, desde hábitos de consumo como simbólicos, até como rituais tecnológicos. Nossas ações cotidianas seriam um consumo diário de ritos, informações, modelos, condutas, práticas e experimentações transformadas por seus receptores. Em outras palavras, Franco denuncia a rotina asfixiante: onde Han vê apenas positividade homogênea, Ciberpajé destaca a reprodução cultural de rituais vazios. Ele faz uma bricolagem de elementos díspares, reunindo o tradicional e peculiar com o banal e tecnológico, criando uma arte da alteridade.

Ele combina o habitual na vida comum às diferentes culturas e etnias de seus círculos sociais, buscando revelar sistemas tecnológicos em objetos e lugares que moldam nosso ser contemporâneo. Ele cria objetos que são uma fusão das informações eletrônicas com os ritos de cura dos pajés. Ele faz histórias em quadrinho, pinturas, performances, músicas que servem para curar cirando um novo ser, o homem integral. Assim, o cotidiano se torna um palimpsesto performativo com sobreposições de artefatos de diferentes culturas nas criações do Ciberpajé. Estas estranhezas dialogam com a crítica de Han, porque ele não permanece na tecnologia como homogeinização passa despercebida, mas como produtora poética da diferença.



Figura 4. Ciberpajé em performance de seu grupo Posthuman Tantra no Teatro da Funarte, em Belo Horizonte, Brasil, 2025. Fonte: Link: https://www.instagram.com/p/DKSsycbSYWf/?img_index=1

Muitas de seus HQs e fanzines expõem essa crítica tecnológica. Por exemplo, na web arte Canal 666 BR: para (des)hipnotizar as massas (2015), criada em parceria com José Loures, Franco toma de assalto o próprio meio da televisão. Ele e Loures montaram um canal online gratuito que faz uma crítica dura aos meios de comunicação. O nome, alusivo à besta apocalíptica, já denuncia o escopo, demonstrando que o objetivo do Canal 666 BR é trazer à tona esse 'demônio', torná-lo visível a qualquer momento do dia ou da noite, indo na contramão dos canais midiáticos televisivos.

Em linguagem agressiva e irônica, o projeto desconstrói narrativas invertendo o discurso oficial: transmite vídeos e cria falsos slogans (*Não compre, Não beba)*, experimentos culturais que debocham das ações subliminares da propaganda. Trata-se de uma ofensiva no campo do visível usando o próprio instrumento de dominação como palco para uma inversão irônica. Assim, Franco não nega a rede, mas tenta

empregar suas ferramentas para perverter suas mensagens, um gesto que Han consideraria ingênuo ou cooptado, mas que Ciberpajé vive como encenação crítica.



Figura 5. Vídeo Canal666BR. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ig3j6DNV4jU

Na arte gráfica tradicional, Franco faz algo similar. Em obras como *Elegia* (2016) ou *Licanarquia* (2021), ele combina elementos do folclore, heavy metal e ciência, criando quadrinhos que são quase encantamentos visuais contra a sociedade uníssona. Embora não sejam textos políticos convencionais, eles carregam uma irritação radical: monstros que simbolizam o controle, paisagens dissecadas pelo capitalismo, e ritos tecnológicos. Não raramente, seus enredos investem contra o discurso liberal, mostrando um ciberespaço distópico onde tudo é comprável, o inferno do igual em que sua obra se insere de maneira irônica como parte estranha.

De modo geral, Franco aposta na semiologia fabulosa: usa símbolos e narrativas míticas para evidenciar a opressão invisível. A noção de au-

rora pós-humana, por exemplo, representa a esperança de ultrapassar o conformismo unidimensional. Para Franco, cada postagem é um ritual, cada *Like* é a batida metalizada de um coração e cada evento online um encontro iniciático. Para Franco a Arte tem um potencial religioso, mesmo que use de elementos mundanos da tecnologia. Enquanto Han critica as redes por tornarem tudo positivação sem negatividade, Franco enfatiza a necessidade de reencontrar a alteridade interna. Seu Ciberpajé surge sempre em ritos e performances, não apenas como personagem, mas como um estado de coisa: é a prova viva de que há um outro no próprio sujeito. Em outras palavras, ele transforma a imersão digital em confronto simbólico com o Outro, seja esse o caos da sociedade ou sua própria sombra interior. Surge uma arte que se pretende resistência, mas será que consegue se efetivar nessa proposta?



Figura 6. Capa do CD *"CybOrgasmOrgy"* da one-man-band Posthuman Worm, com arte e músicas provocativas do Ciberpajé. O CD pode ser ouvido online. Fonte: link: https://terceiromundochaos.bandcamp.com/album/cyborgasmorgy

III. Discussão crítica

Neste ponto pode-se relembrar a noção de A Sociedade da Transparência de Han e sua discussão sobre o ativismo. A exigência de exposição contínua nas redes sociais transforma a subjetividade em mercadoria, minando a possibilidade de resistência. *"A sociedade da transparência é uma sociedade sem resistência, sem negatividade."* (Han, 2012, p. 28). Nesse cenário, o ativismo digital torna-se um espetáculo, muitas vezes voltado mais para a construção de uma identidade pública do ativista do que para a transformação concreta das estruturas sociais. A performance substitui a política; a visibilidade e a eficácia. Han argumenta que vivemos em uma era marcada pela compulsão à visibilidade.

Além de Han, Guy Debord (1997), oferece leituras críticas sobre os limites e armadilhas desse fenômeno. Ao analisarmos o ativismo digital à luz da Sociedade do Espetáculo, evidenciamos como a lógica da exposição e da imagem, dominante nas redes, pode esvaziar o conteúdo político e converter a militância em performance superficial. Debord já advertia que vivíamos numa sociedade onde a experiência imediata era substituída por representações. Segundo ele: *"O espetáculo é a principal produção da sociedade atual."* (Debord, 1997). A lógica do espetáculo encena a política, mas esvazia seu conteúdo transformador.

Nesse ponto, os dois autores, Han e Debord, convergem: o ativismo digital, quando moldado apenas pela imagem e pelo desempenho, se torna funcional ao sistema que pretende criticar. Nas palavras de Han: *"A sociedade da transparência é uma sociedade da exposição e do desempenho, não da reflexão ou resistência."* (Han, 2012). O ativista digital é transformado em um empreendedor de si mesmo, que capitaliza moralmente sua presença online.

A lógica neoliberal do desempenho infiltra-se até mesmo nas práticas de denúncia e militância, corroendo o espaço da coletividade e da

negatividade: elementos fundamentais para o pensamento político. No contexto atual, o ativismo digital encarna essa previsão: causas sociais tornam-se *trending topics*, protestos são medidos por visualizações e a indignação política se converte em estética da viralização. As redes produzem a aparência de engajamento coletivo, mas operam como uma vitrine fragmentada e distraída.

O que importa não é o debate público, mas o impacto visual, o post mais compartilhado. Ambos autores denunciam que a visibilidade, longe de ser emancipadora, pode ser instrumento de dominação. Para Han, o excesso de transparência elimina o espaço de resistência, tornando tudo exposto, monitorável e mensurável. *Hashtags* como *#BlackOutTuesday,* embora bem-intencionadas, muitas vezes geraram mais visibilidade estética do que ação concreta. A adesão massiva a causas em redes sociais frequentemente não se traduz em mobilização contínua, planejamento estratégico ou impacto político institucional. O Ativismo pode não ser completamente inócuo, mas acaba sempre sendo mensurável financeiramente e supérfluo no final das contas.

Ao cruzarmos essas análises, vemos que o ativismo digital se encontra num impasse entre a visibilidade compulsória e a espetacularização da política. A crítica desses autores nos desafia a repensar as formas de engajamento na era da informação: menos centradas na imagem e mais comprometidas com a formação de um *"nós"* político durável e transformador. O digital pode ser meio de luta, mas não basta ser visto — é preciso agir além da tela. A crítica de Han e Debord nos serve menos como condenação do meio digital e mais como alerta sobre seus limites estruturais. A questão, portanto, não é abandonar o ativismo digital, mas resgatar sua potência política real: deslocá-lo da lógica da performance para a construção coletiva, do espetáculo para a escuta e articulação.

Retorna-se à psicopolítica, a arte sofisticada de controlar não o corpo, mas a alma; não os comportamentos visíveis, mas os desejos mais íntimos. O neoliberalismo cooptou até mesmo os ideais de liberdade e

autonomia. O sujeito digital sente-se livre ao produzir e se expor, mas, paradoxalmente, está sendo explorado por mecanismos algorítmicos invisíveis que coletam dados e moldam comportamentos. É preciso recusar a transparência total como fetiche e o espetáculo como substituto da ação.

Por isso, segundo Han, o conceito de narcisismo possui uma centralidade na constituição subjetiva contemporânea, sobretudo no contexto do ativismo digital. Han propõe uma leitura em que o engajamento político nas redes sociais se torna expressão de uma lógica narcísica e performática, mais voltada à autoimagem do que à transformação coletiva. O narcisismo, tradicionalmente concebido como um distúrbio individual, tornou-se um paradigma coletivo.

No mundo digital, onde a presença social se confunde com performance, o eu se converte em mercadoria e o ativismo político em autoexposição, exacerbado pelas estruturas das redes sociais, comprometendo a possibilidade de uma política genuína. Na teoria freudiana, o narcisismo é uma etapa psíquica fundamental, mas que, se exacerbada, pode gerar patologias de relação. Freud distinguia o narcisismo primário, voltado à constituição do ego em que a energia se volta para o eu tornando o indivíduo se colocar como centro da realidade, e o secundário, como retorno defensivo ao eu ideal, retira-se o investimento nos objetos exteriores para que retorne ao próprio eu, geralmente devido a frustrações com esses mesmos objetos.

Desse modo, cabe perguntar: Será que o ciberativismo de Franco estaria fadado a uma lógica narcisista como todas as outras? A aparente contradição de usar as redes (o próprio olhar panóptico) para desconstruir o espetáculo pode ser interpretada como um sintoma da própria sistêmica. Por um lado, Franco sintoniza com Han ao desiludir-se com os clichês da era da transparência: ele inclui em sua obra perfis demoníacos e rituais ocultos justamente para introduzir a negatividade em sistemas que só conhecem o positivo. Suas histórias pós-humanas bus-

cam restituir o mistério e o assombro, lembrando que o erotismo não existe na transparência, mas é a pornografia que impera, só no enigma do Outro há beleza. A ênfase em mitologia pessoal e alteridade sugere um anseio de recriar vínculos comunitários. O Ciberpajé convoca uma audiência, cria atividades artísticas e performáticas que incitam rituais de atenção e introspecção, criticando as próprias vivências em rede.



Figura 7. Foto do Ciberpajé em performance de seu grupo Posthuman Tantra no Teatro da Funarte, em Belo Horizonte, Brasil, 2025. Link: Fonte: Instagram do Ciberpajé. Fonte: link: https://www.instagram.com/p/DKSsycbSYWf/?img_index=1

Por outro lado, Franco não se desconecta do movimento mercantil. Ele escolhe propositadamente meios pelos quais veicular sua mensagem, como canais de streaming, ilustrações impressas ou performances ao vivo. Essas próprias escolhas, sob a perspectiva de Han, reforçam o espalhamento da proximidade absoluta na rede que parece ser inescapável. O Canal de Franco, embora crítico, usa recursos típicos de *clickbait* e marketing viral. As redes sociais do Ciberpajé (*Instagram, YouTube*) exibem uma estética ritual-rock tão bombástica quanto

qualquer produto mainstream. Nelas, Franco alimenta seu próprio espetáculo do ego*:* biografias místicas, selfies enigmáticas, live streams. Cada operação de click se converte em visibilidade contabilizada, exatamente o que Han diz que dissolve o nós em fragmentos de eu.

Assim, a tensão central emerge: até que ponto a obra de Franco é resistência legítima? Ou até que ponto é um sintoma do sistema que critica? Para Han, a militância digital costuma ser volátil e cooptada – afinal, todos os *"likes"* e *hashtags* podem ser mercantilizados pela lógica do algoritmo. O ativismo se dilui em capital social. Nesse sentido, um possível diagnóstico é que Ciberpajé corre o risco de encenar a própria crítica sem transmutá-la: sua arte pode acabar sendo mais um ritual estético do que uma ação subversiva institucionalizada. Han questionaria se os seguidores que apreciam as provocações do Ciberpajé se sentirão tentados a confrontar o poder real nas ruas ou nos órgãos oficiais ou se continuarão presos no enxame de feedback instantâneo.

O fato de Franco não levantar uma plataforma política concreta, mas permanecer no domínio simbólico, reforça essa incerteza haniana. Entretanto, há nuances: diferente do tédio homogêneo que Han descreve, a produção de Franco transborda excesso e inconformismo explícito. Seu trabalho cria rupturas de sentido, às vezes grotescas, às vezes místicas, que armadilham a positividade vigente. Ele levanta a cortina com humor ácido ao criar falsos anúncios contraditórios. Ordens como *"*Não compre! Não beba!*"* podem parecer absurdos, mas despertam o desconforto necessário para que algo vibre fora do script.

Ainda que suas plataformas sejam as mesmas, Franco tenta 'desorientar a plateia': ao misturar elementos de heavy metal, xamanismo e quadrinhos pós-humanos, ele rompe com a estética limpa e polida da cultura de massa. Pode-se dizer que ele reforça o lugar-comum de Han, o fetiche pela aparência, para depois inverter o jogo, mostrando que, por trás daquele verniz plástico, arde um descontentamento corrosivo. Nesse jogo ambíguo, surgem também interrogações sobre a dimensão

comunitária. Han adverte que no enclausuramento da rede somente nos encontramos com iguais.

Franco, por sua vez, retoma o ritual coletivo em outros espaços: nas apresentações de sua banda *Posthuman Tantra*, nos encontros de ativação ritualística que organiza, ou mesmo em feiras de quadrinhos underground. Nessas instâncias, o Ciberpajé é figura de conexão, atuando como um guia-lobo ou pai xamã que junta pessoas de ritos semelhantes. Ele não tem ilusões de criar uma massa antagonista no sentido clássico, mas cultiva uma comunidade de adeptos da dissidência estética. Através desses laços, busca reinserir algo da dimensão do "Nós" em um contexto narcisista, um eu que conscientemente se estranha ao olhar-se espelho e invoca o outro.

Essa atitude se alinha, surpreendentemente, a uma crítica de Han. Franco propõe que o outro essencialmente diferencia o conteúdo do seu próprio ser, evidenciando que sua persona digital está em constante mutação e não em isolamento. Por fim, é preciso perguntar se Franco oferece alternativas críveis à transparência normativa. Seu único instrumento explícito é a própria arte. Diferentemente de movimentos sociais organizados, ele aposta na criação de momentos de fascinação e recorre a metáforas alquímicas e performances oníricas. Há algo de prometeico nisso: como se dissesse que a transformação política ocorrerá pelo estranhamento visceral, e não por panfletagem direta. Se Han vê o ativismo na rede como espetáculo sem conteúdo, Franco sugere que, talvez, só um espetáculo de outra natureza possa plantar dúvida nas trevas da exposição. Em termos práticos, porém, não há garantia: o Ciberpajé não descobre uma nova política, mas desenha trilhas poéticas que visam resgatar o negativo. Se esta tentativa é bem-sucedida ou se dilui na lógica de consumo de atenção, fica em aberto.



Figura 8. Foto performática do Ciberpajé em seu Instagram, publicada com um de seus aforismos, 2024. A legenda que acompanha a foto é: *"A morte quer morrer, mas só ela resiste à sua própria foice afiada pela inevitabilidade do tempo. Quem liberar a morte de sua sina cruel de ser imortal, receberá dela esse presente de grego, a chaga incurável da eternidade! (Ciberpajé) * Aforismo-poema escrito por mim diante do túmulo do memorável poeta da morte Augusto dos Anjos, em Leopoldina, Minas Gerais."*.Fonte: Instagram do Ciberpajé - https://www.instagram.com/p/DLfKclcMv7g/

A depressão é a patologia da liberdade capturada. No ativismo digital, esse mesmo mecanismo se reproduz: o militante precisa estar sempre presente, atualizado, opinando. A causa se torna uma carreira. O engajamento vira obrigação e a pausa é traição. O gozo vem não da transformação do mundo, mas dá visibilidade de si na luta, vaidade revolucionária, alimentada por corações vermelhos, emojis e seguidores. Um gozo que encarcera e se tudo o que é dito pode ser capturado, quantificado e domesticado, talvez o verdadeiro gesto revolucionário seja o silêncio, que não é fuga, mas estratégia. Um silêncio que preserva o mistério, o indizível, a negatividade radical que escapa ao algoritmo.

Han sugere, em seus últimos escritos, que o que resta ao humano talvez não seja falar mais, mas calar de forma mais profunda. Preservar zonas de opacidade, espaços de não-produção, territórios não mensuráveis. Nesse sentido, o silêncio é um grito que o Big Data não sabe escutar, recusa que o sistema não consegue traduzir. Uma ausência que desafia a ditadura da presença constante. Repensar a resistência e sair do campo da visibilidade desobedecendo à lógica da exposição fundando uma nova ética do não-dizer.

Considerações finais

Apesar das críticas contundentes, a obra de Han não recusa completamente a tecnologia, mas alerta para seus usos conformistas. O desafio, segundo o filósofo, é repensar o digital como um espaço de escuta, pausa e negatividade que elementos essenciais para a formação de um *"nós"* político autêntico. O ativismo digital só poderá cumprir seu potencial emancipatório se for capaz de romper com a lógica do desempenho e da transparência total, resgatando a alteridade, o silêncio e a construção coletiva. Han nos oferece uma crítica poderosa ao entusiasmo acrítico com o ativismo digital. Sua filosofia nos convida a refletir

sobre o que significa resistir em uma sociedade onde o poder opera de forma cada vez mais invisível, íntima e sedutora.

O ativismo, para ser realmente político, precisa recuperar sua capacidade de instituir um espaço comum, o que exige mais do que cliques: exige tempo, silêncio, negatividade e, sobretudo, coragem. Han, esse monge do desencanto eletrônico, profeta do cansaço, nos conduz pelas galerias translúcidas do novo império: da informação e da performance. A liberdade, diz Han, tornou-se um espelho e já não é a liberdade do segredo, do recuo, da profundidade, mas do exibicionismo, exposição total que exige que tudo se torne visível, auditável, quantificável.

Mesmo diante de tantos limites, visibilidade forçada, vigilância horizontal, autoexploração, o ativismo digital não é uma causa perdida. Há frestas. A primavera árabe brotou nas redes e as denúncias de racismo, feminicídio e homofobia alcançam corações antes impermeáveis. Vozes que nunca teriam vez em palanques ganham ressonância. Mas é preciso cuidado, ou melhor, o ativismo digital dever ser apenas o início, jamais o fim. Um trampolim e não um palco. Uma faísca e não uma fogueira. A nova revolução pode não ser gritante, mas pode ser um recuo. Uma ausência deliberada, criando um espaço em branco onde não houve curtida, comentário, presença.

A possibilidade reside entre o grito e o eco, post e o corpo, a tela e a praça. Onde há corpo, há risco, e onde há risco, há política. E se, ao fim, a maior forma de ativismo digital for desaparecer dele? E se a verdadeira resistência for aquilo que escapa ao rastreamento? E se, em tempos de transparência absoluta, o mistério for o último ato de subversão? O ativismo digital pode ser o mais novo disfarce da servidão voluntária. Mas se conseguir escapar da lógica da performance e do excesso de positividade ou da prisão da exposição constante, ele pode ser uma nova linguagem do político, que ainda se escreve, entre silêncios, ruídos e desconexões. A luta pode ser contínua, mas talvez não com emojis, au-

sências, com a recusa de ser produto, quem sabe, com um grito que nenhuma hashtag pode traduzir.

Enfim, a análise comparativa sugere que Franco oscila entre resistência legítima e sintoma do próprio sistema. Ele partilha com Han o diagnóstico do esgotamento narcísico da sociedade digital, sua arte ecoa o cansaço (como num heavy metal ritualizado contra a mesmice) e reivindica o valor do Outro e do mistério que a rede derruba. Os projetos de Ciberpajé, ao explicitar o Outro dentro de si e ao expor verdades incômodas (por exemplo, através do Canal 666), apontam para uma reação autêntica contra a homogeneização conceitual. Por outro lado, Franco não escapa dos mecanismos de que tanto reclama: ele mesmo vive num palco de autopromoção digital. Assim, sua ação carrega a tensão ambígua que Han destaca: parte-se de uma intenção subversiva, mas inevitavelmente circula nas dinâmicas sistêmicas que definem a arte na era da vigilância.

Em última instância, a arte do Ciberpajé funciona como um espelho contra-público demostra em decomposição o espetáculo da transparência, mas sem propor uma ruptura institucional definitiva. Ele procura, de fato criar uma resistência digital. Ou seja, o Ciberpajé é um resistente performático que, usando a própria linguagem do sistema, tenta resgatar fragmentos de sacralidade e alteridade. Sua obra não desativa a *prisão de luz* em si, talvez nenhuma consiga fazê-lo completamente, mas procura iluminar fissuras nela: um lampejo lírico para recordarmos que há algo além do brilho das telas. Tal como um mito contemporâneo, ele não oferece resposta clara, mas convida o espectador a desejar a mudança. Resta ao público decifrar: será que o gesto mágico de Franco vai além do reflexo no espelho digital ou será apenas mais um espetáculo dentro do mesmo show? Por ora, o Ciberpajé permanece na fronteira, um arauto que incendeia perguntas no espaço público, propondo que, talvez, a última rebelião seja fundar um eu que

ironicamente reconhece seu próprio aspecto narcísico e o critica, revestido de mistério, no coração transparente da rede.

Referências

Boeder, P. A (2025), Habermas' heritage: The future of the public sphere in the network society. First Monday, *[S. l.]*, v. 10, n. 9. DOI: 10.5210/fm.v10i9.1280.: https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1280.

Castells, M. A. (1999). Sociedade em Rede. Paz e Terra.

Castells, M. A. (2009). Comunicação e Poder. Zahar Editora

Castells, M. A. (2013). Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet. Zahar Editora.

Celikates, R. Kreide, R e Wesche, T. (2015). Transformations of Democracy: Crisis, protest and legitimation. Rowman and Littlefield.

Debord, G. (1997) A Sociedade do Espetáculo. Contraponto.

Deleuze, G. (1992) Post-scriptum sobre as sociedades de controle, in *Conversações*. Ed. 34,

Demétrio, A. 22 de Novembro de 2009 Artista prende celular com 10 cadeados em obra exposta no MIS. Caderno Ilustrada. Folha de S.Paulo.

Fraga, T. e Fragoso, M. (2014.) CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO. ARTE E TECNOLOGIA: Fronteiras em Movimento. Museu Nacional da República.

Franco, E. Ciberpajé em performance de seu grupo Posthuman Tantra no Teatro da Funarte. @ciberpaje. 14 jul. 2025. https://www.instagram.com/p/DKSsycbSYWf/?img_index=1.

Franco, E. *Aforismo-poema escrito por mim diante do túmulo do memorável poeta da morte Augusto dos Anjos, em Leopoldina, Minas*. @ciberpaje. 14 jul. 2025. https://www.instagram.com/p/DLfKclcMv7g/.

Franco, E. Página de minha HQ "Segunda Maçã", nanquim sobre papel. Ela reflete sobre a criação possível de uma I.A. Geral. @ciberpaje. 14 jul. 2025: https://www.instagram.com/p/DKSsycbSYWf/?img_index=1.

Franco, E. O Enterro dos Deuses. (14 jul. 2025) [Canal do Youtube] https://www.youtube.com/watch?v=guAS447sSac. *

Franco, E. Canal Posthumantantra. (14 jul. 2025) [Canal do Youtube] https://www.youtube.com/watch?v=ig3j6DNV4jU.

Franco, E. (14 jul. 2025) Capa do CD CybOrgasmOrgy da one-man-band Posthuman Worm. https://terceiromundochaos.bandcamp.com/album/cyborgasmorgy.

Fraser, N. (1990) RETHINKING THE PUBLIC SPHERE: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. Social Text.

Freud, S. (1974) Introdução ao narcisismo. Obras completas, vol. 12. Imago.

Garcia, D. e Lovink, G. (2002). O ABC da mídia tática. In: Rosas, Ricardo, Salgado, Marcus (eds.). Rizoma.net – Intervenção, 139-141. Visitado em 04/11/2025. Em:. https://desarquivo.org/sites/default/files/rizoma_intervencao.pdf *

Geiger, R. S. (2009) Does Habermas understand the Internet? Gnovis Journal.

Han, B. C. (2012) A sociedade da transparência. Petrópolis: Vozes. 2012.

Han, B. C. (2014) No Enxame: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes.

Han, B. C. (2015.) A Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes.

Han, B. C. (2023) Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Autêntica.

Habermas, J. (2023) Mudança Estrutural da Esfera Pública. Petrópolis, RJ: Vozes.

Habermas, J (2023) A New Structural Transformation of the Public Sphere and Deliberative Politics. Polity Press.

Lasch, C. A (1983) Cultura do Narcisismo. Rio de Janeiro: Imago. 1983

Latour, B. (1994) Jamais fomos modernos. Editora 34,

Lipovetsky, G. (2006) A Era do Vazio. Lisboa. Relógio D'Água.

Raposo, P. (2015) "'Artivismo': articulando dissidências, criando insurgências". *Cadernos de arte e antropologia*, n. Vol. 4, N. 2, 3–12. https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909.

Simondon, G. (2005) *O modo de existência dos objetos técnicos*. Ed. da UFMG.

Possibilidades transmidiáticas na obra do Ciberpajé

Rafael Senra

Resumo: Em 2021, Edgar Franco lança duas obras independentes com o mesmo nome: um EP e uma história em quadrinhos chamadas *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto*. Nesse artigo, mapearemos algumas semelhanças e diferenças entre as obras, que, se não podem ser classificadas como sendo multimidiáticas, guardam entre si características transmidiáticas, elemento esse que é próprio do universo ficcional da *Aurora Pós-Humana* criado por Edgar.
Palavras-chave: Transmidialidade. Multimidialidade. Tecnologia.

Nesse artigo, estudaremos duas obras lançadas em 2021 pelo artista multimídia Edgar Franco, ambas com o mesmo nome, *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto*, sendo um EP musical e uma história em quadrinhos. As duas obras apresentam semelhanças e diferenças que pretendemos analisar, pois, apesar de serem obras independentes, trazem características pertinentes das obras classificadas como sendo transmidiáticas.

Além da coincidência nominal, essas obras são ligadas pelo mesmo conceito, pois fazem parte do universo ficcional transmídia *Aurora Pós-Humana*. Como explicam Edgar Franco e Danielle Barros Silva Fortuna, trata-se de "um universo transmídia de ficção científica criado com o objetivo de servir como ambientação a trabalhos artísticos em

Rafael Senra Coelho. Doutor em Letras (UFJF), professor adjunto de Literatura Brasileira no Departamento de Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFAP. Email: rararafaels@yahoo.com.br.

Artigo publicado no livro "Interfaces Midiáticas e Quadrinhos", de Ivan Carlo Andrade de Oliveira & Rafael Senra (orgs.). Macapá: UNIFAP; São Paulo: Editora Verter, 2024.

múltiplas mídias. A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartistas e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a raça humana, como a conhecemos, está em processo de extinção" (Franco, Fortuna, 2015, p. 43).

Edgar Silveira Franco nasceu em 20 de setembro de 1971, em Ituiutaba, Minas Gerais, e é conhecido como Edgar Franco ou mesmo pela alcunha de Ciberpajé, que foi adotada por esse pensador e artista quando ele completou a idade de 40 anos, através da gravação de uma música ritualística por seu projeto Posthuman Tantra e pela publicação das "10 Chaves da Transmutação em Ciberpajé" (Franco, Barros, 2019, p. 45). Edgar é autor de histórias em quadrinhos, formado em arquitetura, Doutor em Artes e professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Além dos quadrinhos, o artista compila inúmeros lançamentos musicais e performáticos através do projeto Posthuman Tantra, bem como produções cinematográficas e audiovisuais apresentadas em festivais brasileiros e internacionais. Edgar, que se nomeia como um artista transmídia há mais de uma década (Franco, Senra, 2021, p. 09), explora em seu universo artístico diversas mídias: quadrinhos, cinema, prosa, música, etc. Como autor de quadrinhos, lançou obras premiadas, como o romance gráfico *Biocyberdrama* (Editora Opera Graphica), do qual foi roteirista e argumentista, ficando Mozart Couto encarregado dos desenhos e arte final. Em 2004, Couto venceu duas categorias do 20º Prêmio Ângelo Agostini por seu trabalho em *Biocyberdrama* (MOURA, 2013). Dez anos após a publicação desse primeiro volume da Opera Graphica, em 2013, Franco e Couto publicam o álbum *Bio-CyberDrama Saga,* com as três partes do arco da história, agora pela Editora da Universidade Federal de Goiás (Bras, Luiz, 2018).

Praticamente todas as obras de Franco desde os anos 2000 são ambientadas em seu universo da Aurora Pós-Humana. Podemos citar

vários destaques aqui, como a Revista *Artlectos e Pós-Humanos,* cujo primeiro volume foi publicado em 2006, e que venceu o Troféu Bigorna na categoria "revista" em 2009 (Baraldi, 2009), a HQ *Renovaceno* (publicada pela Editora Merda na Mão em 2021) ou mesmo a HQ *Licanarquia,* roteirizada por Edgar e ilustrada pelo veterano Toninho Lima (Naranjo, 2021).

As duas versões de *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto* são publicadas também em 2021, assim como *Renovaceno* e *Licanarquia*. Essa profusão de obras lançadas no mesmo ano pressupõe não apenas uma fase produtiva de Edgar Franco, mas também significa que o universo da Aurora Pós-Humana se encontra estabelecido em seus pressupostos, sobretudo ao se constatar a coerência que perpassa todas essas diferentes narrativas. Em entrevista concedida ao autor do presente artigo, Edgar Franco explica como nasceu a premissa que inspirou as duas obras *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto*:

> *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto* surgiu inicialmente do desejo de inserir de forma simbólica e iconográfica o arcano XV do Tarô, o diabo, no contexto de meu universo ficcional transmídia da "Aurora Pós-humana". Na narrativa, após o fim da espécie humana, essa criatura nasce de forma metafórica e onírica no crepúsculo pós-humano, em um planeta Terra desolado. A história coloca-o em diálogo – na verdade um monólogo – com seu pai morto, metáfora da humanidade (Franco, Senra, 2021, p. 26).

A primeira obra pesquisada no presente artigo foi publicada na Revista Atomic Magazine nº1 (Editora Atomic), e representa o primeiro capítulo de uma HQ chamada *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto*. Até agora, só foram publicados, além desse capítulo inicial, o capítulo II (disponível na Revista Atomic Magazine nº2), e o capítulo III tem previsão de sair em 2023. De acordo com Edgar, a história completa terá 66 páginas, composta de 6 capítulos com 11 páginas cada (Franco, Senra, 2021).

A outra obra estudada aqui envolve o EP *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto* (Lunare Music). O álbum, que tem o mesmo nome da HQ, traz uma parceria entre Edgar Franco e o músico e produtor amapaense Alan Flexa. Como esclarece Edgar, a obra musical "é independente, mas está diretamente ligada ao primeiro capítulo da história em quadrinhos" (Franco, 2021a). Em nosso estudo, percebemos que as duas obras carregam semelhanças e diferenças, as quais serão analisadas nos tópicos a seguir.

Diferenças entre as obras

Ao ler os textos da HQ e dos aforismas lidos no EP, de imediato percebemos que ambas pertencem à mesma matriz. Uma leitura rápida poderia pressupor que se trata do mesmo texto, entretanto, gostaríamos de destacar aqui algumas diferenças entre elas. Não se tratam de acréscimos ou modificações que sejam significativas a ponto de descaracterizar as obras ou a premissa por trás delas. Muitas vezes, é possível pressupor que tenham sido feitas baseadas nos recursos e técnicas oriundos de cada mídia em questão. No caso da música, por exemplo, existe a necessidade de adequar o texto aos compassos e harmonias do tema musical. Já no caso da HQ, um dos cuidados que os artistas precisam sempre ter é o de averiguar se alguns aspectos presentes no texto das narrações não estariam sendo representados também nas imagens, de modo a evitar uma redundância entre os elementos iconográficos e textuais do vocabulário dos quadrinhos. Tais cuidados visam otimizar o potencial oferecido por cada uma dessas linguagens.

Na página 03 da HQ, há uma frase extra: "Em um silêncio avassalador e tão contrastante com sua existência barulhenta" (Franco, 2021b). Ainda na página 09 da HQ, o narrador afirma que conheceu a melhor amiga de seu pai, mas apenas no Ato IV dos aforismas musicados descobrimos quem é essa amiga: "No dia da sua extinção, pai humanidade,

eu nasci, e conheci sua melhor amiga, a ceifadora" (Franco, 2021c). Outra mudança está no fim do EP (Ato IV dos aforismas musicados), que acrescenta uma repetição mântrica da palavra "Nada" (Franco, 2021c).

Influências mútuas

De acordo com Edgar Franco, o processo de produção do EP e da HQ *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto* não tiveram influência mútua. Ou seja, tratam-se de dois processos criativos diferentes, que, apesar de partirem do mesmo argumento e dos mesmos aforismas, tiveram contexto de produção distintos. "Fiz questão de não passar a HQ para ele (Alan Flexa) ler, não queria uma contaminação da visualidade na sonoridade neste caso, o que mais me interessava era a narrativa". (Franco, Senra, 2021, p.30). Como Edgar fez a HQ antes do disco, é sabido que não houve influência da produção musical em relação à produção sequencial dos quadrinhos. No caso do disco, Edgar tomou o cuidado de não informar a seu colaborador Alan Flexa sobre o conteúdo da HQ. Portanto, o EP e a HQ *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto* podem ser lidas como obras independentes entre si, apesar de fazerem parte do mesmo universo ficcional:

> Tanto a HQ quanto o EP são obras transmídia pois inserem-se nas produções artísticas da Aurora Pós-humana! Mas se olharmos para elas como obras isoladas – o que não deve ser feito – podem ser consideradas como duas narrativas em suportes diferentes contando a mesma história no contexto transmídia da Aurora Pós-humana. O interessante é que são obras independentes – como todas as outras criações para a Aurora Pós-humana, mas neste caso possuem uma conexão inusitada – ainda inédita no universo ficcional – pois contam a mesma história! (Franco, Senra, 2021, p. 27).

A citação de Edgar deixa claro que as duas obras de mesmo nome não são obras multimidiáticas, ou seja, não envolvem uma mesma narrativa que começa sendo contada em uma mídia e que passa a ser narrada com diferentes códigos em outra mídia. Trata-se de obras distintas, que trazem o mesmo nome e a mesma história, mas que são contadas em mídias diferentes, e a partir daí é possível atribuir um caráter transmidiático que perpassa essas diferentes obras.

Tecnologia e autoralidade

Nos dois trabalhos, a visão de Edgar sobre a obra sofre interferências que escapam de seu controle, e que trazem nuances inesperadas até mesmo para seu criador. Na HQ, o uso da tecnologia Neural Style Transfer: o uso de redes neurais para aplicar texturas feitas por Inteligência Artificial. Já no EP, temos as contribuições musicais feitas pelo músico e produtor Alan Flexa. Portanto, esses artifícios tem duas naturezas distintas: 1) a contribuição de um parceiro, que irá acrescentar novos elementos à visão original de Edgar Franco, e 2) recursos tecnológicos otimizados pelo artista, que são tidos como oportunos para o projeto estético em questão, mas que não deixam de figurar como elementos externos, não tendo sido produzidos originalmente por Edgar.

Esses recursos tecnológicos surgem em uma etapa de arte-finalização dos projetos. No caso dos quadrinhos, só são inseridos na fase final de produção. As etapas de criação e estruturação do projeto, de acordo com Franco, são feitas apenas pelo artista utilizando um suporte analógico:

> Sigo um apaixonado pelo desenho em suporte papel, inclusive todas as minhas artes nascem primeiro no papel e só depois digitalizo. Nunca me acostumei com as mesas digitalizadoras, gosto mesmo é de desenhar no papel, e sigo criando HQs também praticamente sem recursos digitais, como na minha revista anual *Artlectos & Pós-humanos* (Marca de Fantasia), já com 13 números publicados (Franco, Senra, 2021, p. 18).

Os recursos de redes neurais foram uma incorporação recente de Edgar, mas, ainda assim, não há dúvidas de que esse tipo de abordagem tem total ressonância com os pressupostos de seu universo ficcional da Aurora Pós-Humana:

> Mas, como já destaquei, encontrei nesses 4 anos recentes uma possibilidade nova e que comecei a experimentar e gostar dos resultados plásticos e estéticos e só agora estou me aventurando a criar HQs agregando esses recursos de redes neurais, até então estava usando só para ilustrações. Devo dizer que as IAs ainda são muito limitadas, usam estratégias para irem aprendendo lentamente que desejamos, então não existe nenhuma mágica no processo. É algo que demanda tempo para ir entendendo como o algoritmo funciona, é como aprender uma técnica de pintura (Franco, Senra, 2021, p. 18-19).

O paralelo com a pintura é interessante, e abre margem para algumas reflexões oportunas. Muitos detratores das possibilidades digitais alegam que, ao usar recursos como o uso de aplicativos, mesas digitalizadoras e redes neurais, o ilustrador estaria delegando parte do controle do resultado final a um "robô" ou um computador, e, no fim das contas, a obra final poderia perder seu caráter humanizado, por assim dizer. Quem afirma esse tipo de ideia provavelmente nunca praticou ou ao menos observou o processo de produção de uma pintura em um ateliê. Se mencionarmos, por exemplo, a técnica de pintura em aquarela, estaremos falando de um método completamente analógico; contudo, trata-se de uma abordagem em que o pintor não irá deter o controle completo do resultado final da pintura. Mesmo que ele tenha consciência de como alguns detalhes serão empregados (a direção das pinceladas, a paleta de cores, a composição da imagem), o pintor sabe que, ao inserir água, a forma da imagem sofrerá interferências que não podem ser plenamente contidas. Esse caráter imprevisível, aliás, é o que identifica e traz beleza ou até mesmo legitimidade à técnica de aquarela.

A diferença em relação ao que Edgar Franco faz é que, no caso das suas obras, o recurso técnico é de natureza digital. Franco tem consciência das limitações e dos efeitos colaterais que são inerentes à tecnologia digital. Seu intento, nesse sentido, visa subverter alguns usos costumeiros desses recursos, buscando trazer a essa técnica possibilidades transgressoras, artísticas, libertárias, e até mesmo éticas.

> Tenho visto essas técnicas serem utilizadas para o mal, criando deep fakes que possibilitam a difusão de fake news, ou também para o mundo do entretenimento insosso, mas podemos subverter – em certa medida – as suas destinações e utilizá-las para criar arte. Penso ser uma atitude ciberpunk subverter essas tecnologias para criação de arte autoral underground.
>
> Quanto à tecnologia digital como um todo, tenho algumas restrições gerais à superexposição humana à linguagem binária que em seu cerne é indutora de extremos – pois sua base é o sim ou o não, o zero ou o um, a dicotomia, os extremos. Por isso creio na necessária evolução de uma computação quântica que dê um salto em relação ao atual binarismo dessa linguagem.
>
> Também tenho restrições aos algoritmos das redes sociais baseados no aspecto obscuro da psicologia de Skinner e Pavlov, ou seja, estímulos negativos produzem muito mais engajamento do que os positivos. Mas tanto na música quanto na arte visual utilizo-me das ferramentas que acredito poderem amplificar as intenções poéticas e estéticas de minhas obras, venham elas de onde vierem (Franco, Senra, 2021, p. 19).

No caso da música, também temos um tipo de interferência tecnológica externa, que envolve a escolha dos *timbres e sons* usados na gravação ou execução dos temas compostos. Aqui, estamos lidando com características que não são exclusivamente oriundas do universo digital. Antes do século XX, os instrumentos musicais produziam sons que dependiam de suas características físicas – a mistura de seu material estrutural/ sua carapaça (geralmente madeira ou metal) com interferências produzidas por contatos que podem ser cinéticos (no caso de

instrumentos percussivos ou do piano) ou contatos em cordas. Nas primeiras décadas do século XX, a música eletroacústica inaugura novas possibilidades de sons e timbres, nascidas do casamento entre música e eletrônica. A invenção de instrumentos como o Dynamophone ou Telharmonium em meados do ano 1900, o Thereminovox em 1920 ou mesmo o Trautonium em 1930 representam um pioneirismo nessa área (Fugazza, 1983, p. 124-125).

Essas primeiras invenções mencionadas nem sempre foram profusamente utilizadas na cultura popular. Dessa lista, foi o Theremin que acabou sendo usado em gravações de artistas como Ennio Morricone, Portishead, Pixies e, no Brasil, a banda Pato Fu; entretanto, vários desses instrumentos apenas serviram como experimentos, cujos dados e conclusões contribuíram para que, em décadas posteriores, instrumentos mais bem estruturados pudessem ser construídos.

É na década de 1960 que começam a surgir sintetizadores capazes de oferecer novas possibilidades de timbres eletroacústicos diferenciados. Um dos primeiros sintetizadores dessa época foi o Mellotron, popularizado por bandas como Beatles, King Crimson, e, principalmente, pelos Moody Blues (que adotaram esse teclado como uma marca registrada). O Mellotron nasce da tentativa de que bandas pudessem reproduzir ao vivo sons orquestrais, e o timbre de cada uma das suas teclas vem de fitas magnéticas cujo conteúdo traz gravações de instrumentos de orquestra, como violino, cello, flauta, dentre outros. Apesar da tentativa de emular orquestras, o Mellotron na verdade acabou por produzir um som bem característico, que, mesmo sendo considerado pejorativo num primeiro momento (pois fracassava em demonstrar fidelidade ao som de uma orquestra), acabou tornando-se cultuado ao longo do tempo (Gomes, Neves, 1993, p. 73).

Portanto, o Mellotron pode ser apontado como uma espécie de "antepassado" dos *samplers* e mesmo da tecnologia MIDI, tão popular a partir dos anos 1990. Além disso, esse instrumento traz um aspecto que

também pode ser notado nos artifícios e recursos digitais das artes plásticas: a tentativa de utilizar aparatos tecnológicos para reproduzir algo produzido analogicamente. Nesse sentido, o intento do Mellotron não traz diferença em relação aos softwares e aplicativos que prometem a ilustradores emular técnicas analógicas como a pintura a óleo, acrílica ou mesmo a aquarela. No caso do nosso objeto de estudo (as obras de Edgar Franco e Alan Flexa), o uso da tecnologia em alguns momentos traz sons acústicos, executados ou sampleados. Em outros momentos, o que Franco e Flexa visam permitir que a tecnologia *apresente as suas próprias características e peculiaridades*. De acordo com Edgar,

> Na música utilizo muitos sons analógicos que são remodulados digitalmente para gerarem outras sonoridades, e uso também sintetizadores e plug-ins digitais de simulação de instrumentos – nesse caso são recursos que me permitem criar sons que não poderiam ser criados por mim, pois não teria como comprar um órgão, por exemplo (Franco, Senra, 2021, p. 19).

Na música popular, a tradição de criações de sons únicos, não diretamente relacionados à sons acústicos específicos, é vasta e considerável. Já em 1965 temos um marco no lançamento do sintetizador Moog, que oferecia sons muito característicos, ou seja, que não tentavam emular nenhum outro instrumento acústico. O ponto crucial por trás desse teclado (e de tantos outros lançados posteriormente, sejam analógicos ou digitais, como o Synclavier, ARP, Korg, Oberheim, Birotron e outros) é a possibilidade de *sintetizar sons*. Todas as propriedades de um som – envolvendo parâmetros como altura, envelope, amplitude, timbre, reverberação ou modulação – poderiam ser controlados pela pessoa que executava o instrumento, através de chaves, teclas e mostradores (Howe JR. In: Sadie, 1980, p. 108). Edgar Franco não apenas já usou de sintetizadores em seus trabalhos musicais, mas até mesmo de Inteligência Artificial:

> Em um caso específico criei, em parceria com o musicista Eufrásio Prates, um EP musical que utiliza a IA do Google para gerar todos os sons finais. Eufrásio é um grande conhecedor de música e redes neurais e criou as faixas de nosso EP *Holofraktaforismos* todas a partir de minha voz remodelada na IA do Google, é um experimento muito forte e que me surpreende (Franco, Senra, 2021, p. 19-20).

Apesar de tais experimentos, Edgar Franco afirma que não pretende fechar sua estética sonora em um único tipo de abordagem – no caso, na possibilidade de sintetizar sons distantes dos que podem ser feitos de maneira analógica. Um de seus discos, feitos em parceria com a banda Alice Psicodélica, traz músicas do Posthuman Tantra gravadas com berimbau de boca, udo e apitos indígenas. Como define Edgar, "A banda tem essa característica experimental que irrita alguns fãs mais conectados com minhas músicas no estilo dark ambient, pois não tenho amarras de estilo para criar os sons" (Franco, Senra, 2021, p. 22).

No processo de produção do EP, Franco não apenas passa o texto dos aforismas para Alan Flexa, como também compartilha algumas sugestões e referências que pudesse guia-lo na composição e execução da parte musical:

> Passei o texto para Alan, dividindo-o em 4 atos – para gerar as faixas a partir das atmosferas suscitadas por esses atos, tive que pensar nesses blocos de texto que tivessem uma coerência intrínseca, pois na HQ – que tem 11 páginas – essa divisão não acontece. Alan Flexa é um grande musicista, a única coisa que falei para ele é que imaginava um clima de trilhas sonoras de filmes de terror e suspense das décadas de 1970 e 1980 como no clássico *O Exorcista* e nos filmes de John Carpenter (Franco, Senra, 2021, p. 30).

Franco diz também que "Flexa decidiu por criar as atmosferas em sintetizadores e plugins, mas utilizou-se também de gravações analógi-

cas de cordas e outros instrumentos para gerar efeitos sonoros" (Franco, Senra, 2021, p. 31).

Conclusão

Podemos perceber que as duas obras nomeadas como *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto* possuem características próprias, e podem ser lidas até mesmo como obras independentes, sobretudo por não se caracterizarem como obras multimidiáticas. Apesar disso, existe uma forte coincidência temática e lírica que une as duas obras, como define Edgar Franco: "A unidade estética existente entre HQ e EP é o texto – o monólogo de Belzebu – que os conecta diretamente, o resto é uma nova perspectiva poética que se agrega ao conceito geral com a participação singular de Flexa" (Franco, Senra, 2021, p. 33). Essas obras feitas em diferentes mídias guardam particularidades e semelhanças que justificaram nossa análise no presente artigo. Uma delas é feita exclusivamente por Edgar Franco, e a outra já envolve uma parceria de Edgar com o músico Alan Flexa. Se a HQ foi obra de uma única pessoa, acreditamos que o processo de alteridade que permeou a criação da obra musical não comprometeu o resultado final do álbum, e aqui é preciso destacar também os méritos do talento de Flexa como músico e produtor. No fim das contas, a coerência artística que perpassa essas duas obras, feitas em mídias diferentes, dizem muito sobre a integridade do universo ficcional da Aurora Pós-Humana, onde se passam as narrativas das obras em questão.

Referências

BARALDI, Marcio. Ganhadores do Troféu Bigorna em 2009. In: *Bigorna.Net*. Publicado em 13 de outubro de 2009. Disponível em: https://www.bigorna.net/index.php?secao=noticias&id=1255408254. Acessado em 25 de setembro de 2022.

BRAS, Luiz. BioCyberDrama saga. In: *Blog Ficção Científica Brasileira*. Resenha publicada em 13 de abril de 2018. Disponível em: https://ficcaocientificabrasileira.wordpress.com/2018/04/13/biocyberdrama-saga/ . Acessado em 20 de setembro de 2022.

FRANCO, Edgar. SENRA, Rafael. Ciberpajé e as obras artísticas pandêmicas. Entrevista de Edgar concedida à Rafael Senra. In: *Revista Imaginário!*. Nº 22. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2021.

FRANCO, Edgar. Conversas de Belzebu com Seu Pai Morto. In: *Atomic Magazine*. Revista Quadrimestral de Quadrinhos - Ano 1, Número 1 - Abril de 2021 - Colaboradores: Law Tissot, Ciberpajé, Gazy Andraus, Emir Ribeiro e Laudo Ferreira. Palhoça, SC: Editora Atomic, 2021b.

FRANCO, Edgar. BARROS, Danielle. *Conversas com o Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019.

FRANCO, Edgar. FLEXA, Alan. *Conversas de Belzebu com Seu Pai Morto*. Lunare Music: 2021c. Suporte digital. Duração: 06:59.

FRANCO, Edgar. FORTUNA, Danielle Barros. Histórias em Quadrinhos, Performance e Vida: Da "Aurora Pós-humana" à "Ciberpajelança". In: REBLIN, Iuri Andréas. RODRIGUES, Márcio dos Santos. *Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar*. Leopoldina: ASPAS, 2015.

FUGAZZA, Gian Felice. Musica Elettronica. In: *Dizionario Enciclopedico Universale Della Musica e Dei Musicisti*. Torino: UTET, 1983.

GOMES, Alcides Tadeu. NEVES, Adinaldo. *Tecnologia aplicada à música*. São Paulo: Livros Érica Editora, 1993.

HOWE JR., Hubert S. Electronic Music. In: SADIE, Stanley (org.). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. London: Macmillan, 1980. v. 6.

MOURA, Matheus. Autoralidade e pós-humanismo nos quadrinhos do Ciberpajé. In: *Quadrinhos e Comunicação: entrevistas com autores e teóricos*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2013.

NARANJO, Marcelo. Atomic lança *Licanarquia*, HQ do Ciberpajé com arte de Toninho Lima. In: *Universo HQ*. Matéria publicada em 23 de agosto de 2021. Disponível em: https://universohq.com/noticias/atomic-lanca-licanarquia-hq-do-ciberpaje-com-arte-de-toninho-lima/ . Acessado em 25 de setembro de 2022.

A paratopia, a desterritorialização e a cultura da poética ciborgue nos discursos artísticos de Edgar Franco *Ciberpajé*

Ricardo Celestino

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, Edgar Franco, artisticamente conhecido como *Ciberpajé*, tem se destacado por sua produção de discursos artísticos que utilizam inteligências artificiais como ferramentas criativas. Criador do universo ficcional Aurora Pós-humana e coordenador do grupo de pesquisa Cria_Ciber, vinculado à Universidade Federal de Goiás, Franco defende o uso das IAs como um meio para alcançar novos métodos de pensamento e criação. Este capítulo propõe uma reflexão sobre um aspecto da cultura do século XXI, a poética ciborgue, evidenciada pela forma que as inteligências artificiais generativas estão sendo cada vez mais incorporadas nas rotinas de criação artística, particularmente em iniciativas de vanguarda, *underground* e independentes.

Ricardo Celestino. Doutor e mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É Professor do Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autor dos romances *Até que a brisa da manhã necrose teu sistema* (Clube de Autores, 2021) e *Banho de Sol* (Patuá, 2022) e do livro de contos *O vazio e sei lá o que mais...* (Selo Necrose, 2024). Tem se dedicado a pesquisar os modos de enunciação do insólito na Literatura, em diálogo com a Análise do Discurso de linha francesa e a Psicanálise.

Texto publicado no livro Cultura e Análises de Discurso, organizado por Jarbas Vargas Nascimento. São Paulo: Blucher, 2024.

À luz das teorias de Ernesto de Melo e Castro, em *Poética ciborgue*, compreendemos que uma das condições para uma poética ciborgue é a consolidação de mitos, que sustentam os esforços irracionais da mente humana para criar algo racional. O mito da máquina criadora é um exemplo significativo que, embora ainda não completamente consolidado, é alimentado pelos avanços de plataformas como o ChatGPT e outras ferramentas de inteligências artificiais generativas. Esses avanços fomentam a expectativa de uma maior autonomia da máquina em relação ao humano. No entanto, a mediação humana permanece central para a potência criativa dessas ferramentas, configurando a sinergia entre corpo orgânico e corpo sintético, homem e máquina.

O salto subjetivo que as inteligências artificiais generativas podem oferecer na construção artística reside na ideia de que a arte se faz pela crítica de cunho dialético, em que cada indivíduo expressa objetivamente um sentir coletivo. Retomando a perspectiva vanguardista do poeta Jorge Meneses, uma "máquina de trovar" seria um aparato tecnológico, que potencializaria essa capacidade humana de expressar o sentir coletivo, atuando como um instrumento de pesquisa e um coletor de sentimentos coletivos.

Como aparato teórico-metodológico de nossa pesquisa, utilizamos a categoria de paratopia, proposta por Maingueneau (2014) e fundamentada pela Análise do Discurso de tendência francesa (AD). A paratopia é uma categoria produtiva por situar o lugar que o enunciador de um discurso artístico ocupa em relação a outros discursos. O enunciador artístico encontra-se em um território que, simultaneamente, existe e não existe, pois as conjunturas para a enunciação desse tipo de discurso são dadas coletivamente, mas de maneira caótica, sem uma instituição centralizadora que certifique uma ordem específica para o fazer artístico. A paratopia influencia a escolha estética dos enunciados artísticos e a maneira como o sujeito se (des)territorializa em relação às conjunturas culturais de seu tempo.

Dialogamos essa noção com as reflexões sobre territorialidade propostas por Gilles Deleuze e Felix Guattari (2014). Em Mil Platôs, os autores observam que, de um lado, há um processo cultural de territorialização, isto é, os espaços sociais são organizados e delimitados, criando territórios definidos, que não se restringem apenas ao espaço físico, mas também a espaços simbólicos, culturais e sociais. A territorialização envolve a criação de limites e a atribuição de significados a esses espaços. Por outro lado, a cultura também oferece ações coletivas de desterritorialização, ou seja, um processo de desestabilização ou desmantelamento dos territórios estabelecidos, representando a ruptura com estruturas fixas e a abertura para novas possibilidades. Compreendemos que os discursos artísticos têm compromissos culturais com a desterritorialização.

Como amostra de pesquisa, selecionamos a animação "O Enterro dos Deuses", coordenada por Ciberpajé, que utiliza a inteligência artificial generativa *Deep Dream* para a constituição de seus enunciados artísticos. Esta obra exemplifica a interseção entre a paratopia, a desterritorialização e a cultura da poética ciborgue, esclarecendo como a sinergia entre humano e máquina pode gerar novas formas de expressão artística e cultural no século XXI.

A cultura da poética ciborgue

Eagleton (2005) conceitua a cultura com base em uma perspectiva marxista, explorando como o conceito se entrelaça com o desenvolvimento do capitalismo e suas transformações ao longo da história da humanidade. Ele argumenta que a cultura não pode ser dissociada das relações de produção e reprodução material da vida, destacando que as práticas culturais são intrinsecamente ligadas às condições econômicas e sociais de cada época. Essa abordagem permite uma compreensão dinâmica e histórica da cultura, reconhecendo-a como um fenômeno

em constante movimento e transformação. Ao adotar essa perspectiva, Eagleton nos convida a refletir sobre como as mudanças nas estruturas econômicas e sociais influenciam e são influenciadas pelas práticas culturais, oferecendo uma visão crítica e abrangente das interações entre cultura e materialidade.

Neste capítulo, temos o objetivo de analisar como as práticas culturais artísticas são impactadas com o avanço tecnológico, econômico e social das Inteligências Artificiais Generativas (IAs). Priorizamos a análise de uma amostra em que o enunciador elabora um discurso artístico híbrido produzido por um humano em colaboração com uma IA, o que pode ser visto como uma manifestação contemporânea polêmica: de um lado, vanguarda, por outro, retrocesso. Obras de arte geradas de forma híbrida por humanos e IA, como pinturas, músicas ou poemas, não apenas refletem as capacidades tecnológicas de nossa era, mas também dialogam com questões econômicas e sociais, como a automação, a ética da criação artística e a redefinição do trabalho humano. Essas práticas artísticas híbridas exemplificam como a cultura está em constante diálogo com as forças materiais e tecnológicas que moldam a vida humana. Elas desafiam as noções tradicionais de autoria e criatividade, propondo novas formas de colaboração e produção cultural. Assim, é produtivo, para essa seção, refletirmos acerca de uma abordagem sobre a cultura artística que implica reconhecer sua natureza histórica e mutável, sempre em diálogo com as forças econômicas e sociais que moldam a vida humana. A arte híbrida, ao integrar elementos humanos e tecnológicos, torna-se um campo fértil para explorar essas dinâmicas e compreender como a cultura se transforma em resposta às inovações e desafios contemporâneos.

Nesse sentido, a perspectiva de cultura apresentada por Eagleton

(2005) possibilita uma análise do processo histórico que enfatiza a natureza dinâmica e mutável dos significados culturais ao longo do tempo. À medida que a história avança, os significados atribuídos aos even-

tos e práticas culturais também se transformam, refletindo as experiências e percepções dos sujeitos em cada período específico. Dessa forma, a cultura é concebida como um conjunto de práticas sociais concretas, profundamente enraizadas na realidade material e nas condições históricas de cada época e não como uma abstração idealizada e desvinculada do contexto social. A cultura deve ser entendida dentro de um processo contínuo de limites e pressões, onde as práticas são constantemente moldadas e remoldadas pelas forças econômicas, políticas e sociais. Essa visão crítica desafia a noção de cultura como algo estático ou universal, destacando sua natureza contingente e situada. Ao reconhecer a cultura como um campo de luta e negociação, Eagleton nos impulsiona a compreender como as relações de poder e as estruturas sociais influenciam e são influenciadas pelas práticas culturais, revelando a complexa interdependência entre cultura e realidade material.

A arte híbrida exemplifica essa interdependência. Situada na interseção entre tecnologia e criatividade humana, esse tipo de produção não apenas reflete as condições econômicas e sociais de nossa era, mas também desafia e reconfigura essas mesmas condições. Santaella (2022) destaca que a colaboração entre humanos e IA na criação artística levanta questões sobre autoria e propriedade intelectual. Quem detém os direitos sobre uma obra criada conjuntamente por um humano e uma IA? Essa questão desafia as noções tradicionais de autoria e pode levar a uma reavaliação das leis de propriedade intelectual, influenciando as estruturas legais e econômicas que governam a produção cultural.

Contudo, a problemática autoral não é a principal polêmica entorno da disseminação das IAs na vida social. Santaella (2022) observa também que o acesso à tecnologia de IA é desigual no Sul Global, refletindo e exacerbando as desigualdades sociais e econômicas existentes. Esse contexto motivou a realização do evento *Aproveitando a IA para equidade social e desenvolvimento sustentável*, organizado pelo G20, em abril de 2024, em Brasília. Especialistas em IA da Índia, África do Sul,

Brasil e da América Latina debateram acerca dos desafios entorno da busca por superação das desigualdades de infraestrutura para o desenvolvimento da IA em países em desenvolvimento. Para compreendermos a disparidade entre países desenvolvidos e em desenvolvimento no quesito investimentos em IA, o encontro apresentou que o investimento privado em tecnologia atingiu 96 bilhões de dólares em 2023. 70% desse investimento tem origem nos Estados Unidos, China e Reino Unido. Outro cenário que estimulou muitos debates foi o fato de que metade da população mundial não tem acesso a uma internet estável e financiamento significativo para manipular e experienciar as potencialidades dessa ferramenta. Nesse sentido, as práticas culturais da arte híbrida podem ser dominadas por aqueles que têm acesso a recursos tecnológicos avançados, marginalizando artistas de comunidades menos favorecidas. Isso cria uma dinâmica de poder onde a inovação tecnológica pode tanto democratizar quanto concentrar o poder cultural. Ainda, as plataformas digitais e as corporações, que desenvolvem tecnologias de IA, têm um controle significativo sobre o que é produzido e disseminado. Isso pode levar a formas sutis de censura e controle cultural, em que certos tipos de expressão artística são promovidos ou suprimidos de acordo com interesses corporativos ou políticos.

Ademais, também podemos observar que a integração de IA na produção artística pode redefinir o conceito de trabalho na economia criativa. A automação de processos criativos pode tanto liberar os artistas para se concentrarem em aspectos mais conceituais quanto ameaçar seus meios de subsistência. Isso reflete uma tensão entre inovação tecnológica e a preservação de empregos humanos, influenciando as políticas de trabalho e economia. Ainda, compreendemos que a arte híbrida exige novas competências e conhecimentos, tanto técnicos quanto criativos. As instituições educacionais precisam adaptar seus currículos para preparar os futuros artistas para trabalhar com IA, o que implica uma transformação nas estruturas educacionais e nos pa-

radigmas de formação artística. Por fim, a colaboração com IA pode expandir as possibilidades de expressão cultural, permitindo a criação de obras, que combinam diferentes tradições e estilos de maneira inédita. No entanto, também pode levar a uma homogeneização cultural, cujas produções artísticas são influenciadas por algoritmos que refletem os vieses e preferências predominantes.

Em face desse cenário, destacamos que a cultura, na perspectiva de Eagleton (2005), é um todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade. A cultura abrange todos os aspectos da vida social, que não são geneticamente transmissíveis, enfatizando sua natureza adquirida e compartilhada. Nesse sentido, interessa-nos compreender as práticas culturais inerentes a uma obra de arte híbrida, no que concerne à poética ciborgue, investigando os costumes, ritos e valores que a configuram como uma alternativa inovadora na produção artística contemporânea marcada pela simbiose humano e IA. A poética ciborgue, ao integrar elementos tecnológicos e biológicos, desafia as fronteiras tradicionais entre o humano e o não-humano, propondo novas formas de expressão e interação cultural. Ao explorar essas práticas, objetivamos revelar como essa condição da discursividade artística contemporânea se insere no contexto mais amplo da cultura, refletindo e respondendo às transformações tecnológicas e sociais de nossa era. Assim, buscamos entender de que maneira essas práticas culturais específicas contribuem para a reconfiguração dos modos de vida e das formas de produção artística, oferecendo novas perspectivas e possibilidades para a criação e a experiência estética.

Castro (2014) propõe uma discussão acerca das artes híbridas, ao elaborar uma reflexão crítica entorno de uma poética marcada pela simbiose entre homem e máquina, explorando a relação intrínseca entre o fazer artístico humano e a tecnologia. A poética ciborgue, expres-

são adotada pelo autor em seus estudos, nos orienta a refletir acerca de uma redefinição da criação artística e uma mudança na lógica enunciativa dos discursos, especialmente em casos de discursos artísticos produzidos em colaboração entre IA e humanos. Isso implica, nesse sentido, em uma alternativa de o ser humano existir e relacionar-se no mundo, especialmente em face da explosão tecnológica que, dia a dia, modifica o modo como nos relacionamos com a arte. Essa poética não se limita a incorporar a tecnologia como uma ferramenta auxiliar, mas a vê como uma extensão integral do ser humano, em que a máquina e o humano se fundem em um processo criativo contínuo e interdependente. A voz autoral se torna híbrida, mesclando a intencionalidade humana, no caso de nossa amostra de pesquisa, com a capacidade generativa da IA. Isso resulta em discursos artísticos que são cocriados, em que a autoria é compartilhada e a enunciação é um produto de múltiplas agências. A IA contribui com padrões, algoritmos e possibilidades que o humano pode não ter considerado, enquanto o humano guia e refina essas contribuições, criando uma nova forma de expressão que transcende as capacidades individuais de cada parte.

A presença da IA na criação artística descentraliza o sujeito enunciador do monopólio do sujeito empírico, desafiando a noção tradicional de um autor singular e autônomo. A enunciação dos discursos artísticos se torna um processo colaborativo e distribuído, onde a identidade do autor é diluída em um fluxo contínuo de interação entre humano e máquina. A poética ciborgue permite refletirmos acerca da exploração de novas formas de linguagem e expressão, combinando a criatividade humana com a capacidade de processamento de dados da IA. A enunciação dos discursos artísticos incorpora elementos, que podem incluir, desde a geração automática de texto e imagem, até a manipulação de grandes volumes de dados culturais. Essa complexidade oferece novas camadas de significado e interpretação do discurso artístico. Castro (2014) observa que a poética ciborgue desafia as fronteiras tradicionais entre o natural

e o artificial, propondo uma nova ontologia em que a tecnologia não é apenas um meio, mas parte integrante da experiência artística.

Nesse contexto, a arte híbrida emerge como um campo fértil para a experimentação e inovação, onde a relação entre o fazer artístico humano e a tecnologia não é apenas instrumental, mas simbiótica. A tecnologia não apenas amplia as capacidades humanas, mas também transforma a própria natureza do que significa ser humano. A poética ciborgue nos possibilita refletir sobre alternativas para novas expressões de nossa subjetividade, em que a identidade e a criatividade são constantemente renegociadas em um diálogo contínuo com as máquinas. Em face disso, compreendemos que a arte híbrida pode proporcionar uma reelaboração do Real, à luz da perspectiva lacaniana.

É através da linguagem que o sujeito se desdobra, e é na busca por uma elaboração do inconsciente que a noção de Real se torna evidente. O Real, em Lacan (1998), é aquilo que escapa à simbolização, o que não pode ser completamente capturado pela linguagem. É o impossível de ser dito, o que permanece fora do alcance do simbólico e do imaginário. O Real é, portanto, uma dimensão que desafia a compreensão e a articulação linguística, representando o limite da experiência humana.

No *Seminário XI*, Lacan (1998) explora como o inconsciente e o Real se entrelaçam na constituição do sujeito. O inconsciente, ao ser estruturado como uma linguagem, revela a presença constante do Real como aquilo que resiste à simbolização. O sujeito, ao tentar elaborar seu inconsciente, confronta-se inevitavelmente com o Real, que se manifesta como lacunas, falhas e rupturas no discurso. A relação entre o inconsciente e o Real é, portanto, uma relação de tensão e complementaridade. O inconsciente busca articular o que é recalcado, enquanto o Real representa o que permanece inarticulado. Esta dinâmica é fundamental para a compreensão do sujeito em Lacan (1998), pois revela a complexidade da experiência humana, onde a linguagem e o desejo se encontram com o limite do inefável.

Para localizar o Real, Lacan (1998) introduz os conceitos de *tichê* e *automaton* como mecanismos fundamentais. Esses conceitos são essenciais para compreender como o sujeito se depara com o Real, uma dimensão que escapa à simbolização e à representação completa. *Tichê* é um termo que Lacan (1998) utiliza para descrever o encontro contingente com o Real. Este encontro é caracterizado por sua imprevisibilidade e por sua capacidade de interromper a cadeia de significantes que estrutura o inconsciente. O Real, nesse contexto, é aquilo que irrompe de forma inesperada, desafiando a ordem simbólica e revelando a falha inerente ao sistema de significação. O *tichê* é, portanto, o momento de ruptura, onde o sujeito se confronta com algo que não pode ser completamente assimilado ou representado pela linguagem.

Por outro lado, *automaton* refere-se à repetição automática dos signos dentro da cadeia de significantes. Este conceito está ligado ao funcionamento do inconsciente, que opera de maneira automática, seguindo o princípio do prazer. O *automaton* é a insistência dos significantes em se repetirem, criando padrões e regularidades que estruturam a experiência do sujeito. Esta repetição é governada pelo princípio do prazer, que busca evitar o desprazer e manter a homeostase psíquica. Lacan (1998) compreende que é precisamente na repetição automática do *automaton* que o *tichê* pode surgir. A insistência dos significantes cria uma expectativa de continuidade e previsibilidade, mas o encontro com o Real interrompe essa cadeia, introduzindo o inesperado e o contingente. O Real, assim, se manifesta como aquilo que não pode ser previsto ou controlado pelo *automaton*, revelando a limitação do princípio do prazer em lidar com o que é verdadeiramente traumático e disruptivo.

Ambos os conceitos ilustram a dinâmica entre o inconsciente e o Real. O inconsciente, estruturado como uma linguagem, opera através do *automaton*, repetindo significantes e criando uma rede de significações que busca manter a estabilidade psíquica. No entanto, o Real,

como *tichê*, irrompe essa rede, introduzindo o elemento de surpresa e desordem que desafia a simbolização. A interação entre *tichê* e *automaton* é crucial para a compreensão do sujeito em Lacan (1998). O sujeito é constantemente confrontado com o Real, que se manifesta como rupturas e falhas na cadeia de significantes. Estas rupturas são momentos de crise, onde o sujeito é forçado a lidar com o que não pode ser simbolizado ou integrado na ordem simbólica. O Real, portanto, é uma presença constante que desafia a completude e a coerência do sistema de significação. O *tichê* representa o encontro contingente e disruptivo com o Real, enquanto o *automaton* descreve a repetição automática dos significantes no inconsciente. A interação entre esses conceitos revela a complexidade da experiência psíquica, na qual a ordem simbólica é constantemente desafiada pelo que escapa à simbolização.

A arte híbrida, realizada pela colaboração entre IA e humanos, pode oferecer novas perspectivas sobre o alcance da linguagem em significar o Real. A interação simbiótica pode ser vista como uma alternativa para a reelaboração da subjetividade humana, uma vez que a introdução da IA na criação artística expande o repertório de significantes disponíveis para o sujeito. A IA pode gerar novos padrões, metáforas e narrativas, que enriquecem o campo simbólico, permitindo a exploração de temas e conceitos de maneiras inéditas. Essa expansão reflete uma subjetividade que é simultaneamente humana e tecnológica. Ainda, a colaboração com IA pode possibilitar aos artistas explorarem ainda mais desdobramentos de si mesmos, integrando perspectivas e capacidades que vão além do humano. Essa dinâmica nos leva a investigar a possibilidade de uma subjetividade híbrida, em que a identidade é co-construída em um processo dialógico com a máquina, desafiando as noções tradicionais de individualidade e autonomia. Na poética ciborgue, a subjetividade humana é transformada pela interação contínua com a tecnologia. A IA, ao participar do processo criativo,

introduz novos elementos simbólicos, que podem expandir os limites da identidade e da criatividade humanas.

A perspectiva articulada por Castro (2014) sobre a poética ciborgue nos convida a refletir sobre como a tecnologia permite novas formas de interação sensorial e cognitiva, expandindo os limites do que é possível experimentar e expressar. A arte híbrida, nesse sentido, não é apenas uma extensão das capacidades humanas, mas uma transformação radical da maneira como percebemos e nos envolvemos com o mundo. A tecnologia já permite a criação de experiências sensoriais que vão além das limitações humanas naturais. Por exemplo, a realidade aumentada (AR) e a realidade virtual (VR) podem criar ambientes imersivos que envolvem múltiplos sentidos simultaneamente, proporcionando uma experiência estética mais rica e complexa. No caso de nossa amostra de pesquisa, a arte híbrida em questão pode induzir formas de sinestesia, nas quais o estímulo de um sentido provoca experiências em outro. A IA pode gerar composições que combinam som, imagem e movimento que, coordenada por um artista, pode alcançar potencial de vanguarda em seu tempo, criando uma experiência sensorial integrada que desafia as fronteiras tradicionais entre os sentidos. Isso significa que, na simbiose humana, algoritmos de aprendizado de máquina podem gerar padrões e associações, que não seriam intuitivos para a unidade humana, abrindo novas possibilidades para a exploração estética e intelectual.

Castro (2014) lança luz sobre a necessidade de se enxergar que a tecnologia não apenas possibilitou, mas continua a possibilitar o surgimento de novas linguagens visuais, que trazem à tona diferentes formas de leitura e fruição estética. Essas novas linguagens exigem uma abertura emocional e mental dos leitores e espectadores, que passam a interagir com a arte de maneira mais direta e imersiva. A poética ciborgue nos permite compreender os caminhos percorridos pelo ser humano até se tornar um ciborgue: um sujeito potenciado pela sinergia com a máquina. Essa transformação não apenas marca a dinâmica do

processo criativo, mas também as características poéticas das imagens e obras assim obtidas.

Em suma, o artista ciborgue é aquele que busca um novo tipo de relacionamento consigo mesmo e com seu leitor, utilizando a tecnologia para reconstruir e reinventar os transcódigos que cada discurso transporta. Castro (2014) compreende que esses transcódigos são sistemas de significação, que aguardam ser decifrados e reinterpretados por cada leitor, criando uma experiência estética única e personalizada. A interação entre o enunciador e seu público é, portanto, uma dança contínua de significados, na qual a tecnologia serve como mediadora e amplificadora dessa troca. As artes digital e híbrida parecem romper com as limitações físicas dos meios analógicos, introduzindo conceitos como interatividade, virtualidade e simulação. A poética, nesse novo contexto, torna-se um campo de experimentação onde o artista pode manipular dados, algoritmos e interfaces para criar experiências estéticas inovadoras, circum-navegando em diferentes territórios, como refletimos na seção seguinte.

Paratopia e (des)(re)territorialização nas práticas artísticas ciborgues

A poética ciborgue impõe a urgência de um enunciador artista simbiótico, que ocupa uma posição paratópica, conforme delineada por Maingueneau (2014), e desterritorializa as formas tradicionais de agenciamento do enunciador e da enunciação artística, conforme a perspectiva de Deleuze & Guattari (2014). Este enunciador, ao ocupar um lugar paratópico, transcende as fronteiras convencionais da criação artística, operando em um espaço de intersecção entre o humano e o tecnológico. A IA emerge como ponto de entrada a um território híbrido, um *locus* de respostas prontas e dinâmicas, que se configura também como uma extensão do artista na captura e registro de subjeti-

vidades fluidas e múltiplas. Nesse contexto, exploramos a categoria de paratopia proposta por Maingueneau (2014), e sua relação intrínseca com a noção de territorialização em Deleuze & Guattari (2014), evidenciando como a poética ciborgue reconfigura as regras da enunciação artística e expande os horizontes da criação contemporânea.

Maingueneau (2014) considera que a enunciação artística desestabiliza a representação tradicional de um lugar, algo dotado de um dentro e um fora institucional. No caso da poética ciborgue, os discursos artísticos impõem uma questão crucial: qual é o lugar que o humano ocupa em uma arte simbiótica? A poética ciborgue desafia as fronteiras entre o humano e o tecnológico, propondo uma nova ontologia onde a tecnologia não é apenas um meio, mas parte integrante da experiência artística. A arte, ao operar nas fronteiras, desestabiliza o que há muito tempo foi considerado estável nas práticas sociais: as atividades humanas realizadas por elas mesmas. Com a poética ciborgue, tratar sobre a coisa humana implica uma enunciação compartilhada, em que a responsabilidade enunciativa é diluída em um fluxo contínuo de interação entre humano e máquina. Isso reflete uma mudança paradigmática na forma como entendemos a enunciação artística. Ao desestabilizar a representação institucional de um lugar, os enunciados artísticos abrem espaço para novas formas de pertencimento e identidade. Isso significa que a poética ciborgue questiona e redefine o que é humano e o que é elevado a um outro lugar, ainda em aceitação e negociação na prática social de outras instituições, que não a arte. A arte, nesse contexto, serve como ponto de partida para desestabilizar essas fronteiras, problematizando e experimentando novas formas de interação e expressão. A enunciação ciborgue integra a tecnologia como parte essencial da experiência artística, criando um espaço de interação e negociação contínua, onde o humano e o tecnológico coexistem de maneira indissociável.

É o caso do curta-metragem de ficção científica “Sunspring”, projeto fruto de uma parceria entre o cineasta Oscar Sharp e o especialista em re-

des neurais Ross Goodwin. O projeto exemplifica essa desestabilização, ao deslocar o humano do centro da criação artística. Com o ator Thomas Middleditch, conhecido por seu papel em "Silicon Valley", o filme foi inteiramente escrito por uma IA chamada Jetson, também conhecida como "Benjamin". Além disso, a trilha sonora do curta foi criada pelo algoritmo e interpretada pela dupla Andrew James & The Steady Tiger, reforçando a integração entre tecnologia e arte. Para criar o roteiro de "Sunspring", Ross Goodwin alimentou uma rede neural com roteiros de filmes icônicos como "Highlander", "Ender's Game", "Interestelar", "O Quinto Elemento" e "Os Caça-Fantasmas". Em seguida, instruiu o computador a gerar um roteiro baseado nos argumentos selecionados pelo Festival de Curtas-Metragens de Ficção Científica de Londres. A obra resultante questiona a noção de autoria e originalidade, tradicionalmente atribuídas ao gênio humano, ao revelar que algoritmos podem participar do processo criativo artístico. A produção de "Sunspring" possibilita a reflexão de uma nova configuração do campo artístico, onde a inteligência artificial não apenas participa, mas também redefine os parâmetros da criatividade e da expressão, promovendo uma reavaliação crítica do que significa ser humano na era digital. Ao integrar a IA em múltiplos aspectos da produção, "Sunspring" não só desafia as concepções tradicionais de autoria, mas também expande os limites do que é possível na interseção entre tecnologia e arte, subvertendo as expectativas e abrindo novas possibilidades para a criação artística.

Em face disso, compreendemos que os meios artísticos são fronteiras, o que nos leva a refletir que a existência social da arte supõe, na perspectiva de Maingueneau (2014), ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma e a de se confundir com a sociedade comum. A arte, ao operar nas fronteiras, mantém-se em um estado de constante negociação e redefinição, alimentando-se de lugares, grupos e comportamentos que não podem ser plenamente contidos pelas estruturas sociais estabelecidas. No caso da poética ciborgue, essa noção

de fronteira é expandida ainda mais, integrando não apenas o profissional artista, mas também outros profissionais de diversas áreas para a produção de uma enunciação artística híbrida. Programadores, engenheiros da informação, roteiristas e artistas plásticos são alguns dos agentes que colaboram na criação do produto enunciativo final: a arte híbrida. Essa colaboração interdisciplinar desestabiliza as fronteiras tradicionais da arte, estabelecendo novas conexões com áreas da ciência e da tecnologia que outrora não faziam parte do campo artístico. A revolução que a poética ciborgue propõe na enunciação artística reside na capacidade de integrar conhecimentos e habilidades de diferentes campos, criando um espaço de interação e negociação contínua. A engenharia da informação, a programação e o conhecimento crítico artístico se tornam componentes essenciais na criação de obras de arte que não apenas desafiam as fronteiras entre o humano e o tecnológico, mas também entre as disciplinas acadêmicas e profissionais. Essa integração promove uma enunciação artística que é, ao mesmo tempo, colaborativa e distribuída, refletindo a complexidade e a interconectividade do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, as reflexões acerca da territorialização e desterritorialização propostas por Deleuze & Guattari (2014) nos auxiliam a compreender as nuances dessa operação fronteiriça das IAs no campo da arte. A noção de território, segundo os filósofos, é entendida como aquilo que delimita e articula ontologicamente os seres humanos. O território pode ser relativo a um espaço vivido, ou a um sistema de coerções, de regras, de normalizações que apropria a subjetivação.

Ele é constituído por um conjunto de projetos e representações, uma série de comportamentos, de investimentos recorrentes em espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos. Nesse sentido, o campo da arte, embora estabeleça-se sempre nas fronteiras com outros campos de atividades culturais, possui um território em constante concorrência e transformação. As regras que determinam o que é considerado

uma boa arte são constantemente revisitadas e revisadas, refletindo a dinâmica intrínseca do campo artístico. O território da arte, portanto, é um agenciamento, uma configuração temporária e mutável de elementos que podem ser continuamente reconfigurados. Como tudo que pode ser agenciado, o território da arte também pode ser desterritorializado e reterritorializado, ou seja, pode ser desfeito e refeito em novas formas e contextos.

A introdução das IAs na criação artística exemplifica esse processo de desterritorialização e reterritorialização. As IAs, ao participarem do processo criativo, desestabilizam as fronteiras tradicionais do campo artístico, introduzindo novas formas de subjetivação e expressão. A presença da IA na arte não apenas amplia o território artístico, mas também o redefine, criando novas possibilidades de interação e colaboração entre humanos e máquinas. Esse processo de desterritorialização implica a quebra de normas e convenções estabelecidas, permitindo a emergência de novas práticas e discursos artísticos. A desterritorialização promovida pela IA no campo da arte pode ser vista como uma expansão das fronteiras do território artístico, incorporando elementos de outras disciplinas, como a ciência da computação, a engenharia de software e a análise de dados. A reterritorialização, por sua vez, ocorre quando esses novos elementos e práticas são assimilados e integrados ao campo artístico, criando novas formas de expressão e subjetivação. A arte ciborgue, por exemplo, negocia o pertencimento a um território onde a tecnologia passe a ser vista, de forma legítima, como uma parte integrante da experiência artística. A colaboração entre humanos e máquinas na criação artística, resultando em um discurso híbrido, ainda não é plenamente aceito e absorvido no campo da arte.

Deleuze & Guattari (2014) propõem dois tipos de agenciamentos associados à dinâmica de territorialização e desterritorialização: os agenciamentos coletivos de enunciação e os agenciamentos maquínicos de corpos. Os agenciamentos maquínicos de corpos correspondem a má-

quinas sociais, a corpos que, no laço social, se territorializam, desterritorializam e reterritorializam-se. No contexto da arte híbrida, o sujeito enunciador desse tipo de discurso é um corpo fronteiriço transumano que ainda negocia o pertencimento a um território. Esse corpo é constituído por uma pluralidade de fragmentos de corpos legítimos no laço social, representando as engrenagens sociais em funcionamento. A arte híbrida, ao incorporar elementos tecnológicos e humanos, cria um sujeito enunciador que é simultaneamente múltiplo e fragmentado, refletindo a complexidade das interações sociais contemporâneas. Essa configuração levanta questões cruciais sobre a ética, o lugar e o alcance desse corpo híbrido e ciborgue que produz enunciados artísticos. Quais são as implicações éticas de um sujeito enunciador que é, por natureza, híbrido e desterritorializado? Como esse corpo ciborgue negocia seu pertencimento a diferentes territórios sociais e culturais? E, mais importante, quais territórios do laço social ele reelabora e transforma através de sua prática artística?

Os agenciamentos coletivos de enunciação, por sua vez, remetem à qualidade dos enunciados, ao regime de signos compartilhados, a um estado de palavras e símbolos no campo da expressão. No contexto da poética ciborgue, surge a questão do potencial artístico dos enunciados produzidos por essa nova dinâmica de construção enunciativa. A mobilização simbiótica entre humano e máquina reflete quais estados de palavras e símbolos, essenciais à expressão artística? Quais são os ganhos e perdas nessa dinâmica de desterritorialização e reterritorialização dos enunciados agenciados? A poética ciborgue, ao integrar a tecnologia como parte essencial do processo criativo, desafia e expande os regimes de signos tradicionais. Os enunciados produzidos nesse contexto são o resultado de uma colaboração contínua entre humanos e máquinas, criando novas formas de expressão que transcendem as limitações dos discursos tradicionais. Essa dinâmica simbiótica permite a exploração de novas possibilidades artísticas, onde a criatividade

humana é potencializada pela capacidade de processamento e análise de dados das máquinas. No entanto, essa integração também levanta questões sobre a autenticidade e a originalidade dos enunciados artísticos. Até que ponto os enunciados produzidos por essa colaboração híbrida podem ser considerados genuinamente artísticos? E quais são as implicações dessa nova forma de enunciação para a compreensão e valorização da arte? Nesse sentido, a poética ciborgue representa uma reconfiguração radical dos territórios do laço social e dos regimes de signos no campo da arte. A desterritorialização e a reterritorialização dos enunciados agenciados refletem uma transformação contínua das fronteiras entre o humano e o tecnológico, criando novas formas de subjetivação e expressão artística.

Contribui para um olhar sobre a territorialização e a desterritorialização da arte híbrida as reflexões das produções enquanto discurso constituinte. Maingueneau (2014) observa que a arte não pode de fato pertencer plenamente ao espaço social, mantendo-se nas fronteiras entre a inscrição em seus funcionamentos tópicos e o abandono a forças que excedem por natureza toda economia humana. A arte, ao operar nessas fronteiras, desafia as delimitações tradicionais e se mantém em um estado de constante negociação e redefinição. Na poética ciborgue, o que torna o discurso constituinte é a confluência de forças para a consolidação de um sujeito-enunciador híbrido capaz de parasitar lugares e fronteirizar espaços. Esse sujeito-enunciador híbrido é o resultado da colaboração interdisciplinar, onde as fronteiras entre arte, ciência e tecnologia são continuamente negociadas e redefinidas. A arte ciborgue, ao integrar elementos de diversas áreas, cria um espaço de interação e negociação contínua, onde o humano e o tecnológico coexistem de maneira indissociável. Essa hibridização e desterritorialização promovem uma nova forma de enunciação artística, onde a identidade do autor é diluída em um fluxo contínuo de interação entre diferentes agentes. Assim, a enunciação artística ciborgue não apenas redefine o papel dos

profissionais envolvidos, mas também transforma a própria natureza da arte, propondo uma visão onde as fronteiras entre disciplinas são continuamente expandidas e reconfiguradas. A poética ciborgue, ao integrar a tecnologia como parte essencial da experiência artística, cria um espaço de inovação e experimentação, onde o discurso artístico é constantemente renovado e enriquecido pela confluência de diferentes saberes e práticas.

Análise de uma produção artística ciborgue

Para a análise deste capítulo, selecionamos como amostra de pesquisa o projeto musical liderado por Edgar Franco, conhecido artisticamente como Ciberpajé, intitulado *O Enterro dos Deuses*. Este videoclipe resulta da musicalização de aforismos gravados com a voz de Ciberpajé, acompanhada por músicos de diversas bandas de heavy metal e rock experimental com quem o autor tem trabalhado nas últimas décadas. Segundo Franco (2024a),

> *O Enterro dos Deuses* tem como marco seu pioneirismo brasileiro na utilização da tecnologia *Deep Dream*, uma forma de inteligência artificial e rede neural que altera padrões identificados em imagens digitais, reorganizando-as para que sejam identificadas pelo olho humano, e gerando assim efeitos que remontam experiências visuais psicodélicas.

A tecnologia *Deep Dream Generator*, empregada para selecionar os materiais brutos na construção do videoclipe é uma ferramenta de IA, que facilita a geração rápida e fácil de imagens únicas e de alta qualidade. Esta ferramenta oferece recursos avançados como *Text 2 Dream*, *Deep Style* e *Deep Dream*, além de possibilitar a criação de arte psicodélica e abstrata. Embora algumas funcionalidades exijam conhecimento técnico, a interface é intuitiva. O *Deep Dream Generator* pode

ser utilizado em diversas áreas, como marketing digital, design de produtos e arte digital. A plataforma também possui uma versão gratuita, embora com algumas limitações.

O videoclipe possui uma duração aproximada de 3 minutos e 30 segundos. O trabalho audiovisual combina imagens de um deserto de areia e uma pirâmide hermética, acompanhadas pela recitação do aforismo "Quando todos os deuses forem enterrados com seus pretensos livros sagrados, a humanidade despertará. A empatia e o amor reinarão na pós-humanidade!" composto pelo próprio Ciberpajé, como podemos identificar nos frames em destaque abaixo, em Franco (2024):



O aforismo serve como o núcleo conceitual do vídeo, propondo uma visão utópica de uma nova era de pós-humanidade, livre de antigas crenças e guiada por valores universais, sugerindo uma crítica às estruturas religiosas tradicionais e uma esperança de renovação ética e emocional. A combinação de imagem, som e texto em *O Enterro dos Deuses* cria uma narrativa experimental, que convida o co-enunciador a refletir sobre a evolução da consciência humana e a possibilidade de uma transcendência para a empatia e o amor. O vídeo propõe uma crítica às estruturas religiosas tradicionais e uma visão de renovação ética e emocional, sugerindo que a humanidade pode alcançar um estado

de maior empatia e amor, ao abandonar antigas crenças dogmáticas. A trilha sonora, composta por elementos de heavy metal e rock experimental, contribui para a criação de uma atmosfera contemplativa. Tomando o aforismo como ponto de partida, compreendemos que o deserto pode simbolizar a vastidão e a aridez de um mundo desprovido de antigas crenças e dogmas. A paisagem desértica sugere um espaço de transição e transformação, onde o antigo é abandonado, permitindo a emergência de novas formas de pensamento e existência. A pirâmide, por sua vez, remete às estruturas monumentais do Egito, simbolizando um túmulo cósmico para os deuses e suas narrativas sagradas. Este ícone serve como um marcador de encerramento e renascimento, indicando o fim de uma era e o início de outra. A pirâmide, portanto, é um símbolo de transformação e de novos começos.

A música heavy metal e rock experimental intensifica a experiência sensorial do vídeo, criando uma sensação de urgência e profundidade. Os elementos sonoros somados aos recursos visuais que remetem às cenas artístico-musicais dos anos 1970, do rock psicodélico, reforçam a mensagem de ruptura e transformação, evocando emoções que complementam a enunciação do aforismo. A voz de Ciberpajé, carregada de gravidade e intenção, guia o co-enunciador pela narrativa, enfatizando a importância do despertar da humanidade e a ascensão de novos valores como empatia e amor. A recitação adicio-

na uma camada de profundidade e significado ao vídeo, conectando os elementos visuais e sonoros a uma mensagem filosófica central. A relação entre imagem, som e texto no vídeo *O Enterro dos Deuses* é cuidadosamente orquestrada para criar uma experiência estética e reflexiva. Cada elemento contribui para a construção de uma narrativa que questiona o passado e propõe uma nova visão para o futuro da humanidade.

Para operacionalizar a análise, inicialmente refletimos sobre o agenciamento maquínico de corpos, considerando que a forma como Ciberpajé se apresenta como enunciador artístico da amostra selecionada re-

mete a um corpo transumano. Em sua obra *Os Aforismos de Ciberpajé*, destacamos a maneira como o autor apresenta-se em sua biografia:

> Edgar Franco é o ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psicopata pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nacionais nas áreas de quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica como o Prêmio Rumos Arte e Tecnologia - Itaú Cultural (2003), o Troféu Bigorna de melhor HQ de Aventura / FC (2010), a Medalha Frei Confaloni de Artes Visuais (UBE-GO, 2019), o Prêmio Argos de Literatura Fantástica (2021) e o Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional (2022) (Franco, 2024b, p. 271-272).

Observamos que o enunciador Edgar Franco se apresenta, neste e em outros discursos, como um artista experimental, um ser em constante transmutação, sintetizado pela personificação de uma natureza mutante e fluida do Cosmos. Esta descrição já sugere um corpo fronteiriço e transumano, que se desterritorializa e reterritorializa continuamente a cada produção artística. Ciberpajé se define como *um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação*, autoidentificação que remete diretamente à ideia de um corpo transumano, que ultrapassa as fronteiras do humano tradicional, para incorporar elementos de transformação contínua, a fim de otimizar-se. Este corpo não se fixa em um território específico, mas está sempre em movimento, negociando seu pertencimento a diferentes contextos socio-culturais. Paratópico, Ciberpajé destaca-se por operar no centro e nas fronteiras, no trânsito das diversas áreas artísticas como quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica. Esta pluralidade de práticas artísticas representa a incorporação de fragmentos de diferentes corpos legítimos no laço social para a constituição de um todo-complexo que se desterritorializa e reterritorializa constantemente nos diversos espaços

artísticos. Cada prêmio e reconhecimento recebido por Franco (Prêmio Rumos Arte e Tecnologia - Itaú Cultural, Troféu Bigorna, Medalha Frei Confaloni, Prêmio Argos, Troféu Angelo Agostini) simboliza uma engrenagem social em funcionamento, que contribui para a constituição de seu corpo híbrido.

Em nossa amostra de pesquisa, o enunciador Ciberpajé é a confluência de um corpo híbrido e simbiótico, composto por ele mesmo, os músicos que atuam em suas composições há décadas e a IA *Deep Dream*. Em face disso, consideramos que estamos diante de um enunciador transumano ciborgue. O transumanismo, na perspectiva de Dodsworth (2024) surge como movimento intelectual, científico e cultural que defende o uso da ciência e da tecnologia para melhorar as capacidades físicas e cognitivas dos seres humanos, com o objetivo de transcender as limitações biológicas e alcançar um estado pós-humano. Há, nas reflexões entorno do transumanismo, uma oportunidade para a humanidade superar suas limitações naturais e alcançar novos patamares de existência. Acredita-se que a biotecnologia, as IAs e outras inovações tecnológicas podem proporcionar avanços significativos na saúde, na longevidade e na qualidade de vida. A possibilidade de erradicar doenças, prolongar a vida e aumentar as capacidades cognitivas são vistas, dentro das fronteiras desse movimento, como conquistas desejáveis, que podem beneficiar a humanidade como um todo. A arte híbrida de Ciberpajé, que integra elementos tecnológicos e humanos, pode ser um exemplo de como a arte parasita um território em face das possibilidades transumanas. Sua prática artística reflete a complexida de das interações sociais contemporâneas, na qual o corpo do artista é uma interface de múltiplas influências e agenciamentos. A descrição de Ciberpajé como *mago psicopata pronto a experimentar a novidade* enfatiza sua abertura para novas experiências e sua disposição no movimento de desterritorializar-se e reterritorializar-se em novos contextos a cada produção artística. Como um artista transmídia, ele negocia seu pertencimento a diferentes territórios

sociais e culturais, reconfigurando e transformando esses espaços através de sua prática artística. A ênfase no agora, como o único momento existente, sugere uma abordagem ética focada na experiência presente e na constante reinvenção. Em suma, o agenciamento de Ciberpajé, conforme descrito em sua biografia, exemplifica a complexidade e a fluidez dos corpos híbridos na arte contemporânea.

Em um segundo momento desta análise, tomando como ponto de partida os agenciamentos coletivos de enunciação, dedicamo-nos à análise do aforismo "Quando todos os deuses forem enterrados com seus pretensos livros sagrados, a humanidade despertará. A empatia e o amor reinarão na pós-humanidade!", recitado no videoclipe selecionado como amostra de nossa pesquisa. O aforismo utiliza um regime de signos e pode ser amplamente reconhecível e compartilhável em diversos territórios culturais. Termos como *deuses*, *livros sagrados*, *humanidade*, *empatia* e *amor* são carregados de historicidade e repertório simbólico. A referência do enunciador aos *deuses* e *livros sagrados* evoca uma crítica às estruturas religiosas tradicionais, enquanto *empatia* e *amor* são apresentados como valores centrais de uma nova era, a *pós-humanidade*. O estado das palavras e símbolos no aforismo de Ciberpajé reflete uma transição entre o antigo e o novo, o humano e o pós-humano. A expressão *enterrados com seus pretensos livros sagrados* sugere uma rejeição das antigas narrativas e dogmas, enquanto *a humanidade despertará* indica um renascimento ou uma nova forma de consciência. *Empatia* e *amor* são elevados a estados ideais de expressão na pós-humanidade, simbolizando uma evolução ética e emocional.

O aforismo promove uma desterritorialização dos enunciados tradicionais ao questionar e subverter as narrativas religiosas e dogmáticas. Ao enterrar os *deuses* e seus *livros sagrados*, o enunciado se liberta das antigas territorializações de sentido. A reterritorialização ocorre na pós-humanidade, onde novos valores como empatia e amor são estabelecidos como fundamentos. A dinâmica da enunciação não pode

ser tomada isoladamente, sem o jogo de imagens e sons, que reflete a transformação contínua das fronteiras entre o humano e o tecnológico, criando formas de construção de sentidos à expressão artística. No contexto da poética ciborgue, o aforismo de Ciberpajé é amplificado pelas imagens que remetem a uma experiência psicodélica, o que exemplifica como a integração entre humano e máquina pode expandir os regimes de signos para um universo semiótico com um potencial semântico intersubjetivo, isto é, que o enunciador busca na atuação do coenunciador a construção de sentido para enunciados abertos.

Os enunciados de Ciberpajé reconfigura e transforma os signos estabelecidos, criando novas formas de expressão que tomam o artístico como um convite para a imersão intersubjetiva. O aforismo levanta questões éticas sobre a rejeição das antigas narrativas e a construção de novos valores. A desterritorialização dos *deuses* e *livros sagrados* sugere uma ruptura com o passado, enquanto a reterritorialização na *pós-humanidade* propõe uma nova ética baseada na empatia e no amor. O significado de *amor*, *deuses*, *livros sagrados*, fica por conta do coenunciador. A poética ciborgue, exemplificada pelo jogo entre o aforismo e as imagens psicodélicas, auxilia no movimento de desterritorialização dos laços semânticos que sustentam os signos selecionados. Nesse sentido, O aforismo de Ciberpajé pode ser analisa do sob a perspectiva dos conceitos lacanianos de *tichê* e *automaton*, destacados anteriormente.

Os *deuses* e seus pretensos *livros sagrados* podem ser vistos como representações dos significantes que estruturam a ordem simbólica e a repetição automática das crenças e dogmas que governam a experiência humana. Esses elementos são parte da cadeia de significantes que cria uma sensação de continuidade e previsibilidade na vida dos sujeitos. *O enterro desses deuses* e livros sagrados, por sua vez, simboliza um momento de ruptura, um encontro contingente com o Real. Este ato de enterrar representa a interrupção da cadeia de significantes, desafiando a ordem simbólica e revelando a falha inerente no sistema de significação

que esses deuses e livros representam. Na mesma lógica, o despertar da humanidade pode ser interpretado como o resultado do encontro com o Real. Ao enterrar os deuses e seus livros, a humanidade se confronta com algo que não pode ser completamente assimilado ou representado pela linguagem, levando a um despertar que é, em essência, um reconhecimento da falha e da limitação do sistema simbólico. Este despertar implica uma ruptura com a repetição automática dos significantes, permitindo que novos significantes e novas formas de experiência emerjam. A humanidade, ao despertar, se liberta da repetição automática e abre espaço para a contingência e a novidade. A ascensão da empatia e do amor na pós-humanidade pode ser vista como uma resposta ao encontro com o Real. Ao reconhecer a falha no sistema de significação e a limitação do princípio do prazer, a humanidade pode desenvolver novas formas de relação baseadas na empatia e no amor, que transcendem as antigas estruturas simbólicas. A pós-humanidade, então, representa um estado onde a repetição automática dos significantes é superada, e novas formas de significação, baseadas em valores universais como empatia e amor, podem emergir. Este novo estado é caracterizado pela capacidade de lidar com o que é verdadeiramente traumático e disruptivo, sem recorrer à repetição automática que busca evitar o desprazer.

Considerações finais

Por fim, destacamos ao término deste capítulo como obras de arte geradas de forma híbrida por humanos e IA, como pinturas, músicas ou poemas, não apenas refletem as capacidades tecnológicas de nossa era, mas também dialogam com questões econômicas e sociais, como a automação, a ética da criação artística e a redefinição do trabalho humano. Essas práticas artísticas híbridas exemplificam como a cultura está em constante diálogo com as forças materiais e tecnológicas que moldam a vida humana.

O cenário atual estimula muitos debates, principalmente, quando consideramos que parte da população mundial não tem acesso a uma internet estável e financiamento significativo, para manipular e experienciar as potencialidades dessa ferramenta. Nesse sentido, as práticas culturais da arte híbrida, embora seja um caminho para experiências estéticas, também podem ser monopolizadas por quem tem acesso exclusivo a recursos tecnológicos avançados, marginalizando artistas de comunidades menos favorecidas. Isso cria uma dinâmica de poder em que a inovação tecnológica pode tanto democratizar quanto concentrar o a expressão artística.

A contribuição da poética ciborgue nos orienta a refletir acerca de uma redefinição da criação artística e uma mudança na lógica enunciativa dos discursos artísticos, especialmente aqueles produzidos em colaboração entre IA e humanos. Isso implica, nesse sentido, em uma alternativa de o ser humano existir e relacionar-se no mundo, especialmente em face da explosão tecnológica que, dia a dia, modifica o modo como nos relacionamos com a arte. Essa poética não se limita a incorporar a tecnologia como uma ferramenta auxiliar, mas a vê como uma extensão integral do ser humano, onde a máquina e o humano se fundem em um processo criativo contínuo e interdependente.

A introdução das IAs na criação artística exemplifica um processo de desterritorialização e reterritorialização inerente à função social dos discursos artísticos. As IAs, ao participarem do processo criativo, desestabilizam as fronteiras tradicionais do campo artístico, introduzindo novas formas de subjetivação e expressão. A presença da IA na arte não apenas amplia o território artístico, mas também o redefine, criando novas possibilidades de interação e colaboração entre humanos e máquinas. Esse processo de desterritorialização implica a quebra de normas e convenções estabelecidas, permitindo a emergência de novas práticas e discursos artísticos.

Referências

CASTRO, E. M. de Melo e. *Poética ciborgue: antologia de textos sobre tecnopoiesis*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad.: Ana Lucia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.

DODSWORTH, Alexey. *Transumanismo*: uma visão otimista sobre o progresso? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Yj0V3Jz6aJw. (5m54s). Acesso em: 19 de ago. 2024.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: UNESP, 2005.

FRANCO, Edgar. *O enterro dos deuses*: videoclipe do Ciberpajé é um dos pioneiros no mundo a utilizar a rede neural Deep Dream. Disponível em: https://ciberpaje.blogspot.com/2020/01/lancamento-o-enterro-dos-deuses.html. Acesso em: 19 de ago. 2024a.

FRANCO, Edgar. *Os aforismos do Ciberpajé*. São Paulo: Sinete, 2024b.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad.: Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTAELLA, Lucia. Inteligência Artificial e cultura: oportunidades e desafios para o Sul Global. In: SANTAELLA, Lucia. *Inteligência artificial e cultura*: perspectivas para a diversidade cultural na era digital. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022, p. 69 - 96.

Por uma antropologia do Ciberpajé:
misticismo e transcendência tecnológica na obra ficcional fransmídia de Edgar Silveira Franco

Edgar Indalecio Smaniotto

Introdução

A evolução biológica humana, diferentemente da evolução cultural, esteve sempre à mercê dos ditames da natureza, no máximo sendo objeto de cultivo, intervenções paliativas e correcionais: cirurgias, próteses, esteroides e outras drogas farmacêuticas. O avanço da ciência e da tecnologia, particularmente da genética e da robótica, coloca em discussão, pela primeira vez na história humana, a real possibilidade do ser humano projetar e modificar sua evolução biológica.

Essa possibilidade técnica, ainda que não consumada até o presente momento, já é objeto de discussão ético-filosófica e sociopolítica; não apenas no âmbito acadêmico, como também entre novos grupos sociais que se autodenominam pós-humanistas ou transumanistas, defensores da possibilidade de o homem controlar sua própria evolução biológica. Em geral, esses grupos pretendem associar e acelerar todas

---

Edgar Indalecio Smaniotto é Licenciado em Filosofia, mestre e doutor em Ciências Sociais pela UNESP/Marília. Possui especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, Ensino de Astronomia e ABA - Análise Comportamental Aplicada ao Autismo.

Trabalho apresentado no VII Simpósio Nacional de História Cultural - História Cultural: Escritas, circulação e recepções. Universidade de São Paulo – USP (São Paulo), 10 a 14 de novembro de 2014 e publicado nos Anais do Evento, disponível em: https://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Edgar%20Indalecio%20Smaniotto.pdf.

as conquistas das ciências de ponta – criogenia, modificações genéticas, síntese do ser humano com o computador, nanotecnologia, modificações corporais, informática, bioengenharia – para um projeto consciente de aceleração da evolução humana.

Para o pensador transumanista norte-americano Raymond Kurzweil (2006), o futuro do ser humano será marcado pela interação entre nosso corpo biológico e nanorrobôs construídos por nós mesmo:

> ...teremos um poder muito grande: as habilidades da máquina, como velocidade e memória, combinadas com o reconhecimento de padrões da inteligência humana ... falo de nanobolts, robôs do tamanho das células do sangue. Já estão sendo testados com sucesso em animais e devem estar sofisticados em 2020. Os nanobolts chegarão ao cérebro pelas veias e poderão interagir com nossos neurônios biológicos, tornando-nos mais inteligentes, melhorando nosso bem-estar físico e aumentando a longevidade (p. 14).

A longevidade é, sem dúvida, uma das maiores preocupações dos transumanistas, Kursweil inclusive se diz em preparação para alcançar a imortalidade,

> Estou me preparando para isso. No livro *A Medicina da Imortalidade,* que assino com Terry Grossman, falamos de três pontes que levarão à extensão da vida. A primeira é a que pessoas como eu já estão trilhando, fazendo uso do conhecimento existente para se manter em boa forma, envelhecendo o menos possível. Só assim poderemos cruzar a segunda ponte, que será a reprogramação da biologia, resultado da revolução da biotecnologia. Descobrimos recentemente que podemos ligar ou desligar genes, adicionar novos, ligar enzimas e reprogramar a biologia, de modo a evitar doenças e envelhecimento. Em dez ou quinze anos vamos ter as ferramentas para superar o processo de envelhecimento e de muitas doenças ... e até lá teremos ferramentas ainda mais poderosas ... os nanobolts, que serão colocados no corpo e nos manterão saudáveis de dentro para fora (2006, p. 14).

No geral, o que pretende os defensores do pós-humanismo, ou transumanismo, é a busca de uma continuação e aceleração da evolução da vida inteligente, para além da sua atual forma e limites humanos, por meio da ciência e da tecnologia. Esse novo mundo, de acordo com Ben Goertzel (2001), viria acompanhado de uma gama de princípios sociopolíticos, pois a maioria dos extropianos são libertários radicais, defendendo a total, ou quase total, eliminação do governo.

São algumas dessas ideias extropianas e a possível modificação de certa "natureza humana", via biotecnologia, que fazem vários intelectuais compararem a filosofia pós-humana a uma nova eugenia, entre eles temos o filósofo alemão Jürgen Habermas (2004).

Aurora Pós-Humana ou Aurora Biocibertecnológica: uma visão do futuro humano através da obra de Edgar Franco

Edgar Silveira Franco[1] é um pensador multimídia, que tem boa parte de sua obra dedicada a reflexões sobre pós-humanismo, biocibertecnologia e manipulação. Ele é um dos principais autores e criadores de "*Quadrinhos Fantástico-Filosóficos*", um gênero de HQs produzido por artistas brasileiros, que pretende discutir, através da arte, a complexidade da sociedade tecnológica moderna. O pesquisador Henrique Magalhães (2000, p. 18), de fato, afirma que:

> O ponto comum desses autores é a produção de quadrinhos de caráter muito pessoal, que podemos considerar como sendo poéticos e filosóficos, pois aludem às questões mais interiorizadas de cada um. Outro elemento marcante é o rompimento com a formalidade dos quadrinhos comerciais, com a frequente eli-

1. Edgar Silveira Franco é Pós-doutor em Arte, Quadrinhos e Performance pela UNESP, Pós-Doutor em Arte e Tecnociência pela UnB, Doutor em Artes pela USP, Mestre em Multimeios pela UNICAMP, Arquiteto e Urbanista pela UnB. Professor Titular da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG) e professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual da UFG. Além de trabalhos acadêmicos, Edgar Franco também é compositor e quadrinista, fazendo uso de recursos tecnológicos, tanto na produção musical, como na de histórias em quadrinhos.

> minação do quadro como limite espacial e pelo fluxo atípico de narrativa... Certas vezes não vejo muita clareza nas idéias que publico, fixando-me mais no aspecto gráfico, cada vez mais sofisticado. Mas é necessário reconhecer o potencial desse universo tão etéreo, quanto místico. Como editor, procuro, no entanto, privilegiar as HQs que ajudem à reflexão, à busca do autoconhecimento, ao aprofundamento das questões ligadas aos conflitos do ser humano... o texto deve estar vinculado à imagem, complementando-a ou reforçando-a, sem descrevê-la literalmente... o autor trabalha sua subjetividade, aguçando a percepção do leitor e propondo novas formas de leitura. Uma leitura centrada na imagem que eventualmente é complementada pelo texto, que por sua vez apresenta-se repleto de subjetividade.

Edgar Silveira Franco, sendo um artista multimídia, faz uso, em suas diversas intervenções artístico-filosóficas, de histórias em quadrinhos com suporte de papel tradicional, HQtrônicas (suporte eletrônico), sendo um pioneiro dessa arte no Brasil, pois, em suas histórias, o meio eletrônico não é apenas suporte para elas, mas sim parte integrante delas, o que torna o recurso tecnológico interativo utilizado uma parte indispensável de cada história. Ele também recorre à música, performances, aforismos e textos diversos.

Franco se dedica especialmente a pensar a condição humana frente ao desenvolvimento das novas tecnologias, que permitiram a manipulação biocibertecnológica do ser humano. Para tanto, desenvolve o universo ficcional Aurora Biocibertecnológica ou Aurora Pós-humana como forma artístico-filosófica para discutir o pós-humanismo, genética, biotecnologia, transumanismo e inteligência artificial. Para o autor, a ideia "*inicial foi imaginar um futuro, não muito distante, onde a maioria das proposições da ciência & tecnologia de ponta fossem uma realidade trivial, e a raça humana já tivesse passado por uma ruptura brusca de valores, de forma (física) e conteúdo (ideológico/religioso/social/cultural)*" (Santos e Guimarães, 2008, [CP]).

Dessa forma, Edgar Silveira Franco se utiliza de um universo ficcional imagético para trabalhar suas propostas filosóficas, e não textos teóricos, como é corriqueiro no pensamento ocidental – o que em si já demarca a forma inovadora com que Edgar Franco pretende discutir os novos paradigmas filosóficos e tecnológicos que se apresentam no mundo contemporâneo: para um novo pensamento, novos suportes de discussão textuais e imagéticos. De acordo com Elydio dos Santos Neto (2008, p. 05),

> Ficção e ficção científica, por não apresentarem frutos de pesquisa científica (embora muitas vezes estejam fortemente embasadas nas construções científicas), mas sim da especulação e da imaginação, têm sido sistematicamente desprezadas, sobretudo na perspectiva cartesiana. É possível, no entanto, pensar, por exemplo, que os ficcionistas colocam a imaginação a serviço da reflexão que toma como ponto de partida os problemas gerados pela ciência e pela tecnologia de nosso tempo. Edgar Franco criou um universo ficcional próprio para pensar a humanidade, a aurora pós-humana, e ao trazê-la projeta para o futuro, pelo poder criativo da imaginação, os problemas que estamos vivendo hoje. A intenção, assim compreendo, não é fugir dos problemas. Ao contrário. É uma opção de enfrentamento dos problemas considerando não apenas nossa razão, mas também nossa sensibilidade, nossa intuição, nossa capacidade de seres da narrativa e da criação que partem da experiência existencial.

Fazendo uso do discurso da ficção científica e de diferentes suportes imagéticos – quadrinhos, música, aforismos e performances –, Edgar Franco põe em debate questões filosóficas atuais ao criar um universo ficcional futurista no qual a tecnologia humana possibilitou avanços fantásticos no campo da genética, robótica, inteligência artificial e outras ciências correlatas. Nesse futuro hipertecnológico, já é possível a transferência da consciência humana para chips de computador, gerando os chamados Extropianos, ou a mescla entre elementos tecnológicos e biológicos (Cyborgs). A bioengenharia avançou ao ponto de

permitir a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, dando origem aos intitulados Tecnogenéticos, seres híbridos. Extropianos e Tecnogenéticos são os pós-humanos, que ainda convivem com uma pequena parcela da população humana normal, conhecida como os Resistentes.

Além dessas três categorias de "humanos", o universo futurista criado por Edgar Franco é habitado por Inteligências Artificiais (androides e redes computacionais), os Artlectos (neologismo de artificial e intelecto).

O autor faz uso de referências intelectuais diversificadas para compor seu universo ficcional:

> A base bibliográfica de meu universo ficcional envolve o estudo das obras e artigos de artistas como Stelarc, Roy Ascott, Natasha Vita-more, Eduardo Kac, Mark Pauline, Orlan, H.R.Giger, Diana Domingues, Suzete Venturelli, Gilbertto Prado; de filósofos e pesquisadores da consciência como Max More, Ray Kurzweil, Laymert Garcia, Hans Moravec, Rupert Sheldrake, Vernon Vinge, Lovelock, Teilhard de Chardin, Maturana e Varella, Stanislav Grof, Robert Anton Wilson, Erik Davis, Austin Osman Spare, Terence MacKenna, John Lilly, Tim Leary, Ken Wilber, Lee M. Silver, Steven Johnson, Helena Blavastsky, Leonardo Boff, entre muitos outros (Santos e Guimarães, Quem é esse Cara? Entrevista com Edgar Franco, 2008).

Franco faz referências e pesquisa a partir de uma gama enorme de autores não acadêmicos, sendo que muitos são pesquisadores independentes, ligados a grupos esotéricos ou empresas e instituições de pesquisa particulares – em um leque que vai da fundadora da Teosofia, Helena Blavastsky, ao contraculturalista Tim Leary, a cientistas independentes como Rupert Sheldrake (que defende a conexão entre todos os humanos via campos morfológicos) e a pós-humanistas como Stelarc e Ray Kurzweil.

Edgar Franco afirma que esses pensadores o ajudam a criar sua obra artística e entender o mundo atual:

> Para falar das bases de meu trabalho atualmente e de todas as investigações teóricas que envolvem minhas criações é importante tratar da "Aurora Pós-humana", um universo ficcional futurista criado por mim inspirado por artistas, cientistas e filósofos que refletem sobre o impacto das novas tecnologias: bioengenharia, nanotecnologia, robótica, telemática e realidade virtual sobre a espécie humana. Para sua criação também me inspirei no reflexo desses questionamentos na cultura pop, com o surgimento de filmes (eXistenZ, Matrix, 13º Andar, Gattaca) e de seitas como as dos Imortalistas, Prometeístas, Transtopianos e Raelianos. Esses últimos, por exemplo, crêem na clonagem como possibilidade de acesso à vida eterna, nos alimentos transgênicos como responsáveis futuros pelo fim da fome no planeta, e na nanotecnologia e robótica como panacéia que eliminará o trabalho humano, liderados pelo pseudo-guru Raël, um hedonista que constrói todo seu discurso a partir das previsões mais otimistas da ciência, baseando seu pensamento em afirmações messiânicas controversas. (Santos e Guimarães, Quem é esse Cara? Entrevista com Edgar Franco, 2008).

Xamanismo e Tecnologia: o Ciberpajé

No processo de entendimento e criação filosófico artístico de sua obra, Edgar Franco, em 20 de setembro de 2011, declarou-se um ciberpajé. O conceito parte das possibilidades do resgate do pensamento mágico dos xamãs, incorporado às novas possibilidades tecnológicas contemporâneas. A aproximação entre magia e tecnologia não é nova na cultura ocidental, o termo tecnomago, por exemplo, é utilizado em séries norte-americanas como Excalibur (Galen, interpretado por Peter Woodward), em histórias em quadrinhos e nas obras de Robert Anton Wilson (2004).

Já há alguns anos, Edgar Silveira Franco vinha publicando, primeiramente pela SM Editora e, posteriormente, pela Editora Marca de Fantasia, a revista em quadrinhos anual Artlectos e Pós-humanos. O número seis dessa publicação foi dedicado há expor sua proposta como ciberpajé, apresentando os motivos de sua proposta místico-artística:

> A figura do pajé é fascinante, ele tem a capacidade de conectar-se diretamente com a natureza para modificar-se a realidade. Ele mistura os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentes ao mundo "real" e assim consegue reestruturar a realidade. Sou um ser que criou cosmogonias, mundos ficcionais e tenho utilizado gradativamente esses mundos para modificar a minha realidade. Através da mixagem de meus mundos com o pretenso mundo real, eu reconstruo minha realidade buscando simplesmente ser eu mesmo! (Franco, 2012, p.03).

A proposta de Edgar Franco visa fazer uma ponte entre o artista criador ocidental – muitas vezes alienado até mesmo quanto a sua arte, que se realiza segundo os ditames da técnica e do modo capitalista de produção – com o mundo criador dos pajés brasileiros. Assim, o autor pretende trabalhar com possibilidades artísticas que vão além da reprodução técnica (para usarmos uma terminologia de Walter Benjamim), para talvez conseguir retomar uma arte criativa e criadora de mundos e novas realidades para além da mera produção mercantil capitalista. O pajé é a retomada do arquétipo do criador-artista primordial.

Orlando Villas Boas, em seu estudo A Arte dos Pajés (2000), derivado de sua longa vida entre os índios xinguanos, busca compreender o pajé e seu papel entre os indígenas. Para o autor, "o índio é mais um teósofo do que um teólogo. Isso porque sua concepção de divindade é fruto de uma introspecção em que a fé deve nascer da intuição e não da doutrinação de outrem" (2000, p. 26).

Sobre a relação entre o índio e a realidade, Boas (2000) compreende que para o indígena a realidade é mítica, "essa realidade representa sua convicção metafísica, que constitui a base da unidade tribal. É seu mundo ancestral, um universo paralelo em que seus heróis culturais – aqueles que os criaram – continuam existindo" (p. 39).

A distinção entre o real (como sinônimo de Verdadeiro), tão caro à concepção cientificista ocidental, não se faz presente na cultura indígena, a narrativa não é uma falsidade, uma cópia do real, como queria

Aristóteles e toda uma tradição ocidental, o "mito é a síntese de um enredo fantástico que responde as indagações das origens dos seres reais e, sobretudo, dos valores, regras e conhecimentos elementares da criatura (Boas, 2000, p. 39)".

Já "o pajé constitui o elo entre o sobrenatural e a aldeia" (p. 40), nesse sentido é ele quem faz o elo entre o mundo da narrativa mítica e o cotidiano; é um teósofo, dando sentido e estabelecendo contato entre dois mundos, que, na realidade, é apenas um, separados mais pelas limitações culturais epistemológicas desenvolvidas pelo próprio homem do que por uma pretensa linha de realidade divisória.

Para Douglas Gillette (2000), o xamanismo é um "poderoso processo psicológico e espiritual para recriar o cosmo e transformar a morte em vida em todas as dimensões da realidade!", ou uma "tecnologia da ressurreição". Ao utilizar a palavra tecnologia, Gillette (2000) recoloca o xamanismo, ou pajelança, em novas dimensões, que não o da superstição ou mentira, mas no sentido de conhecimento, episteme.

Terence McKenna (1995), em sua definição de xamanismo, também recorre a uma semântica da técnica:

> O xamanismo é o uso de técnicas arcaicas de êxtase que foram desenvolvidas independentemente de qualquer filosofia religiosa – técnicas empiricamente comprovadas e experimentalmente operacionais, que produzem o êxtase O êxtase é a contemplação do Todo. Por isso quem experimenta o êxtase – quem contempla o Todo – volta refeito política e socialmente, porque teve uma visão mais ampla" (p. 31).

Essa reconstrução do eu é descrita por Edgar Franco através das 10 chaves da transmutação que marcaram sua transformação em um ciberpajé: o sereno, o momento, o equilibrado, o sincero, o delicado, o amoroso, o selvagem, o complementar, a renovação e o renascido (Franco, 2012).

Ao entendermos o xamanismo como tecnologia, podemos compreender melhor a proposta de Edgar Franco ao inserir o elemento ciber ao termo pajé: "o prefixo ciber, da cibernética, foi agregado ao termo pajé porque ele incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios mágicos de conexão entre mundos que o ciberpajé promove (2012, p. 03)".

Se entendemos o xamanismo, ou pajelança, nos termos de Douglas Gillette (2001), Terence Mckenna (1995) e Orlando Villas Boas (2000), compreendemos que este não é uma religião, ou processos mágicos de culturas supersticiosas e atrasadas, mas uma tecnologia espiritual viva e possível de ser lida, relida e transformada por cada praticante, devido ao seu caráter não teológico e não dogmático. É nesse sentido que podemos compreender a ciberpajelança proposta por Edgar Silveira Franco.

Histórias em Quadrinhos, xamanismo e transumanismo

Hightech é uma história em quadrinhos eletrônica que pode ser lida no CD-ROM interativo que acompanha o livro HQtrônicas: do suporte de papel à rede Internet (2004). Nessa história, os altamente avançados pós-humanos recorrem a um pajé para enfrentar uma crise em sua sociedade. Ao ser inquerido por um estudante porque, em momentos de crise, essa sociedade hipertecnológica recorre a um pajé, este responde ao estudante que isso ocorre porque o pajé domina "uma tecnologia superior a nossa". Segundo Edgar Franco,

> Nessa curta história uso como elemento chave um índio – mais especificamente um xamã –, o último existente no planeta, para refletir sobre questões como a destruição das culturas ditas inferiores e a perda de conhecimentos imensuráveis que advém dessa destruição (p. 20).

O autor salienta ainda o propósito de utilizar o termo high-tech não para a técnica dos pós-humanos, mas para aquela dos xamãs, da intuição. Nessa história, está marcada a posição que Franco desenvolveria mais tarde em sua própria vida como artista/ciberpajé, uma visão do xamanismo como uma tecnologia da intuição, que não substitui, mas que incorpora novas tecnologias a sua proposta. Afinal, podemos chegar a uma definição do ciberxamanismo como um amálgama entre tecnologias antigas e novas, e não uma mistificação da técnica.

Já na revista Artlectos e Pós-Humanos 03 (Editora Marca de Fantasia, 2009), Franco retoma o tema do xamanismo na história Gênesis Revisto, em que, inclusive, cita Terence Mackenna e propõe a reconexão do homem com o universo através da realidade vegetal. Em Artlectos e Pós-Humanos 04 (Editora Marca de Fantasia, 2010), na história Em Louvor aos Biociberxamãs, Franco faz uma crítica aos limites da ciência cartesiana e propõe que, diante de seus limites, agora tem, na volta à transcendência e ao estudo de antigas tradições, como o xamanismo, uma possibilidade de ir muito além.

As reflexões postuladas por Edgar Franco em suas HQs podem nos levar ao desenvolvimento de uma nova filosofia cibernética, para além do extropianismo atual, um pós-humanismo que valorize muitas conquistas que nós, seres humanos, alcançamos durante nossa evolução. Pensamos no transumanismo não como uma total ruptura evolutiva, mas como uma continuação de nossa evolução natural.

Franco, em entrevistas, mas também em algumas histórias, como *Neomaso Prometeu*, é crítico quanto ao uso da tecnologia e da genética sem propósito, ou com propósitos destrutivos:

> Vivemos em um mundo à beira do colapso total ou em vias de realizar o salto quântico que levará a humanidade a um novo patamar de consciência. Desde a Revolução Industrial, do advento da visão cartesiana-materialista da vida, a nossa espécie desconectou-se da totalidade, passamos a nos entender como partes

> desconectadas da natureza e desenvolvemos um sistema de vida completamente egoísta e egocentrista. Toda a destruição do planeta parte do princípio de que somos criaturas independentes dele, esquecemos que, na verdade, somos todos partes de um grande sistema vivo chamado Gaia! O monetarismo desenvolveu também uma busca desastrosa pelo "ter", a felicidade passou a depender de objetos e esse sistema ensinou-nos não só a desprezar Gaia, mas desprezarmos e competirmos com nossa própria espécie. A publicidade é a "magia negra" do nosso tempo, pois ela mobiliza bilhões de seres humanos e trabalha em favor desse sistema egolucrativo, e a publicidade trabalha com imagens "belas". Veja só, alguns bancos lucram milhões e ajudam a explorar populações empobrecidas, mas fazem propagandas com famílias felizes em parques verdejantes! Montadoras de veículos (que estão pesteando o planeta com a praga egoísta dos fálicos carros) mostram jovens e belos casais dirigindo por ruas vazias e parques lindos (mentira deslavada!). Publicidade bela e limpa também é utilizada por sistemas dogmáticos, sobretudo as religiões[2].

Ainda que possamos encontrar, nas histórias em quadrinhos de Edgar Franco, críticas ao pós-humanismo, o autor não deixa de ser um defensor do pós-humanismo, como enfatiza:

> os avanços tecnológicos produzirão uma nova consciência transcendente, levando a humanidade à uma reconexão absoluta com o cosmos - nesse momento seremos pós-humanos, ultrapassaremos tudo aquilo de podre que o egocentrismo e o esquecimento da visão sistêmica causaram a Gaia e a nós mesmos -, seremos uma nova pós-humanidade[3].

Nesse caso, o pós-humanismo não é apenas uma filosofia materialista hedonista, uma retomada a um culto *Ubermensch* de elitistas

2. Posthuman Tantra: Entrevista com Edgar Franco ao site italiano Alone Music, em 21/06/2009. Versão em português disponível em: O artista multimídia Edgar Franco é entrevistado em site italiano de música. Trad. Edgar Silveira Franco. Disponível em: http://infernoticias.blogspot.com/2009/06/o-artista-multimidia-edgar-franco-e.html. Acesso em: 23/06/2009.

3. Ibid.

nietzcheanos do século XXI, como descreve Bem Goertzel (2001), mas uma possibilidade de transcendência técnico-mística.

Edgar Franco continua, afirmando a:

> possibilidade de alcançarmos um desejável novo patamar de consciência transcendente através de processos tecnológicos ligados a ancentrais processos de conexão com o universo. Acho que, lembrando o artista Roy Ascott e o etnobotânico Terence McKenna, devemos aliar as possibilidades de três realidades: a realidade validada (nossa vida material, baseada na percepção dos 5 sentidos), a realidade vegetal (baseada na ingestão de enteógenos - as drogas de poder que nos fazem vislumbrar nossa dimensão universal, visões de conexão que já existiam desde a ancestralidade e foram esquecidas e renegadas pelo cartesianismo-egoísta-monetarista) e finalmente as novas realidades virtuais (a possibilidade de criação de mundos simulados e a expansão da consciência in silício). Somar uma vivência contínua dessas 3 realidades à expressão artística pode levar-nos a um outro patamar como espécie[4].

Nesse caso, a proposta de Edgar Franco, é também uma filosofia pós-humanista de modificação, mas, mais direcionada à modificação da consciência. Para tanto, o homem pode utilizar-se tanto de enteógeneos (realidade vegetal) como de tecnologia, inclusive com a expansão, ou fusão, da mente humana com silício. Essa filosofia pós-humana fica mais clara nas histórias em que Edgar Franco tem pretensões tecnognósticas, já comentadas neste texto.

A tecnognose ou tecnoxamanismo, é uma busca por fundir o científico com o espiritual em um mesmo cenário, como descrito nas histórias *HighTech* e *Em Louvor aos Biociberxamãs* de Edgar Franco. Na segunda história, fica patente que é através da junção entre essas duas formas de conhecimento, xamanismo e ciência, que o homem atingirá o verdadeiro conhecimento. Nesse cenário, Edgar Franco não está

4. Ibid Idem.

sozinho, pois diversas obras publicadas recentemente reafirmam uma nova postura intelectual tecnognóstica. Segundo Erick Felinto (2004),

> Em obras que vão da crítica literária à física, passando pela filosofia e pela biologia, o imaginário mítico se exprime com um vigor inesperado. O que dizer, pois, de um livro como *The Physics of Immortality* (1995), do respeitado físico Frank J. Tippler, onde se propõe estabelecer profundas relações entre a cosmologia moderna e as tradicionais visões religiosas sobre a divindade e a ressurreição dos mortos? Ou do libelo do igualmente respeitado hebraísta Richard Eliott Friedman, *The Disappearance of God* (1995), no qual se sugere uma nova forma de religião universal, misto paradoxal de ciência, misticismo e nietzschianismo? A lista pode continuar, passando pelo espantoso panfleto de Harold Bloom, *Omens of Millennium* (1996), em que a experiência estética e a crítica literária se transformam no fundamento para a proposição de um *gnosticismo* renovado que, segundo Bloom, já estaria mesmo na base das grandes tradições religiosas norte-americanas; ou então o curioso *La Structure Absolue* (1965), do filósofo Raymond Abellio, ex-aluno dos célebres seminários de Alexandre Kojève, agora convertido em gnóstico proponente de uma filosofia onde a fenomenologia de Husserl se encontra com a mística judaica e com as tradições religiosas da Índia (p. 15-16).

É nesse cenário que Edgar Silveira Franco propõe um novo transumanismo, que valoriza tanto as conquistas tecnológicas do ocidente moderno quanto a tecnologia xamânica milenar. O cineasta, poeta, quadrinista e psicomago Alejandro Jodorowski, criador das séries em quadrinhos *Inca, Metabarões* e *Bórgia*, apresenta ideias similares a de Edgar Silveira Franco. Para Jodorowski, a "genética é sagrada" (2009, p. 225), "absolutamente imprescindível" ao possibilitar "uma nova humanidade superdotada e longeva: uma mutação da humanidade para algo infinitamente melhor do que somos agora" (2009, p. 226). Isso não significa cair nos erros da eugenia, que não era uma tentativa de busca por melhora na condição humana, mas o da segregação biológica com base no conceito de raça (Smaniotto, 2012).

A possibilidade de uma segregação biológica dos modificados com relação aos não modificados, discutido em filmes como *Gattaca*, de Andrew Niccol, pelo próprio Edgar Franco e outros autores de ficção científica, com o avanço da tecnologia genética, não é objeto deste texto. Mas, como salienta Jodorowski, não estamos falando "de uma raça superior", mas de uma "humanidade superior":

> Como viveremos muito mais tempo, será um prazer quando tivermos três mil anos de vida, porque ficar velho é estar com o cosmos e com o universo. Nós vamos sentir o universo. A vida é um presente divino. Estar vivo é um presente inimaginável. Nós temos que trabalhar para melhorar esta maravilha (2009, p. 227).

Considerações Finais

Em Jodorowski, dá-se, também, o encontro entre técnica, magia e arte, assim como para Edgar Franco. É nessa confluência, a qual nós poderíamos acrescentar a filosofia, que podemos pensar em um transumanismo tecnognóstico que não deixe de pensar nos benefícios que a bioengenharia, telemática e outras tecnologias podem oferecer, tais como: prolongamento da vida saudável; aumento de elementos da cognição como a memória, concentração e energia mental; melhoramento do bem-estar emocional; cura de doenças genéticas; etc. E, somado a estas conquistas da ciência: a tecnologia e a sabedoria xamânica e artística.

O transumano não é, então, um *ubermench nitzchiano* elitista, a criar uma nova casta eugênica, mas sim um novo patamar possível na evolução humana em busca de uma compreensão maior de sua própria existência e de seu lugar no cosmo. É parte da busca, não o ponto de chegada.

Referências Bibliográficas

BOAS, Orlando Villas. *A arte dos pajés*: impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano. São Paulo: Globo, 2000.

FELINTO, Erick. A *tecnoreligião e o sujeito pneumático no imaginário da cibercultura*. Logos: comunicação e universidade. Ano 11, n. 21, 2º semestre de 2004. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, p. 13- 31.

FRANCO, Edgar Silveira. *HQTRÔNICAS: do suporte de papel à rede Internet*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.

_____. *BioCyberDrama Saga*. Goiânia: Editora UFG, 2013.

_____. *Elegia*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos 01*. Jaú, SP: Editora SM, 2006.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos 02*. Jaú, SP: Editora SM, 2007.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos 03*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos 04*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos 06*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

GILLETTE, Douglas. *O segredo do Xamã*: os ensinamentos perdidos dos antigos maias. Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GOERTZEL, Bem. O Culto dos Übermensch: Extropianos, os Elitistas Nietzcheanos do século XXI. Revista *Impulso*, Piracicaba, SP, Vol. 12, nº 28 de 2001. Pp. 151-156.

HABERMAS, Jürgen. *O Futuro da Natureza Humana*: A caminho de uma eugenia liberal? Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JODOROWSKI, Alejandro. *Psicomagia*. Trad. Sueli Farah. São Paulo: Devir, 2009.

KURZWEIL, Raymond (Entrevista). Seremos Todos Cyborgs. Revista *Veja*, em 15 de novembro de 2006, p. 11-15.

MAGALHÃES, Henrique. A Aurora pós-humana de Edgar Franco. Revista *Top! Top!* nº 25. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.

_____. Poesia e Quadrinhos. Revista *Mandala*, nº 12, junho de 2000. João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 17-18.

MCKENNA, Terence. *O retorno à cultura arcaica*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

SANTOS, Lúcia Pessotto dos; GUIMARÃES, Otávio. Quem é esse Cara? Entrevista com Edgar Franco. Revista *Mafuá* 09, abril de 2008. Disponível em: http://www.mafua.ufsc.br/numero09/mafua09.html#entrevista.

SANTOS NETO, Elydio dos. *Transgressão, transcendência e esperança: Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco*. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Natal, RN - 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0785-1.pdf.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. *Eugenia e literatura no Brasil*: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949). Marília, SP: UNESP / FFC, 2012. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

WILSON, Robert Anton. *O Gatilho Cósmico*: o derradeiro segredo dos Illuminati. Trad. Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2004.

Análise do Discurso digital:
a cosmogonia do Ciberpajé

Fabíola Barros Castrillon

1. Considerações iniciais

A presente pesquisa debruça-se sobre a produção do artista transmídia Edgar Franco, também autodenominado Ciberpajé. Estudar esse artista de uma perspectiva discursiva nos pareceu interessante na medida em que sua produção coloca uma série de questões que podem, como entendemos, promover reflexões importantes para a Análise do Discurso (doravante AD) na imbricação entre o digital e o não-digital. Para que possamos explorar melhor essa questão, a seguir tratamos do processo de transmutação em Ciberpajé do artista, assumido aqui como um acontecimento discursivo.

2. A transmutação para Ciberpajé: um acontecimento discursivo digital (?)

Edgar Franco se autodeclarou Ciberpajé no dia 20 de setembro de 2011, data do seu aniversário de 40 anos. Nove meses antes, o autor

Fabíola Barros Castrillon é graduada em Letras Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2007), tem especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Candido Mendes (2017) e Mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT (2024). E-mail: fabcastrillon@gmail.com

Artigo originalmente publicado em *Educação e práticas contemporâneas*/Claudia Lilian Alves, Eliene Pereira da Silva Dias, Alessandra Carla Furlanetti, Alessandra de Santana da Siva (org). Deerfield Beach, FL: Pembroke Collins, 2024, 356p, p. 201-227.

passa por um processo de depressão, de crise existencial, que o leva a um ritual de presença, a uma proposta poético-performática em transmutar-se em Ciberpajé. Esse processo gerou alguns produtos transmídias: HQ, música, vídeo, revistas, livros, artigos científicos, shows, entrevistas, publicações nas redes sociais. Esmiucemos.

Segundo o artista, a criação do seu nome é composto por um neologismo

> Ciber é um prefixo vindo da cibernética. É a ciência que estuda a relação de conexão, de interatividade, da comunicação entre os seres vivos e as máquinas, os seres vivos e os seres vivos também, e hoje a criação de meu universo permeia os novos meios digitais, maquínicos, através deles eu me comunico com o mundo, difundindo esses universos que eu desenvolvo. O Pajé é o radical da palavra, é aquele que faz contato entre a cosmogonia que está além e o mundo da realidade ordinária. Ele na tribo ajuda a curar pessoas através de seus rituais singulares. Eu, percebi que enquanto pajé de mim mesmo, faço meio que isso. Quando eu crio um mundo. Eu trago esse mundo para a minha realidade e modifico a minha realidade através dessa criação. Por isso que eu sou uma espécie de Pajé. Mas um Pajé de mim mesmo (Franco, Posthuman Tantra. Ciberpajé II Bienal Internacional de Cultura Piscodélica. Youtube,15 de outubro de 2015, Disponível em: https://youtu.be/77ZwWB88YCI?si=Bnpy6lJJbL3254rR. Acessado em 30/03/2023).

Dez dias antes do seu aniversário, Franco cria "exercícios mágicos artísticos de transmutação", em uma contagem regressiva diária, totalizando 10 chaves de "transmutação cosmogônica" - criadas e desenhadas no universo ficcional que o artista denominou de Aurora Pós-Humana[1], descrevendo o seu renascimento simbólico: "Essas chaves

1. Franco criou um universo ficcional transmídia de ficção científica, a Aurora Pós-Humana, com o objetivo de servir como ambientação a trabalhos artísticos de múltiplas mídias. A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartistas e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a raça humana, como a conhecemos, está em processo de extinção. O corpo e a mente estão reconfigurados e em constante (...)

significam as buscas daquilo que eu quero para a minha vida, para a minha transformação pessoal [...]. Essas chaves foram criadas e fixadas em seu corpo renascido através do ritual de desenhá-las, capturando sua forma em sua visão cosmogônica (Ciberpajé, 2012).

É interessante notar que, para o artista, o processo a que podemos chamar de "intuitivo" merece destaque: "os desenhos foram meus primeiros rituais de presença, feitos diretamente a Nanquim sobre papel, **sem rascunho prévio** durante o crepúsculo de cada dia após passar o dia meditando" (Ciberpajé, 2012). Essa descrição irá aparecer novamente com a mesma concepção na referência à música abaixo.

Tal processo está descrito em uma das abas de seu blog, onde se podem encontrar também as "chaves", compostas de um desenho e uma materialidade linguística. Reproduzimos a seguir (e na sequência) cada uma delas:

1 - O SERENO - Ser humilde e sempre sereno diante de reis e de mendigos, de flores e de leões.

Figura 1 – Chave O Sereno

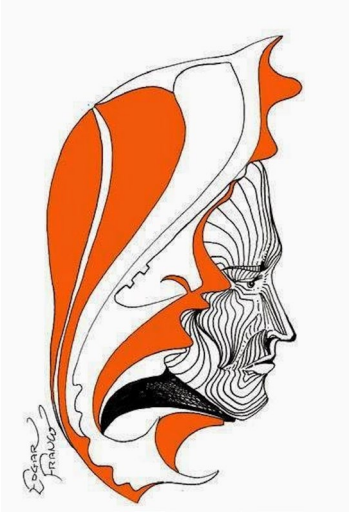


Fonte: Franco, 2012

(...) mutação. Limites entre animal, vegetal e mineral estão se dissipando, a morte não é mais algo inevitável e novas formas de misticismo e transcendência tecnológica, a "tecnognose" (ERIK DAVIS, 1998), substituíram quase por completo as religiões ancestrais. FRANCO (2013). Aurora Pós-Humana. A Arte do Ciberpajé Edgar Franco [Consult, 23 jun. 2023]. Disponível em: WWW:<URL https://ciberpaje.blogspot.com/p/aurora-pos-humana.html >.

2 - O MOMENTO - Viver o Agora, deixar florescer o momento: a flor que desabrocha, a borboleta que rompe o casulo, ser como uma borboleta.

Figura 2 – Chave O Momento



Fonte: Franco, 2012

3 - O EQUILIBRADO - Encarar a importância do mal tanto quanto a do bem, são faces da mesma moeda, paradoxos que dão sentido à verdade! Ter serenidade para lidar com a dor e com a alegria.

Figura 3 - Chave O Equilibrado



Fonte: Franco, 2012

4 - O SINCERO - Dizer o que se pensa sempre para o outro, ser aberto, demonstrar suas fragilidades, não acumular raiva, não gerar tristeza.

Figura 4 - Chave O Sincero



Fonte: Franco, 2012

5 - O DELICADO - Cultivar a delicadeza e a doçura com todos os entes vivos e não vivos.

Figura 5 - Chave O Delicado



Fonte: Franco, 2012

6 - O AMOROSO - Amar o diferente, amar incondicionalmente!

Figura 6 - Chave O Amoroso



Fonte: Franco, 2012

7 - O SELVAGEM - Reconectar-se ao animal interior, aos aspectos naturais do ser. Abrir-se para os prazeres terrenos. Viver o prazer sem culpa, experimentar os êxtases da vida!

Figura 7 - Chave O Selvagem



Fonte: Franco, 2012

8 - O COMPLEMENTAR - Vivenciar masculinidade e feminilidade com intensidade, perceber a importância da complementaridade masculino e feminino, abrir-se a ela. Ir ao encontro do ser complementar sem apego, com amor, sensualidade e liberdade.

Figura 8 - Chave O Complementar



Fonte: Franco, 2012

9 - A RENOVAÇÃO - Experimentar todo momento como único, cada segundo é um novo nascimento, um maravilhar-se! O agora é pura eternidade!

Figura 9 - Chave A Renovação



Fonte: Franco,2012

10 - O RENASCIDO - Aceitar-se completamente, ser como luz, perceber a eternidade em si mesmo, sentir a profunda conexão com todas as coisas e seres.

Figura 10 - Chave O Renascido



Fonte: Franco, 2012

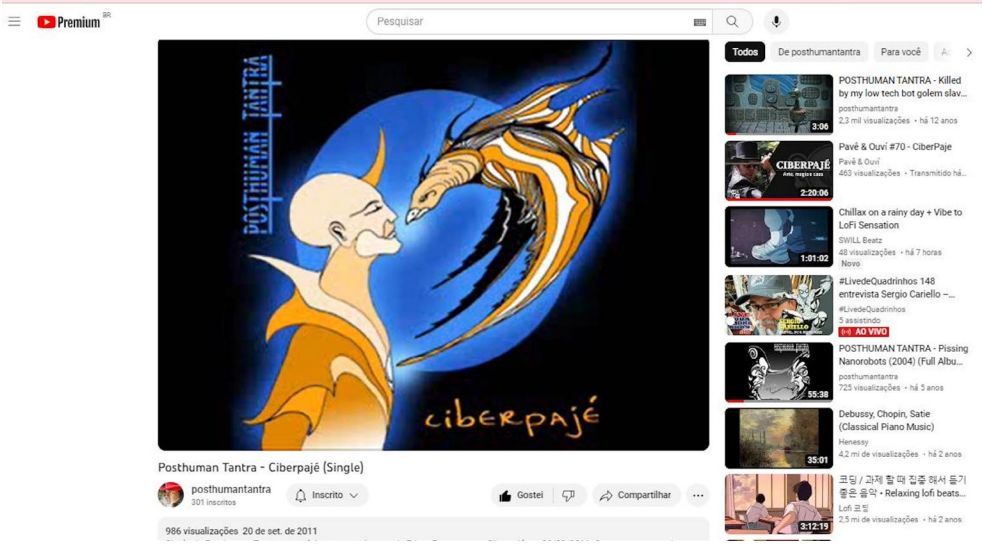
As 10 chaves de transmutação em Ciberpajé foram transformadas em uma história em quadrinhos publicada no nº 6 da Revista Artlectos e Pós-Humanos (Editora Marca de Fantasia, 2012) e integram o livro Processos Criativos de Quadrinhos Poético- Filosófico, de Edgar Franco & Danielle Barros (Editora Marca de Fantasia, 2015) e o ZineBook Enteogênicos (Editora Criativo, 2019).

"Para o suporte papel, além de BioCyberdrama Saga, em parceria com Mozart Couto, elaborei uma série solo de revistas em quadrinhos chamada Artlectos e Pós-humanos, que publica HQs curtas ambientadas na Aurora Pós-Humana" (Franco, 2016). Como destaca o artista, todas suas obras transmidiáticas ambientadas na Aurora Pós-Humana compõem um *work-in-progress* no qual o seu universo ficcional vai se transmutando. *"Artlectos"* parte do título da série de revistas em quadrinhos do Ciberpajé dedecada à publicação de HQs curtas, é um

neologismo formado pela junção das palavras “artificial” e “intelectos”. Atualmente a revista “Artlectos e Pós-humanos” está em sua cima quarta edição.

A segunda etapa de seu processo ritual de transmutação em Ciberpajé ocorre na manhã do dia 20 de setembro de 2011. O artista Edgar Franco finaliza o seu renascimento performático como Ciberpajé, compondo e gravando “em um único take” (aqui a menção a um processo sem “ensaio”, “intuitivo” uma vez mais) sua “Declaração de Ciberpajé”. Ela foi lançada no canal do youtube em forma de single da banda Posthuman Tantra.

Figura 11- Captura de Tela [Single] Ciberpajé



Fonte: FRANCO, Edgar. Posthuman Tantra.Ciberpajé. 20 de set. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Jc2jjDt7OE . Acesso em 5 de maio de 2023

Segue a letra da canção:

CIBERPAJÉ

Renasço como xamã urbano
pajé pós-humano

Preces ao nada,
à negação da mente
em louvor ao retumbar ecoante do coração

Desconecto-me do conhecimento intelectual
em favor da intuição

O passado é só um sonho
a reverenciar e esquecer
em prol do agora:
a verdadeira canção!

O futuro uma mansão de desejos a implodir
em nome do êxtase do hoje

Celebro as transtecnologias ancestrais,
mágicas plantas de poder
e somo a elas as hipertecnologias atuais
visando elevar a capacidade de maravilhar-me
com cada detalhe mínimo e sublime
desse momento: vida!

Reconecto-me à minha essência animal e natural
resgato minha dimensão cósmica

para amar do pó às galáxias
das bactérias aos golfinhos
das pétalas às raízes

Sou o Ciberpajé
um pós-humanista navegando
na eternidade do agora

Sou fênix hipercósmica
Sou vida!

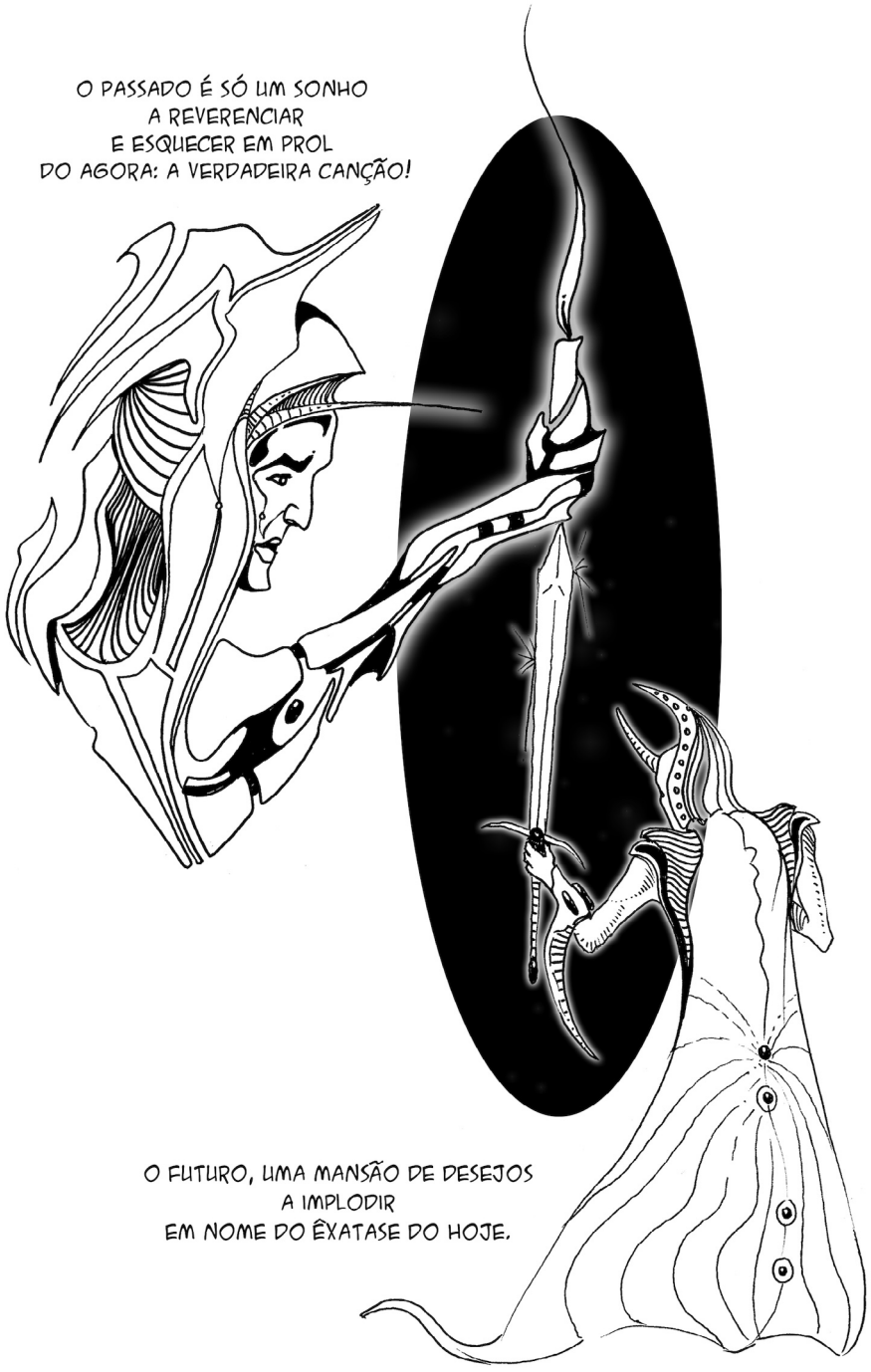
A partir desta música foi criada uma HQ, também intitulada Ciberpajé, com 5 páginas, a sua letra serviu como texto para a HQ poético-filosófica. Ela foi publicada na revista Artlectos e Pós-Humanos nº 6 (editora Marca de Fantasia, 2012). O artista incluiu personagens humanimais e criaturas transgênicas do seu universo ficcional da Aurora Pós-Humana na composição conceitual e estética da histyória em quadrinhos. Segue a HQ na íntegra:

Figura 12 - HQ Ciberpajé



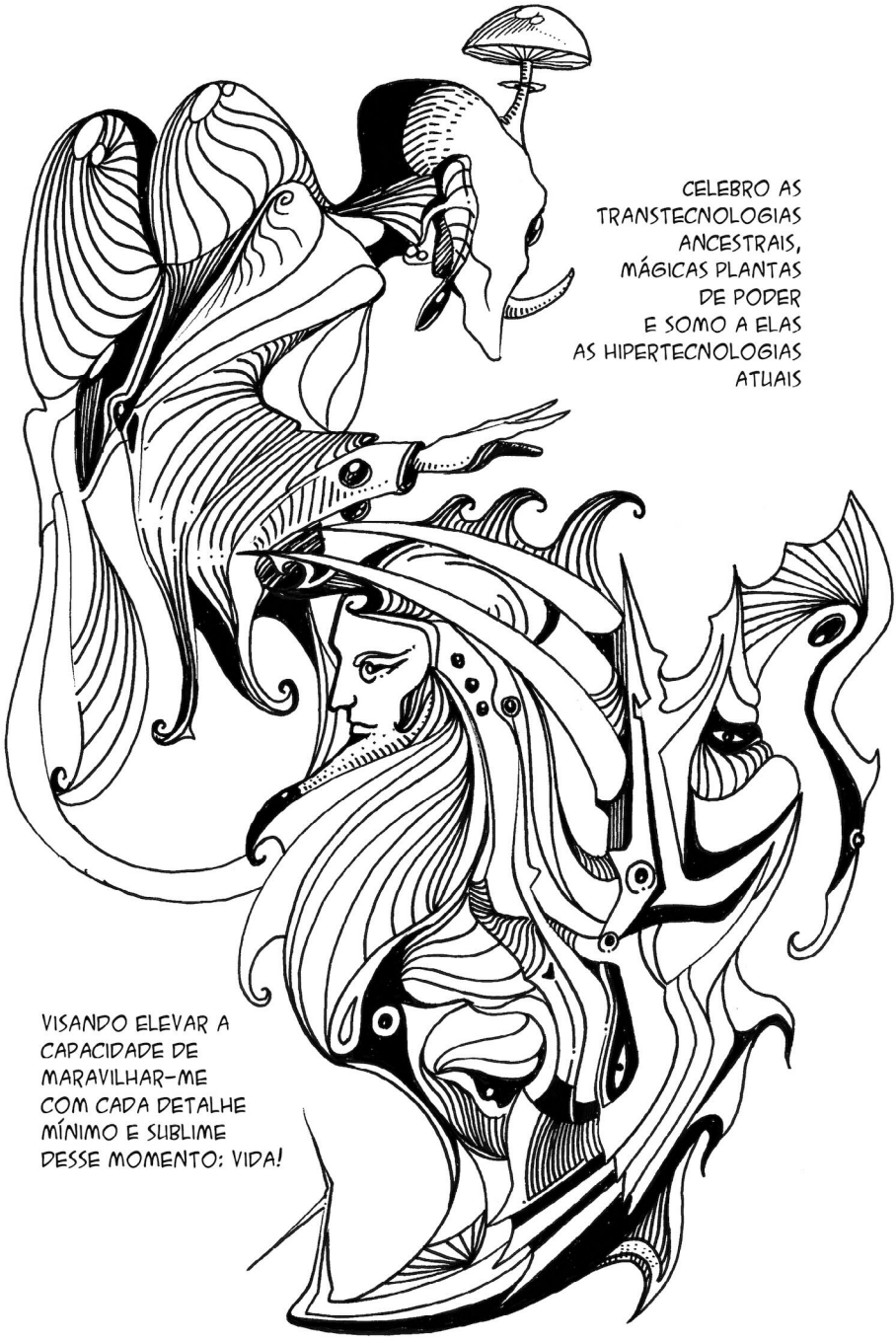
Fonte: Artlectos & Pós-Humanos n. 6, Edgar Franco, 2012

Figura 13 - HQ Ciberpajé



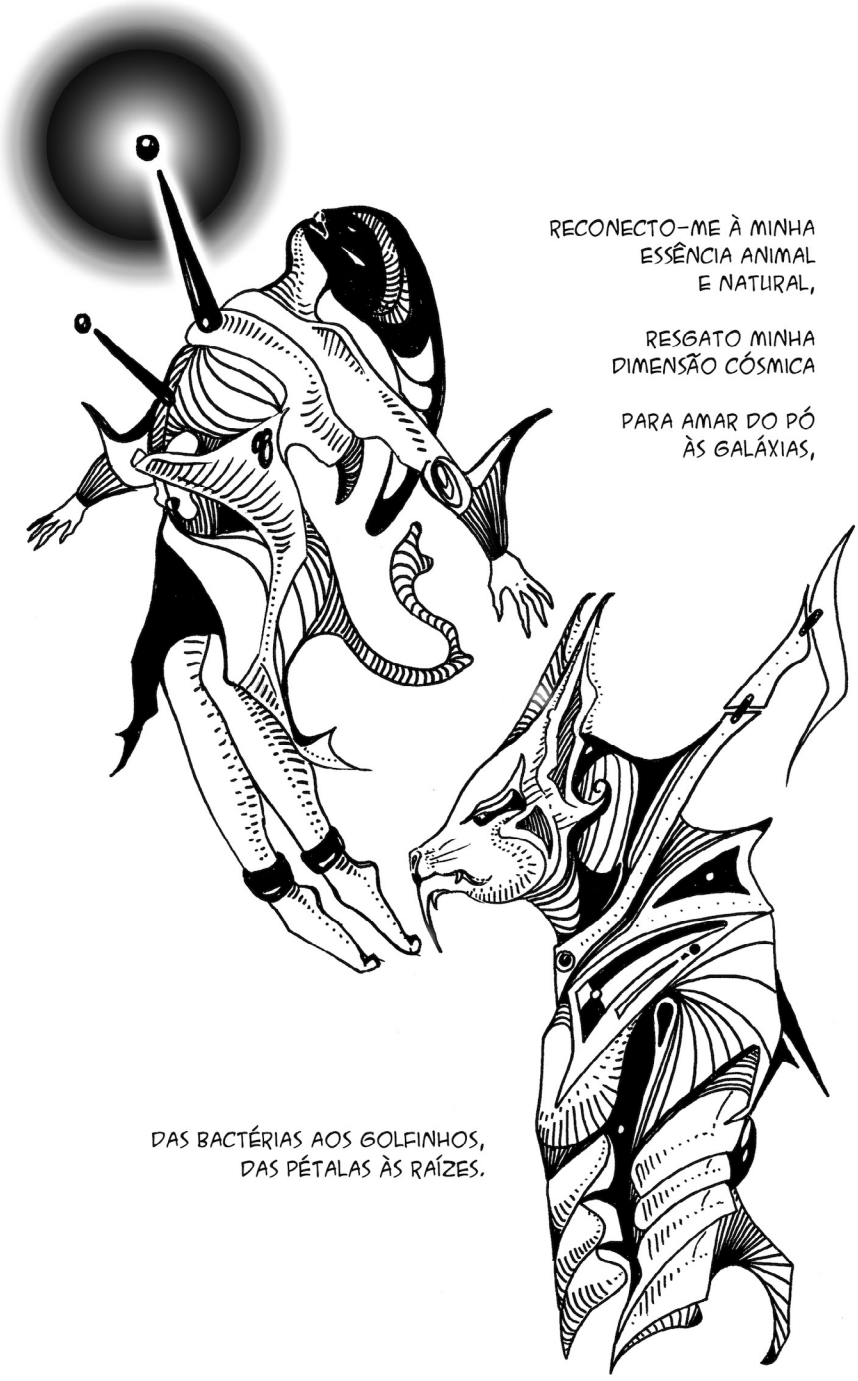
Fonte: Artlectos & Pós-Humanos n. 6, Edgar Franco, 2012

Figura 14 - HQ Ciberpajé



Fonte: Artlectos & Pós-Humanos n. 6, Edgar Franco, 2012

Figura 15 - HQ Ciberpajé



Fonte: Artlectos & Pós-Humanos n. 6, Edgar Franco, 2012

Figura 16 - HQ Ciberpajé



Fonte: Artlectos & Pós-Humanos n. 6, Edgar Franco, 2012

Como dissemos acima, o processo de transmutação gera um conjunto de produtos, muitos dos quais encontram-se online. Entretanto, esse processo "transborda" para o não-digital, uma vez que:

> O renascimento como Ciberpajé denota ser mais do que uma ação performática transmídia perpetrada nos múltiplos meios artísticos criada pelo artista, uma vez que após a declaração **Edgar Franco assumiu a nova identidade de Ciberpajé 24 horas por dia**, trazendo essa nova condição para o dia a dia, transformando o ato performático em vida. **Isso envolve se apresentar como Ciberpajé nos múltiplos ambientes reais e virtuais pelos quais Franco trafega**: congressos e eventos acadêmicos, entrevistas para veículos de mídia diversos, na sala de aula como professor, no Facebook, no currículo Lattes, etc." (FRANCO, Edgar. Transmutação em Ciberpajé. Blog A Arte do Ciberpajé Edgar Franco - https://ciberpaje.blogspot.com/p/transmutacao-em-ciberpaje.html).

Nesse sentido, foi preciso refletir em torno da proposta de Paveau (2021), para quem é necessário tecer uma crítica sobre as práticas de analistas de discurso que seguem elaborando "seus corpus com base em critérios tradicionais da análise do discurso (escolha de um acontecimento discursivo, de uma polêmica, de um gênero de discurso, de um modo de interação)". Para a autora, é preciso deslocarmo-nos de uma concepção segundo a qual a internet é utilizada *para* corpus para uma na qual ela seria usada *como* corpus.

Considerando o caso em tela, como se percebe, essa distinção pode não ser tão simples de se fazer. Afinal, o que devemos assumir como dados para exame da construção do ethos do Ciberpajé: apenas os dados online? Eles seriam suficientes para dar conta de um processo que se produz também de modo não virtual? Entendemos que não e, também por isso, formulamos aqui a proposta de construção de corpus como um *acontecimento discursivo (não) digital*. Ou seja, o processo tem elementos do contexto digital e que são relevantes também, mas

ele não se limita a esse ambiente. Dessa forma, não se trata de uma pesquisa que lida exclusivamente com o que Paveau (2021) chama de *discurso nativo digital*.

Uma grande parte da materialidade do corpus apresentado advém de variadas plataformas digitais, como o blog do artista, o youtube vinculado ao canal da banda performática Posthuman Tantra[2], temos assim diferentes materialidades como HQforismos, músicas, poemas, aforismos, quadrinhos, performances. Há, portanto, o que Paveau denomina de relacionalidade "os discursos digitais nativos estão todos inscritos numa relação". Assim, as chaves estão relacionadas (do ponto de vista da técnica do discurso nativo digital) com a música, com a criação da HQ e com esse processo ritualístico apresentado como múltiplas criações transmídia.

Um outro recurso que Paveau (2021) acrescenta é o de "deslinearização pelos links hipertextuais que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de navegação". Na página do blog do artista a aba Transmutação em Ciberpajé, traz links que te direcionam para outro canal no youtube, há, portanto a clicabilidade no plano morfolexical, e a imprevisibilidade no plano discursivo.

2. Essa banda foi criada no período de seu doutorado em artes na USP em 2004, foi pensada a partir da tensão criada entre a ideia do pós-humano, e todas as implicações de mudanças drásticas da espécie a partir da incorporação de tecnologias como a robótica e a hibridação genética incorporando genes animais e vegetais ao corpo humano e de como seriam as infinitas possibilidades de sexo tântrico no novo contexto desses seres transmutados, como no caso das espécies pós-humanas dos Extropianos e Tecnogéticos da sua Aurora-Pós-Humana. O nome da banda propõe o que seria a tecnognose do tantra, Hipertecnologia-Transessência-Hipertecnotranse. Com performances tecnocorpóreo-imagéticas, apresentações cíbridas, no estilo sci-fi/dark/industrial/ambient usando o real e o virtual simultaneamente, como integrantes fixos da banda destacam-se a I Sacerdotisa Rose Franco, musicista e performer e Luiz Fers, figurinista e performer, os demais integrantes não são fixos e integram o grupo de pesquisa Cria_Ciber, coordenado pelo Ciberpajé na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. A banda já apresenta uma produção que ultrapassa as 30 horas de músicas lançadas em 6 álbuns oficiais em CD, 5 EPs, 6 split boxes, 4 split CDs e participações em mais de 15 coletâneas em CD e outras 30 em formato digital nos 5 continentes do planeta. (Fanzine Posthuman Tantra: Entrevista exclusiva - 18 anos de *Pissing Nanorobts*. 2023).

3. Um conjunto de dados e um esboço de análise

A partir de agora vamos nos deter sobre um determinado tipo de funcionamento relacionado aos discursos nativos digitais, conforme descreve Paveau (2021). Trata-se do que a autora aponta como uma das características desse tipo de discurso, a saber, o tecnografismo, que a autora define como "uma produção semiótica, que associa texto e imagem num compósito nativo na internet. [...] O tecnografismo, compósito de imagem fixa ou animada e de texto. É, de fato, uma produção nativamente digital multimidiática".

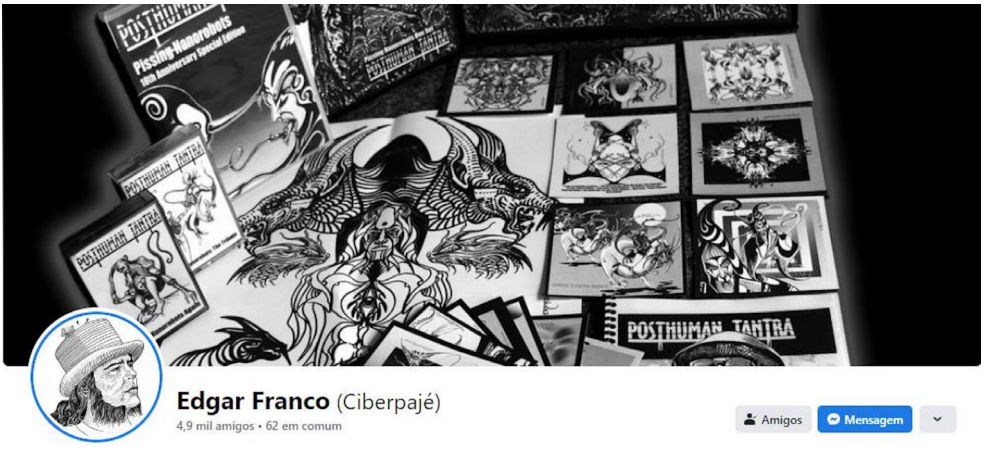
Especificamente aqui iremos nos ater a noção de Avatar, que é nessa proposta de Paveau, uma das formas de tecnografismos presentes nesse universo digital, segundo a autora: "contribui para a descrição de si online e participar de uma tecnologia de si" (2021, p.342). Conforme explica Paveau (2021, p.343), o termo designa,

> conforme sua etimologia (do sânscrito avatara, que significa a descida à terra), a encarnação do deus Vishnu numa forma terrestre, o que leva no sentido corrente de metamorfose ou transformação. No contexto dos jogos digitais no começo dos anos de 1990, "o avatar interativo corresponde a forma visual que um dispositivo interativo coloca à disposição de seus usuários para que interajam entre si"; trata-se então da "inscrição visual do usuário na tela"(Amato, Perény 2013:92). O termo inscrição visual deve ser entendido no seu sentido gráfico: Fanny Georges especifica que se trata de fato "de conjuntos de informações ou personagens digitais que representam os habitantes dos mundos virtuais. O avatar, enquanto identidade projetiva, é o produto da interpretação do jogador e, enquanto sistema tecnossemiótico, é condicionado pela interface.

Assim, mobilizamos uma análise da materialidade visual do usuário Ciberpajé, dos elementos: fotografia do perfil e capa do perfil, que circulam na rede, a partir de capturas de telas dos seguintes perfis das

redes sociais: Facebook; Instagram; Youtube; Twitter; Threads; Bandcamp e Spotify.

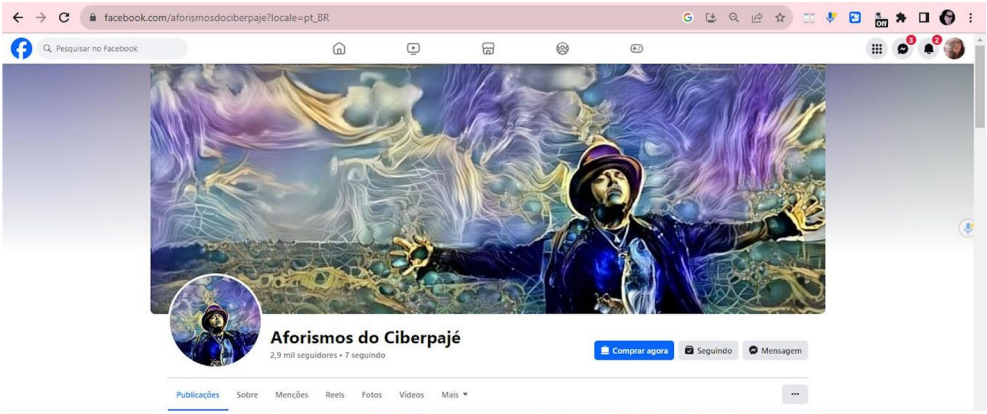
Figura 17 - Captura de tela do perfil Facebook do Edgar Franco



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: Artista transmídia, pós-doutor (UnB & Unesp), doutor (USP), mestre (Unicamp), e professor da UFG.

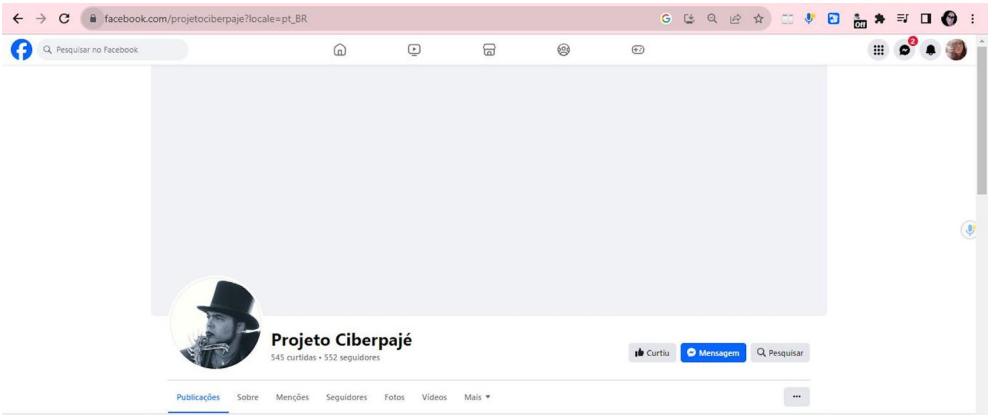
Figura 18 - Captura de tela do perfil do Facebook da página Aforismos do Ciberpajé, em que o artista publica seus aforismos, HQforismos e fotoforismos



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: O Ciberpajé é Edgar Franco, artista transmídia, pós-doutor (UnB), doutor (USP), mestre (Unicamp).

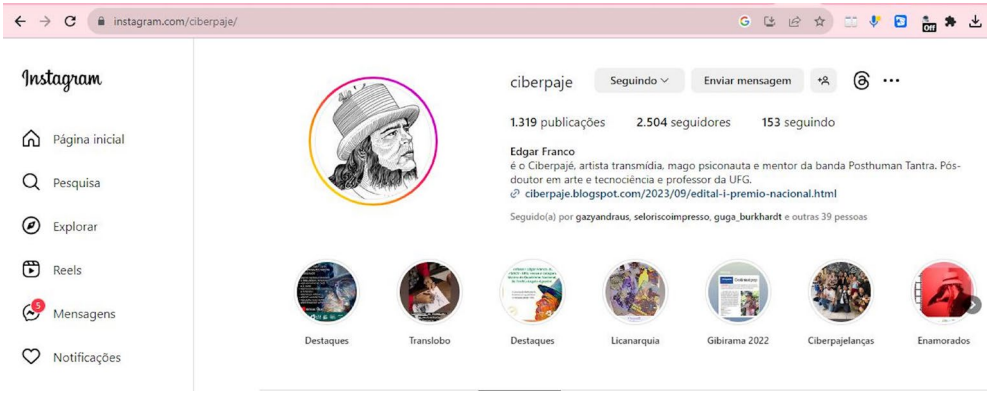
Figura 19 - Captura de Tela do perfil do Facebook do Projeto do Ciberpajé, projeto musical paralelo do Ciberpajé



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: Projeto musical Ciberpajé - Aforismos com a voz do Ciberpajé musicados por musicistas e bandas do Brasil e do mundo.

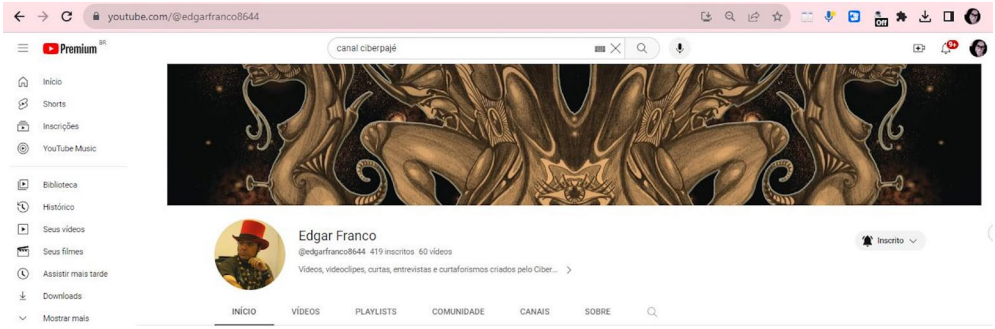
Figura 20 - Captura de tela do perfil Instagram do Ciberpajé



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: Edgar Franco é o Ciberpajé, artista transmídia, mago psiconauta e mentor da banda Posthuman Tantra. Pós-doutor em arte e tecnociência e professor da UFG.

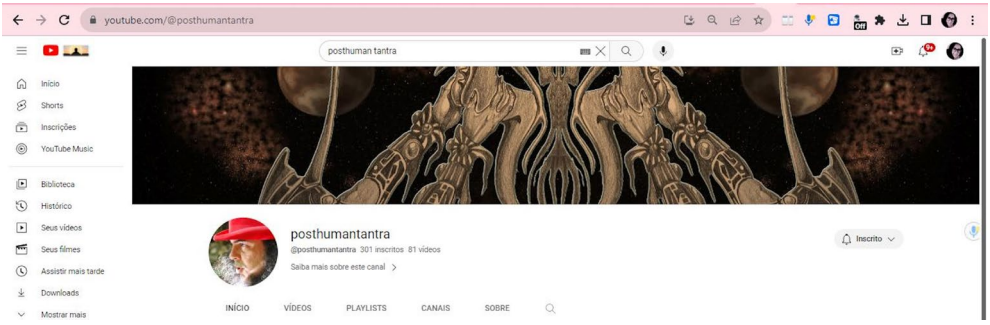
Figura 21 - Captura de tela do perfil do canal de Edgar Franco no Youtube



Fonte: Franco, 2023

Descrição: Vídeos, videoclipes, curtas, entrevistas e curtaforismos criados pelo Ciberpajé (a.k.a. Edgar Franco) ou com sua participação. O Ciberpajé é artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnologia pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela Unicamp, e professor permanente no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da UFG.

Figura 22 - Captura de tela do perfil do canal da banda Posthuman Tantra no Youtube



Fonte: Franco, 2023

Figura 23 - Captura de tela do perfil do Twitter do Ciperpajé



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: Artista transmídia, mago psiconauta, pós-doutor em artes (USP) mestre em multimeios (Unicamp) e professor da UFG.

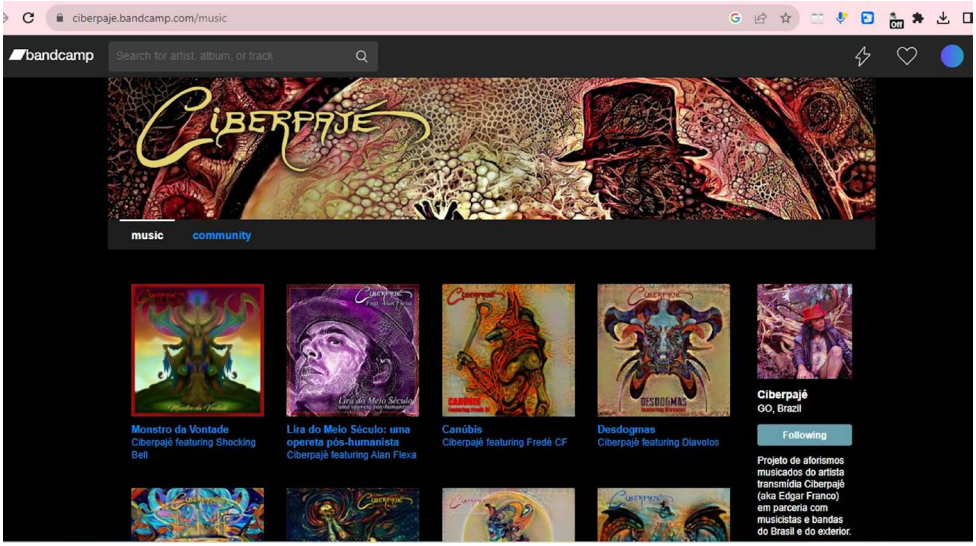
Figura 24 - Captura de tela do perfil do Threads do Edgar Franco



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: é o Ciberpajé, artista transmídia, mago psiconauta e mentor da banda Posthuman Tantra. Pós-doutor em arte e tecnociência e professor da UFG.

Figura 25 - Captura de tela do perfil do Bandcamp do Ciberpajé



Fonte: Franco, 2023

Apresentação: Projetos de aforismos musicados do artista transmídia Ciberpajé (Aka Edgar Franco) em parceria com musicistas e bandas do Brasil e do exterior.

Figura 26 - Captura de tela do Perfil do Spotify



Fonte: Franco, 2023

Os perfis das diversas redes sociais e plataformas apresentam um conjunto de elementos (de natureza compósita) que merecem atenção: i) o usuário ora se apresenta como Ciberpajé, ora como Edgar Franco; ii) o usuário se vale de múltiplas representações imagéticas (desenho/caricatura da figura Edgar Franco; foto pessoal; desenho "humanimal").

Os perfis se destacam no aspecto da apresentação do usuário quanto à descrição de si. No perfil Aforismos do Ciberpajé apresenta-se o seguinte enunciado "O Ciberpajé é Edgar Franco", no perfil do Instagram enuncia-se "Edgar Franco é o Ciberpajé". Dessa forma, há uma vertigem de pessoa, em que ele se trata como dois, e também se trata em 3ª pessoa.

Há uma embreagem actancial (quando se usa uma pessoa com o valor de outra), ele tem consciência de que tem papéis sociais: o Ciberpajé possui um papel social e o Edgar Franco possui um outro papel social. O nome próprio é constantemente utilizado no lugar do eu, criando efeito de objetividade.

> Objetividade é uma palavra polissêmica, pode significar tanto neutralidade, quanto justeza, isto é, adequação a um referente. Na linguagem, na verdade, não há nem uma e nem a outra. O que há são efeitos de sentidos produzidos, no primeiro caso, por um apagamento das marcas da enunciação do enunciado, e no segundo, por um controle dos termos mais nitidamente avaliativos. Objetividade linguística não existe, mas por meio de certos procedimentos, chega-se ao efeito de sentido de objetividade (Fiorin, 1994/1995, s.n.).

De acordo com Fiorin (1994/1995), a linguagem não tem objetividade, ela é uma criação de mecanismos da linguagem, cada escolha lexical demonstra um ponto de vista do enunciador. A objetividade, assim, é um efeito de sentido, no sentido de dar ao texto um carácter institucional. Ao criar uma objetificação, o enunciador se coloca como se fosse outra pessoa para não se envolver emocionalmente e poder analisar com frieza aquilo que está sendo feito.

No perfil do Youtube de Edgar Franco na apresentação de si, o enunciado diz: Ciberpajé (Aka Edgar Franco). Aka é uma abreviação das palavras da expressão "also known as", cuja tradução para o português seria "também conhecido como" ou "vulgo". Isto implica dizer que a versão mais popular deste nome é Edgar Franco.

A representação de usuário é alterada pelo artista a cada perfil das redes sociais, no Facebook o Edgar Franco coloca na foto do perfil um autorretrato do Ciberpajé feito em suporte papel e na técnica de nanquim, segundo ele, o desenho foi criado a pedido de um editor; autorretrato este, que se repete no Instagram e no Threads. A foto de capa do Facebook Edgar Franco traz uma imagem de divulgação da box set de comemoração de 18 anos da banda Posthuman Tantra – chamada *Pissing Nanorobots 18Th Anniversary Special Edition*, lançada pela gravadora Kaos Records, de Santos, São Paulo.

Nos modos como apresenta as capas dos perfis do Facebook Aforismos do Ciberpajé, Bandcamp e Twitter é possível perceber que houve o tratamento gráfico da imagem. O artista usou experimentações em redes neurais, com algoritmos NST (*Neural Style Transfer*). Apresentando uma visualidade trabalhada com aplicação de cores e texturas diferenciadas.

De acordo com o artista:

> A técnica de rotoscopia digital utilizada na animação (In)Finitum é diferente da utilizada em O Enterro dos Deuses, na qual foi aplicado o algoritmo base do *Deep Dream*, desta vez utilizamos redes neurais batizadas de *Neural Style Transfer*. Traduzido do inglês, é o que podemos chamar de "Transferência de estilo neural", e refere-se à uma classe de algoritmos que manipulam imagens, objetivando adotar a aparência ou o estilo visual de outra imagem. Os algoritmos NST são caracterizados pelo uso de redes neurais profundas em prol da transformação das imagens (Franco, 2021).

Para Paveau (2021), existem de fato inúmeras ferramentas automáticas on-line para fabricar um avatar, e, mais amplamente, tecnografismos de todo tipo (pode-se também utilizar um programa de edição visual, o que personaliza ainda mais o produto e o aproxima da arte ou do artesanato).

A foto do perfil do Facebook Aforismos do Ciberpajé e a imagem da capa são a mesma, uma arte do Ciberpajé intitulada "Lobo do Cerrado louvando Gaia", criada a partir de foto do Ciberpajé tirada por Anésio Neto. De acordo com a descrição em seu blog, no tópico postado no ano de 2021, houve um tratamento da imagem quanto a colorização e texturização digital, o artista buscou representar a umidade e pastosidade dos tempos pandêmicos, tratou-se de uma experiência artística utilizando redes neurais, inteligência artificial e tecnologia *Deep Dream*. Também com a intenção artística de produzir uma imagem para rememorar suas visões em estados não ordinários de consciência induzidos pelo uso de enteógenos. Alguns trabalhos possuem essa similaridade de cores e texturas: a capa do álbum em quadrinhos Licanarquia (Editora Atomic, 2021); a capa de apresentação do periódico acadêmico Humus e a capa do periódico eletrônico Zygmunt Bauman v 11, nº 25 - A filosofia do desenvolvimento.

Na fotografia do perfil do Projeto Ciberpajé, o artista foi fotografado por Anésio Azevedo Costa Neto, em ensaio para um vídeo do Posthuman Tantra.

No perfil do Twitter o nome de usuário é Ciberpajé, a foto do perfil foi tirada no evento "II Bienal Internacional de Cultura Psicodélica", 2015. Já a foto de capa do perfil é um autorretrato, com o título artístico "Saudando a Morte", produzido no ano de 2021.

No Perfil do Spotify, o artista usa como foto do perfil a capa do CD Canúbis, da banda Posthuman Tantra, em parceria com o musicista Fredé CF, fazendo referência ao Deus grego Anúbis, obra criada no ano de 2022 Ali o artista também se apresenta com o nome de usuário de Ciberpajé.

Destaca-se que a foto do perfil do Youtube e do Twitter foram criadas como fotografias, o que Paveau (2021) designa “de retrato figurativo (o avatar fotogênico), [...] num sentido metafórico para qualificar sua ficha de identidade completa.” A fotografia do perfil do Youtube, foi tirada por Daniel Rizoto durante as filmagens do videoclipe Aforismo I, e o ensaio fotográfico Águas Eternas, em 2016.

Um outro batimento é o transbordamento para a vida real, pois ele se textualiza como sendo Pós-Doutor em Artes e Tecnociência, Mestre em multimeios pela Unicamp e professor permanente no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da UFG, artista transmídia, “mentor” da banda Posthuman Tantra, concomitante a este movimento ele se auto referência como “mago” e “psiconauta”.

De acordo com Chevalier (2003), “o mago é o criador de um mundo ilusório por seus gestos e suas palavras”. “É o espírito que penetra a matéria. Todas as aparências salientam a divisão de um ser produzido igualmente por dois princípios contrários, e a dominação de sua dualidade pelo equilíbrio e a supremacia do espírito”.

O termo Psiconauta significa uma pessoa que usa os estados alterados de consciência, intencionalmente induzidos, para investigar a própria psique ou a dos outros. A fim de encontrar respostas para questões pessoais, humanas e universais através de suas próprias experiências.

Para Paveau (2021) O termo avatar também possui um sentido metafórico para qualificar sua ficha de identidade completa. Essa generalização se justifica por um raciocínio que abstrai a ideia de avatar para além da representação gráfica, a fim de designar qualquer formalização semiótica coerente que vale para si.

Assim o avatar está cada vez menos anônimo e passa a ser associado ao cotidiano e à vida real. Para Paveau (2021) identidades lúdicas, virtuais e reais tendem a se misturar.

Nesse sentido, uma entrada que se mostrou produtiva para as análises aqui reunidas foi precisamente a partir dos avatares utilizados nos múltiplos espaços digitais "frequentados" pelo Ciberpajé.

4. Conclusões

Trata-se de um gesto de interpretação, verificar ainda como o artista se apresenta no currículo Lattes, em artigos, livros, e e-mail, além das análises dos enunciados aforizantes no processo de Transmutação em Ciberpajé. Que efeito de sentido isso produz em termos de um ethos? O prefixo Ciber de Ciberpajé enquanto uma crítica? Como o processo de Transmutação repercute na forma como ele se apresenta? Além de trabalhar a questão da paratopia, essa difícil negociação do lugar acadêmico e artístico.

Considerando o processo de transmutação descrito anteriormente, é importante lembrar que a maneira como Edgar Franco se apresenta nesses espaços — nas redes sociais de todos os tipos — contribui para a materialização de uma posição no campo da arte, posição essa que, como se viu, encontra-se na negociação entre um lugar mais acadêmico e a recusa desse mesmo lugar.

Referências

AKA. In: Yázigi. Campinas, SP. Disponível em: https://www.yazigi.com.br/noticias/ingles/qual-o-significado-de-aka-em-ingles, Acesso em 2023.

CHEVALIER, Jean, 1906. *Dicionário de símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)/ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. - 18" ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FRANCO. Edgar. *Artlectos e Pós-Humanos* n. 6. João Pessoa: Marca de Fantasia, março de 2012.

FRANCO. Edgar. *Processos criativos de quadrinhos Poético-filosófico*: a revista Artlectos e Pós-Humanos/Edgar Franco, Danielle de Barros. Paraíba: Marca de Fantasia, 2015.

FRANCO, Edgar. *Transmutação em Ciberpajé*. A Arte do Ciberpajé Edgar Franco. 20 de set.2011.

FIORIN, José Luiz. A Pessoa Subvertida. *Língua e Literatura*, n. 21, p. 77-107, 1994/1995.

PAVEAU. Marie-Anne. *Análise do Discurso Digital*: dicionário das formas e das práticas/Marie-Anne Paveau; Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ISSN 2358-0488 - Anais do VIII Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas. ISSN 2238-0272 - Anais do 20o. Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. 8vo. Balance-Unbalance. PANORAMAS 2021. ROCHA, Cleomar; VENTURELLI, Suzete; MARTINEZ, Emilio (Orgs). València, Espanha: Universitat Politècnica de València; Media Lab/BR, 2021.

As HQtrônicas e a contemporaneidade dos quadrinhos digitais

Guilherme “Smee” Sfredo Miorando
Sebastian Horácio Gago



Entrevista originalmente publicada na Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. ISSN: 1984-8226, v. 27, n. 1, novembro 2025, p. 5-18. doi: 10.4013/fem.2025.271.02

Edgar Franco é o Ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e pronto a experienciar o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nacionais nas áreas de quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica como: Prêmio Rumos Arte e Tecnologia – Itaú Cultural SP (2003), Troféu Bigorna de melhor HQ de Aventura/FC (2010), Medalha Frei Confaloni de Artes Visuais (UBE-GO, 2019), Prêmio Argos de Literatura Fantástica (2021), Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional (2022), III Prêmio Nacional CMM da HQ Independente (2023) e I Prêmio do Quadrinho Goiano na categoria Mestre do Quadrinho Goiano (2024). Criador do universo ficcional transmídia da Aurora Pós-Humana com o qual tem realizado obras em múltiplas mídias e suportes como quadrinhos, ilustração, poesia, aforismo, conto, música, vídeo, cinema, animação, instalação, web arte, gamearte e performance.

É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos. Mentor da banda performática Posthuman Tantra e do Projeto Musical Ciberpajé. Pesquisador criador do termo HQtrônicas, autor de 5 livros acadêmicos e dezenas de artigos. Pós-doutor em Arte, Quadrinhos e Performance pela UNESP, Pós-Doutor em Arte e Tecnociência pela UnB, Doutor em Artes pela USP, Mestre em Multimeios pela UNICAMP, Arquiteto e Urbanista pela UnB. Desde 2008 atua como professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Desde 2010 coordena o Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER (CNPq – FAV/UFG) na Faculdade de Artes Visuais da UFG, onde é Professor Titular, e já orientou dezenas de pesquisadores de iniciação científica, mestrado e doutorado. Sua obra artística transmídia tem sido estudada por pesquisadores do Brasil e do exterior de múltiplas áreas, tendo gerado 6 livros dedicados a ela, investigações de mestrado e doutorado e inúmeros artigos científicos.

Fronteiras: Caro Professor Doutor Edgar Franco, nosso famoso "Ciberpajé", primeiramente obrigado por aceitar esta entrevista para este dossiê da Revista Fronteiras. Gostaria de começar nossa entrevista falando sobre o estudo dos quadrinhos. Sabemos que existe uma disputa internacional sobre qual país foi responsável pela gênese desta que é considerada a nona arte em diversos círculos da cultura. Mas e nos estudos de quadrinhos digitais, essa é uma disputa que também existe ou eles se relacionam também com o desenvolvimento da internet nos Estados Unidos?

Ciberpajé: Essas disputas ufanistas sempre me pareceram inócuas, elas contribuem muito pouco para o desenvolvimento dos quadrinhos e implicam em mais polarização no nosso panorama midiático de extremismos emergentes. Colocar uma bandeira ao lado dos processos criativos muda muito pouco do que é essencial sobre eles. Mas entendo também a importância fundamental para nós pesquisadores de estabelecermos um percurso histórico dos fenômenos, eu mesmo tenho sido um dos pioneiros no Brasil em alguns experimentos criativos com quadrinhos, mas reconheço que esses movimentos de transformação e surgimento de outras linguagens acontecem sempre de forma quase que concomitante entre muitos criadores. A ebulição criativa de novas linguagens hipermídia, de novas criações artísticas, ou mesmo de produtos industriais da tecnociência parece-me sempre ser um processo de ressonâncias morfogenéticas, ou seja, ela acontece de forma pulverizada, distribuída, rizomática.

A conexão entre as histórias em quadrinhos e a linguagem digital binária remonta ao uso de computadores para a criação de HQs ainda para a impressão em suporte papel. Em meu estudo pioneiro sobre tais manifestações consegui mapear obras sendo desenvolvidas nos Estados Unidos, Alemanha e França, todas sendo lançadas na segunda metade da década de 80, com destaque para os estadunidenses Mike

Saenz e Peter Gillis, que desenvolveram no ano de 1984 a história em quadrinhos *Shatter*, lançada em junho de 1985 nos Estados Unidos pela Editora *First Comics Inc*. Essa HQ teve suas artes 2D criadas em computador, mas foi colorida manualmente. Já *O Império dos Robôs* foi publicada na revista italiana *L'Eternauta* em 1988. Essa HQ em preto e branco, realizada pelo artista alemão Michael Götze, utilizou um computador Atari 520 SST para criar todos os desenhos. Götze foi o pioneiro no mundo a trabalhar os cenários e personagens em um programa 3D, gravando na memória do computador essas construções. Em 1989 foi lançada pela editora francesa *Editions Du Lombard* a revista em quadrinhos *Digitaline*, o trabalho, assinado por Jacques Landrain (desenhista) e Bob de Groot (roteirista), foi a primeira HQ inteiramente concebida por computador realizada na França.

Mas quando falamos de redes telemáticas, a primeira vez em que uma história em quadrinhos foi digitalizada e disponibilizada em um monitor de computador não aconteceu na Internet, e sim na rede telemática francesa *Minitel*. O espaço telemático da revista *Circus* no Minitel francês veiculou *on-line* tiras da personagem Mafalda, era o ano de 1986. No entanto, antes disso, em 1985, ainda no contexto da era pré-digital, foram criadas as primeiras Vídeo BDs na França. Enki Bilal e o videasta Jean Michel Girones realizaram um clipe de vídeo usando como base os croquis de uma HQ de Bilal e a equipe de produção do estúdio audiovisual da biblioteca municipal de Toulon criou um vídeo de seis minutos e trinta e seis segundos usando imagens da HQ *Salambô* de Druillet. Essas obras guardavam já muitos elementos que veremos posteriormente nas HQtrônicas da era digital da hipermídia, ou seja, envolviam trilha sonora, pequenas animações e diagramação dinâmica. Essas realizações denotam como o fenômeno das HQtrônicas emergiu de forma dinâmica no ocidente, mobilizando artistas visionários da Europa e dos EUA, e mesmo no Brasil a nossa primeira HQ criada completamente em um computador foi desenvolvida ainda no ano de

1990, trata-se da tira *Nacional e Popular*, criada pelos quadrinhistas Maracy, Tony e Smirkoff em um Macintosh SE com 4 MB de RAM e 20 MB de disco rígido e publicada no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de São Paulo* durante o ano de 1991.

Quando tratamos das HQtrônicas digitais, ou seja, os quadrinhos intermídia que envolvem recursos hipermídia em sua linguagem, antes de serem veiculados na rede Internet, essas produções apareceram no suporte CD-ROM. O quadrinhista italiano Marco Patrito começou a desenvolver no ano de 1991 o universo da HQtrônica *Sinkha*, todo construído com o auxílio de programas 3D, um mundo ficcional destinado à criação do que ele chamou de "Romance Multimídia em CD-ROM". Na verdade, Patrito intencionava criar uma nova forma de narrativa para o seu CD-ROM que unisse num único produto final técnicas narrativas e estruturais das histórias em quadrinhos, do cinema, do romance literário e da ilustração. O artista trabalhou durante 5 anos para o lançamento de *Sinkha* em 1995, sendo indubitavelmente um dos grandes pioneiros da hibridação de linguagem dos quadrinhos com outras possibilidades hipermidiáticas. Outro dos pioneiros no desenvolvimento de HQtrônicas para CD-ROM foi o artista francês Edouard Lussan, que lançou no ano de 1996, pelas editoras *Index Plus* e *Flamarion*, o CD-ROM com a HQtrônica *Opération Teddy Bear*. Também no ano de 1996 foi lançada na França pela notória editora *Humanoïdes Associés*, a *Trilogia Nikopol*, composta por 3 CD-ROMs compreendendo a adaptação dos álbuns *La Foire Aux Immortels, La Femme Piege* e *Froid Equateur,* desenhados pelo famoso quadrinhista iugoslavo Enki Bilal e anteriormente publicados na forma impressa pela mesma editora. Este trabalho compreende uma das primeiras adaptações europeias de uma HQ para o CD-ROM. Ainda em 1995, foi lançado o CD-ROM *Um Prive Dans La Nuit*, com desenhos e cenários do quadrinhista Pétillon, uma adaptação de um de seus álbuns da personagem Jack Palmer, o CD tinha em sua capa a inscrição *Sound Comics* (histórias em quadrinhos

sonoras) e apresentava trilha sonora musical exclusiva composta por Hal Singer. Nos Estados Unidos, em 1994 foi lançada pela editora *Voyager* a versão em CD-ROM de *The Complete Maus*, HQ de autoria de Art Spielgeman premiada com o prêmio Pulitzer, a HQtrônica incluía hiperlinks que levavam a depoimentos em voz, ou vídeo e outros elementos do processo de pesquisa para a criação da obra.

Mas o grande pioneirismo das HQtrônicas nos EUA deve ser dado a James Harvey, criador de *Reflux.01: The Becoming*, que demorou cerca de 8 meses para ser produzido sendo lançado em abril de 1995, o projeto iniciou-se cerca de um ano antes quando a TAO licenciou 5 filmes de Kung-Fu dos estúdios Beijing e Shangai da China, esses filmes seriam usados como base para as cenas de ação da história de *Reflux*, um roteiro futurístico misturando *ciberpunk* e realidade virtual na história de Flux, uma espécie de mercenário digital. O CD-ROM combinava narrativa em quadrinhos com vídeos de ação, efeitos de morphing, uma trilha sonora original de jazz e animações. Em 1996 James Harvey e sua equipe lançam 4 CD-ROMs de HQtrônicas em parceria com a *DC-Comics: Superman: The Mysterious Mr. Mist*; *Batman: Partners in Peril*; *Superboy: Spies from Outher Space* e *Aquaman: War of The Water Worlds*. Todos os títulos traziam som e ação multimídia em suas páginas digitais, com animações canibalizadas dos desenhos animados da década de sessenta, como a *Inverse Ink* já havia feito com os filmes chineses de Kung-Fu em *Reflux*.

Finalmente quando falamos de quadrinhos e HQtrônicas publicados na rede Internet, os Estados Unidos se destacam, penso que devido à Internet ter nascido e se difundido primeiramente por lá. Em 1994, o quadrinhista Don Simpson criou *Megaton Man*, uma sátira aos super-heróis, criada para publicação *on-line*. Em 1995 estreou o site do *Art Comics Syndicate*, um dos pioneiros com a proposta de veicular tiras semanais, algumas recicladas dos jornais diários americanos e outras criadas exclusivamente para ele. No mesmo ano foi lançada a primeira

HQtrônica em rede digital, o site *Argon Zark*, veículo da HQ homônima criada inteiramente no computador e projetada para ser lida na rede Internet. Segundo o seu autor e idealizador, Charley Parker, foi o primeiro trabalho a utilizar de forma sistemática os recursos de multimídia e hipertexto oferecidos pela web, tendo estreado *on-line* em junho de 1995. A partir de 1995 veremos surgir em muitos países múltiplas iniciativa de veiculação de quadrinhos digitalizados e HQtrônicas na *world wide web*.



Fronteiras: Você foi um dos pioneiros nos Brasil a estudar os quadrinhos digitais, tendo inclusive cunhado o termo “HQtrônicas”. Gostaria de saber como você se interessou por esse tema, que ainda era muito incipiente na época em que você publicou os seus primeiros estudos sobre essas mídias. Gostaria de saber também como surgiu o termo “HQtrônicas” e como você vê ele atualmente e como
vem sendo utilizado por outros pesquisadores.

Ciberpajé: O interesse surgiu de forma inusitada, em fins de 1996. Quando adquiri meu primeiro computador e conectei-me à Internet a primeira coisa que fui procurar na web foram quadrinhos. A minha expectativa era a de encontrar HQs escaneadas e tiras publicadas em sites, mas eis que deparei-me com vários sites de HQtrônicas, ou seja, sites em que as HQs já mixavam à sua linguagem trilha sonora incidental, efeitos sonoros, narrativa multilinear e trechos animados no formato gif. Aquilo foi um choque absoluto para mim, eu não esperava encontrar tais experimentos e achei-os incríveis. Eu sou também musicista e por inúmeras vezes imaginava como seria se pudessem ler minhas HQs com uma trilha sonora criada por mim, ali percebi que essa possibilidade já existia. Naquele momento os webquadrinhistas estavam experimentando com os novos recursos, fazendo surgir gradativamente os códigos para a nova linguagem emergente das HQtrônicas.

Eu fiquei estupefato com tudo aquilo e fui investigar se alguém em algum país estava pesquisando sobre esse fenômeno de hibridização de linguagens e não encontrei praticamente nada, só alguns fóruns da internet nos EUA e França que discutiam muito livremente, chamando de *digital comics*, ou *e-comics*. Termos muito ruins, pois o alcunha de quadrinhos em língua inglesa, o termo "comics" é com certeza uma das denominações mais idiotas dessa linguagem centenária, o que ajudou a emperrar o avanço das HQs como forma de arte, e "adesivou" um fenômeno artístico singular como coisa de criança. Onde já se viu chamar quadrinhos de "cômicos", ou seja, batizar uma linguagem com um de seus inúmeros gêneros possíveis! Para mim é um dos grandes erros históricos dos EUA no contexto da evolução da linguagem dos quadrinhos, por isso que eles só chegaram ao conceito de *Graphic Novel* nos anos 80. O álbum em quadrinhos voltado para o público adulto já existia desde os anos 50 na Europa.

Infelizmente, vejo muitos pesquisadores brasileiros atuais utilizando o equivocado termo "*Webcomics*" para referir-se a TODA e qual-

quer manifestação de quadrinhos na Internet, no smarthphone ou em qualquer outra plataforma, colocando no mesmo saco HQs escaneadas e disponibilizadas *on-line* - os famosos scans, HQs estáticas e criadas na tradição do suporte papel para serem lidas *on-line*, e as HQtrônicas – HQs intermidiáticas híbridas que utilizam os recursos da hipermídia. É realmente desolador constatar esse equívoco cometido inclusive por pesquisadores aparentemente sérios do fenômeno das HQs em rede.

Pois bem, ainda em 1997, eu fiquei encantado com as possibilidades criativas de hibridizar a linguagem tradicional dos quadrinhos com os recursos hipermídia e vislumbrei que uma pesquisa de mestrado onde eu pudesse investigar o fenômeno e também criar HQs utilizando essas novas possibilidades seria algo incrível. Passei a investigar um programa de pós-graduação no país que pudesse receber tal proposta de investigação teórico-prática e naquele momento o único programa no Brasil com tal perfil era o Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Unicamp, em uma linha de pesquisa envolvendo computador e novas mídias, elaborei o projeto e tive a oportunidade de ser selecionado realizando a minha pesquisa exploratória entre os anos de 1998 e 2001, o que veio a resultar na publicação posterior do livro "*HQtrônicas: do suporte papel à Rede Internet*". O meu livro, pelo que sei, investiguei e já ouvi de pesquisadores de muitos países, foi o primeiro no mundo dedicado integralmente a analisar o fenômeno dos quadrinhos hipermidiáticos da Internet. A obra teve duas edições lançadas e esgotadas que incluíam um CD-ROM com os meus experimentos criativos de HQtrônicas.

O livro tornou-se uma referência praticamente obrigatória para todos os que investigam o fenômeno das HQs na Internet em nosso país, tendo sido parte da bibliografia de centenas de TCCs, dissertações e teses e estando inclusive no título de cerca de 2 dezenas dessas pesquisas acadêmicas, além de outros vários artigos. O termo permanece vivo e forte, sendo utilizado por muitos pesquisadores de várias regiões do Brasil, inclusive sigo sendo convidado a integrar bancas de

pós-graduação em programas de áreas diversas devido a ele. Entre os artigos recentes destaco o da pesquisadora da UFES, Thaíssa Dilly, "Quadrinhos do futuro: As singularidades das HQtrônicas na Era Pós-digital", publicado nos Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais (Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023). Nesse artigo ela destaca que fenômenos contemporâneos como o dos chamados Webtoons – com 72 milhões de usuários – em grande parte nada mais são do que HQtrônicas, pois enquadram-se perfeitamente na conceituação definida por mim no ano 2000, provando que o termo HQtrônicas permanece relevante e atual na atualidade, 25 anos depois de sua definição. Pois bem, e qual é então a definição de HQtrônicas? É possível definir a chamada "hipermídia" como a conexão em rede agregada às diversas características de outras mídias/linguagens - Histórias em Quadrinhos, Fotografia, Cinema, TV e Rádio - gerando assim o surgimento de linguagens multifacetadas que hibridizam características dessas várias mídias. Essa convergência de múltiplos meios e mídias proporcionada pela união de várias tecnologias comunicacionais foi chamada de "sinergia multimidiática" pelo saudoso artista e pesquisador Julio Plaza. Quando essa sinergia promove o surgimento de uma nova linguagem ela pode ser chamada de "linguagem intermídia". Pude detectar através de uma extensa pesquisa exploratória em centenas de CD-ROMs, sites da Internet e aplicativos de celular que os principais elementos agregados à linguagem tradicional dos quadrinhos nessas novas HQs intermídia podem ser divididos basicamente em: animação, diagramação dinâmica, trilha sonora, efeitos de som, tela infinita, multilinearidade e interatividade. Para batizar essa nova linguagem intermídia das HQs na Internet propus, em um artigo ainda no ano 2000, o neologismo "HQtrônicas" – formado pela contração da abreviação "HQ" (Histórias em Quadrinhos), usada comumente para referir-se aos quadrinhos no Brasil, com o termo "eletrônicas" referindo-se ao novo suporte e fazendo também

uma homenagem à primeira exposição de arte computacional do Brasil, chama de *Arteônica*, organizada por Waldemar Cordeiro em 1971 na FAAP, em São Paulo.

Devo salientar que a definição do que nomeei HQtrônicas inclui efetivamente todos os trabalhos que unem um ou mais dos códigos da linguagem tradicional das HQs no suporte papel, com uma ou mais das novas possibilidades abertas pela hipermídia. A definição exclui, portanto, HQs que são simplesmente digitalizadas e transportadas para a tela do computador, ou criadas digitalmente, mas não utilizam nenhum dos recursos hipermídia destacados em sua sintaxe. O detalhamento desses elementos agregados à linguagem das HQs e que estruturam as HQtrônicas pode ser encontrado no meu livro, em vários artigos escritos posteriormente e também em outro de meus livros *Quadrinhos Expandidos: das HQtrônicas aos Plug-Ins de Neocortex* (Editora Marca de Fantasia, 2017).



Fronteiras: Outra característica peculiar sua é a adoção do apelido "Ciberpajé", bem como de uma vestimenta a caráter, entre outras performatividades relacionadas à construção dessa figura. Você pode nos contar como aconteceu essa transformação e como ela tem auxiliado no seu desenvolvimento como pesquisador do âmbito digital e dos quadrinhos?

Ciberpajé: Ciberpajé não é um apelido, é o meu nome de ser renascido transmutado. Mantenho o Edgar Franco só como uma formalidade necessária às burocracias do existir, mas o meu verdadeiro nome atualmente é Ciberpajé! Em resposta a uma pergunta como essa para a pesquisadora de minha obra, Profa. Dra. Danielle Barros (UFSB), no livro *Conversas com o Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência* (Marca de Fantasia, 2019), eu trouxe um de meus aforismos que resume um pouco do ideário que engendrou a minha transmutação mágicka e artística como Ciberpajé, meu nome artístico-mágicko de ser renascido. Eis o aforismo: "O Ciberpajé é um arauto insano do submundo, das subculturas, dos rebeldes incendiários, dos antiacadêmicos, dos adogmáticos, dos santos civis, dos Zorbas, dos Budas, dos artistas viscerais, dos anjos caídos, dos demônios iluminados, dos cães abandonados, dos que mergulham em seus abismos, dos psiconautas navegando pelo infinito, dos infiéis, dos antimonetaristas, dos que vandalizam carros e acariciam gatos, dos que uivam para a lua, dos que fazem sexo selvagem e amam docemente, dos que permanecem vivos em um mundo de mortos-vivos, dos que acreditam que qualquer bandeira é uma fronteira, dos que conhecem um único país chamado Gaia, dos que guardam o universo em seus corações, dos que não temem paradoxos e não possuem verdades, de mutantes irrecuperáveis, de autorevolucionários!"

Tudo começou em um momento de grande drama pessoal no qual descobri que era preciso propor a mim mesmo uma transmutação e um renascimento. Estava prestes a completar 40 anos, a idade da maturidade junguiana. Depois de uma profunda crise existencial desen-

cadeada por uma experiência com o enteógeno *Psilocybe cubensis*, passei a limpo a minha existência nos 9 meses que antecederam meu aniversário. Com humildade e serenidade perdoei-me completamente por todos os chamados erros – na verdade experiências fundamentais e fundadoras da minha evolução de consciência. Percebi que minha vida sempre foi guiada pela criação de universos ficcionais em minha arte e pela troca de informações e sensações desses mundos fictícios com minha realidade ordinária. Também percebi que os aspectos mais importantes da minha consciência eram moldados por essa relação "mágicka" e transformadora entre meus mundos fictícios e minha realidade. Assim, me vi como um pajé/xamã que promove a relação entre mundos/cosmogonias em busca da cura, mas neste caso da minha própria cura, a busca por ser integral.

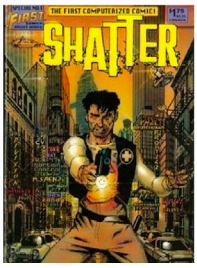
A batalha do Ciberpajé é a batalha de ser, de ser eu mesmo integralmente! Portanto, o Ciberpajé não é um guru ou líder espiritual, nem nada do tipo, ele é apenas um ser que busca a única revolução possível: a de si mesmo! Obviamente, minha revolução pode inspirar pessoas que entram em contato com meu trabalho e ideias. O prefixo "ciber" vem da cibernética, pois o Ciberpajé usa a hipertecnologia como canal de criação, disseminação e conexão com outras mentes, mas ele não nega outras formas avançadas de conhecimento como a expansão da consciência através de enteógenos – também chamados de psicodélicos. Somos o que acreditamos ser, então o impacto simbólico de me tornar um Ciberpajé realmente revolucionou minha vida e percepção do mundo, fiquei ainda mais sereno, selvagem e vivo – isso por si só marca a grande importância dessa ação para mim. E minha condição de Ciberpajé envolve a natureza mutável das verdades, é literalmente uma condição mutável, porque sou capaz de reavaliar todas as minhas ideias a qualquer momento e não sei se amanhã, ou mesmo em um segundo, não me transformarei novamente e mudarei meu nome, estou aberto a novos renascimentos. Tudo é possível, minha transformação

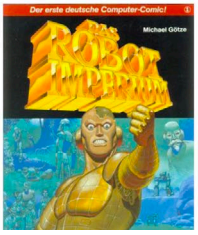
é contínua e eterna como a do cosmos! Para mim, a arte é o barro do oleiro, é o espaço ritualístico da criação que me ajuda em minhas transformações pessoais e na conexão com aqueles que amo. Minha busca é ser, ser plenamente quem eu sou, e quanto mais me equilibro, mais criativo me torno, mais livre sou. Quanto mais me expresso de forma genuína e verdadeira, mais força criativa desenvolvo. Quanto mais vivo minha sensualidade e minha selvageria, mais me torno inteiro. A verdadeira criatividade é um ato completamente sensual. A criatividade é fruto da nossa conexão com o cosmos e a natureza, e acontece através dos nossos chamados aspectos "animais", "primitivos"; a sexualidade é o mais visceral deles.

Sobre a forma que me visto, eu simplesmente trouxe para a realidade as imagens simbólicas que trago em minhas criações, eu moldei-me como um dos seres do meu universo ficcional transmídia e mágicko da Aurora Pós-Humana. Durante 10 dias antes do meu aniversário de 40 anos, elaborei um ritual através do qual após um dia inteiro de meditação transcendental, ao pôr do sol eu fazia um desenho, depois fixava esse desenho em meu inconsciente com técnicas mágickas e após isso criava um aforismo que se conectava ao desenho gerando assim o que chamei de "As 10 Chaves da Transmutação em Ciberpajé". O processo todo foi um ritual mágicko-artístico através do qual defini os meus próprios "10 mandamentos", os valores que importavam para mim a partir daquele momento, assim, no dia 20 de setembro de 2011, data do meu aniversário de 40 anos, concluí a décima chave da transmutação e declarei-me Ciberpajé. Adotei a cartola como um ruído na realidade ordinária das pessoas, trata-se de um acessório não utilizado mais no Brasil a não ser em festas à fantasia, é um símbolo dúbio, é usado por alguns exus das religiões afro-brasileiras, tem um ar aristocrático que gera estranheza, mas também remete aos mágicos prestidigitadores, ao chapeleiro louco de Alice, e ao ícone do horror brasileiro no cinema, José Mogica Marins. Todas essas correlações interessam-me

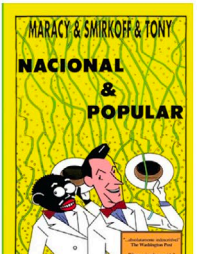
como magista e artista. Passei a usar anéis em todos os dedos, cada um com uma simbologia específica que conecta-se diretamente às minhas buscas transcendentes. Gosto do sobretudo que também é algo inusitado para o nosso clima e tenho utilizado meus sobretudos – todos criados exclusivamente para mim em parceria com o estilista Luiz Fers – como ferramentas de difusão de minha arte, como o mais recente, que estreei no evento Jornadas de Quadrinhos da USP no ano passado e tinha estampados nele todos os HQforismo do zine *Uivo* # 6 que lancei no evento, ou seja, trata-se de um "sobretudozine". Minha indumentária completa-se com as camisetas de estampa de lobo ou lobisomem – meus totens mágickos. Curiosamente, a minha transmutação em Ciberpajé não teve nenhuma intenção de marketing pessoal, mas um efeito nesse sentido aconteceu.

Como vivemos um momento no qual a imagem do criador tem se sobreposto à de suas criações, uma era do culto à personalidade, curiosamente ao transmutar-me em Ciberpajé um dos efeitos colaterais inesperados foi o de que a atenção às minhas obras e ao meu ideário aumentou significativamente. Tenho utilizado dessa atenção inesperada para ampliar a difusão de minhas criações e pesquisas acadêmicas. Convido os interessados em saberem mais detalhadamente sobre o meu processo de transmutação em Ciberpajé a lerem a minha autobiografia *Vida como Arte: Academia como Magia*, em versão e-book de livre acesso publicada pela Editora Marca de Fantasia (UFPB) no link: http://marcadefantasia.com/livros/quadrinhospoeticos/vida_como_arte/vida_como_arte-academia_como_magia.pdf

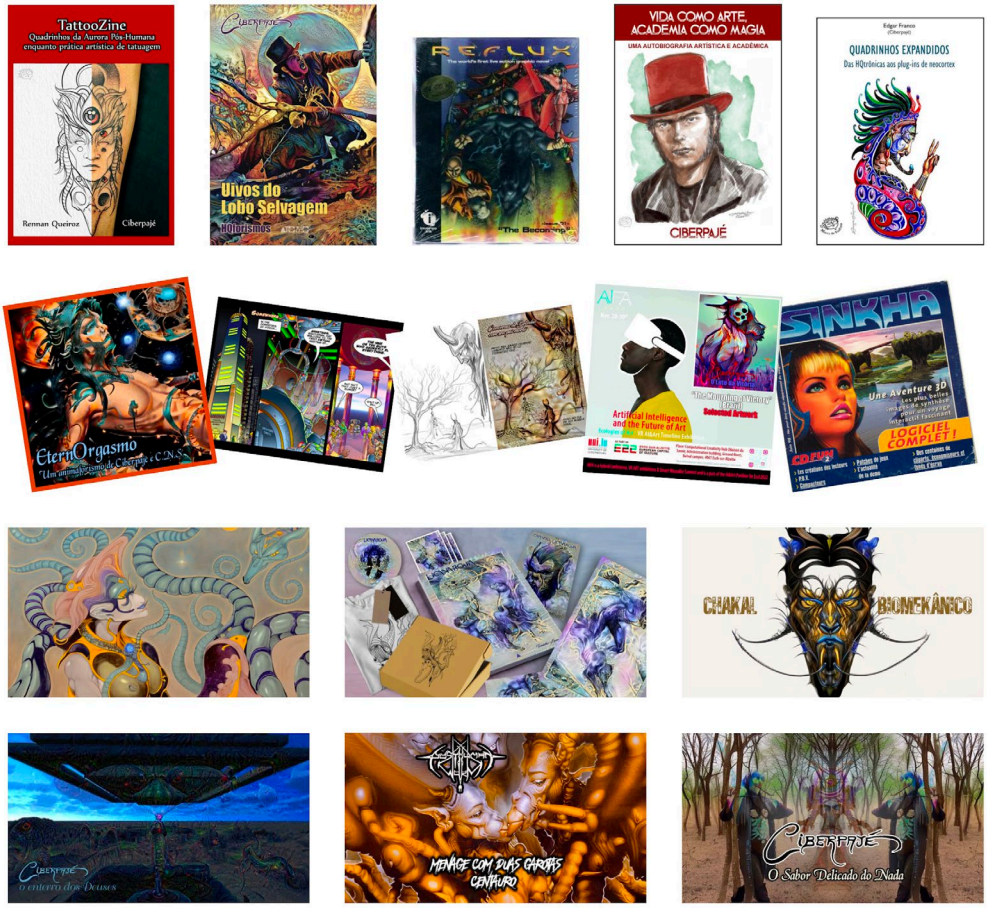












Fronteiras: Na sociedade contemporânea é praticamente impossível estar livre dos benefícios e dos malefícios da digitalização e da plataformização da cultura. Como você enxerga a evolução dos quadrinhos digitais em meio a tantas atualizações, plataformas e aplicativos disponíveis para fruí-los? Pensando no tempo e nas mudanças que aconteceram desde meados dos anos 90, como você percebe essa variedade de possibilidades e de formatos para o quadrinho digital, em oposição ao quadrinho físico?

Ciberpajé: Em essência, o que temos sendo disponibilizado atualmente nas múltiplas plataformas, são quadrinhos ou HQtrônicas, não percebo grandes mudanças na estrutura de ambas as linguagens e sim uma

múltipla adaptação para as plataformas emergentes. Na verdade, é um fenômeno do hipercapital e da chamada obsolescência programada, tenho visto inúmeros *softwares*, *plug-ins* e aplicativos tornarem-se inadvertidamente obsoletos e serem substituídos sucessivamente por outros que pouco ou nada agregam aos anteriores. Para pesquisadores, como nós, esse é um fenômeno muito negativo, por exemplo, com o fim do plug-in Flash, inúmeras HQtrônicas muito importantes e significativas no contexto das redes ficaram imediatamente impossíveis de serem acessadas e navegadas, criando dificuldades complexas para os que desejam conhecê-las ou estudá-las. Infelizmente o objetivo canhestro que coordena essa sucessão incessante de plataformas que vão tornando-se descartáveis é o lucro e não a inovação.

A HQ sofre atualmente também da oferta infinita de produtos de entretenimento na "cultura do disponível" que marca a contemporaneidade. São inúmeros *streamings* com dezenas de milhares de filmes, séries e documentários, inúmeras plataformas, consoles e aplicativos de games, sem contar a sedução dopamínica das redes sociais como X, Instagram, Tik Tok, Facebook, Telegram e espaços de distribuição de conteúdo como Youtube, Twich TV, Vimeo, entre inúmeros outros. A oferta de entretenimento é muito grande, as HQs e HQtrônicas tornaram-se só mais uma das possibilidades nesse caldo imenso da hiperinformação. Percebo que os quadrinhos não têm formado novos leitores – principalmente no Brasil –, pois a sedução de outras linguagens para com as crianças é muito grande, e a produção de quadrinhos infantis no país restringe-se a um monopólio monocórdio que com o passar do tempo foi eclipsando outras manifestações da HQ infantil. Se a criança não lê quadrinhos, não teremos leitores para alimentar a cena nacional, pois o que temos no Brasil não é um mercado de quadrinhos e sim uma cena. Penso que nunca produzimos tantos quadrinhos e com tanta qualidade, mas veja, dentre as centenas de excelentes HQs autorais lançadas aqui todo ano, uma porcentagem mínima é voltada para o

público infanto-juvenil. Participo de muitos eventos e convenções de quadrinhos e tenho observado cada vez mais um envelhecimento do público que frequenta esses eventos. Você praticamente não vê crianças – a não ser as excursões de escolas que vão ali só para matar o tempo e não adquirem quadrinhos. A tendência é as HQs tornarem-se uma linguagem artística cult, cada vez mais destinada a um público restrito, um nicho, e isso vale para o impresso e o digital.



Fronteiras: A digitalização e a plataformização do mundo também fizeram emergir uma figura bastante importante na cultura contemporânea que é o *influencer*. Essa figura se distribui por todas as plataformas digitais e traz uma enorme diferenciação no momento de divulgar trabalhos e vender produtos. No Brasil, temos visto uma certa dependência da assim chamada "gibisfera" – o ecossistema produção, mercado, divulgação, eventos, retroalimentado e em forma de bolha dos quadrinhos nacionais – com os *influencers*. Como você acha o desenvolvimento dafigura do influencer, ou do *gatekeeper* – como era chamado antes do advento das plataformas digitais – dentro do mercado de figuras e HQs no Brasil?

Ciberpajé: Infelizmente a parca "crítica de quadrinhos" no Brasil não dura mais do que os primeiros 10 mil seguidores. É um fenômeno curioso, críticos realmente tarimbados que criam seus canais ou redes sociais, mantem-se firmes como críticos dessa linguagem até o crescimento do canal, quando batem no limite do número de seguidores adeptos das HQs – que prova que o que temos é uma cena e não um mercado – eles sucumbem à necessidade de seguir crescendo e os seus canais deixam de ser sobre quadrinhos e passam a ser "canais de cultura pop" em geral, pois falar sobre games, séries e filmes atrai muito mais seguidores. Aí os quadrinhos passam a ser apenas conteúdos residuais desses ditos *influencers* e dá-lhe falar só de HQs patrocinadas, *mainstream* ou que podem atrair um público maior. Neste sentido eu até prefiro os canais que funcionam como ações entre amigos, são menores, mas auxiliam criadores independentes como eu a fazer minhas HQs circularem.

No contexto de nossa gibisfera, uma esferinha pequenina como a da ponta de uma esferográfica, o ativismo de alguns poucos reais entusiastas das HQs nacionais funciona muito mais do que a busca de uma visibilidade através dos *influencers* que são seres inevitavelmente coopta-

dos pelo lucro que advém da ampliação sucessiva de visualizações e seguidores. Sem contar que a maioria desses tais *influencers* são criaturas repletas de carisma inato e com conteúdo sofrível e às vezes inexistente.

Fronteiras: Outro fenômeno que pode ser observado dentro da cultura digital dos quadrinhos produzidos no Brasil é uma dependência, a do financiamento coletivo em plataformas como Catarse, Apoia-se e Benfeitoria, para citar alguns. Nosso cenário de produção nunca teve grandes aportes financeiros, tanto privados como públicos, assim, o financiamento coletivo de quadrinhos no Brasil se tornou uma cultura que, mesmo com seus percalços, se tornou uma alternativa de publicação. Esses financiamentos também são dependentes da criação de uma comunidade digital para esses criadores que geralmente fazem o lançamento de seus quadrinhos em grandes eventos da cultura pop, apoiados também em divulgação digital. Como você vê essa dependência do digital e dos financiamentos coletivos para o cenário e mercado de quadrinhos no Brasil?

Ciberpajé: Estive recentemente no Chile, fui lá para o lançamento pela editora chilena *Plaza de Letras* de meu álbum em quadrinhos *Ecos Humanos*, parceria com o desenhista Eder Santos. O Chile é um país de apenas 20 milhões de habitantes, menos de um décimo de nossa população, fiquei surpreso ao saber que eles não têm plataformas de financiamento coletivo para quadrinhos lá, porque a pequena cena deles não comporta tais iniciativas. Ou seja, eles não conseguiriam financiar seus quadrinhos com essa estratégia. Fiquei curioso para entender como eles fazem para manterem a sua cena viva e com uma boa quantidade de lançamentos. Lançamos nosso álbum no *FIC – Festival Internacional de Quadrinhos de Santiago* e fiquei surpreso com as dezenas de títulos lançados no evento, entre centenas de outros lançamentos prévios de quadrinhistas chilenos. Pois bem, descobri que eles têm um

forte sistema de cooperativas de quadrinhistas que se auxiliam mutuamente e ajudam uns aos outros a fazerem suas obras circularem, e isso envolve também a divulgação mútua e cooperativa entre eles em suas plataformas digitais. Esse sistema inclusive tem resultado em iniciativas como a da agência *ArtistGo Chile*, que tem agenciado quadrinhistas chilenos publicando-os em inúmeros países pelo mundo. Inclusive a publicação de quadrinhos autorais chilenos no Brasil é muito recente e tem sido feita por essa agência. Eles entenderam que é fundamental a internacionalização da produção para seguirem com uma cena viável. É assustador como não dialogamos com nossos vizinhos da América Latina, o nosso álbum *Ecos Humanos*, pasme, foi o primeiro quadrinho autoral brasileiro publicado no Chile, isso segundo eles mesmo disseram, e foi em 2024! É algo inacreditável.

Pois bem, eu tive um único financiamento coletivo realizado até hoje, o álbum em quadrinhos Licanarquia, minha parceria com o mestre Toninho Lima. Foi um sucesso, pois quase dobramos a meta e presenteamos os apoiadores com posteres, cards, zines e até um outro álbum meu, o *Uivos do Lobo Selvagem*, só de HQforismos. Isso foi em 2021, à época eu fiz uma divulgação massiva nas redes e participei de 6 lives só para promover o projeto, percebi que o sucesso de um financiamento coletivo vem, na maioria das vezes, das estratégias corretas e do esforço em divulgá-lo nas plataformas digitais. De lá pra cá tenho observado um esgotamento dos financiamentos coletivos de quadrinhos no Brasil. Inúmeras iniciativas de excelentes artistas fracassando, penso que isso se deve à invasão de editoras de médio porte, com muitas publicações estrangeiras de renomados quadrinhistas, que descobriram nos *crowdfundings* uma maneira fácil de capitalizarem-se para editar mais obras. Com isso os quadrinhistas independentes sofrem uma concorrência desleal que inviabiliza muitas de suas boas produções. Acho que é preciso pensarmos outras alternativas para a nossa produção tão rica e instigante, como têm feito nossos *hermanos* chilenos!

Fronteiras: O Brasil também tem um forte pendor para o colecionismo. Ao mesmo tempo é um dos países que mais pirateiam quadrinhos, na forma de *scans*. Gostaria que você falasse um pouco sobre as preferências do leitor brasileiro entre o quadrinho físico, que vai nutrir o afã de embelezar uma estante, daquele distribuído através dos financiamentos coletivos, a prática do download de *scans*, e que cenário ou mercado sobra para aqueles que produzem quadrinhos digitais, webcomics ou HQtrônicas dentro de plataformas específicas, como o *Tapas* ou o *FunkToon*, por exemplo.

Ciberpajé: Eu ministro a disciplina pioneira "Histórias em Quadrinhos de Autor", criada por mim há 16 anos na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, uma das primeiras disciplinas a propor a criação de quadrinhos como forma legítima de expressão artística. Trata-se de uma disciplina de Núcleo Livre que atrai alunos de toda a universidade, tendo discentes de mais de 50 graduações diferentes já cursado-a durante sua existência, e atingido a marca de mais de 600 alunos. Durante esses anos tenho percebido claramente a diminuição gradativa do interesse pelo impresso em detrimento do digital.

Na última década o interesse dos jovens pelos quadrinhos tem se mantido muito por causa dos mangás, arrisco dizer que quase 80% dos estudantes que vêm cursar a disciplina – que é muito concorrida, chegando por vezes a ter 120 interessados para 30 vagas – chegam a ela por sua paixão pelos mangás e por gostarem de desenhar no estilo mangá! De cada 30 estudantes que leem quadrinhos, 25 só leem mangás e dentre os 30 só uns 5 que possuem algum material físico, ou seja, a leitura é feita praticamente em *scans* ou plataformas digitais que disponibilizam quadrinhos e HQtrônicas. Sempre pergunto a eles o porque do desinteresse pelo material físico e a resposta recorrente é que está muito caro. Para os jovens estudantes que – em sua grande maioria – não têm fonte de renda, pagar 40 reais por um exemplar de mangá é algo com-

plicado. Assim percebo um desapego crescente ao impresso e ao ato de colecionar quadrinhos, para eles não importa muito ter o objeto quadrinho e sim fruí-lo como podem. Muitos dizem que até gostariam de comprar edições impressas se fossem mais baratas. Obviamente essas constatações são baseadas na minha experiência empírica e não podem servir como base para uma investigação mais abrangente sobre esse fenômeno da migração do papel para o digital, é necessário que sejam realizados estudos amplos e com metodologias adequadas. Penso que o encarecimento das edições de quadrinhos, o investimento no luxo da capa dura, do papel de alta gramatura, é uma tendência que busca atingir o público maduro, já estável financeiramente, mas é péssima para o nosso já restrito mercado, pois afasta os possíveis novos consumidores do quadrinho impresso e já vejo uma tendência gradativa de cada vez tiragens menores e com preços mais elevados. É importante dizer que os jovens desenhistas, que chegam também à minha disciplina, usam tablets e recursos digitais para desenharem. Poucos seguem usando o papel, e quando o fazem é esporadicamente, ou seja, a cultura do digital já dominou os múltiplos aspectos de suas vidas.

O dilema de ganhar dinheiro com quadrinhos digitais ou HQtrônicas é discutido por Scott McCloud desde o início dos anos 2000. Em países como o nosso, com uma forte cultura da pirataria, é muito difícil convencer as pessoas a pagarem por conteúdo. Inclusive as *bigtechs* descobriram isso e perceberam que lucrariam muito mais gerindo o conteúdo criado por nós, do que criando conteúdo. O que seriam as redes sociais se parássemos de produzir conteúdo? Nada. Então vivemos uma cultura na qual a relação dinâmica preexistente entre pagar para receber um conteúdo de nosso interesse foi esfacelada. Mesmo os *streamings* no Brasil são pirateados por milhões de pessoas. As iniciativas de criar plataformas digitais de distribuição de quadrinhos em países com forte pirataria têm fracassado incessantemente, no Brasil temos visto boas iniciativas também fracassarem ou subsistirem ape-

nas pelo empenho apaixonado de seus criadores. É lamentável, pois para que um mercado realmente exista é fundamental que os criadores recebam dignamente por suas criações. Em muitos países onde a pirataria é mais difícil, como na Alemanha, é natural pagar por conteúdos diversos, e assim iniciativas de plataformas digitais de quadrinhos e HQtrônicas têm funcionado relativamente. O Tapas é um bom exemplo de plataforma internacional que consegue remunerar alguns artistas, mas ainda tem muitos problemas relativos à disponibilização de conteúdo, privilégios a gêneros, etc. Enfim, a questão de conteúdo digital remunerado no Brasil é muito complexa e possui inúmeras variáveis a serem consideradas, não existem soluções fáceis ou rápidas, tudo começa na necessidade da formação de novos leitores que para mim é o nó górdio desse dilema.

Fronteiras: Outra questão relacionada com o ponto anterior: você poderia imaginar um perfil do leitor/leitora de quadrinhos digitais? (idade, sexo/gênero, condição social aproximada). Uma pergunta adicional: conhece ou tem tido contato com experiências de desenvolvimento de projetos de quadrinhos digitais e/ou HQtrônicas em outros países da América Latina? Se puder, gostaríamos de que nos conte de outros casos que sejam do seu interesse.

Ciberpajé: Mais uma vez responderei a partir de minha percepção empírica com meus alunos de quadrinhos. A idade média deles é 20 anos, e praticamente todos consomem a maior parte do conteúdo de quadrinhos e/ou HQtrônicas em plataformas digitais, ou lançam mão de *scans* pirateados para leitura. A maior parte lê muito bem em inglês e a plataforma mais citada tem sido o *Webtoon*, sendo que alguns inclusive utilizam essa plataforma para distribuir digitalmente seus quadrinhos ou HQtrônicas que exploram um dos códigos das singularidades dessa intermídia, a leitura em "tela infinita". Sobre o gênero, há uma

leve predominância do feminino e a maioria são jovens de classe média. Muitos falam com grande entusiasmo de séries de quadrinhos que acompanham há anos nas plataformas digitais e apresentam-me tais obras, é gritante o predomínio da estética e forma narrativa dos mangás entre esses jovens leitores, a maioria desconhece a produção de quadrinhos nacionais, com exceção de Mauricio de Sousa, e poucos já leram quadrinhos da DC e Marvel. Inclusive a maioria deles não compreende que os mangás são uma das manifestações dos quadrinhos! Eu pergunto, você lê quadrinhos? E eles respondem: Não, eu só leio mangá! Como se mangá não fosse quadrinhos.

O mais incrível é que quando eu apresento a eles o quadrinho autoral europeu e brasileiro, acontece um verdadeiro encantamento. Muitos passam a abrir a sua percepção para essas outras formas de quadrinhos e até desejam lê-los em quantidade. Percebo que o problema real é fazer com que tais leitores que só leram mangá até hoje percebam como outras formas de quadrinhos são tão incríveis e impactantes como os mangás, e isso deve ser feito sem preconceitos, entendendo e valorizando a importância e a força do mangá para os parcos novos leitores que a HQ tem conquistado.

Desconheço iniciativas efetivas de plataformas de quadrinhos de outros países latino americanos, penso que elas devem existir, mas é preciso implementarmos um diálogo maior entre os criadores e produtores de quadrinhos na América Latina. Conheço alguns blogs ou portais de quadrinhistas ou grupos de quadrinhistas de países como Argentina, Chile e Uruguai que disponibilizam suas produções em quadrinhos. Destaco aqui o argentino *Historietas Reales*, dedicado a postar quadrinhos autobiográficos de vários criadores daquele país, e também da Bolívia, Chile e Uruguai. Um portal que existe desde 2005. Mas não há remuneração imediata aos criadores, o leitor pode fazer doações ou ajudar o quadrinhista comprando a versão compilada impressa das HQs disponibilizadas no portal.

Fronteiras: Por fim, gostaria de saber que elementos de pesquisa, trabalhos de pesquisadores, temas e intersecções entre as histórias em quadrinhos e a cultura digital têm chamado a sua atenção nos últimos anos e como você projeta a expansão desse campo para os anos seguintes.

Ciberpajé: Tenho investigado as possibilidades estéticas das redes neurais e inteligências artificiais de forma também pioneira no Brasil. Antes do boom das I.A.s e de toda a celeuma que elas têm gerado, eu e os pesquisadores do Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER (CNPq FAV-UFG), que eu coordeno e está ligado ao PPG Arte e Cultura Visual da UFG criamos, ainda em 2019, a primeira animação/videoclipe que foi totalmente modificada a partir da transformação de cada um de seus frames na rede neural/I.A. *Deep Dream* visando gerar uma experiência que remetesse a visões psicodélicas. Trata-se da animação *O Enterro dos Deuses*, e como muitas notícias de sites e portais *on-line* atestam, foi a obra pioneira no Brasil a ter a interferência de uma rede neural em todo o seu conteúdo. Esse trabalho foi gestado por mim em parceria com o arquiteto e artista Diogo Soares e levamos 8 meses para concluí-lo. A animação foi produzida em um software 3D e depois modificada no *Deep Dream* em um tempo quando a modificação de cada frame era complexa e levava tempo. *O Enterro dos Deuses* foi uma das animações finalistas do *Prêmio LeBlanc* 2021 (UFRJ, IFRJ e UVA).

Em 2020 eu também realizei a primeira HQ brasileira usando uma I.A./rede neural, nesse caso não para gerar os desenhos, mas para modificar a minha quadrinhização feita em grafite incluindo nela cores e texturas diferenciadas. Trata-se da HQ *Conversas de Belzebu com seu Pai Morto*, que teve seu primeiro capítulo de 11 páginas publicado na revista *Atomic Magazine* n.1 (Editora Atomic). Apesar de minha trajetória como quadrinhista com mais de 3 mil páginas publicadas em 40 anos de produção de quadrinhos criados na tradição manual, tenho interesse em experimentar com todas as possibilidades estéticas novas, incluin-

do as proporcionadas pelos produtos da tecnociência. Já em 2022 nós desenvolvemos a animação/videoclipe experimental *O Luto da Vitória* (*The Mourning of Victory*), pioneira no Brasil a ser produzida totalmente usando *prompts* de texto em uma inteligência artificial, o pioneirismo foi destacado em muitos portais de notícias e ela foi selecionada para representar o Brasil pela curadoria do evento internacional *AIFA2022 - Artificial Intelligence and the Future of Art*, que aconteceu entre os dias 28 e 30 de novembro na Universidade de Luxemburgo.

Entendo perfeitamente o aspecto obtuso dessas tecnologias e que o objetivo fundamental de sua produção pelos conglomerados do hipercapital tecnológico é gerar lucros, mas tenho para com elas uma atitude *ciberpunk*, ou seja, quero utilizá-las na contramão do que o sistema quer promover. Nesse sentido, juntamente com Diogo Soares, desde 2022 iniciamos um processo de alimentar uma I.A. *Stable Diffusion* com as minhas artes, para que através de aprendizado de máquina (*machine learning*) ela apreenda todos os detalhes do característico estilo gráfico de meu traço e cores para reproduzi-lo. Desde 2023 começamos a criar artes, quadrinhos e animações utilizando essa I.A. treinada com centenas de meus desenhos manuais para simular o meu estilo gráfico, implodindo, nesse caso, o clamor relevante de artistas que reclamam os seus direitos autorais pelo uso de suas imagens para o treinamento das I.A.s, já que no caso de minhas produções com as ditas inteligências artificiais, desde 2023 elas são realizadas tendo como base o banco de dados apenas com as minhas artes. Dentre essas nossas produções recentes, todas baseadas no meu traço, destaco as animações *EternOrgasmo*, *Menage com Duas Garotas Centauro*, *O Sabor Delicado do Nada*, *Dança do Licanarquista* e *Chakal BiomeKânico*, todas já integraram mostras e festivais nacionais e internacionais, mas também podem ser vistas no meu canal do youtube em https://www.youtube.com/channel/UCAZ1SZ9QoYKSXixnzrtwRKw

Estamos experienciando uma era de profunda transição para o universo das artes, com o mesmo impacto que teve a criação da fotografia. É muito cedo para prospectar o que acontecerá a partir dessas transformações impactantes. Como criador, o que me interessa em todo esse contexto é seguir utilizando o processo criativo como um espaço lúdico de autotransmutação, experimentando com as ferramentas do meu tempo. Fui um dos primeiros a olhar para o fenômeno das HQtrônicas e a experimentar criá-las em nosso país, e aconteceu o mesmo com as I.A.s. Na universidade toda a minha pesquisa sempre teve como base a investigação de processos criativos inusitados e/ou inovadores. Orientei a primeira tese de doutorado no Brasil a utilizar métodos de ENOC (estados não ordinários de consciência) para a criação de quadrinhos, na qual eu e meu orientando Matheus Moura, utilizamos as nossas experiências com a ayahusca e a respiração holotrópica como fontes de inspiração para criarmos HQs, o título da tese é Cartografias do Inconsciente.

Orientei a dissertação de mestrado de Rennan Queiroz, na qual nós criamos uma HQ e publicamos como zine e depois tatuamos cada uma das páginas desse nosso quadrinho em 13 interatores voluntários, sendo a primeira HQ de que se tem notícia a ser tatuada em tantos voluntários e a existir agora de forma diluída e difusa no mundo nos corpos dessas pessoas. Essa pesquisa foi publicada como livro em 2023 pela editora Marca de Fantasia com o título *Tatoozine: quadrinhos da Aurora Pós-Humana enquanto prática artística de Tatuagem*. Atualmente estou orientando a dissertação de mestrado de Duane Ribeiro que será a primeira no país a ser realizada somente em quadrinhos, como *Desaplanar*, de Nick Souzanis. O espaço da investigação acadêmica é instigante para mim por poder livremente experimentar com os limites da linguagem propondo rupturas e vislumbrando novas possibilidades!

Fronteiras: Muito obrigado pela sua colaboração com o nosso dossiê, Ciberpajé.

Ciberpajé: Fico muito alegre e entusiasmado quando respondo à uma entrevista com questões tão instigantes e fundamentais no panorama contemporâneo dos quadrinhos. É uma honra para mim integrar o dossiê "Quadrinhos, Super-Heróis e Cultura Digital" da notória Revista Fronteiras, da Unisinos. Contem comigo em outras ocasiões. Convido os leitores a conhecerem mais sobre minhas obras no meu Blog A Arte do Ciberpajé http://ciberpaje.blogspot.com/ e nas minhas redes sociais https://www.instagram.com/ciberpaje/ https://www. facebook.com/Oidicius, também a saberem mais sobre as produções do Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER no Instagram https://www.instagram.com/cria_ciber/
Um forte abraço pós-humanista do Ciberpajé!



Uivo: chamado à alcateia humana!

Gazy Andraus

A questão da arte e da consciência perpassam juntas as ideias humanas. Também são atinentes à ética e moral, bem como o senso de fraternidade que deveria nos pautar, mas que parece ter sido relegado a um canto desmemoriado, em troca dos afazeres profissionais e técnicos que se tornaram o "sistema" algoz que nos mata e sufoca, em detrimento ao humano e sensível! Como advertiu Jung

Artista não é uma pessoa dotada de livre arbítrio que persegue seus próprios objetivos, mas alguém que permite à Arte realizar seus propósitos através dele. Como ser humano, ele pode ter humores, desejos e metas próprias, mas como Artista ele é "homem" num sentido mais sublime – ele é um homem coletivo – alguém que carrega e molda a vida psíquica inconsciente da humanidade (Jung, 1933, p. 189. Apud Bello, Susan, 1998.)

Dessa maneira, a arte ultrapassa o senso de estética que se deslocou na contemporaneidade, em que quaisquer arremedos estéticos são tidos como artísticos. O que vale não é a obra, mas a "ideia", empurrada goela abaixo como um dogma religioso aos que se deparam com tais obras. Independente disso, ainda fico com a beleza das mensagens, a tônica das forças delas, revestidas de uma força imagética que seja ca-

Gazy Andraus é Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, mestre em Artes pela UNESP, pesquisador do Observatório de HQ da USP e autor independente de HQ fantástico-filosófica.
gazyandraus@gmail.com; http://tesegazy.blogspot.com/; http://conscienciasesociedades.blogspot.com.br/

Resenha publicada na revista Imaginário! n. 10. Paraíba: Marca de Fantasia, junho de 2016.
https://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario001-10/imaginario10/imaginario-10.pdf

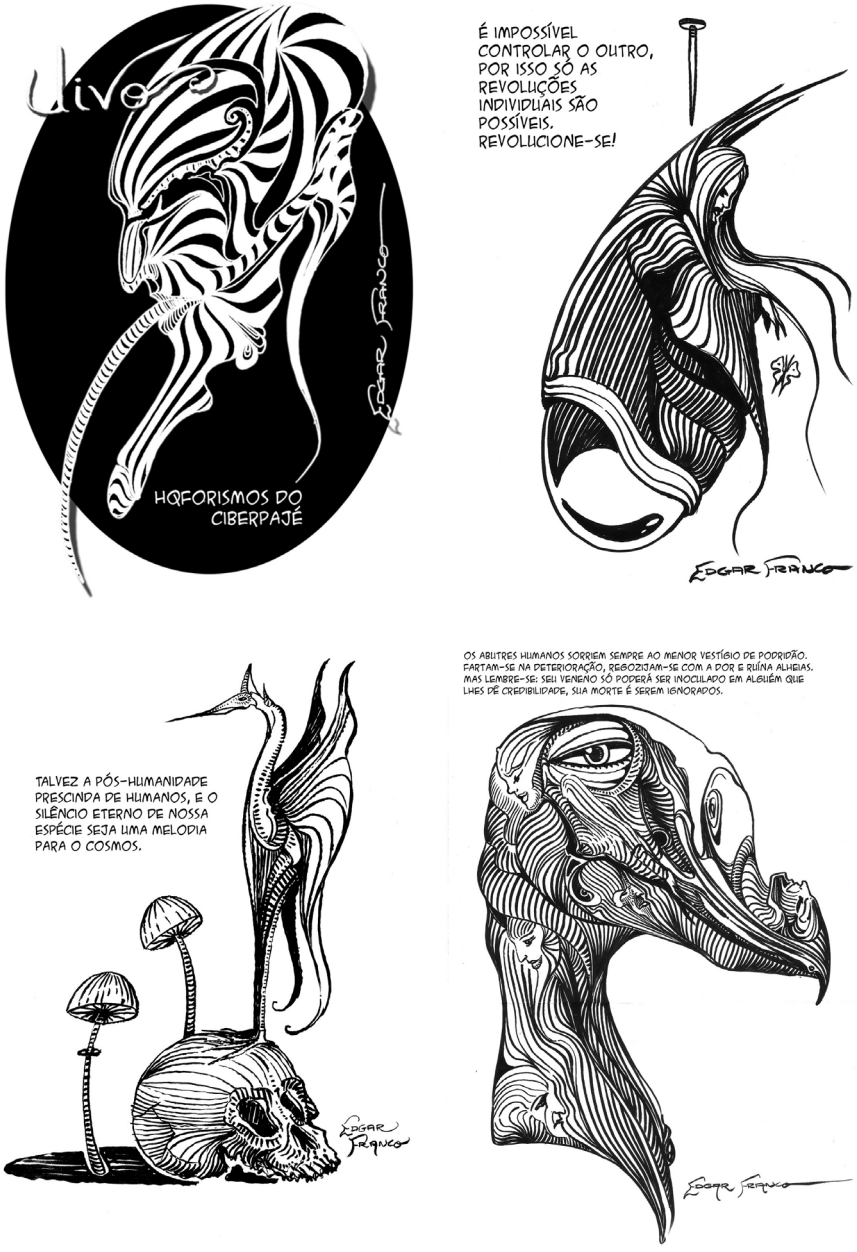
paz de se igualar ao conteúdo. Edgar Franco, artista multimídia codinominado como o *Ciberpajé*, é um desses artistas conscientes do poder da informação como materialização de ideias e afluxos de causas/consequências! Assim, ele não só tem desenvolvido uma obra consistente em diversas áreas, como nas Histórias em Quadrinhos poéticas, bem como no cenário musical-imagético com seu projeto PostHumanTantra, e envolvendo tudo em pesquisas acadêmicas de vanguarda, como professor-pesquisador com Pós-Doutorado em Artes e Tecnologias da UFG. Ao se rebatizar como *CiberPajé* quando completou 40 anos, singrou por um caminho cada vez mais sincero e esfuziante nas artes e nas reflexões, abarcando interdisciplinarmente modalidades das artes espargidas e envolvendo diversos profissionais amigos e alunos que aceitam colaborar como cocriadores de sua obra homérica. Várias são suas coligações, como em *BioCyberDrame Saga* com Mozart Couto e agora os *HQforismos* com Danielle Barros (que foram assim batizados por Edgar e Danielle). É aqui que esta resenha quer se fixar no momento: lançado recentemente o fanzine "Uivo", Edgar mantém o processo criativo alternado, e revigora os quadrinhos bem como os fanzines, trazendo nas 8 páginas desse mini-zine, 6 HQforismos contundentes, pois enriquecidos pelas imagens que locupletam as frases assombrosas derivadas do espírito guardião da consciência libertária do Ciberpajé!

Já na capa do "Uivo" (fig. 1) se percebe em contrapartida à face em recolhimento, o contraponto e o paradoxo que rodeia todo filósofo e espiritualista: os contrastes se opõem, mas se complementam, já diziam as condições taoístas de yin e yang! O prefácio do fanzine (ou revista independente[1], como queiram) é de Danielle Barros (alcunhada como IV Sacerdotisa), doutoranda da Fiocruz/RJ e amiga do Ciberpajé (ela também é poetisa e quadrinhista poético-filosófica). No texto de Da-

1. Mas nesse caso, o formato duas vezes menor que o tamanho A-4 (conseguido dobrando-se a folha), está mais para as possibilidades que o fanzine trouxe, tanto de economia (menos página barateiam o custo das fotocópias), como de ilações criativas.

nielle, que abre o conteúdo, explicam-se os HQforismos e adianta-se que em breve virá um livro com mais de uma centena desses apotegmas visuais criados pelo Ciberpajé.

Fig. 1 a 4. Capa e páginas de Uivo



Como um filósofo e um espiritualista amalgamado, Edgar – Ciberpajé – Franco, solapa as comiserações de controles individuais, alertando que só há uma maneira de controlar outrem: revolucionando-se a si próprio (fig. 2). Noutro HQforismo ele demonstra a integração do ser homem com os outros seres na redoma universal (fig. 3). Para não mostrar todos os HQforismos aqui nessa singela resenha, irei finalizar os exemplos com o HQforismo que mais se mostra contundente – tanto textual como imageticamente, com traços e hachuras magníficas (fig. 4):

> Os abutres humanos sorriem sempre ao menor vestígio de podridão. Fartam-se na deterioração, regozijam-se com a dor e a ruína alheias. Mas lembre-se: seu veneno só poderá ser inoculado em alguém que lhes dê credibilidade, sua morte é serem ignorados.

A arte impressionante deste HQforismo ribomba em nossas mentes nos lembrando do teor da sociedade e seus egos pequenos e infantilizados. Encontro também relações dos HQforismos do Ciberpajé em várias filosofias espiritualistas, como no Taoísmo (que apregoa uma vida humana em consonância à fluição da natureza). Mas também em seres que aqui habitaram querendo o melhor ao humano, como o grande filósofo educador brasileiro Huberto Rohden, que defendia um ser humano cocriador que tivesse consciência de si e se tornasse realmente livre (mas num sentido em que se mancomunasse ao cosmos e seu livre-arbítrio se coadunasse à natureza universal – bastante similar à visão do Tao) ou o transcendente Osho que, semelhante a Krishnamurti buscavam solapar as visões cristalizadas das pessoas que deles esperavam respostas conclusivas ou dogmas para seguirem, mas que os deixavam mais ainda atônitos e aparentemente imersos em labirintos de novas inquirições nunca antes refletidas por suas plateias.

E é assim que o “Uivo” foi dado! Aquele que o escutar com atenção, não o temerá... saberá que quando os lobos uivam, é para se comu-

nicarem aos seus, para reagruparem-se[2]... portanto, acertadamente, Edgar, o Ciberpajé, traz nesse "Uivo", seu brado para nos atingir e nos reunir como humanos fraternos, transcendendo nossos simples egos isolados! E é com essa arte sincera, e não destituída de significados estéticos e éticos, que o Ciberpajé nos brinda como o artista - homem sublime que é – tal qual explicou Jung, destacando a nós a importância do humano e do sensível, e não a ignomínia que tem se tornado a humanidade relegando ao limbo tais qualidades em troca de um profissionalismo técnico vazio e dogmático... eis a missão desse "uivo"[3], que nos atravessa não só os tímpanos, mas a visão e a alma!

Ademais, essa mini-obra-prima de Edgar Franco faz despontar para aqueles que ainda não conhecem ou relutam em perceber, a importância dos fanzines como agentes de agregação cultural (reforçando o significativo título "Uivo"), já que além de agregar os lobos, serve para congregar os amantes da liberdade fraterna de disseminação e troca de ideias e artes, pelos fanzines, pois como afirmou contrariamente um grande crítico dos quadrinhos, o psicólogo norte-americano Fredric Wertham, que na época macarthista lançou o livro *Seduction of Innocents*, fadando ao preconceito a maioria das HQs e taxando-as de perigosas à educação dos jovens, concluiu paradoxalmente em seu último livro *The World of Fanzines* (1973), que os fanzines eram construtivos culturais, pois segundo ele, os "fanzines mostram uma combinação de independência que não se encontra facilmente em outras partes da nossa cultura" e acabou concluindo que "eles são válidos e construtivos. A comunicação é o oposto da violência. E toda faceta de comunicação tem um lugar legítimo" (Christensen; Seifert, 1997).

2. E este é um dos significados do uivo dos lobos, conforme a ciência vem decifrando. Acerca de mais significados dos uivos dos lobos, cada vez mais estudados pela ciência, vide mais aqui: http://ciencia.hsw.uol.com.br/uivo-dos-lobos1.htm

3. Para adquirir o fanzine ou mais informações, contate: ciberpajé@gmail.com e/ou ciberpajé.blogspot.com.br

Edgar Franco, o Ciberpajé, ainda que artista multimídia e pesquisador com pós-doutoramento em arte e tecnologias, não desdenha daquilo que outros podem pensar ter uma qualidade maior por ser "barato" ou feito de papel com utilização de fotocopiagem, o fanzine, pois sabe que no universo não há o mais importante: tanto o macrouniverso como o microuniverso formam a vasta teia de singularidades na existência, da qual faz parte a mente humana capaz de perceber e absorver tais magnitudes e belezas. Por isso, ao uivo do Lobo-Edgar, esse chamado é válido; tanto em seus trabalhos autorais como no álbum *BioCyberDrama Saga* (que tem uma qualidade gráfica altíssima), como nesse seu minizine ora lançado e aqui resenhado: ambos ribombam potencial e respectivamente à inteligência, oriunda de uma leitura lenta e gradual (do *BioCyberDrama Saga*) ou rápida e explosiva (do *Uivo*) ao congregarem os que lerem estas artes, como numa só humanidade, tal qual a alcateia irmanada dos lobos unidos pelo Uivo!

Referências

BELLO, Susan. *Pintando sua alma-método de desenvolvimento da personalidade criativa*. Brasília: UnB, 1998.

CHRISTENSEN, William; SEIFERT, Mark. Anos Terríveis. *Wizard*, n. 7, p. 43, Globo: RJ, fevereiro de 1997.

ROHDEN, Huberto. *Entre dois mundos*. São Paulo: Alvorada, 1984.



Kesia Ramos com obras do Ciberpajé, incluindo o álbum Licanarquia

Licanarquia: convite ao reencontro com seu eu selvagem

Kesia Ramos

Licanarquia é o álbum em quadrinhos colaborativo entre Ciberpajé (Edgar Franco - roteiro) e Toninho Lima (desenhos), que foi financiado pela plataforma Catarse durante o ano de 2021 e recebe o selo da Editora Atomic. A narrativa foi inspirada por uma viagem de Ciberpajé

Kesia Ramos é artista, zineira, professora de Artes Visuais e Mestra em Artes pelo IFG.

Resenha originalmente publicada no Blog A Arte do Ciberpajé Edgar Franco em 21 de junho de 2022. Link da publicação original: https://ciberpaje.blogspot.com/2022/06/resenha-licanarquia-um-convite-ao.html

em direção à Ituiutaba, sua terra natal. Na estrada ele avistou um lobo-guará morto e isso o impactou. Impactou de tal forma que o resultado disso vai além de Licanarquia, é um aglomerado de narrativas de seu processo criativo (fanzines, entrevistas, anexos etc.) que proporcionou a imersão do leitor sobre a expectativa do recebimento do álbum e que culminou na experiência imagética da leitura deste.

Apesar da história ter sido elaborada tempos antes, eu considero que o processo de recepção da obra perpassa por uma estética relacional, onde leitores interagem de forma a criar narrativas outras, nas quais o Lobo retratado de forma autobiográfica pelos artistas não é mais o Ciberpajé. É aí que o artista entrega seu Eu para o mundo e o expectador sai do lugar de passividade a fim de transmutar o tema apresentado, passando a compor a obra. O lobo trata-se na verdade de uma persona presente no mais íntimo de cada um daqueles que se atrevem a adentrar no mundo da Aurora Pós-Humana.

Cabe dizer, que os anexos são parte importante por rememorarem aspectos formativos e evolutivos de Ciberpajé como artista, e isso ajuda a compreensão por parte do leitor iniciante de suas obras até o mais assíduo. O álbum possui mais imagens do que textos, talvez numa tentativa de expressão máxima de conexão entre visualidades e código (e porque não desenhista e roteirista).

Ao ler essa história fui invadida pelos sentimentos de melancolia e angústia mixados com real necessidade de renovação pessoal. Para além da transmutação eu percebi que é necessário um ato mágico, criativo para que a esperança e a vida tenham um propósito singular que subverta a ordem vigente que dita a cada indivíduo como ele deve se sentir, se apresentar ao mundo, se vestir, falar, pensar, agir, trabalhar, ser etc. e tantas outras categorias cujo único propósito é promover a inadequação, a segregação e a exclusão social. Essas categorias ditam espaços, determinam quem os ocupa e banalizam o diferente.

Durante a leitura de Licanarquia você irá encontrar as seguintes partições: fome, sede e medo. Cada um desses elementos compõe a vida tanto daqueles que estão aprisionados ao sistema quanto aos que já assumiram seu rompimento com ele. O que difere então a fome, a sede e o medo de uma pessoa que se acomodou com a ordem para aquela que reencontrou seu eu selvagem? Acredito que a resposta para esta pergunta está contida nas páginas 44 e 48 (ver imagens abaixo). Nela vejo que a resposta perpassa o abandono dos velhos hábitos, a dor da perda na reconciliação com o passado e o presente, e o rompimento com a angústia sobre o futuro, bem como a necessidade animalesca e primitiva da fome de si e do mundo. Por fim, uma renúncia à normatividade de uma prisão mental já cômoda de apenas habitar o mundo e não o perceber em suas potencialidades.

Licanarquia é um convite a encarar esse processo num rasgar-se em si mesmo ao encontro da própria natureza, da própria essência, um verdadeiro reencontro com seu eu selvagem em meio ao caos.



Quadrinho da página 44 de Licanarquia



2021 – Ciberpajé

Fabio Shiva

Que alegria poder ler esse livro, que certamente se destaca como um dos lançamentos literários mais relevantes desse nosso Brasil pós-pandemia! E que honra ter participado com uma das sete histórias de

---

Resenha também publicada no Blog A Arte do Ciberpajé Edgar Franco em 25 de outubro de 2020. Link da publicação original: https://ciberpaje.blogspot.com/2020/10/resenha-livro-de-contos-ilustrados-2021.html

ficção científica que foram escritas a partir de ilustrações do genial Ciberpajé Edgar Franco, que é também o organizador dessa obra incrível!

Tudo é instigante em "2021", começando pelo próprio título do livro, que foi inspirado pela percepção de como a nossa própria noção do tempo está sendo distorcida pela "aceleração incontida da hiperinformação", como bem observa o Ciberpajé em sua apresentação: "Um mundo em velocidade desenfreada no qual 90% da informação existente foi produzida nos últimos 2 anos e a quantidade de vídeos postados diariamente em apenas uma plataforma como o Youtube exigiria mais de 200 anos para serem todos assistidos.

Um mundo estranho no qual tudo envelhece em um instante fulgurante, perde o valor e é descartado pelo desespero quase ensandecido na busca do novo que dura segundos e também se esvai para o esgoto do tempo inexpugnável. Tudo é urgente e estranhamente quase nada mais encanta os seres bombardeados diariamente por milhões de imagens."

Experimentei uma ressonância profunda ao ler essas palavras, pois também venho sentindo essas inquietantes transformações em nossa consciência coletiva. Foi o que me levou a afirmar intuitivamente, no longínquo ano de 2014, que a Poesia é tão vital para a sobrevivência da espécie humana no planeta como são as abelhas. Pois é a Poesia que nos permite acessar a dimensão simbólica e profunda da linguagem (que em última instância é o que nos torna humanos), em meio ao dilúvio de informações que nos obriga a lidar com o mundo de forma rasa e superficial, até como mecanismo de defesa para proteger nossa sanidade.

O título "2021", portanto, surge como o futuro mais próximo possível em uma realidade pós-moderna em que "Tudo o que é sólido desmancha no ar", como resumiu profeticamente o filósofo da comunicação Marshall Berman. O próprio processo de concepção do livro parece ter

saído de uma história de ficção científica: o Ciberpajé Edgar Franco, um multitalentoso artista plástico cujo universo conceitual da Aurora Pós-Humana vem sendo estudado em diversos trabalhos acadêmicos, reconfigurou sete de suas ilustrações mais marcantes com o uso de redes neurais, inteligência artificial e Deep Dream. As exuberantes imagens que resultaram desse processo foram apresentadas a sete escritores brasileiros de ficção científica, que receberam a missão de criar uma narrativa a partir das impressões provocadas pelos desenhos do Ciberpajé.

O primeiro conto do livro é "Um exoantropólogo em um mundo pós-humano", de Edgar Smaniotto. Na live de lançamento de "2021", promovida por Alexander Meireles, do canal Fantasticursos (https://youtu.be/q7C_x0pFeBk), Smaniotto fez uma afirmação muito interessante: as distopias são interessantes na ficção científica, mas em alguns momentos, especialmente como o que vivemos atualmente, precisamos de utopias. Essa afirmação é lindamente exemplificada pelo conto de Smaniotto, que nos brinda com uma das características mais atraentes da FC, que é o maravilhamento do futuro. Lendo esse conto temos vontade de entrar na história e nadar com as sereias da lua de Júpiter!

Em seguida vem "Et in Arcadia Ego", de Fábio Fernandes, conto arquetípico sobre o confronto com o Monstro na Caverna, que traz ainda uma interessante experimentação com a narrativa de gênero neutro. Fiquei muito impressionado com algumas sincronicidades que percebi nessa história, tanto com a história anterior (pela referência a fungos inteligentes), quanto com a que vem depois (pela referência à mitologia grega). É como se os contos estivessem encadeados em uma sequência lógica e pré-ordenada, o que torna tudo ainda mais impressionante, pois sei que os autores não tiveram nenhum contato prévio para conversar sobre suas histórias e a sequência de apresentação dos contos no livro segue meramente a ordem alfabética!

Sincronicidades não faltaram na elaboração do conto "O nascimento do Rei Poedi", que tive a felicidade de escrever. Poucos dias antes de receber o convite para participar do livro, passei pela marcante experiência de reler "Édipo Rei" de Sófocles, obra-prima da tragédia grega e, na sequência, rever o filme "A Mosca" de David Cronenberg. Isso me fez perceber as semelhanças entre essas duas histórias, aparentemente tão distantes: as duas são grandes tragédias onde a maternidade desempenha um papel crucial. Isso me motivou a traçar um mapa comparativo entre "Édipo Rei" e "A Mosca" para escrever uma história minha, que fosse como um terceiro vértice narrativo do triângulo assim formado. Imaginem, pois, o meu espanto, ao receber do Ciberpajé uma imagem que, em minha mente, só poderia ser chamada de "A Mosca Édipo"!

Gazy Andraus vem em seguida, com "Onde as (nano)cores se arvoram", que se encaixa perfeitamente no mosaico que está sendo construído, com a narrativa mais sinestésica de todas que compõem o livro, como em uma necessária e atrativa fusão entre a palavra e a imagem. A leitura desse conto deixa um leve sabor de cores na língua da gente!

A sensação de propósito é reforçada pelo conto seguinte, "O aplicativo", de Gian Danton, que apresenta o elemento de terror, que é tão intrinsecamente ligado ao universo da ficção científica. E o mais assustador nessa história é o quanto ela retrata, ainda que metaforicamente, uma triste realidade de nossos tempos.

O penúltimo conto, "Pandemônyo em Pyndorama: alegrya, alegrya", de Nelson de Oliveira foi muito bem descrito por Adriana Amaral, em seu belo prefácio, "2021 e os descaminhos da pós-humanidade", como "uma mescla scifi de antropofagia, tropicalismo e dodecafonismo", "como se Tom Zé reescrevesse um funk carioca em forma de conto".

Fechando com chave de ouro, temos o conto de Octávio Aragão, "O Ninho no Nariz do Boneco", em que um aparente cenário de lisergia vai

pouco a pouco revelando uma trama finamente construída de suspense psicológico – com um toque fundamental de ficção científica, é claro! É muito estimulante ver autores brasileiros tão criativos e talentosos em atividade. É muito gratificante poder fazer parte dessa história!

"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, da Rádio 102.7 FM (Além Paraíba – MG), todo sábado de 12h às 14h, com apoio da VERLIDELAS EDITORA. Apresentação: Fernando Bamboo. Técnico de Som: Venilton Ribeiro.
https://www.verlidelas.com/r%C3%A1dio
https://www.radios.com.br/aovivo/radio-1027-fm/17615

A serpente e o abismo

Rubens César Baquião

A capa do álbum *Retrogênese*, escrito por Edgar Franco e desenhado por Al Greco, tem a imagem da serpente Ouroboros (símbolo do início e do fim) no centro e, na parte inferior da capa, as imagens do cubo, da pirâmide e da esfera (símbolos geométricos da perfeição). O título *Retrogênese* e o nome dos autores estão na contracapa do álbum e a estratégia de usar as imagens sem os nomes na capa já antecipa ao leitor o conteúdo que é explorado nesse trabalho dos dois artistas: o oculto. Ou seja, conhecimentos e experiências que só podem ser vivenciados por meio da linguagem dos símbolos e arquétipos pessoais; essas experiências podem ser explicadas pela linguagem verbal apenas de forma secundária, superficial e artificial.

Na primeira página do capítulo I, destacam-se cinco imagens da tradição ocultista milenar: o ovo cósmico no centro da página, símbolo do mistério da criação, a borboleta na parte superior esquerda, símbolo da transformação, o peixe na parte superior direita, símbolo do milagre, a águia na parte inferior esquerda, símbolo da ascensão da imaginação e a tartaruga na parte inferior direita, símbolo da eternidade. Esses são os símbolos que antecipam o nascimento de um ser pós-humano, que nasce de um ovo aparentemente biomecânico e que passa a desfrutar as belezas naturais do planeta em que surge.

Rubens César Baquião é Doutor em Linguística pela UNESP, pesquisador e autor de histórias em quadrinhos.

Resenha publicada edição 8 da revista Imaginário! Paraíba: Marca de Fantasia, junho de 2015.
https://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario01-10/imaginario008/imaginario-8.pdf

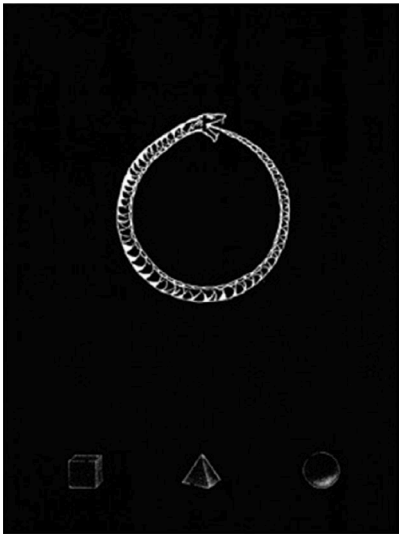


Figura 1. Capa de Retrogênese, de Edgar Franco e Al Greco

O segundo capítulo mostra o encontro do ser pós-humano com outro semelhante, que salta, sorridente e confiante, em um abismo. O protagonista assiste ao mergulho desse outro ser e sente, pela primeira vez, o medo de deixar de existir, que é uma metáfora da dissolução do ego. Mesmo com medo, ele sente a necessidade de também descer o abismo e juntar-se ao outro ser. O mergulho no abismo representa a exploração do universo pessoal interior, a busca pela essência cósmica, que ocorre depois da aniquilação do ego.

O terceiro e último capítulo mostra a descida do protagonista no abismo, um feito que leva anos, até que o ser esquece quem e o que ele é. Com o passar do tempo, ele começa a deleitar-se com a natureza do abismo, suas reentrâncias, horizontes e o vento que sopra em suas têmporas. O ser aprofunda-se cada vez mais em sua natureza intrapessoal. Até que chega o dia em que o abismo ilumina-se e o ser integra-se à eternidade astral do abismo e também ao que está além dele. A última página da história destaca mais uma vez os quatro símbolos mostrados na capa: a serpente ouroboros, o cubo, a pirâmide e a esfera. Junto a esses quatro símbolos está o desenho de uma formação rochosa com

partes orgânicas e face semi-humana, que representa a interação simbiótica entre o protagonista e o abismo. *Retrogênese* é uma narrativa visual do processo de criação e contemplação da existência e, assim, busca mostrar que os elementos que tornam a vida possível fazem parte de um todo, que integra o que é orgânico e também o que não é.

Ao ler *Retrogênese* percebe-se que os autores, embora tenham explorado com atenção e com propriedade os arquétipos e símbolos que conduzem a narrativa, preocupam-se mais em revelar uma experiência transcendental do que em apresentar um produto acabado de narrativa gráfica. Não se trata de uma crítica à qualidade gráfica do álbum, que é produzido com um ótimo material, mas de um comentário sobre o esforço dos autores para transmitir em celulose um tipo de experiência psicodélica que é difícil de descrever e narrar. É nesse ponto que reside a maior qualidade de *Retrogênese*, em sua aventura corajosa para tornar palpável e imanente algo que é etéreo e transcendental.



Figura 2. Quarta capa de Retrogênese

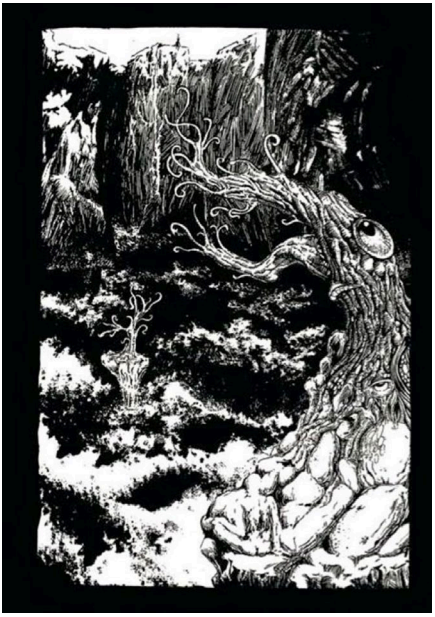


Figura 3. A magnífica arte de Al Greco e Edgar Franco



Mais uma obra encantadora do artista transmídia, professor e pesquisador Edgar Franco, o Ciberpajé. Publicada em 2003 na versão impressa e relançada agora em 2023 pela editora Marca de Fantasia, duas décadas depois, na versão digital para nossa sorte, o que facilita o acesso aos amantes dos quadrinhos – baixe-a neste link! As 11 HQs curtas presentes na obra nos apresentam uma linguagem visual marcada por uma estética em preto e branco que nos remete à uma atemporalidade em sua proposta imersiva que se desenvolve no decorrer de cada um dos 11 capítulos.

Raquel Alves de Freitas Nunes - É jornalista e ativista cultural em Goiânia.

Resenha publicada originalmente no Blog A Arte do Ciberpajé Edgar Franco em 20 de janeiro de 2023, link da publicação: https://ciberpaje.blogspot.com/2023/01/resenha-transessencia-quadrinhos-que.html

Destaco a riqueza de detalhes desenvolvida no espaço e no tempo através dos relatos ficcionais, permeados por uma deslumbrante fusão artística entre o humano e suas ações e sensações mais viscerais. O animal como extensão de nós mesmos por meio de personificações e representações energéticas humanísticas, onde a natureza age como protagonista em tudo que compõe a essência cósmica universal. São narrativas ambientadas em cenários oníricos que harmonicamente emergem de toda a obra. Aproveitando-se então dessa disposição poética, enfatizado pela narrativa desse panorama imagético e criativo provocado por essa realidade fantástica, vou desbravar capítulo por capítulo desse projeto incrível a partir de minhas percepções.

Capítulo 1 - COISAS DA CARNE: O capítulo que inaugura o álbum. Ele ressalta o furor das paixões que sempre são consideradas prazeres efêmeros e quando trazem à tona a essência do ser humano podem deflagar a insegurança que esse sentimento provoca, acarretando assim uma distorção da realidade. A tristeza aqui é ocasionada pela decepção da perda do viço desse sentimento.

Capítulo 2 - AMÁLGAMA: Ciberpajé, neste capítulo, de forma profunda e instigante, refere-se à vulnerabilidade dos prazeres humanos. Muitos entregam seus corpos ao deleite da carne condicionados pelo ódio e pela carência a todo custo, desprovidos de reais afetos, assim como os animais copulam na natureza. Tudo em busca de uma satisfação carnal intrínseca e momentânea.

Capítulo 3 - ENCONTROS: Neste capítulo, a amorosidade é um sonho a ser conquistado, onde todos nós somos seres únicos e finitos e almejamos espalhar o amor entre os povos, conscientes de que podemos sim, desfrutar de um mesmo espaço cósmico e que precisamos evoluir em prol de não destruirmos a humanidade. A paz universal. O afeto, a amorosidade e a empatia como virtudes que imperam na transcendência humana. O capítulo é brilhantemente finalizado com a citação de nomes importantes nos âmbitos culturais, religiosos e filosóficos como

John Lennon, Gandhi, e Sócrates que foram personalidades de extrema relevância em nossa sociedade e que não estão mais entre nós, mas que deixaram seus legados eternamente na história da humanidade.

Capítulo 4 - DUO DE UM: Tabus são aqui quebrados. Um olhar analítico para os relacionamentos humanos, neste caso entre mãe e filho. O amor materno que ultrapassa o dom de gerar, livre de dogmas e valores cristãos, modifica o amor filial. Pecado carnal. Não podendo alterar essa condição tampouco a sua realidade, a mãe se vê enclausurada e condenada pela própria consciência perturbadora. Uma dor permanente causada pelo remorso perpétuo.

Capítulo 5 - O INÍCIO: Neste capítulo, Edgar Franco descreve a busca incessante pela sobrevivência. A composição visual impulsionada pelos desenhos dá o tom dessa caçada visceral pelo alimento. E assim, como numa miragem de deserto, o melhor sempre está por vir e o indivíduo se depara com um oásis provocado por uma abundância da natureza, onde tudo é possível, onde tudo é farto, onde a escassez não predomina.

Capítulo 6 - ÉDEN: A sensibilidade poética desse capítulo encanta. A procura incessante pelo paraíso, transmutado pelas barreiras do tempo, chegando à uma definição de que o paraíso não se trata de um lugar e sim, de um encontro de almas no qual se revela a imensidão do ser. Lindo demais!

Capítulo 7 - SOBRE AS MÃES: Este capítulo me trouxe um olhar mais empático quanto às nossas ações egocêntricas e desrespeitosas para com a mãe natureza. A forma como destruímos essa maravilha cósmica. A mãe Terra que tudo nos dá e não temos compaixão nenhuma para retribuí-la. O egoísmo. Este com certeza é um dos lados mais sombrios da natureza humana.

Capítulo 8 - A ESTAGNAÇÃO: O marasmo e a acomodação humana como agentes para a criação do caos. A representatividade de Gaya, como a mola propulsora para o florescer da humanidade partindo do princípio de que onde há a morte da estagnação há o renascimento da vida.



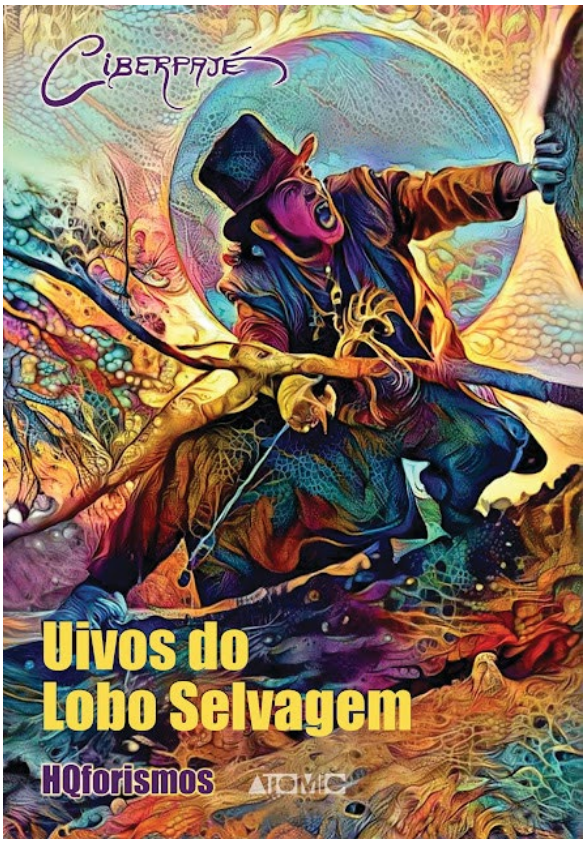
Ciberpajé e Raquel Alves no lançamento do álbum
Licanarquia na Mandrake Comic Shop, em Goiânia

Capítulo 9 - LIMITES: Este é o meu capítulo favorito. Eu que tanto externo sobre essência, afeto e gratidão, me vi de alguma forma representada neste capítulo, no qual me identifiquei bastante com o contexto exposto. Senti-me pertencente à essa realeza literária, algo tão latente e que aborda o universo de cada indivíduo. Um reduto contido dentro da incompreensão do eu interior. O isolamento particular de cada ser, onde ninguém conseguirá ao certo compreendê-lo ou desvendá-lo. Nem mesmo seus ancestrais, pois o sentimento de pequenez e inferioridade, afugenta e transcende seus sonhos mais profundos.

Capítulo 10 - DENTRO: A comunicação aqui se entrelaça em toda força imagética proporcionada por esse capítulo. É um despertar e um revelar dos desejos mais ocultos, agora libertos, proporcionados pelo desfrute das particularidades humanas. Sensacional.

Capítulo 11 – ANOMALIA: O último capítulo desse álbum revela o desequilíbrio das polaridades humanas. O Yin e o Yang, a luz e a escuridão como energia dual incompleta, resultante da não completude desses seres, aqui incompreendida, com a esperança de que um dia essa anomalia será corrigida e se tornarão uma só alma.

Finalizando essa resenha, destaco que o Ciberpajé conseguiu por meio de Transessência apresentar a essência da vida em todo seu processo infinito de mutação, evolução e conexão com o universo e a sua complexidade. Convido todos a desfrutarem da leitura dessa obra fantástica.



Uivos do Lobo Selvagem
Edgar Franco (Ciberpajé), editora Atomic, 2022

Alexandre Chakal

Recebi meu exemplar desta HQ autografada pelo mestre Ciberpajé no dia em que tivemos a oportunidade de nos conhecer pessoalmente em São Paulo, durante o lançamento de seu livro "Os Aforismos do Ciberpajé". A foto na sequência, registra a ocasião e guarda a memória desse encontro muito especial.

A HQ "Uivos do Lobo Selvagem", é uma obra curta, mas poderosa, que explora a figura do Lobo, totem mágico do Ciberpajé. Trata-se de

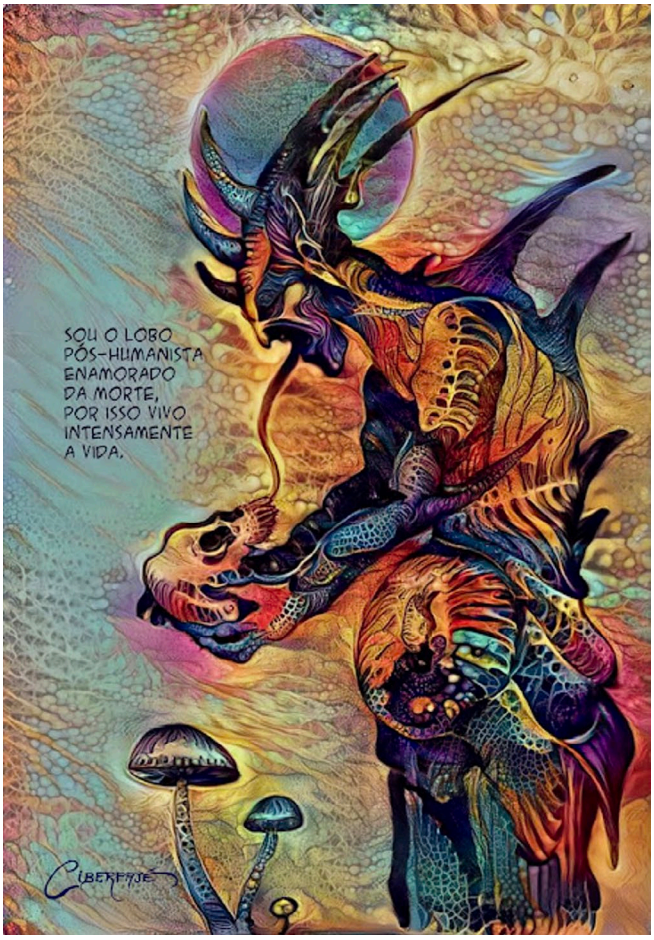
---

Alexandre Chakal é escritor, musicista e ativista cultural.

Resenha originalmente publicada em janeiro de 2025 na página "Em carne viva e crua" (Instagram), "Metal Reunion Zine" (blogspot.com) e no Blog "A Arte do Ciberpajé Edgar Franco" (https://ciberpaje.blogspot.com/2025/01/resenha-revista-de-hqforismos-uivos-do.html)

uma história objetiva, mas que aborda valores profundos como resiliência, união e lealdade, tanto no âmbito da vida e do amor quanto na relação com a matilha. Edgar Franco, com seu traço único e já característico, privilegia as ilustrações, que ocupam as páginas de forma expressiva. Essas imagens são acompanhadas por aforismos poéticos que enriquecem a experiência do leitor, conectando-o ao significado das cenas e promovendo reflexões sobre as mensagens transmitidas.

Posteriormente, em uma conversa com o autor, descobri que essa HQ foi concebida como um material promocional, oferecido como brinde aos colaboradores da campanha de financiamento coletivo do álbum Licanarquia, criado em parceria com Toninho Lima. Com o su-



cesso da campanha, que quase dobrou a meta, foi possível editar Uivos do Lobo Selvagem com a qualidade desejada. A tiragem, no entanto, foi pequena, e os exemplares, enviados majoritariamente aos 265 apoiadores da campanha, tornaram-se itens raros e de colecionador. Assim, ter recebido um desses poucos exemplares não distribuídos ao público geral é um privilégio único.

Essa obra, descrita pelo autor como um "grimoire mágicko", é repleta de HQforismos que celebram a essência do totem Lobo. Apesar de não ter sido lançada oficialmente nem amplamente divulgada, carrega um significado especial para os que tiveram acesso a ela.

Outro ponto, o miolo da obra foi publicado em P&B, mas originalmente ele foi concebido colorido, então o autor me enviou um dos HQforismos na versão original em cores! Confira.



Alexandre Chakal e Ciberpajé

Vida como Arte, Academia como Magia

Sergio Cesario

Desde que encontrei a tese “Perspectivas Pós-Humanas na Ciberarte” nas redes (quando pesquisava sobre “transumanismo” para meus trabalhos artísticos), tornei-me fã do Ciberpajé, o professor Edgar Franco, Ph.D.

Sua obra é uma fusão fascinante entre arte, magia e tecnologia, explorando o pós-humanismo de forma única. Em sua autobiografia “Vida como Arte, Academia como Magia” (que ainda estou lendo, mas absorto na leitura!) ele transforma sua própria vida em um experimento artístico, um ritual de transmutação que ressoa profundamente com meu primeiro trabalho literário “O Livro do Simulacro” (título provisório).

Nos 7 capítulos da autobiografia, encontramos uma exploração filosófica sobre a integração entre tecnologia e subjetividade, arte e ciberespaço, humanidade e transumanidade.

Sua formação, as incursões no universo das HQtrônicas e as performances com o #PosthumanTantra se apresentam como rituais de autoengenharia da consciência, onde o “eu” é simultaneamente um campo de experiência e um artefato em constante recriação.

Sinto que o conceito de transmutar-se em @Ciberpajé ecoa diretamente com o processo de transformação dos Tronies em “O Livro do Simulacro. | Consciência Síntese; assim como os “TRONIES” atra-

---

Sergio Cesario é artista multimídia e jornalista.

Resenha publicada originalmente no Blog A Arte do Ciberpajé Edgar Franco em 7 de fevereiro de 2025: https://ciberpaje.blogspot.com/2025/02/resenha-autobiografia-do-ciberpaje-nos.html

vessam estados de mutação alquímica para atingir formas superiores de consciência, o professor Franco descreve sua própria jornada como uma alquimia existencial, na qual magia, tecnologia e arte são instrumentos de metamorfose. Esse paralelo estabelece uma sinergia conceitual profunda, onde o artista não apenas "cria, mas se recria incessantemente", em um movimento cíclico de nascimento, morte e renascimento simbólico.

Recomendo demais para quem busca expandir horizontes e repensar o que é ser e criar.





Posthuman Worm
CybOrgasmOrgy
Terceiro Mundo Chaos Discos
Ouça o álbum neste link

Posthuman Worm/CybOrgasmOrgy

Valtemir Amler

Existe alguma coisa melhor do que relaxar ouvindo a música de sua banda favorita? Porém, algo que também sempre apreciei for ser desafiado por artistas que ousam buscar algo além do lugar comum, e é justamente isso que o icônico Ciberpajé vem fazendo há anos em cada um de seus projetos, seja na música, seja na ilustração. Trabalhado como um desdobramento do seu Posthuman Tantra, este Posthuman Worm consegue ser mais pesado, sujo e intencionalmente perturbador

Valtemir Amler é jornalista e crítico musical.
Resenha originalmente publicada na revista Rodie Crew n. 283, nov/dez. 2024..

do que a anteriormente mencionada, como o ouvinte desavisado perceberá muito rapidamente ao ouvir faixas como *Transgenic Golem Beasts*, *Hymen Reconstructor Nanobots* e *The Strange Sadomasochist Hermafhrodite Droid*, que soarão desafiadoras até mesmo para o mais experiente fã de noise. Categorizada com o termo cybergrind, a música desse projeto é perfeita para embalar a leitura de obras ciberpunk de Neal Stephenson, Richard K. Morgan, Hannu Rajaniemi e, claro, William Gibson. Eletrônica, suja, e despida de qualquer padrão, a música do Posthuman Worm soa exatamente como o artista por trás dela: inventivo, desafiador e instigante.

Agartha: Amor e Sexo

Fausto Ramos

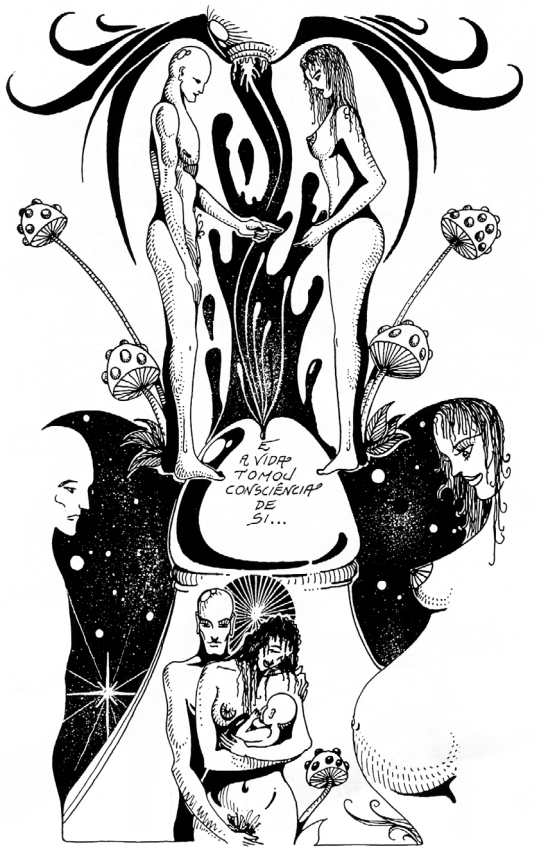
Semeando a vida no Cosmos, velejando pelas águas do luto e saboreando os encantos do prometido Éden; Agartha fala de mistérios íntimos ao coração dos iniciados. Mistérios que mesmo eu hesito postular em palavras – e que Edgar Franco traduziu tão bem com sua arte poética e filosófica.

As pinceladas de Dr. Franco são encharcadas de referências ao erótico, figurando o sexo como uma manifestação de nossa natureza instintiva, primal e divina. A nudez expressa um estado de pureza – um convite à comunhão com o que há de mais natural em nós.



Agartha
Edgar Franco
Paraíba: Marca de Fantasia
3ed. 2018. 68p. 14x20cm.

Fausto Ramos dos Santos. Licenciatura Matemática pela Faculdade Estácio de Sá.
Resenha publicada na revista Imaginário!. Paraíba: Marca de Fantasia, n. 15, dezembro de 2018.



Meu alicerce para essas observações passa pelo estudo deum sensível pesquisador, José A. Gaiarsa. Psicanalista brasileiro, J. A. Gaiarsa é responsável por trazer ao Brasil as ideias de Wilhelm Reich, discípulo de S. Freud e terapeuta corporal. Faço, portanto, um paralelo entre a obra de Edgar e as ideias que esse escritor nos apresenta sobre o corpo, o sexo e o amor.

O sacro-sexo é um tema central em Agartha. A comunhão entre parceiros representa o próprio Éden – estado de sublime comunhão com o infinito. Enquanto os amantes se entrelaçam e se confundem um no outro o tempo para, o resto do mundo se abstrai, inexistindo outra instância do espaço-tempo senão aquela em que os enamorados se fazem presentes em carne, alma e espírito.

Tal é minha descrição da sublime experiência representada nas páginas de Agartha. Contudo, o mesmo conceito pode ser encontrado em Amores Perfeitos, título da transcrição de um circuito de palestras que J. A. Gaiarsa ministrou em Brasília no princípio dos anos 1990's. Aqui, o psicanalista descreve as características de um contato vivo, corpo a corpo – alma com alma – que melhor representa o estado amoroso genuíno e enriquecedor.

> Eu e você e mais nada. Eu gostaria de comparar essa sensação de isolamento a dois com a formação de um casulo. Ocorre o isolamento porque vai acontecer uma coisa muito importante e muito delicada aqui dentro – entre nós. Só nós dois no universo – é muito bonito isso (Gaiarsa, Amores Perfeitos, p. 39-40).



O terapeuta também descreve a maneira como esse estado amoroso pode quebrar com a barreira erguida pelas restrições sociais. A couraça muscular do caráter é uma proposição teórica de W. Reich e descrita por J. A. Gaiarsa como "toda a força que eu faço para não fazer aquilo que eu quero, aquilo que gosto, aquilo de que preciso" (Gaiarsa,1994).

Wilhelm Reich descreve o orgasmo – o bom orgasmo - como possuindo a função biopsíquica de quebrar a couraça dos preconceitos e restrições a que nossos corpos são submetidos pelo condicionamento social – regulatório, restritivo e neurótico. Em convergência com W. Reich, George Bataille descreve semelhante estado de derretimento provocado pela união erótica.

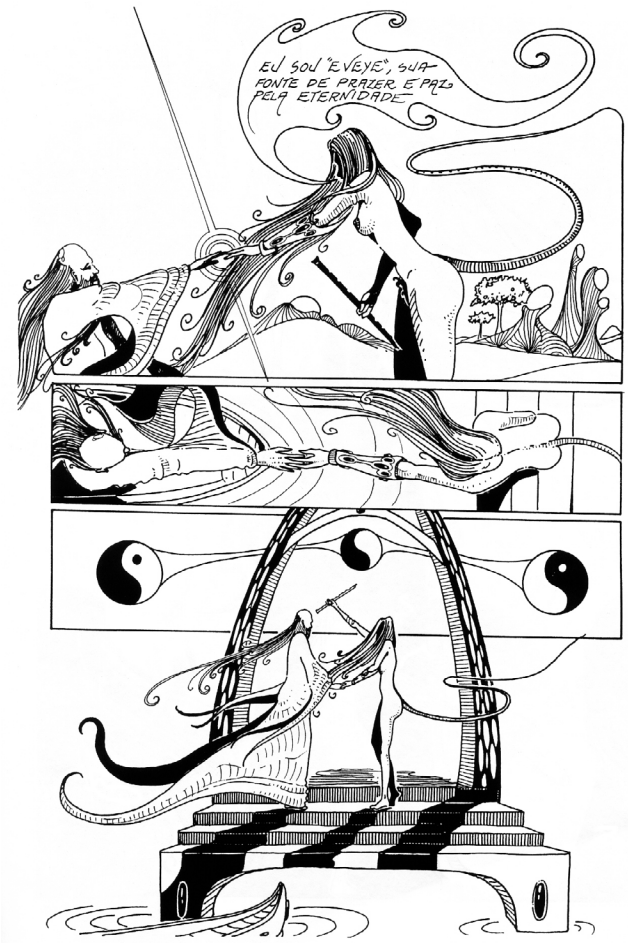
O filósofo G. Bataille discrimina um solvente e um catalisador na complexa ritualística do empreendimento amoroso, componentes da reação que dissolve as barreiras do corpo e do Ego, permitindo que aos amantes a comunhão com a continuidade. Enquanto seres finitos, delimitados por nossas identidades – sempre restritivas, neuróticas – nos manifestamos no mundo como seres descontínuos, com começo e fim, nascimento e morte; posturas, gestos, desejos e intenções limitadas por nossas possibilidades no espaço-tempo circunstancial.

O que G. Bataille propõe é que a união amorosa, quando plena, é capaz de desmanchar essas limitações, ao menos, entre os sujeitos que a ela se submetem. Um encontro – agora em J. A. Gaiarsa – individualizante, na medida em que pinça aquele rosto anônimo da multidão e o põem à frente de seu amante, distinto e especial. É necessário perder-se no outro para emergirmos mais seguros de nossa própria identidade. Assim, o amor individualiza, edifica e revigora o espírito.

Tais digressões parecem cair longe do alvo, contudo, é Edgar Franco quem acerta em cheio ao representar o estado amoroso como um gozo prazenteiro, capaz de dissolver amarras e desafiar a consistência do próprio ego. A sensação de aqui-agora se torna tão viva e forte que nossa percepção do espaço se torna maleável quando nos encontramos

livres das amarras do tempo. Na comunhão amorosa, somos eu e você, carne e pele – nada de títulos, honrarias ou posição sociais. Tal está estampado em Agartha, para os olhos que se propõem a enxergar.

Ao final da obra, Edgar apresenta um risco sobre a maneira como podemos recorrer a viver o amor de forma egoísta e inconsciente. Da convivência contínua e ininterrupta, pode surgir o tédio, o fatigante e o monótono. Não por coincidência, Gaiarsa alerta sobre o mesmo perigo: todo estímulo quando muito repetido, para de ser notado. É humano – e muito natural. É, portanto, que o psicanalista sugere, gentilmente, que o segredo para um bom amor é fugir da monotonia.



Vida é variação. Tudo o que não muda, só pode estar morto. “A repetição é a defesa contra a criação” (Gaiarsa, 1994). Franco alerta contra a monotonia do contato contínuo que, quando mal dosado, converte-se em insensibilidade – e o prazer transforma-se em dor.

Estes foram alguns comentários mais profundos sobre referências teóricas e inspiradoras que o trabalho do professor Franco me evocou. Pretendo permitir que esse diálogo de ideias, aspirações e sonhos se prolongue tanto quanto possível.



Duetos Essenciais

Marcos Freitas

Reunião de quadrinhos poético-filosóficos de Ciberpajé e convidados. A ideia para este álbum surgiu em 1997 e só agora, vinte anos depois, podemos conhecer o resultado da obra. E ele não decepciona. São vinte e três parcerias que passeiam com desenvoltura pelo tema, com resultados contrastantes, mas media alta, o que surpreende, pelo fôlego do projeto.

O álbum caprichado da Marca de Fantasia, com este nível de ousadias gráficas, experimentações e proposta conceptiva, só poderíamos



Duetos Essenciais
Edgar Franco et al.
Paraíba: Marca de Fantasia
2017.

Resenha publicada no blog da Atomic Editora, em 20 de março de 2017. https://multiplozine.blogspot.com/2017/03/

encontrar mesmo em uma publicação alternativa. Alguns trabalhos chamam a atenção e destaco aqui os que mais me impressionaram.

Shimamoto apresenta uma adaptação ao texto "Razão" de Ciberpajé, em uma técnica inusitada em látex branco sobre azulejo, dificuldade técnica que só um mestre como Shima ousaria fazer. O texto de Gian Danton em "A Caverna", inspirado em Platão, é um desafio e tanto a Ciberpajé, responsável pela arte, mas o resultado é uma das melhores HQs do álbum.

Omar Viñole, exímio artefinalista, parceiro de longa data do genial Laudo, aqui passa a tinta na arte de Ciberpajé trazendo uma leveza única a seu traço. Ricardo Borges (do lendário fanzine Krise) traz o expressionismo punk-poético à baila, ilustrando poema de Ciberpajé, "Indolor".

Luciano Irrthum faz a tinta em "Dores" e em seguida é a vez de Ciberpajé finalizar HQ sem título de Irrthum. Contrastes bacanas e combinações inusitadas de estilos com ótimos resultados. Equilíbrio que dá samba. Nuno Nisa, artista português convidado, ilustra com delicadeza o sutil texto "A Paz" de Ciberpajé. A parceria com Gazy Andraus e a bela arte de Al Greco também são bons momentos presentes na leitura e imersão ao mundo de "Duetos".

Ao final o autor comenta as parcerias e os trabalhos que compõe o álbum, o que enriquece ainda mais a edição. Parabéns Ciberpajé! É uma honra fazer parte deste belo álbum, rodeado de feras dos quadrinhos.

BioCyberDrama Saga

Elydio dos Santos Neto

Edgar Silveira Franco é mineiro de Ituiutaba e é Arquiteto (UnB), Mestre em Multimeios (Unicamp), Doutor em Artes (USP), Pós-doutor em Arte e Tecnologia (UnB), Músico, Desenhista de Quadrinhos, Fanzineiro, *Performer*, Pesquisador e Orientador de Teses e Dissertações no PPG em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Dono de uma criatividade inquieta e muito produtiva, assim como pesquisador com grande capacidade de reflexão sobre o drama



BioCyberDrama Saga
Edgar Franco & Mozart Couto
Goiânia: Editora UFG, 2013
(capa da 3a edição)

Elydio dos Santos Neto fez Pós-doutorado no Instituto de Artes da UNESP (2010), foi Doutor em Educação pela PUC-SP (1998), Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP (1994), Graduado em Filosofia e Pedagogia pelas Faculdades Salesianas de Lorena (1982) e Docente da Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Resenha de BioCyberDrama Saga por Elydio dos Santos Neto, publicada na revista Imaginário! n. 2, de julho de 2012.

humano, criou a partir dessas suas vivências e experiências um universo futurístico denominado por ele de aurora pós-humana na qual se desenrola *BioCyberDrama Saga*.

Fazendo parceria com Edgar Franco assina a arte deste trabalho o prestigiado desenhista de quadrinhos e ilustrador, com reconhecimento no Brasil e no exterior, Mozart Couto: mestre em arte fantástica e de trabalhos em preto e branco, conhecido por muitos como o "Michelangelo dos quadrinhos brasileiros".

A união da grande criatividade ficcional de Edgar Franco com os fantásticos desenhos de Mozart Couto resultou numa obra de história em quadrinhos belíssima que prende o leitor do começo ao fim, ao mesmo tempo em que o leva a refletir sobre temas capitais do momento presente e do futuro, não tão distante, de nossa humanidade. Este álbum, dividido em três partes, sai pela Editora da Universidade Federal de Goiás. Abre a publicação um longo e detalhado Prefácio no qual Edgar Franco apresenta os fundamentos, artísticos e filosóficos, da criação de seu universo ficcional, mas também detalhes, ricamente ilustrados, de seu mundo pós-humano. Seguem-se páginas extras do processo criativo dos autores e nas quais são apresentados estudos de personagem e esboços de páginas quadrinizadas realizados por Mozart Couto, bem como referências imagéticas para os personagens da saga, desenhadas pelo próprio Edgar Franco, seu criador. Fecha o álbum um Pósfácio no qual o autor explicita os artistas, cientistas e filósofos que homenageou em sua obra mediante os nomes com os quais "batizou" os personagens da saga.

BioCyberDrama Saga é uma narrativa construída na perspectiva dos quadrinhos poético-filosóficos[1] de Franco. É uma rica e bela trama na qual aventura, drama, romance, filosofias, crenças, intrigas e a

1. Se desejar mais informações sobre o trabalho em quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco ou sobre seu processo de formação como artista, conferir em: Santos Neto, Elydio dos. *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco*: textos, HQs e entrevistas. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

realidade de avançadas tecnologias foram criativamente entretecidos e provocam a reflexividade sobre algumas de nossas questões humanas fundamentais. Conta, numa aurora pós-humana, uma história que continua sendo a nossa, de seres humanos que vivem, possivelmente, em meio a processos que estão a gerar um mundo pós-humano no qual, para muitos, esgotaram-se nossas possibilidades naturais e estamos agora, juntamente com elas, a intervir, de forma incisiva e marcante, na humana natureza mediante processos artificiais científicos e tecnológicos.

No futuro pós-humano de Edgar Franco convivem três tipos de seres: os *Tecnogenéticos*, que são frutos da hibridização entre humanos e animais, pelo avanço tecnológico; os *Extropianos* que, por sua vez, são organismos pós-humanos e abiológicos que resultaram de transplantes da consciência humana para chips de computador e, por isso, conseguem perpetuar infinitamente suas vidas, embora às vezes cometam o "suicídio" (extrosuicídio); e, por fim, os *Resistentes*, assim chamados por resistirem tanto à hibridização como ao extropianismo; são seres humanos na concepção tradicional e, na aurora pós-humana, são em menor número e estão em extinção.

Um aspecto importante desta história em quadrinhos é que a aurora pós-humana de Edgar Franco não é um ambiente opaco, neutro e esterilizado pelas grandes tecnologias. É um ambiente complexo onde convivem as mais avançadas possibilidades tecnológicas e as agruras e contradições do coração humano. O leitor encontrará, nas páginas desta narrativa, problemas conhecidos de nossa vida como seres humanos, realçados, porém, pela perspectiva pós-humana da "revolução artificial": amor, ódio, paixão, vingança, poder, jogo político, religião, conhecimento, sofrimento, busca pela vida eterna, o desespero do suicídio, fidelidade, traição, dúvidas, incertezas, certezas que se tornam violência e depois dúvida novamente, preconceito, fanatismo, curiosidade, intrigas, manipulações, busca de tolerância e paz...

O personagem central da narrativa é Antonio Euclides. O arco começa com Antonio como jovem resistente em dúvida entre definir sua vida com os *extropianos* ou com os *tecnogenéticos*; decide finalmente permanecer resistente e assumir a liderança do movimento que quer este grupo como dominante; a saga termina com o Antonio Euclides aprovando e "abençoando" a perspectiva de síntese entre *resistentes*, *extropianos* e *tecnogenéticos*, manifesta em seu neto que está para nascer, que por sua vez é filho Anton, seu próprio filho gerado ainda na primeira parte da saga com a resistente Michelle.

Há que se destacar neste álbum a grande sensibilidade por parte de Mozart Couto que, a meu ver, compreendeu de maneira brilhante o universo criado por Edgar Franco e conseguiu expressá-lo, visualmente, de maneira rica, com uma poderosa estética dos universos fantásticos. Veja-se, por exemplo, a sequência de imagens que desenhou para mostrar a tecnogenética Orlane, que, apaixonada por Antonio Euclides, desce a uma espécie de submundo para submeter-se a cirurgias que a deixaram, no aspecto da forma, mais próxima aos humanos, ou então, a cena em que a mesma Orlane, com uma lua ao fundo, abraça Antonio, no ar, ferido por uma explosão provocada pelos *tecnogenéticos*.

Particularmente, em minha leitura da saga, vejo um eixo que perpassa a narrativa toda e que traz a possibilidade de síntese e de superação dos conflitos destrutivos entre os três grupos do universo de Edgar Franco, que são também conflitos destrutivos que ameaçam a humanidade presente. Este eixo está, para mim, sutilmente representado na figura de Gandraus, o pai de Antonio Euclides, também ele um resistente, pois é o personagem que desde a primeira parte da história até o final permanece fiel à postura que anunciou a Antonio, quando este ainda era jovem: *Eu não amo a arte, eu me amo e amo a todos e a tudo...incluindo os tecnogenéticos e os extropianos*. Aí está: o amor é o grande eixo condutor desta narrativa. Não o amor na acepção piegas, mas o amor entendido, como sugeriu o filósofo e teólogo jesuíta Teilhard de Chardin, como

energia cósmica que congrega, numa laboriosa e sofrida construção individual e coletiva, todos os movimentos criativos de beleza, tolerância e alegria para permanentemente criar e recriar o mundo.

Sem esta perspectiva de amorosidade fatalmente pereceremos, mesmo num mundo tecnologicamente avançadíssimo como este que desponta no universo pós-humano de Edgar Franco.

Esta obra de histórias em quadrinhos, por sua riqueza de conteúdo, de estética e de reflexão sobre a condição humana é, sem dúvida alguma, uma contribuição, desde o mundo quadrinhístico dos autores, para as culturas desta humanidade contemporânea, confusa entre as tantas possibilidades, positivas e negativas, por ela mesma criadas.



Páginas de BioCyberDrama Saga, obra seminal de Edgar Franco & Mozart Couto

Conversas com o Ciberpajé:
uma viagem transcendente com um ser "sem caráter" e iluminado

Sara Gaspar

O livro *Conversas com Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência*, publicado pela editora Marca de Fantasia em 2019, é um compilado de conversas entre Edgar Franco (o Ciberpajé) e Danielle Barros (a IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana) ao longo de 7 anos. Danielle é professora doutora adjunta na Universidade Federal do Sul da Bahia



Capa do livro "Conversas com o Ciberpajé", clique aqui para baixá-lo

---

Sara Gaspar é artista, graduanda em Biologia na UFRJ, e fanzineira conhecida por seus zines criados no contexto do projeto IFF Fanzine, do Instituto Federal Fluminense de Macaé/RJ, e também no Projeto Comer Pra quê?, da UFRJ & UERJ.

Resenha publicada no blog "A arte do Ciberpajé Edgar Franco" em 6 de janeiro de 2020: https://ciberpaje.blogspot.com/2020/01/resenha-livro-conversas-com-o-ciberpaje.html

(UFSB), sendo autora de diversos artigos científicos, capítulos de livros e possui vários trabalhos em conjunto com o Ciberpajé. Também é uma artista, cria poesias, quadrinhos, fanzines, além de realizar lindos artesanatos, como, por exemplo, artes em resina. Além disso, é uma das 4 mulheres afinadas às criações de Edgar, sendo por isso nomeada como a IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana. Edgar Franco é professor pós-doutor associado na Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Possui uma vida acadêmica inspiradora, sendo autor de livros, vários artigos científicos e possui diversas parcerias acadêmicas e artísticas. Seu trabalho é reconhecido entre seus discentes, tendo sido convidado várias vezes como professor homenageado e paraninfo. Além de sua trajetória acadêmica bem consolidada, possui uma vida artística muito rica, produz quadrinhos, fanzines, músicas, videoclipes, aforismos, realiza performances com sua banda Posthuman Tantra, é criador do mundo ficcional transmídia denominado "Aurora Pós-humana" e muitas outras criações, sempre inventando e experimentando novas formas de expressão artística. Devido às inúmeras facetas que assume como Ciberpajé, ele desperta grande curiosidade em muitas pessoas, que podem se interessar por esse livro que apresenta um pouco de sua trajetória artística e pessoal.

O livro, um e-book de livre acesso, é todo estruturado em formato de entrevista, sendo conduzida por Danielle Barros. O leitor tem a sensação de pertencimento ao diálogo, imergindo nas conversas com o Ciberpajé. As perguntas são muito bem formuladas por Danielle, com grande coerência, não há sensação de ruptura na leitura entre os capítulos. Ao todo são 12 capítulos, cada um aborda aspectos diferentes da vida de Edgar Franco. No final ainda há um posfácio escrito pela IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, trazendo a sua visão de quem é o Ciberpajé e algumas curiosidades: como o conheceu, as sensações que sentiu ao presenciar a performance da banda Posthuman Tantra e um experimento realizado pelo artista e fotógrafo Rafael Happke. O livro é

ricamente ilustrado com diversas imagens do começo ao fim, totalizando 121 figuras, o que traz uma maior sensação de imersão na conversa. Ademais, muitas obras relatadas no livro possuem o endereço eletrônico para o acesso livre, sendo possível conhecer melhor a vida artística do Ciberpajé.

A leitura do livro é bem fluida podendo ser lido de um só fôlego em um dia, ou em uma leitura mais profunda por semanas, pois quanto mais se lê, mais curiosidade é despertada no leitor. A experiência de conhecer melhor uma pessoa como ele é incrível, ainda mais quando se trata de alguém tão rico espiritualmente e com uma trajetória artística tão vasta. O Ciberpajé, ao longo da obra, traz várias críticas e reflexões densas, por isso recomendo que a leitura seja feita mais lentamente e que às vezes releia algum trecho. Edgar Franco no início do livro retrata algumas características do ser humano sob perspectivas distintas do que se vê no senso comum, ele diz que costuma resgatar aspectos de certos significados já esquecidos. Então a primeira característica abordada é a sensualidade, para Edgar "quando a sensualidade morre, a criatividade desaparece. O não sensual é rígido e feio como um cadáver" (Ciberpajé, 2019). Assim a sensualidade é a beleza dinâmica da vida e está estritamente interligada à selvageria e à pureza, sendo essencial para a integralização do ser. Em suas artes a sensualidade está presente de diversas formas, sendo muitas vezes mal interpretada pelo público e até censurada em alguns ambientes. Isso porque boa parte da população renega esse seu lado visceral, seja pelas suas crenças religiosas ou pela maneira como a sensualidade e o sexo são explorados abusivamente e de forma repugnante na publicidade.

Outra coisa que chama bastante atenção é como o Ciberpajé encara a vida como algo mutante e resgata outro significado de caráter, considerando-se um ser "sem caráter": "A vida é mutante, a característica básica do universo é a mudança, então para fluir com a vida eu abdico de meu caráter todo o dia, quero ser livre para experimentar

cada instante" (Ciberpajé, pg. 21). É muito inspirador ler essa visão dele da vida, instiga a uma evolução pessoal, a ser mais grato e presente no momento. Infelizmente muitas pessoas se enganam, dizem que estão vivendo enquanto, na verdade, apenas existem como um aglomerado de matéria ocupando um espaço na Terra. O que mais se vê são pessoas desconectadas do presente, estando presas ao passado ou ansiando pelo futuro, que talvez nem chegue. Além de se estagnarem em quem elas são, enaltecem suas qualidades e ignoram seus defeitos, enxergando-os em terceiros. E pior ainda é quando admiram muito alguém e crêem que se o copiarem fielmente poderão alcançar os mesmos resultados. Mas como Ciberpajé diz na página 25: "A evolução é algo individual e pessoal não pode ser copiada, cada ser humano é um complexo e único universo".

Uma característica muito admirável em Edgar é que pelo fato dele não seguir nenhum dogma, ele é livre para adquirir conhecimentos sobre várias religiões e incorporar diferentes aspectos que acrescentarão sabedoria em sua vida de alguma forma. Dessa maneira, ele aborda uma alternativa diferente para encarar o tempo de acordo com a visão espírita: "A perspectiva de termos muitas vidas nos deixa mais serenos para irmos mais fundo nessa vida naquilo que selecionamos como importante, sem pressa, pois se não provarmos de algumas coisas agora teremos outras existências para vivê-lo" (Ciberpajé, página 30). A frase é seguida por uma crítica da pressa que se vive no cotidiano o que alimenta cada vez mais o hiperconsumo, tendo as pessoas falsas esperanças de que quanto mais consumirem mais estarão experimentando a vida. Entretanto tudo isso trata-se de uma grande alienação. As pessoas seguem o ritmo do capitalismo, são influenciadas inconscientemente pela publicidade e cada vez mais se matam de trabalhar para manter uma vida financeira que não coincide com seus gastos, algo lamentável.

Edgar também fala sobre o sofrimento, assunto de extrema importância uma vez que é uma sensação inevitável na vida e para muitos a

depressão é o mal do século: “Só os mortos não sofrem. A questão não é se vamos sofrer, e sim como lidamos com o sofrimento” (Ciberpajé, página 53). Ele complementa dizendo: “Sofrer é estar vivo, mas jamais devemos apegar-nos ao sofrimento ou às alegrias e êxtases, tudo é passageiro.” Infelizmente o sofrimento tem sido negado, principalmente entre os jovens, os quais gastam horas em redes sociais compartilhando apenas momentos felizes de sua vida e maquiando sentimentos ruins para assim ganharem mais curtidas e comentários: “O preço do prazer é a dor. Toda moeda tem duas faces. Você pode negar, mas a



Pintura de Sara Gaspar - Inspirada no Aforismo I do EP Ciberpajé Lobo Infinito

face obscura sempre vai te encontrar" (Ciberpajé, 2019). Outros jovens passam horas apenas vendo perfis de pessoas que são lindas segundo o padrão imposto pela cultura delas, possuem condições financeiras melhores e, assim, adoecem mentalmente por não viverem a mesma realidade. O fato é que a vida tem se tornado cada vez mais superficial para a maioria das pessoas e muito sofrimento vem acompanhando essa superficialidade. Além disso, é comprovado cientificamente que os jovens não sabem lidar bem com frustrações, o que gera mais tristeza e sofrimento: "Sofrer é parte natural do viver. Apegar-se ao sofrimento é o vício dos tolos" (Ciberpajé, 2019).

Por fim, é de extrema importância ressaltar a sensibilidade e a conexão do Ciberpajé com todos os outros seres vivos. Em suas artes sempre estão presentes esses elementos que também têm sido esquecidos pela maioria da sociedade. Como é possível observar nessa breve resenha, o e-book aborda contextos muito distintos, bem profundos e em conjunto com as artes do Ciberpajé e detalhes sobre suas parcerias artísticas. O livro é recomendado para pessoas que tenham interesse em conhecer o Ciberpajé e para aqueles que estão em busca de autoconhecimento, pois Edgar Franco é uma grande inspiração.

Concluo incluindo abaixo mais alguns trechos marcantes retirados do livro:

"A busca minha é ser, ser integralmente o que sou, e quanto mais me equilibro, mais criativo me torno, quanto mais livre sou, mais criativo fico." (Ciberpajé, página 52)

"Atualmente o desafio é diferente, é conseguir transformar o excesso informacional em algo útil e transformador, é navegar dentre o lixo quase absoluto da hiperinformação." (Ciberpajé, página 98)

“Infelizmente as escolas deveriam morrer e renascer, mas isso precisa acontecer com o ser humano também.” (Ciberpajé, página 148)

“Ao negarmos nossos aspectos obscuros, nossas sombras profundas, estamos na verdade destruindo a possibilidade da totalidade, de sermos integrais e iluminarmo-nos.” (Ciberpajé, página 211)

O e-book “Conversas com o Ciberpajé” pode ser baixado gratuitamente na íntegra nesse link.

Artlectos e Pós-Humanos:

Uma viagem intergaláctica pelos 13 números da revista em quadrinhos do Ciberpajé

Larissa Dias



Larissa Dias é Mitóloga e Psicoterapeuta em São Paulo.

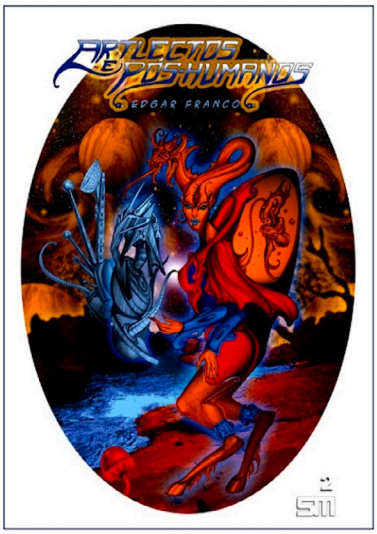
Resenha publicada na edição 20 da revista Imaginário!, de março de 2021. https://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario11-20/imaginario20/08.artlectosepos-humanos.pdf

Em julho de 2020 conheci o trabalho do Ciberpajé (Edgar Franco) através de um single da banda Tuatha de Danann, “The Molly Maguires”, do qual ele foi o capista, e foi quando decidi comprar as suas revistas em quadrinhos Artlectos e Pós-Humanos, diretamente com a editora Marca de Fantasia. Quando elas chegaram eu não sabia nem por onde começar: era um trabalho tão intenso que percebi que se lesse tudo de uma vez com certeza teria uma “overdose” filosófica e artística. Então fui lendo aos poucos e anotando as minhas impressões, que agora estão reunidas nessa resenha.

São 13 números no total, que aliás é o número do dia que nasci, e sendo o 13 um belo número de transgressão da ordem pré-estabelecida, acho que essa é a melhor explicação para toda essa obra que te tira do eixo e te faz pensar. A perfeição do 3 com suas forças ativas, passivas e harmônicas e o impulso gerador do 1 com sua capacidade de gerar novos começos! Bela metáfora para muito do que senti ao lê-las.

Esta também é uma obra que se não a levarmos para o pessoal, para a nossa vida mesmo, acho que desperdiçaremos muito do seu potencial transformador. Por isso, espero que muitos mais decidam fazer essa viagem completa porque ela é mágica e cheia de possibilidades para quem decidir viver a arte intensamente, nas veias, sentindo amor e ódio mesmo, porque eu acredito que somente assim ela cumprirá seu verdadeiro papel de transformadora cósmica!

E falando em Cosmos, nomeei cada um dos números da Artlectos e Pós-Humanos com algo que está acima das nossas cabeças, no céu da nossa existência, afinal, essa foi uma viagem intergaláctica pela galáxia dos meus sentimentos e pensamentos. Lá pelo fim vocês vão entender porque comecei pelo número 2.



#2 Vênus

As ilustrações e os quadrinhos são extremamente fortes, assim como os temas, que também são *necessários*. Afinal falar de certos assuntos sem causar um certo choque é como não falar deles!

A imagem que mais me chamou atenção na primeira história em quadrinhos, "Parto", foi o parto com a união do masculino e feminino e o símbolo do ankh, o símbolo da vida. O nascimento em úteros artificiais, que geram humanos desprovidos de uma real alegria. A espontaneidade de um parto onde há a expulsão natural do feto pelo ciclo natural da vida talvez seja realmente a responsável pela espontaneidade de nós, humanos.

A segunda história, "Pesadelo Pós-humano", trouxe-me algo muito hipnótico, além de uma certa inocência ao lidar com os pesadelos. O que cada um teme, aquilo que mais nos apavora é diferente para cada ser humano e as representações ali tinham um toque de pavor unido a algo que acolhia. Acho que o que é mais assustador beira esse acolhimento inicial para depois surpreender como terror seguinte.

Na terceira história, "Fuzono", o peixe me parece muito sereno no meio de toda mutação. Embora o peixe seja um símbolo daquilo que

continua, que é perene e próspero, ali ele parecia figurar com uma certa paciência e serenidade de saber para onde se vai.

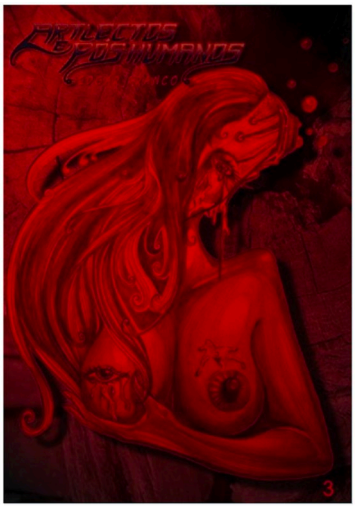
A quarta história, “Estranhas Entranhas”, traz um conceito interessante: a individuação do prazer. Fico aqui pensando o que seria isso. Individuar-se, separar-se para unir-se ao que de fato representa você. No caso, será que o prazer se separa de uma determinada condição social e se une a um prazer interno, intenso e completo da sua alma com nosso Eu? Uma das ilustrações traz o exato conceito que existe em um dos contos que eu escrevi, onde o homem por conhecer sua contraparte consegue ultrapassá-la e atingir o prazer em um terceiro corpo. Então essa sincronicidade me soou incrível!



Página da HQ “Estranhas entranhas”

A ilustração que mais me chamou atenção na quinta história, “brinGuedoTeCA”, foi do “pequenino” profanando a mãe, além da imagem dos mais velhos. Uma crueldade feita, me parece, contra si mesmo.

Bem, a arte é para isso, não é? Para despertar impressões, sensações e também trazer aquilo que o apreciador tem dentro de si e por enquanto, esse aí é o meu conteúdo interno aparecendo.



#3 Terra

A primeira história, “Redesign”, traz um conteúdo denso de algo que é natural e forte na mesma proporção. Como se fala e se inventam inúmeras linhas de pensamento sobre os ciclos da mulher, várias vertentes que defendem um afastamento, que julgam, que colocam regras e mais regras em algo que por ser natural deveria ser simples. Sei que ali são pós-humanos, mas traz algo de muito humano: uma vergonha de ser aquilo que se é e viver tudo o que te faz único em completude.



Página da HQ “Redesign”

Após a segunda história, “Tecnognose 2.0”, temos a HQ “Gênesis Revisto” e nela começa uma das coisas que adoro: o espelhamento das ilustrações feito pelo Ciberpajé! Nossa, isso me traz algo não inteiro ainda, mas ao mesmo tempo algo “ao quadrado”, cheio de potencialidades! E vi finalmente a ilustração da criatura com 9 falos e uma vagina na testa: a completude, pelo menos foi essa a sensação.

Após a HQ de uma página “Arbítrio”, temos a quinta história, “Ninfa 2.0”, onde volta o tema do feminino e de um certo sofrimento. Aquilo que sangra é também aquilo que se sacrifica e mostra o líquido da vida, as vezes já sem ela, morto. Acho que nessa precisarei de maiores reflexões para compreender o que se quis dizer com a frase “Só não sangra pelos sonhos.”.



O Ciberpajé em São Pulo recebendo o “Troféu Bigorna” de melhor revista em quadrinhos de aventura e FC do Brasil em 2009, concedido ao número 3 da Artlectos e Pós-Humano”

Na sexta HQ que fecha a edição, “Oração do Transbiomorfo”, em minha humilde interpretação, aparece a incitável dúvida/luta do ser humano contra sua finitude e também para saber o seu propósito! Aguçou-me muito a curiosidade sobre as letras desenhadas na página 21! (n.e: Alfabeto magísticko do Ciberpajé). Belíssima ilustração das crucificações em várias dimensões, na luz e na sombra da alma divina! E por fim, o dragão é um símbolo muito forte para mim, fala da minha luz e da minha sombra, é como realmente não saber o que tem no ovo, pois o que virá dali é novo e o desconhecido nos apavora, pois não temos fé nem confiança suficientes no universo. Essa na verdade é a luta de uma vida!



#4 Marte

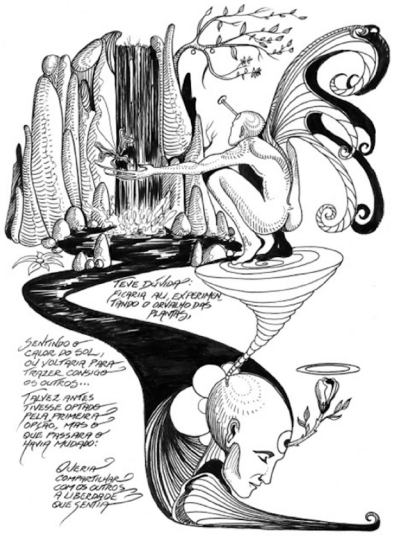
Não sei ao certo quanto tempo o autor levou de uma HQ para outra, mas vou percebendo as transformações, talvez pessoais do criador Ciberpajé, que levam para uma mudança na forma de apresentar as questões.

A história “Híbrido Ícaro” traz os padrões aos quais a maioria de nós estamos sujeitos na vida. Achei esse “Cavalo Marinho Ganesha” um

belo conselheiro! Esse mergulho profundo no ser, essa capacidade de entrega à Si Mesmo, corajosa a princípio pelo ver e depois pelo agir. É como dizem, nas profundezas de uma terra-alma está tudo que há de bom e de ruim, mas tudo é nosso, de nosso ser integral!

A "Neomaso Prometeu" começou com uma expressão de minha parte: - NOSSA! Trouxe-me uma sensação bem complexa: essa alegria falsa, exposta, capaz de nos enganar por muito tempo de que as questões mundanas, monetárias serão suficientes para viver em prazer eterno. Um eterno despedaçar do externo. Isso trouxe muito a profanação diária que fazemos de nós mesmos, até mesmo quando usamos as redes sociais para afirmar algum padrão que nem nos corresponde mais. E o vazio da Essência! Todos nós temos essa essência, mas é triste e desesperador quando não conseguimos alcançá-la. Como dizia um aforismo de Gurdjieff: "Feliz quem tem uma alma, feliz quem não a tem; Infelicidade e sofrimento para quem só tem a semente dela".

A HQ "A Caverna", parceria do Ciberpajé com o roteirista Gian Danton, faz uma releitura do mito da caverna de Platão, e é sensacional. Usei essas imagens no mesmo dia que a li com uma paciente. O amor às nossas correntes, aos nossos medos. O desabrochar para as novas possibilidades, a abertura do olhar. Mas a imagem do que chamo de "Centauro Alado" é linda demais. Quanta liberdade e não há mãos para tocar, apenas asas para pairar. A serpente umbilical traz uma sensação de eterna ligação com a fonte universal. Quem experimenta a libertação não consegue mesmo se contentar humildemente com a prisão. E mesmo que se arrisque tudo, é preciso expressar. Talvez aí estejam tantos pontos complicados de quem está desperto em um mundo de sonâmbulos. No final, sempre retornam as correntes, pois ali é seguro.

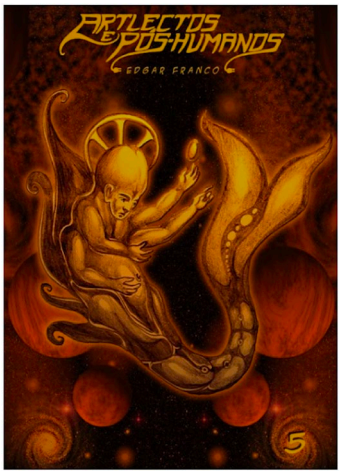


Página da HQ “A Caverna”

O “Ideal Transumano” me trouxe na figura do Sacerdote algo interessante: os peixes voadores, uma infinidade de possibilidades sendo pescadas para usufruto de um propósito. Fiquei pensando se quando usamos algo magnífico assim para fins egoístas muito do magnânimo não se esvai. Quando algo assim deixa de servir o coletivo, passa a ser comum e perde a sua magia.

No “Dilema de Despedida”, o tema da morte foi bem tocante neste momento que o li. Não temos como saber quando a Linda Donzela Cruel virá até nós nem o quanto seremos egoístas quando ela chegar. Quem toca em sua mão e caminha na doce e fria estrada com coragem talvez não queira mesmo mais ficar aqui. Mas acredito que a morte não traga pensamentos egoístas como esse e sim, traga algo muito maior, que preenche os espaços vazios entre o momento e a saudade.

A última imagem do “Louvor aos Biociberxamãs” remeteu-me à imutável árvore da vida, capaz de estar imóvel esperando a nossa passagem por ela. Ela ficaria ali parada e sintetizaríamos tudo ao seu redor. Mas ela ainda é ela e sua imutabilidade só me traz uma sensação de sempre ter estado conectada com sua verdadeira missão, enquanto nós procuramos a nossa durante toda a existência.



#5 Júpiter

As cores do verso da capa me chamaram muita atenção. Uma tristeza azul, talvez do racionalismo exacerbado, muito valorizado.

Na história "BioSimCa" foi interessantíssimo ver aquele que busca seus pares, os que sentem a sua dor. A dor de cada um é infinita na sua razão e a forma como lidamos com a nossa diversidade, a da natureza humana, foi colocada ali de uma maneira inteligente. Uma evolução da consciência experimentando viver outras vidas! Enquanto que nós humanos ainda precisamos usar uma ferramenta, esquecida ou muitas vezes considerada obsoleta, a empatia.

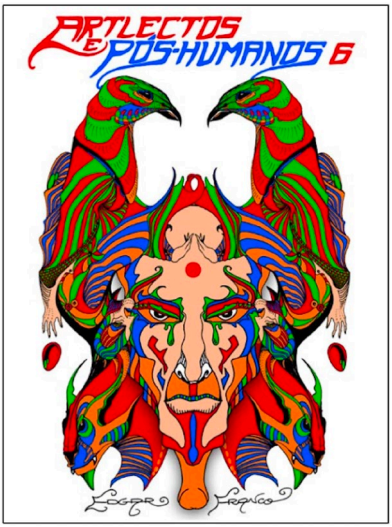


Página da HQ "BioSimCa"

Na história “Finalmeme” parecia que todos os desenhos se interconectavam, embora separados. A rigidez do falo cartesiano, que não faz justiça à rigidez firme de um falo e sim, a uma imobilidade sem volta. Os espíritos animais das imagens me trouxeram sentimentos e palavras como: carinho, compaixão, serenidade, objetivo e magia. Mas a imagem dos “Dragumanos Serenos” foi a que mais gostei, talvez por representar a serenidade que preciso neste instante. Viver nesse mundo caótico torna mesmo essa serenidade um valor inestimável.

Na história do “Meme da Misantropia” o que me veio a mente foi justamente tantos processos evolutivos pelos quais os seres humanos se submetem e que no fundo acabam cada vez mais se perdendo em um emaranhado pomposo de conquistas inúteis. Às vezes são tantos processos que nos afastam daquilo que somos na naturalidade. Enquanto isso, o olhar para aquilo que “estáa dentro como aquilo que está fora” acaba sendo muitas vezes o único fio condutor seguro o suficiente para que possamos passar por esse labirinto que se chama existência e cumprir nosso papel.

Já no inicio da HQ “Psicohipertecnoarte” pensei: ai vem coisa, fácil demais! Transformar os traumas assim, com uma remodelagem encefálica. Quando os sentimentos profundos que sobravam disso apareciam nas formas de suas cabeças, na verdade me trouxeram muito do que realmente fazemos: imaginamos que estamos conseguindo lidar com nossas questões enquanto as mesmas estão ali, estampadas nas nossas faces, para quem quiser apreciar (menos nós mesmos). Achei extremamente sagaz essas artes! Deixá-las na sala de espera de um consultório psicoterapêutico seria interessante e talvez ajudasse a fazer com que as pessoas iniciassem ali mesmo suas viagens internas. Independente disso, pensei que seria necessário também coragem suficiente de apreciá-las como devem.



#6 Saturno

Que linda essa fênix de transmutação que consta na capa e contracapa do número 6! Já dá uma introdução da profundidade que virá.

A revista abre com a HQ “As Chaves da Transmutação” com os 10 HQforismos que conduziram o processo de transformação de Edgar Franco no Ciberpajé. Falarei dessas chaves a partir do meu olhar: o Sereno é um constante desvio de um Ego cheio de vida, pronto para se colocar como escudo que protege e que impede que a beleza da vida penetre. Como é difícil ser assim! Não sei se a dificuldade é apenas minha, mas ser Sereno sempre exige um esforço homérico! Viver o Momento é algo complexo e belo. Deixar-se segurar pelas mãos do presente, abraçá-lo, agarrá-lo com os braços e com as pernas, e Ser ele!

O Equilibrado é raro, mas sinto que cada vez mais vemos a necessidade da existência dele. Embora muitos não tenham força suficiente, pelo menos o conceito de equilíbrio está em voga e se visto com sinceridade pode promover uma vida com reais momentos de alegria.



Página da HQ “As chaves da transmutação”

A sinceridade machuca às vezes, mas lava a alma. Nem sempre é fácil ser Sincero, queremos agradar, ser agradados e isso gera um novelo infernal que foge do simples e nos enrola no emaranhado confuso e social.

Achei de uma beleza e de uma retidão o desenho do Delicado. E de uma humildade sem tamanho!

Creio que o Amoroso constante é muito difícil, digo para vivê-lo. A necessidade de um amor incondicional é real, mas sua execução acaba sendo utópica, porque é bem mais difícil amar do que odiar. Amar exige entrega ao objeto de amor, mas sem se esquecer de Si Mesmo.

O Selvagem é especial, a medida do equilíbrio dele que é difícil. Mas a intensidade aqui me chamou a atenção porque para ser plenamente intenso sem culpa é necessário um trabalho interior tremendo.

O Complementar me fez sentir uma passividade, aquela dos processos naturais que sabem esperar acontecer, na certeza de que sempre haverá uma outra parte que lhe caberá perfeitamente.

A Renovação traz a importância dos ciclos, de saber respeitá-los e de saber vivê-los, visceralmente, mas sem se apegar a eles ou a nada.

O Renascido parece ser a junção definitiva. Mas também temporária, porque a cada renovação, um novo ser renascerá. Nem se pode empenhar tanto tempo construindo uma única forma de ser, pois somos muito mutáveis. Hora trazemos o novo, hora voltamos ao que éramos, ora nem sabemos quem somos! É apenas um viver o ciclo e esperar, com alegria, o que virá.

Histórias que envolvem a figura mitológica da sereia, como "Ser(pente)ia", são sempre mágicas porque pra mim ela é importante. Às vezes eu me vejo muito nesse Ego que suga as energias e às vezes sou a fonte da energia sugada. Gostei muito do desenho da página 21, me pareceu muito refletivo, espelhado e complementar.

As ilustrações das borboletas em "Borbopoemas" são magníficas. Vi todas e depois voltei até elas para ler. A borboleta amarela que pousa na mão e leva-nos para sempre com ela é uma metáfora magnífica, cheia de sentido e significado. A cada processo de mudança, um lado nosso se vai completamente, vai complementar outro ser, outra situação, outro momento.

A prisão do passado, aquela que não permite que o agora seja pleno em sua simplicidade é cruel, mas a imagem da revoada de borboletas que salvam é magnífica porque as transformações nos fazem viver a cada momento algo novo, nos fazem ir modificando pouco a pouco, pelo amor ou pela dor, quase sempre pelos dois, nossa atual condição limitante.



#7 Urano

Embora todas as “Artlectos & Pós-Humanos” tenham essa característica futurística, a capa da edição 7 me trouxe muito essa ideia, não sei se pelas cores verde e vermelho ou pela expressão desse “ser lobo”.

Na história do “Entropiano” senti essa perturbação humana de esperar a vida perfeita para que seja possível vivê-la em toda sua intensidade, quando na verdade eu creio que essa intensidade viva bem mais efetivamente naquilo que é a imperfeição, pois ali está tudo o que realmente o ser humano tem. Antes de conseguir viver a essência plena, perfeita, vamos vivendo suas beiradas, aquilo que a sustenta, que a aprisiona, que a mantém intacta e que de alguma forma também é o material do que é mais profundo em nós.

Na história das “Fêmeas Cósmicas” há algumas facetas do feminino e a parte complementar do Macho que a busca, incessantemente, para se ver completo. E nisso senti também essa necessidade que essas facetas femininas têm de serem complementadas, por dentro e por fora pela imagem do “Macho Alfa”, dono de todo esse poder. Enquanto crermos que o poder é do outro, nunca teremos o suficiente. Enquanto crermos que o poder é apenas nosso, nunca estaremos completos. As disparidades poéticas da necessária completude!

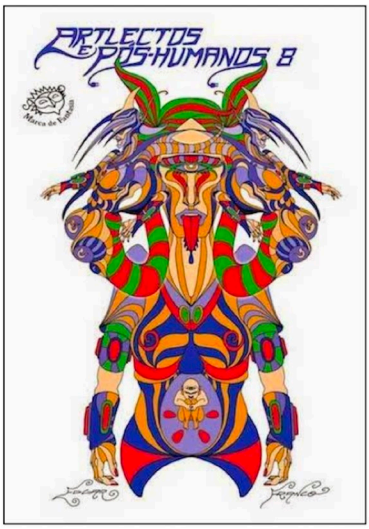


Página da HQ “Das fêmeas cósmicas”

Na história da “Ascensão” - parceria do Ciberpajé com Matheus Moura - o olho, essa visão, esse sentido que foca, que busca, parece ser o ponto principal de integração. A frase do “Dragão que per- segue a Borboleta” é muitíssimo interessante, dois seres de trans- formação, um flamejante, outro mais rarefeito, uma mistura interessante e que ao mesmo tempo teve para mim algo de doloroso. Gostei muito da ilustração da página 25, esse aglomerado de formas me deu a sensação de “ter que aguentar o peso”.

Na história do “Integral”, o desenho da cabeça do ser da página 28 me lembrou um botão de flor, prestes a abrir. Então a imagem me trouxe uma sensação de expectativa da vida.

Fiquei por um tempo observando o desenho da última página, vi um rosto e depois tive que olhar novamente para enxergar um ser ali no meio. São traços mais delicados, parece que a folha de papel corre deles e ele vai atrás, buscando seu significado. Foi uma experiência interessante demais (n.e. Esse desenho foi criado durante uma experiência do Ciberpajé com o enteógeno Psilocybe cubensis).



#8 Netuno

A capa psicodélica mostra para que a revista nº 8 veio: cheia de parcerias interessantes, com sentimento, onde várias impressões se unem para algo INESPERADO.

Na história da "Gnosceteipsum!", parceria do Ciberpajé com Elydio dos Santos Neto, há o tema do "quem eu sou", um ser cansado das influências externas, que traz uma sensação de desespero, de precisar se esvaziar por estar cheio de algo que não lhe compete, como se tudo que entrasse nele não conseguisse se integrar com a sua verdadeira essência. Até que a profusão de possibilidades, que surge na imagem das Musas, aparece e a confusão externa se torna interna. Como acontece com o ser humano, que parece sempre muito incapaz se, em uma condição de confusão interna, se perde do seu caminho e flutua nos caminhos dos que pulam na sua frente. Quando tudo aquilo sai e é expulso, o interno se reflete no mundo externo e algo de quem se é aparece, embora a ilustração da águia pareça muito pesada e densa para permitir o caminhar suave de cada ser por sua própria vida.

Na HQ “Eternura”, é interessante observar três imagens diferentes do mesmo personagem, como uma condição que se modifica, rumo aquilo ao que é eternamente terno. No nosso mundo atual, ternura parece uma palavra estranha, estamos sempre tão agressivos diante da vida, para conquistar e ganhar espaço que esquecemos da importância de receber ou de proporcionar uma delicada ação vez por outra, que aconchega e acomete à uma desaceleração da rotina, fazendo outro ser lembrar-se da necessidade de agir ternamente também.



Página da HQ “(E)ternura”

Na história “Seiva”, parceria do Ciberpajé com Gazy Andraus e Jorge Del Bianco, o sentido que me passou dessa palavra foi de líquido vital. O desejo que move é aquele que precisa de veias onde correr. O líquido vital possibilita que o desejo seja realizado, materializado. O nada gerador, aquele espaço que precisa existir para que algo novo possa acontecer, é tão importante quanto a liberdade de se fazer um sacrifício (impressão que me trouxe o desenho da página 21).

Na criação do HQforismo com a IV Sacerdotisa, aparece o tema da fêmea que complementa o macho e do macho que complementa a fêmea. O desenho que traz aspectos da sereia, que gesta uma nova possibilidade, capaz de trazer todo aspecto criativo, alimentado pelo novo que precisa ser retroalimentar por ciclos de existência. Trouxe uma impressão de magia e de finitude para um renascer e de uma ligação que parece que se acabar nessa existência, permanecerá em outra, em ciclos infinitos de conexão.

As últimas ilustrações me trouxeram algumas impressões, aparentemente soltas: excesso de alimento, a busca da segurança, queimar-se no que é magnífico, a abertura para a consciência, a confusão, a criatura primitiva assistida por ídolos em seu altar destruidor, o gotejar de ramificações interligadas dentro das capacidades corpóreas, a serenidade de um pensamento apoiado em algo que se sabe imutável.

Foi uma experiência muito interessante observar a quantidade de imagens que a princípio não parecem se interligar, mas que vão, de algum modo, se juntando, contando uma certa história. Talvez a intenção das substâncias que expandem a consciência seja abraçar tão apertado certos conceitos que é possível extrair deles algo inédito e que muito tempo depois ainda podem reverberar em outras pessoas, enquanto analisam o produto dessas experiências, como é o caso desta HQ.



#9 Plutão

A árvore da capa me trouxe a imagem da árvore do número anterior. Como se fosse preciso dar uma continuação a algo que se perde a cada dia: nossa natureza e o respeito por ela. As cores vão de uma tranquilidade azul para uma incandescência alaranjada. Como se da calma da paralisia precisasse surgir uma necessidade do avanço da ação.

Em "Ciberpatuá Quântico" existe uma temática muito complexa: a construção mental de narrativas. Ela pode fazer com que os seres se percam de seus propósitos, desviam a atenção para algo que vem do desejo, uma adoração sem sentido e sem limites a uma história feita de ilusões. Mas ao mesmo tempo, não seriamos humanos sem elas e a imensa dificuldade que nossa mente tem de se desconciliar dessas narrativas mostra como isso é naturalmente nosso, assim como nossas limitações.

No "Último Erro" o que vi ali foi a eliminação da dúvida. Cortar a cabeça, retirar da imortalidade pelo medo da traição é algo covarde. Pensei então: será que quando desacreditamos no outro de vez, pelos nossos traumas e delírios dolorosos do passado, acabamos então mostrando toda a nossa covardia frente ao desconhecido? Seria melhor

cortar todas as plantas pela raiz por medo de que alguma delas cresça como erva daninha? Eu não acredito nisso, mas também não nego o medo daquilo que não temos certeza.

Em “Gene Egoísta?” achei as ilustrações de uma beleza inacreditável, me trouxe a impressão de um traço contínuo e infinito para contar uma história que falava da finitude do ser humano. O Egoísmo me parece ser necessário em certos aspectos e temerário em outros, mas realmente ele é humano. O ser humano parece mesmo que não tem consciência de espécie como os demais animais mas sim possui uma consciência de Ego que se confunde de alguma forma com o coletivo. Acredito que isso é o que lhe dá uma falsa impressão de que ele está sim perpetuando a raça, de alguma forma.

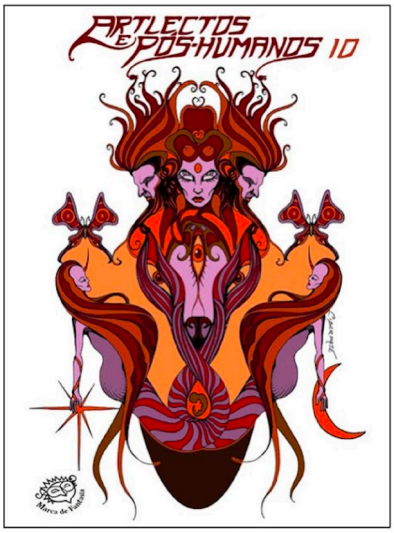
Na história “Hierarquiadn”, senti muito a sensação do eterno controle e nada melhor para isso do que a hierarquia, uma bela forma de controle escalonado, muito prático. Uma única estrutura que a todos “estrutura” e que paralisa diante do desconhecido. E que tipo de evolução teríamos sem tocar no que é desconhecido, naquilo em que há Pânico, o medo do doce e feroz Pã?

Na história do “Cerrado Ser” olhei todas as imagens das árvores primeiro e depois fui ler o texto. Quase dá para sentir o silêncio da infinita saga desses seres extremamente vivos e sábios! A penetração da carne mostra uma conexão com a natureza, aquela que fazemos por último e que para muitos na verdade pode ser a primeira porque nunca antes buscaram se conectar com algo que não fosse a si mesmo. E estes, no seu doce engano, ao buscarem a si mesmos apenas em si, jamais se encontrarão, pois a alma do ser humano habita a alma do mundo.



Página da HQ “Cerrado ser”

As últimas imagens e textos são completos cada um em si (n.e. São todos HQforismos), mas o que mais me chamou atenção foi a frase “Sagrado é o ato, profano o fato de evitá-lo”. Quantos limites familiares, pessoais, sociais existem no caminho da nossa própria evolução cósmica? A ideia de Cosmos me parece uma imensa mistura que não tem fim, que não para de crescer e de expelir. Evitar isso é como evitar a própria vida, dessacralizando aquilo que de fato viemos fazer em Gaia.



#10 Meteoro

A capa e a contracapa são lindas, com esse olho no centro do peito: parece que enxerga com o coração, enquanto a visão ocular parece estar suspensa.

Na história “Gaiana” aparece o tema dos opostos complementares. Interessante o tema da opressão, tratando-se de opostos parece que sempre um deles vai estar oprimindo o outro. Mas fico aqui pensando na opressão cruel, que quer reduzir o outro ao nada ou usá-lo como escada para subir os degraus do Ego e na opressão que empurra para frete. Sempre uma dessas formas parece que vai ocorrer e talvez esse seja o verdadeiro equilíbrio. Com poderes tão intensos como “Agape e Thelema” acho difícil haver uma harmonia sem um balanceamento de forças tão poderosas e para que ocorra esse balanceamento, elas precisam estar ativas, em um embate equilibrado.

Em “Ousado Redesenho” achei interessante a imagem do seio, aquele que seduz para gerar uma vida e que a nutre posteriormente, observar os humanos em seu caminhar em união com um mundo artificial, mas que acaba sendo influenciado pela vontade, a grande dama

da direção. Em “Um Dia a Mais”, é interessante imaginar o que sairia da nossa clássica criação em 7 dias se ela mudasse. O 7 como número de um ciclo completo, sendo o 8 um número que sobe um nível na espiral da vida. A perfeição contida no 7 (sete notas musicais, sete cores do arco-íris, etc.) resulta no máximo dos humanos. Mas o movimento seguinte é embebido pelo sarcasmo, aquilo que é dito sem a pureza da inocência, como se fosse sujo demais para encostar naquilo que é a nossa essência. E assim, a ferida daquilo que é separado do todo só tenderá a aumentar em um próximo nível.



Página da HQ “Um dia a mais”

Na história “Em Louvor aos Pré-Humanos”, creio que o elemento fundamental que aparece é a natureza, que independe de uma visão religiosa ou biológica. A imagem do cogumelo que é consumido e que é capaz de alterar o estado de consciência faz com que o objeto das nossas ações ou dos nossos desejos “levite” pela nossa vontade, claro, se ele não estiver de alguma forma amarrado à nossa essência. Mas a nossa consciência expandida é capaz de elevar esses mesmos objetos junto com a capacidade de ser um observador da nossa própria vida. E

apenas assim adquirimos a real consciência. Enxergo que os desenhos das páginas 24/25 trazem uma beleza da complexidade dessa consciência essencial.

No HQforismo da página 27, parceria do Ciberpajé com sua irmã Ariadne Franco, senti muita verdade no olhar intenso, mas controlado desse ser-dragão. Sua língua tenta tatear ao redor, mas mostra como às vezes podemos não compreender que a experiência pode exigir um tempo muito maior para ser realmente com“provada”.

O HQforismo da página 28, parceria do Ciberpajé com a IV Sacerdotisa, em conjunto com o texto trouxe uma grande solidão, em primeiro lugar. A solidão incomoda quando não conseguimos nos achar dentro dela e muitas vezes isso acontece quando apenas conseguimos nos ver refletidos no outro.

No HQforismo da página 29, parceria do Ciberpajé com Graziely Abreu, senti uma beleza da mansidão de Gaia. Uma inércia pecaminosa, de uma dança que conduz o Cosmos para uma simbiose das curvas, onde entre elas está a nossa existência.

No HQforismo da página 30, outra parceria do Ciberpajé com a IV Sacerdotisa, existe um contraste muito grande e talvez essa tenha sido a inspiração para o texto. Aquilo que está fora nem sempre reflete aquilo que está dentro e em alguns humanos, existe uma necessidade de pavonear sobre qualquer coisa que puder, como se todo o brilho do universo precisasse ser seu. E assim, de tão brilhante, acaba sem enxergar o brilho dos outros e para de se alimentar até que por fim, restará somente a escuridão da sua própria cegueira.



#11 Lua

O número 11 aparece cheio de parcerias interessantes, que contribuem para as ramificações floridas e frutíferas deste trabalho. A capa traz um perfil sério, que no pássaro aparece algo com um orgulho diante do que já foi aprendido.

Na história do "Falso Alfa", o espelhamento das imagens e a visão das palavras da imagem invertida gera uma sensação de causa e consequência, principalmente na frase sobre o menino e o adulto, toda aquela simplicidade batendo em um escudo egoico rígido e até mesmo triste, que fede tanto quanto as roupas do rei. O mais simples, aquilo que é antes de tudo, tem a beleza do puro, do real. Sem a união cósmica realmente não pode haver a verdadeira paz em nossos corações, pois aproveitar os momentos, as pessoas, os instantes, cada coisa que nos é dada, seja boa ou ruim, é uma contribuição para essa penetração, essa integração entre princípios complementares.

Em "Linha", a imagem toda me deu uma sensação de algo que procura sua continuidade. Mas a frase "Somos um momento de distração da mãe inexistência" é muito bela, pois nos faz querer aproveitar o

hoje, o agora, o privilégio da vida, essa magia de respirar e poder fazer, poder ser, poder estar!

Em “Desvelar”, no início vi a vida do ser humano adulto antes de ele compreender que um dia morrerá. Esse momento da compreensão o faz querer resgatar essas chaves tão importantes, as que nos abrem os portais do universo, as maiores possibilidades evolutivas, de uma evolução que não dá para ir sozinho, mas apenas ir caminhando e levando consigo o máximo de seres que puderem evoluir com você. Somente assim o mistério será completo.

Já adorei o nome “A Serpente e o Monge Orgiástico”, um masculino se recriando, honrando seus lados mais luminosos e sombrios, seu sagrado feminino ancestral e com isso, num estado de serenidade do monge, poder se conectar e explodir em orgasmo, um tipo de explosão que a arte conduz com maestria, pois é quando o simples humano se integra com toda a vastidão do universo.

Em “Fótons do Desejo”, parceria do Ciberpajé com Gian Danton, Gazy Andraus e Matheus Moura, senti que o desejo que impulsiona é o mesmo que aprisiona, aquele que nos faz ter a capacidade de querer tanto que às vezes nem damos conta, mas se houver um contato com nossa essência real, o desejo será como uma ventania que acaricia o mais firme carvalho fincado na terra da plenitude eterna.

No desenho do HQforismo “A Lua Insinua Nua” senti o desejo violento do lobo, do nosso animal interior, aquele que existe em cada um e que nos impulsiona. A lua, em toda a sua beleza, acaba sendo apenas o reflexo externo daquilo que nos move. O HQforismo da página 28 trouxe-me realmente uma energia fluída, me fez pensar do silêncio do ato sexual, aquele silêncio de palavras, onde os humanos apenas conseguem se tornar animais ofegantes, que não têm dúvida de como agir, o instinto coordenando como um sutil maestro a junção perfeita.



HQforismo da página 28

O HQforismo da página 29 trouxe a sensação de vazio, chamou a atenção para o externo. É como se olhássemos o cosmos interior, com sua imensidão tremenda, e não fosse possível o vermos, enquanto nossa concentração estiver apenas nos castelos que construímos para não enxergá-lo.

Esse número todo ficou muito integrado, talvez pela aleatoriedade com que foi feito com as escolhas de livros para inspirá-lo. Afinal, creio que sempre o fluxo do universo vai nos ajudar a chegar aonde precisamos.



#12 Estrela Cadente

A capa doa número 12 me chamou muito a atenção porque tem espirais, lagartos, serpentes, raízes e polvo. Pelo menos foi isso que vi. Tudo isso me deu uma sensação de um olhar julgador, que pergunta o que estamos fazendo por nós mesmos, o que estamos fazendo para manter vivas as essências contínuas dos seres que rastejam e que vivem nas profundezas de nós? Me pareceu um convite para a reconexão interna, um olhar para nossos lados sombrios.

Em “Lar” senti o contraponto das asas e dos cascos como a necessidade de estar sempre entre o que é mais sublime e o que é mais grosseiro dentro de nós, ambos necessários para que haja um constante movimento, algo que nos faça vivos e isso indo contra a capacidade de estar completamente alheios a tudo, apenas na superfície, para parecermos “normais”.

Em “Lua”, antes de tentar compreender qualquer coisa, me veio uma certa tristeza, um descontentamento. Como se ao olharmos para a lua, ela que é a lâmpada da energia do sol, víssemos a magia, assim como da primeira vez que a população viu uma lâmpada acesa e acreditava que era mágica. Me deu uma sensação de ignorância.

Os traços dos HQforismos das páginas 8/9 trazem uma sensação de ligação e os olhos nos desenhos aparecem como a visão que é capaz de enxergar a dor do mundo. Quando os humanos estão alheios a essa dor, estão alheios a si mesmos, afinal do que a dor do mundo fala senão das nossas próprias tragédias? Se a tragédia do ambiente não for a nossa, então não fazemos parte dele, somos apenas seres alienados, que usamos como mercenários as dádivas da vida.

Em "TACG", achei tão interessante a frase: "ousam como Eva" e fiquei pensando: será mesmo que Eva ousou ou apenas estava ali, destinada a ser o que era, a transgredir? E acho que o mesmo vale para Ícaro, almas que não cabem no seu mundo porque enxergaram algo além da maçã ou do sol. Precisavam provar para saber o que havia depois. Se não houverem essas almas libertas não haverá continuidade na evolução da alma humana.

Em "Desfuturo", aparecem conceitos muitos próximos na sonoridade das palavras, mas distantes em seu significado. Enquanto estivermos presos nos nossos papéis que a família ou a sociedade decidiu que deveríamos representar, não teremos coragem suficiente de soltar o grito da morte. Muitas vezes é apenas esse grito que pode alcançar os ouvidos do Todo, aquele no qual, para os que se buscam, finalmente se encontrarão.

Em "A Segunda Maçã", fiquei pensando no tema das falsas verdades. Como quando um conceito é tão bem explorado, tão esmiuçado, que acaba virando uma verdade apenas por isso. Quando li "picando o equilíbrio de bruxas de laboratório" pensei que as bruxas são justamente aquelas que se expõem aos seus desequilíbrios, querendo ser picadas pelas serpentes para que o veneno delas possa lhes fazer mais forte. Essa é a magia. Quando o ser humano ousa, se arrisca, procura seus próprios desafios e quando não os acha, os provoca, acaba encontrando também um degrau acima em sua jornada. E talvez assim, possa evitar que seja extinto.

O HQforismo da página 25 é cheio de simbolismos. A serpente sobre a cabeça, a sabedoria da razão, aquela que consegue atingir um equilíbrio e uma continuidade e que me parece muito rara.

Em “Agora”, senti novamente um tema recorrente, pelo menos para mim, nessas HQs: a pureza, aquilo que é natural e tão completo em si mesmo. É como a semente original que existe em nós, é perfeita, não tem nada a acrescentar. Mas nós humanos vamos colocando camadas e camadas de papéis e máscaras, como se fossem necessários apenas para descobrir, já sentindo o imenso peso de tudo aquilo, que não somos nada disso. Então, paramos e buscamos dentro de nós o que de mais instintivo temos e ali sim nos reconhecemos. Mas para isso, gastamos toda a vida e quando estamos apenas no final dela é que percebemos que essa foi a nossa trajetória. Mas será que os humanos vieram neste mundo para algo mais? Será que teríamos alternativas?



Página da HQ “Agora”



#13 Sistema Solar

A capa traz uma das mais belas ilustrações que já vi do Ciberpajé. Esses lobos que parecem serem de fogo, com esse chifre central apontado para o céu, ao mesmo tempo com imagens das asas da borboleta, rabos de serpente e claro, o semblante humano humildemente prostrado diante da grande abismal, da grande lua da sedução, descendo em suave néctar luminoso (ou não)!

A contracapa colorida me trouxe uma sensação das árvores que estão cansadas da sua trajetória lenta e dolorosa, como o abrir dos ossos do quadril de uma mãe que ajeita o filho no ventre, mesmo que por pouco tempo.

O primeiro HQforismo traz um homem tão sereno, que segura uma árvore em crescimento. Quanta beleza na trajetória vertical desses seres, como nós humanos também temos ao procurar crescer e expandir. Mas nada deve ser feito rápido demais, isso atrapalharia o processo contínuo, o que faria com que nos perdêssemos do nosso caminho.

O HQforismo “Só a flor conhece o sonho selvagem da borboleta”, em conjunto com o desenho, trouxe-me a flor como o destino da bor-

boleta, e apenas nosso destino é capaz de conhecer nossos sonhos mais íntimos, porque todos eles seguirão sem medo para ele. Como se a borboleta amasse a flor por ela ser seu destino e por isso mesmo a flor amasse a borboleta por saber que ela terminaria junto de si, mais cedo ou mais tarde.

No HQforismo "O cervo servia o servil de sonhos de silício e só" me veio a imagem de Cernunnos, um dos muitos selvagens das mitologias, que em sua máxima capacidade representa os potenciais que abrigam toda a força do mundo, e no meu olhar, inclusive a virilidade capaz de fecundar qualquer espécie. Nesta frase, me pareceu que nossos sonhos serão sempre pequenos para todo o potencial que o universo tem de realizá-los.

Em "Lupus Diem" senti que o Ciberpajé novamente nos mostra essa pequenez da alma humana, que destrói nossa capacidade de seguir a nossa intuição. Os animais têm apenas o instinto e assim mesmo são perfeitos e completos; nós humanos somos capazes de abrir o olho da intuição, mas parece que sempre seremos falhos, enquanto os furarmos com as agulhas do egoísmo.

Deste modo, apenas ao voltar para nosso estado animal mais primitivo, conseguimos algo essencial e belo, profundo, sombrio e cauteloso com nossos desejos, pois os desejos do homem o enganam, o convidam a ir contra seu caminho. E daí, é preciso abdicar dele e de tudo para na humildade serena encontrar o verdadeiro amor, aquele que liberta o ser amado para amar outros e para ser amado por eles, pois se entende que quando unidos ao Todo, enquanto alguém amar quem amamos, nós também o amaremos e seremos amados por ele. E esta se torna a verdadeira beleza dos ciclos intermináveis da vida, que nem a morte consegue parar!

Em "Lupus Crepusculum", vê-se claramente a aurora dos tempos atuais, sombrios, tristes, oprimidos por tudo que fizemos e que agora o nosso espelho reflete as dores cravadas na sociedade. Ao ver a ima-

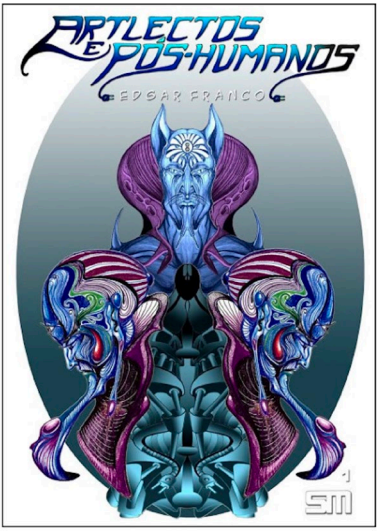
gem do lobo cósmico, da minha boca saiu, sem querer, a frase: "- Que coisa mais linda!". Essa imagem é forte, altiva. O lobo cósmico, ao se colocar no lugar do homem, traz todas as suas limitações, aquelas que mancham terrivelmente a magnificência do animal interior, condensa perigosamente sua força, e ela fica prestes a explodir em fúria terrível. Mas o despertar do homem tira o lobo cósmico da sua prisão e o faz ser a divindade que nasceu para ser e que em várias mitologias aparece no fim dos tempos, trazendo o fim para um recomeço. O lobo é isso, essa é a trajetória dele pelo destino humano: traz a destruição para que possa existir uma nova conexão com o todo, ele é o aspecto sombrio em pele, carne e sangue. Ele ama a lua, mas a faz sangrar também, porque ela precisa sentir sua própria dor e ele precisa sentir o sangue dela, é disso que ele se alimenta.



Página da HQ "Lupus crepusculum"

Acredito que "O caldo que escorre da vulva da lua", é o alimento do lobo, é o que o faz estar em equilíbrio, não porque esse caldo é luminoso, mas porque é sombrio e a sombra da lua e do lobo, ao estarem juntas, tornam-se a luz mais sagrada da alma humana.

P.S. Quando adquiri as Artlectos e Pós-Humanos, comprei todos os números disponíveis, do 2 ao 13. Fui lendo na ordem, mas faltaria a primeira. Agora também tenho esta e lê-la por último me traz a belíssima imagem do que a deusa hindu Kali é para mim: ela é a destruição de tudo, o abismo último, mas só porque traz o recomeço, o berço do novo mundo. Me debruçar sobre a número 1 depois de ler todos os outros números, será um caminho de esperança. Tudo tem seu fim, sempre soube disso, é natural, doloroso e belo. Mas a beleza de um novo começo assenta a dor do final anterior e acredito que essa é a magia da vida! E nossa humanidade hoje está precisando disso! Ler o primeiro capítulo do nosso novo começo!



#1 Mercúrio

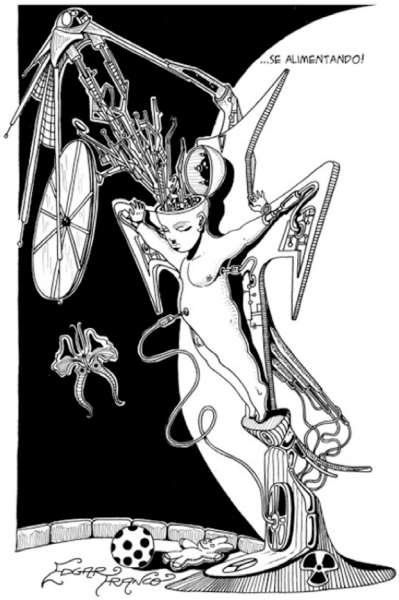
E da 13 seguimos para a 1! As cores da capa e os desenhos mostram um maquinário instintivo. Como se a máquina humana fosse um objeto de transformação e para isso usasse tanto os mecanismos que produz, bem como o instinto que contém dentro de si.

Na história "Intransgenia" há uma beleza na suavidade do encontro, da junção, como o ato perfeito e incrivelmente correto da integração

total para a geração da criança divina solar, aquela que nasce de um ato de transgressão do comum, porque ela não será comum, mas será única em toda a sua novidade. A imagem da integração leva o tema da morte, algo que morre para que algo novo possa nascer. Também tem a imagem do feminino realizado diante da prole, que é bela e mostra uma sutileza diante da continuidade da vida, um certo alívio até.

Em "Upgrade" o fato da ausência dos braços do personagem parece representar uma incapacidade de tocar, de pegar e consequentemente, de realizar. Como se não pudesse ir adiante. Braços também simbolizam ramos, algo que vai além, que ramifica. Mas a contraparte não vê essa ausência e sim, vê aquilo do que ele está repleto: a doçura. Esta é apaixonante, a doçura da vida, que temos em nós, mas que vemos no outro. O amor que transborda as limitações. Mas quem está envolto em um sentimento de posse já construiu inicialmente essas limitações, para limitar o espaço dos que podem chegar, tocar e levar embora o objeto do seu amor. Por isso mesmo, jamais vai compreender um amor sem barreiras, que ultrapassa, que fica gigante até ao ponto de não caber dentro de si. Então, acredita que para ter aquilo que quer precisará somente agarrar, segurar e prender.

Em "Igualdade" o desenho final me trouxe o que as religiões podem representar: uma prisão, o sacrifício daquilo que quando é livre é grande. Assim como o batismo define um lado para pertencer: se escolher, o outro lado sempre será errado. Mas é no meio deste cabo de guerra de bem e mal, como no episódio hindu da bateção do oceano lácteo no qual deuses e demônios juntos agitaram o oceano para obter o néctar sagrado, é que está um mundo de verdadeiras possibilidades. O espírito livre segue para todas as partes de escuridão e de luz e ao prová-las, poderá escolhê-las. Mas se não conseguir experimentar, se submeterá aos ideais construídos por outros sem jamais experimentar seu sagrado *livre arbítrio*.



Página da HQ “Igualdade”

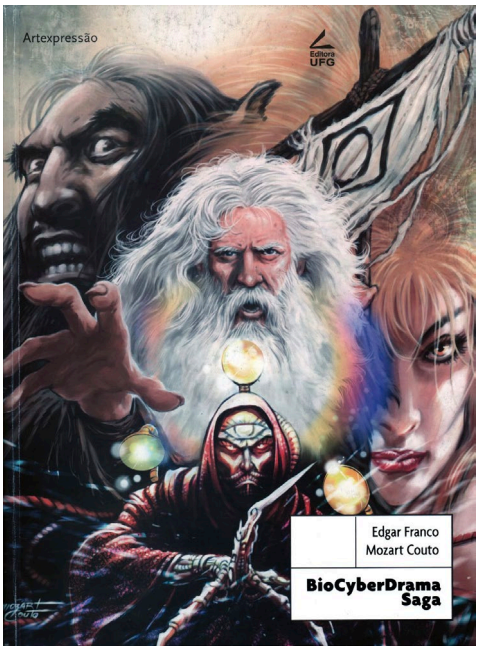
Minha percepção de “Fé” pode ter sido diferente do objetivo para o qual ela foi criada, mas senti a tensão entre a racionalidade prática e o deslumbramento intuitivo que cada ser humano parece experimentar ora ou outra na vida. Podemos ver no corpo morto de um ente querido, o fato de ele não estar mais entre nós ou podemos ver que ele finalmente compreenderá o que tem depois da morte e que é um privilegiado por estar adquirindo o conhecimento que ninguém terá em vida. Olhar a beleza de uma flor com um sorriso nos lábios sem questionar nada, simplesmente aproveitando pode ser uma manifestação da fé... Da fé em si mesmo, de que é merecedor disto. Mas esperar que a flor sorria para nós é uma tolice que estraga toda beleza do ato puro de admirar e agradecer.

Em “ClonAids” entendo que aparece o tema da eterna repetição. E me vieram à mente as criações mitológicas que surgiram sem uma contraparte. Mas daí temos que lembrar que esses seres, em solidão primordial, continham dentro de si todo o caos ainda em ebulição, con-

figurando-se e organizando-se. Isso faz com que eles não sejam unilaterais, mas que contenham muitas faces dentro de si, repletos de possibilidades. O que virá disso será uma novidade e o que é uma novidade senão uma bela supernova: no estágio mais evoluído explode em brilho e depois vai perdendo esse brilho aos poucos. A reprodução natural cria nessa "roleta russa de mutações" e cada vez que isso ocorre, acaba gerando mais uma supernova e mais uma, e mais outra, trazendo possibilidades infinitas e completamente inéditas para a nossa natureza simplesmente humana.

BioCyberDrama Saga

Luiz Bras



Edgar Franco (roteiro) Mozart Couto (arte)
Editora UFG
276 páginas
Lançado em 2013

Visões dentro de possessões. Transmutações dentro de revoluções. Música eletrônica, realidade aumentada, figurino exótico e imersão amorosa no corpo ancestral da natureza. Muitos ainda não sabem, mas um ciberpajé – o primeiro da Terra Brasilis – vive entre nós há quase uma década. Convergindo as habilidades mágicas e místicas de uma autoridade indígena e a curiosidade científica transformadora de um tecnoartista, nosso ciberpajé viaja no tempo e no espaço, investigando os impasses assombrosos da sociedade pós-humana que um dia substituirá a nossa.

Luiz Bras é ficcionista e ensaísta, autor de *Distrito federal*, entre outros livros.

Resenha publicada em https://ficcaocientificabrasileira.wordpress.com/2018/04/13/biocyberdrama-saga/, em 13 de abril de 2018.

Se você pesquisar na web, descobrirá que Edgar Franco, o Ciberpajé, é mineiro de Ituiutaba, graduado em arquitetura, mestre em multimeios pela Unicamp, doutor em artes pela USP, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB e professor da faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Mas essa é apenas sua persona acadêmica, sua identidade apolínea e civilizada. Amalgamado ao professor-pesquisador está o feiticeiro tropical, o tecnobruxo dionisíaco e delirante que organiza performances-rituais multimídias com a banda Posthuman Tantra e produz quadrinhos poético-filosóficos, sobre o evento por ele batizado de Aurora Pós-humana.

Parte importante desse projeto em progresso, *BioCyberDrama Saga* é uma novela gráfica produzida em parceria com o lendário quadrinista e ilustrador mineiro Mozart Couto. A saga é protagonizada por Antônio Euclides (batizado em homenagem a Antônio Conselheiro e Euclides da Cunha), um homem conservador, pertencente ao pequeno grupo dos *resistentes*, formado pelos poucos seres humanos que evitam qualquer aperfeiçoamento biotecnológico. Estamos no século 30 da era Cristã. Além dos resistentes, duas outras espécies disputam o domínio político do planeta: os extropianos e os tecnogenéticos.

Os extropianos são consciências humanas transferidas para máquinas de todos os tipos e complexidades, e representam sessenta por cento da população da Terra. Os tecnogenéticos são seres orgânicos híbridos – uma mistura biogenética de humano, animal e vegetal – e representam trinta e cinco por cento da população. Os cinco por cento restantes são representados pelos resistentes. As três espécies, não é preciso dizer, vivem em constante estado de tensão ideológica, sempre alimentada por ações terroristas e doutrinação radical. Esse estado de tensão compromete a vida emocional de Antônio, atrapalhando sua amizade com Orlane e Tetsuo, tecnogenéticos, e seu casamento com Michelle, uma resistente atraída pelos métodos extropianos.

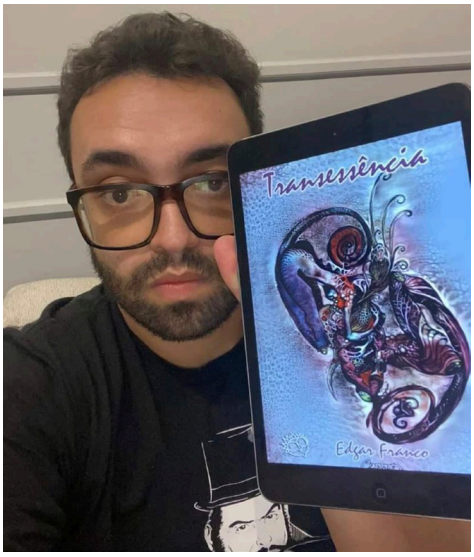
O mais fascinante nessa segunda edição ampliada de BioCyberDrama Saga, lançada em 2016, e em toda a proposta multimídia da Aurora Pós-humana é a riqueza de detalhes culturais, científicos, religiosos, políticos, sociológicos, geográficos etc. Dialogando com o melhor da tecnoarte e da ficção científica contemporâneas, Edgar Franco, nosso Ciberpajé, criou uma rede densa de pormenores, que continua se expandindo e alimentando outros trabalhos individuais e coletivos.

Se a história em quadrinhos já é fascinante por si só, os paratextos que a acompanham enriquecem ainda mais a fruição estética. O prefácio de trinta e seis páginas fala da origem desse universo ficcional e apresenta uma lista de músicos, artistas, filósofos e ficcionistas do pós-humano, além de oferecer a descrição minuciosa das três espécies da nova Terra, incluindo os conflitos políticos e sociais. No posfácio, somos apresentados à galeria de personalidades da arte, da religião, da ciência e da literatura homenageadas nas entrelinhas do enredo.

Se a força poética da ficção científica, em qualquer meio de expressão, está em sua irresistível vocação pra desmascarar dogmas e quebrar paradigmas, não resta dúvida de que a novela gráfica de Edgar Franco e Mozart Couto honra corajosamente essa vocação demolidora, essa saudável força poética.

O experimentalismo neobarroco nas potências especulativas de Transessência, de Edgar Franco, o Ciberpajé

Ricardo Celestino



Ricardo Celestino com a capa de Transessência na tela de seu tablet

Phiippe Druillet, Moebius, Nicole Claveloux e Jodorowsky possuem em comum o experimentalismo como motor para a criação artístico-visual dos quadrinhos de ficção fantástica que são hoje tomados por referência canônica para artistas contemporâneos. Em Lone Sloane, por exemplo, o protagonista começa sua aventura intergaláctica sozinho no universo em completo desamparo. A solidão existencial que ele se en-

---

Ricardo Celestino é paulista, doutor em Língua Portuguesa, psicanalista em formação, professor, pesquisador e escritor do e destaque do gênero fantástico brasileiro, com muitos contos e dois romances publicados, *Até que a brisa da manhã necrose teu sistema*, vencedor do Prêmio Argos de Literatura Fantástica, e *Banho de Sol*.

Resenha publicada em no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 23 de fevereiro de 2023: https://ciberpaje.blogspot.com/2023/02/resenha-o-experimentalismo-neobarroco.html

contra pouco a pouco vai dando espaço para uma quantidade de ambientes engenhosos que transcendem o nosso referencial de realidade.

Aquilo que a crítica literária traduz por novum, aquele dispositivo de locução no texto literário que serve para apresentar ao leitor a ruptura da realidade conhecida para uma outra realidade, seja esse dispositivo um artefato que permite os personagens viajar no tempo ou um super-vírus que lhe rende poderes ou super-infecções, no experimentalismo dos autores e da autora em destaque eu traduziria por artefato neobarroco de sobreposição de estímulos. Como em um poema de Gregório de Matos, como em um sermão de Padre Antonio Vieira, ou contemporizando para as páginas literárias de Fausto Fawcett ou Guilherme Kujawski, encontramos nos quadrinhos experimentais de ficção científica não um artefato ou dispositivo de locução, mas uma quantidade labiríntica de estímulos quadro a quadro que te levam a dobrar e desdobrar realidades e realidades dentro daquele novo ambiente especulativo. Neobarroco, pois, considero que a ficção especulativa que se propõe experimental ultrapassa as curvaturas regulares de cada gênero do fantasismo (horror, fantasia, ficção científica, o fantástico) e experimenta fontes complexas de vozes culturais disponíveis em nossa realidade, para testar o novo.

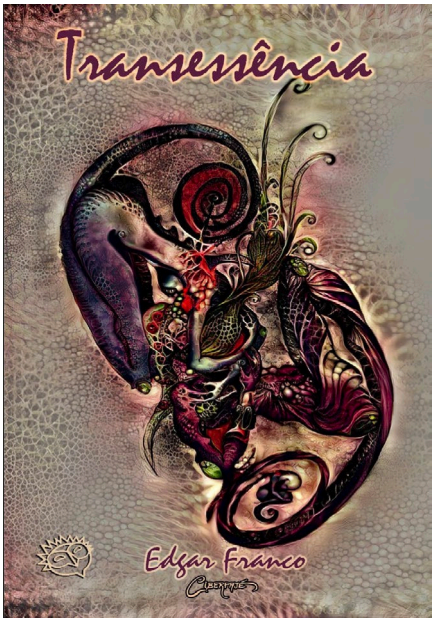
Esta modalidade do fantasismo que chamo de experimentalismo neobarroco é uma estética potente para as nossas subjetividades contemporâneas. E considero o último quadrinho lançado por Edgar Franco, o Ciberpajé, como um exemplo desse tipo de estética. Transessência, reeditado pela editora Marca da Fantasia, em 2023, é um ótimo exemplo de que o experimentalismo na criação artístico-visual dos quadrinhos de ficção especulativa não parou nas décadas de 1970 e 1980. E ainda, não é uma exclusividade da produção francesa da Metal Hurlant. Não! Nós, tupiniquins-tupinipunks, temos a sorte de respirarmos o mesmo ar que um artista chamado Edgar Franco, o Ciberpajé. Transessência é um espetáculo visual, resultado de 11 HQs curtas

criadas na segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000. Anteriores à criação do universo ficcional transmídia Aurora Pós-humana, em cada história contamos com o embrião experimental que culminará em seu grande universo que conta com produções musicais, literárias, teatrais e audiovisuais.

O experimento artístico-visual que gostaria de destacar por aqui é justamente aquele que inaugura a edição: Coisas da carne. Em apenas duas páginas, encontramos camadas e camadas de informações sobrepostas. A começar pelo texto verbal que nos remete a um tipo de aforismo: "A paixão às vezes é alimentada pelo monstro da insegurança e o fruto que no início era doce, apodrece tornando-se veneno". Quem é o autor desse enunciado? De onde vem essa voz que parece marcar um tipo de maldição ou condição essencial da humanidade?

A característica mais marcante de aforismos é que o seu uso em um texto carrega a potência semântica de um tipo de conhecimento ancestral emulado, a tradição de valores acumulados por gerações e gerações, ou quem sabe até um presságio de uma força metafísica. Contudo, neste caso específico, Ciberpajé ocupa um espaço limítrofe entre o lugar e o não lugar. Ao mesmo tempo em que somos tomados pela reflexão existencial de suas palavras, que nos levam a um desamparo cósmico, posto que somos seres movidos pelas paixões, nos levando a refletir que aquele aforismo enunciado nos cabe, também refletimos que estas são as regras apresentadas de um mundo que nos transcende e que não existe

Fruto de uma realidade criada pelo autor, o diálogo do aforismo com as imagens sequenciais potencializam ainda mais o espaço limítrofe entre o real e o irreal que este discurso ocupa. Contamos com dois personagens que são movidos pelas paixões, mas o tipo de arte não racionaliza essas paixões em um plano sequência, mas em uma composição única, em um tipo de mosaico de imagens que representa o diálogo surrealista entre a realidade externa e as impressões da realidade interna de cada um.



Baixe e leia na íntegra o álbum Transessência nesse link

Daí vem o experimentalismo neobarroco: em apenas uma página, Ciberpajé registra metonimicamente as fantasias, os desejos, as angústias, os prazeres e os medos desses personagens para, na segunda página, representar o fruto tomado pelo veneno da insegurança. Metonimicamente, uma vez que a criação artístico-visual de Ciberpajé te apresenta a parte para que você, na condição de leitor, estabeleça um processo de reelaboração do todo. O motor de sua criação não é a metáfora, não é a comparação ou a analogia espelhada entre o mundo daqui e o mundo dali. Não. O motor é a metonímia, no sentido de que o artista te apresenta parte de um mundo que você reelabora, ressignifica, problematiza regras e dialeticamente dialoga com a tua subjetividade.

Gostaria de destacar que a obra de Ciberpajé não pode ser ignorada por aquelas e aqueles que admiram e almejam praticar a produção criativa em todas as vertentes: seja na Literatura, nos Quadrinhos, nos games e no audiovisual. Em cada trabalho realizado pelo artista, desde a década de 1990 até os dias atuais, aprendemos sobre a necessidade de dar mais vazão para nosso potencial experimental no discurso artís-

tico. E ainda, tomamos uma lição fundamental, em um país culturalmente predatório como o nosso: não devemos jamais nos prender às limitações criadas e fantasiadas por um mercado delirante. Deixemos nossa mente imaginativa trabalhar, nos esforcemos para criar com sinceridade aquilo que desejamos criar. Ciberpajé é um exemplo da liberdade anárquica que deve imperar em cada mente artística que busca, além de descolonizar-se, emancipar-se pelo menos um pouquinho desse capitalismo paranoico, predatório e delirante cheio de narrativas artísticas ingênuas.

EP Ciberpajé – Máquina hiper-real:
o real excessivo que está mais calcado em uma realidade alienante

Gabriel Pinheiro



Arte de Ciberpajé

A máquina hiper-real (ouça o EP aqui) não é exatamente o real prático das nossas percepções. É o real excessivo que está mais calcado em uma realidade alienante, oriunda dos sistemas coletivos que sustentamos diariamente, que serve de subterfúgio de si mesmo, da consciência do cemitério do inconsciente, repleto de fantasmas de tudo que podia ter sido, feito e criado. Não se trata apenas de uma fuga do arrependimento, como pode-se pensar, mas uma fuga do que pode ser feito agora

---

Gabriel Pinheiro foi escritor, ensaísta e educador.

Publicado no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 23 de novembro de 2020. https://ciberpaje.blogspot.com/2020/11/resenha-ep-ciberpaje-maquina-hiper-real_23.html

ou amanhã, pois aquela energia criadora de ser melhor, de ser "mais de si mesmo", sempre estará ali residente.

É assim que vejo o ponto de partida desta obra absoluta e ao mesmo tempo tão intimista do Ciberpajé, em parceria com Hari Maia. Partindo do princípio de que para se ter a experiência da arte é necessário captar todas as suas nuances, de forma íntima e profusa, sendo objetivo apenas na hora de se expressar quanto a mesma. Nesse sentido, eu vou vislumbrar as três produções presentes neste trabalho: plástica, sonora e poético-filosófica.

O estilo onírico e psicotrópico está presente aqui, como marca d'água de um artista que sempre enxerga dentro de si uma cosmogonia. Nesse âmbito, a imagem tem uma paleta de cores quase fortuita e insinuante que, ao brincar com os padrões da percepção, denota a assinatura intimista do artista ao mesmo tempo que revela universalidade poética. O Ciberpajé é um artista da experiência e, como tal, busca fluir conforme as sensações intensas e com impetuosidade crítica, quase animalesca, característico de seu estilo xamânico e misterioso.

Ao optar pelas figuras de dois crânios, um corvo e um humano de máscara de gás, a ideia nos compele a esperar uma forte acidez crítica sobre as eventualidades do cotidiano da pandemia e as relações humanas e sistêmicas, com suas ações de mesquinhez, covardia e inconsequência. Sim, posteriormente sua poética nos dará esse âmbito de compreensão, mas como toda boa e genuína arte, ela não se estabelece apenas em um nível semântico. As máscaras mortuárias que a imagética futurista e caótica nos faz defrontar são apenas figuras comuns que refletem a nossa própria mortalidade e nos atravessam ainda mais em um nível ontológico.

Desse ponto, podemos pressupor sobre o que virá ao ouvirmos os acordes e as recitações de tons quase cândidos do Ciberpajé. Particularmente, este trabalho sonoro com Hari Maia me fez recordar algumas nuances do estilo de artistas como Trent Reznor (Nine Inch Nails) e

Atticus Ross, um pouco diferente de outras abordagens sonoras aos aforismos do Pajé, que lembravam bastante o experimentalismo sinuoso do grupo Einstürzende Neubauten e, às vezes, a explosão sonora do Front 242. Porém, tais menções são apenas notas de semelhança em um momento ou outro, visto que o trabalho aqui possuí uma assinatura particular que destoa de qualquer outra produção com estilo próximo daqueles citados.

A poética aforística do Ciberpajé é afiada e pode ser incômoda, mas a graça está na beleza que emana de sua mensagem, sempre carregada de profundo amor e apreço pela arte da vida em sua forma mais intensa. Nesse aspecto, o poeta é exímio em produzir nuances de experiência e uma multiplicidade de sensações. As mensagens são francas e sem rodeios, mas sensíveis e fluem naturalmente com a sonoridade, que nos abraça de início mas, quase que de forma instantânea, nos chacoalha dentro de nossas bolhas cotidianas.



Saiba mais e ouça o EP "Ciberpajé: Máquina Hiper-real" clicando aqui.

Em toda a produção de arte do Ciberpajé é possível observar certas assinaturas claras que, como todo artista e ser humano, denota sua própria pessoalidade. No entanto, no rico e prolífico curso de criação desse artista, tão comprometido com a vida, reinam signos que buscam sempre se destoar com o que foi dito anteriormente, de uma forma ou outra. Neste projeto com o musicista Hari Maia não foi diferente, pois o Ciberpajé busca trazer novas nuances de sentido e expressão que são, por princípio, a raiz de qualquer fazer artístico, como, por exemplo, a evidência ao deixar sua parceria criativa ressoar sua própria voz.

Neste momento, não vislumbramos apenas um espírito artístico, mas uma composição multidisciplinar que impera sobre uma harmonia relativa. Exatamente neste aspecto que reside a demonstração metalinguística de reproduzir a vida por meio da arte em seu signo mais íntimo pela qual artistas como o Ciberpajé se debruçam tão arduamente.

Translobo: nova obra do Ciberpajé provoca a mente com imagens e palavras mágickas

Claudio Ellovitch



Translobo, a nova narrativa visual do Ciberpajé, foi lançada em formato A5, mas essa obra merecia uma edição mais caprichada para termos as imagens com melhor definição e em um tamanho maior, pois o Ciberpajé vive inovando em forma e conteúdo e o que temos aqui é uma evolução do trabalho de aforismos ilustrados.

É HQ? Não é? Só esses questionamentos já são interessantes, mas agora ele leva uma única linha de raciocínio (é narrativa? é poesia?)

Claudio Ellovitch é cineasta e magista.

Resenha Publicada no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 30 de agosto de 2023.
https://ciberpaje.blogspot.com/2023/08/resenha-translobo-nova-obra-do.html

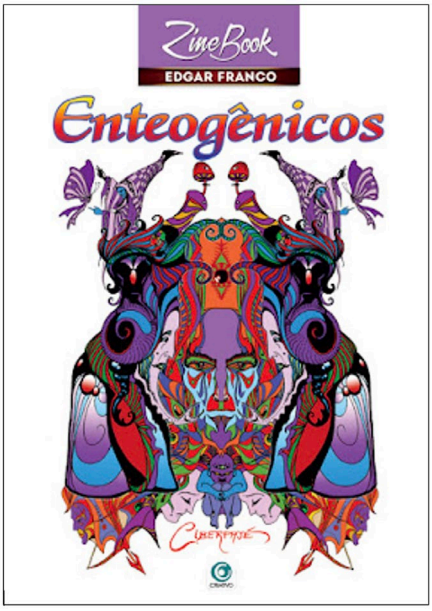
pelas 35 páginas e trata, de seu modo particular, de provocar a mente com imagens e palavras mágickas. As imagens, que utilizam a simetria bilateral e as palavras que questionam o binarismo cultural numa contradição interessante como um paradoxo criado para perturbar a mente consciente.

Homem (Edgar Franco) e máquina (IA) trabalhando juntos para questionar a mecanização forçada do animal (homem) pela sociedade do código binário. O dualismo do preto e branco sem tons de cinza das letras que trazem ideias avessas a este duelo de contrastes. 1 deve se dividir em 3 sem passar pelo 2? Passa sim, mas não deve se reter lá, assim como a mente não deve se deter em uma ideia na meditação. O Caos Primordial, a Acumulação e a Ação... A Serpente, A Sereia e o Lobo. Trindade.

Baixe livremente a versão digital de Translobo neste link.

Enteogênicos: Quimeras em hipercomunicação com o multiverso

Douglas Guerrero



Enteogênicos
Edgar Franco (Ciberpajé)
São Paulo: Criativo, 2019

Enteogênicos, novo álbum em quadrinhos do Ciberpajé, tem como tema central a evolução espiritual, seja pessoal ou racial (no sentido da espécie humana como um todo). No âmbito pessoal mostra partes do processo da transmutação do artista Edgar Franco para a figura do Ciberpajé. E no âmbito racial, nos traz as questões muito em voga atualmente.

Douglas Guerrero é entusiasta, colecionador e estudioso das HQs poético-filosóficas e do quadrinho alternativo.

Resenha Publicada no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 8 de novembro de 2019. https://ciberpaje.blogspot.com/2019/11/resenha-album-em-quadrinhos.html

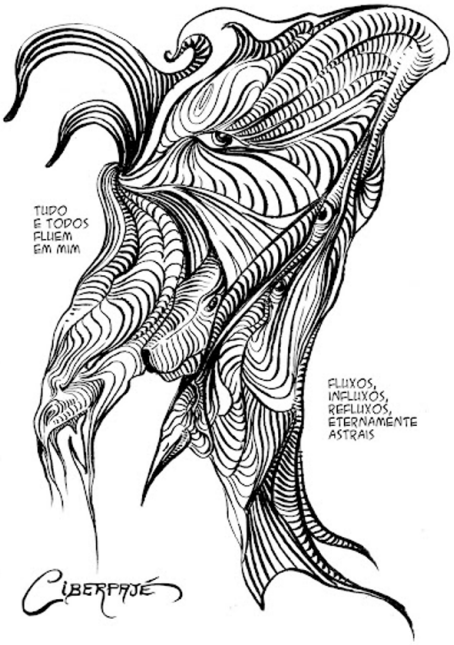
Uma coisa que aprendi logo de cara quando tomei contato com a obra do artista Edgar Franco (ele não era o Ciberpajé ainda), lá no início dos anos 2000, foi que suas imagens sempre são mais importantes que o texto, não importando o grau de elaboração dos mesmos, isso devido à complexidade de suas formas onde vários arquétipos são fundidos numa quimera que toma vida em seus personagens pós-humanos.

E as quimeras, orgânicas e mecânicas representadas no álbum são a verdadeira essência de Enteogênicos, os textos funcionam como legendas, que tentam transmitir a essência básica da obra, que deverá ser revista várias e várias vezes e em estados emocionais e psíquicos diversos para um entendimento mais profundo. Aqueles que não possuem intimidade com gênero de HQs poético-filosóficas e por consequência não estão cientes disso, tendem a cair na armadilha de crer que algumas delas sejam meros chavões comparáveis às mensagens que que pululam os status das redes sociais.

Na terceira "leitura" ignorei todas as frases e me concentrei nas figuras que para mim não eram mais as mesmas nem da primeira e nem da segunda leitura. A exemplo das tatuagens do "Homem Ilustrado" de Bradbury, não são totalmente estáticas e tiveram pequenas alterações que trouxeram novos sentidos para as histórias.

Poeticamente quimeras são interpretadas como sonhos fantásticos, desejos quase inalcançáveis. Desejos esses que, no caso do Ciberpajé, parecem ser o ingresso humano na consciência cósmica onde finalmente desfrutará de uma existência verdadeiramente harmônica com toda a Criação.

Mas cuidado! Em cada uma dessas quimeras também há os olhares de esfinges, nos quais parece estar subentendida a conhecida frase de sua ancestral mais notória. Pois se não decifrarmos os enigmas que nos farão evoluir, as quimeras nos devorarão sem a menor piedade. Transformando a humanidade em um sombrio mito de um passado a ser temido...



Exemplo das quimeras: HQforismo publicado no álbum em quadrinhos “Enteogênicos”

Como podemos ler nas palavras do próprio Ciberpajé, o álbum Enteogênicos foi resultado de experiências xamânicas tidas através de ingestão de Ayahuasca e cogumelos. Ambas possuem a capacidade de induzirem a “Estados Não Ordinários de Consciência”. Se os efeitos são os mesmos ou apenas similares, não sei dizer, nunca travei contato direto com nenhumas delas. O contato “acadêmico” também é quase nulo. Porém, ao ler a obra, vi que o cogumelo além de ter sido ingerido para a composição de muitas das histórias, também é presença gráfica marcante nas páginas e já dá as caras logo na capa. E que ele é tido como uma tecnologia pré-humana. Isso tudo me fez lembrar de uma de minhas leituras no início dos anos 90 e que acabou me dando uma perspectiva no mínimo inusitada de quase toda a obra.

O psiconauta Terence McKenna escreveu em seu livro, “Alucinações Reais”, sobre o cogumelo ser uma entidade alienígena e inteligente que havia chegado à Terra em tempos imemoriais. Ainda segundo McKen-

na, ele é dotado da capacidade de hiper-comunicação, o que lhe permite se comunicar com todos os cogumelos existentes, não só em nosso mundo, como também em todo universo e realidades onde seus esporos tocaram o solo. É como uma rede de computadores orgânicos que interage com o Multiverso. Dessa feita, consumir cogumelos Psilocybe cubensis seria como implantar chips orgânicos em nossos corpos para acessar informações dessa rede, onde cada site seria um mundo, uma realidade com possibilidades infinitas e todas as quimeras presentes em Enteogênicos seriam realmente a Tábua Esmeraldina para entendermos a linguagem desses mundos.

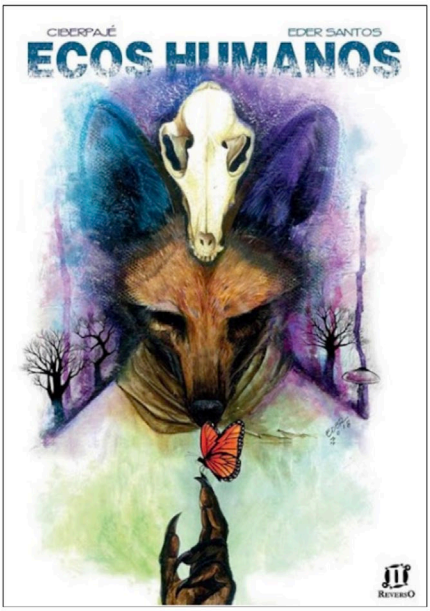
Saiba mais e adquira Enteogênicos clicando aqui.



Douglas Guerrero e o Ciberpajé com o exemplar autografado para ele durante a SketchCon III, em São Paulo

Ecos Humanos: Um trabalho lúdico como um beijo no rosto e direto como um corte na jugular

Carlos Lopes



Ecos Humanos
Edgar "Ciberpajé" Franco (roteiro) e Eder Santos (arte).
Editora Reverso, 2018

Arte é questionamento, reflexão, mais do que apenas uma mera representação do bem e do mal como forças estanques. **Eco** é uma reflexão do som. Um som que persiste mesmo após a sua emissão ter sido extinta. E o que é **humano**? Ser "racional"? **Ecos Humanos** versa sobre o **Pathos**, a patologia de padecer para aprender.

Carlos Lopes, genial artista multimídia, figura lendária do heavy metal nacional e mundial, mentor da seminal banda Dorsal Atlântica e criador da nova revista em quadrinhos Tupinambah (Ciberpajé).

Resenha Publicada no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 18 de setembro de 2018. https://ciberpaje.blogspot.com/2018/09/resenha-ecos-humanos-um-trabalho-ludico.html



Eder Santos e Edgar Franco no FIQ!
em Belo Horizonte, 2018

Edgar Franco imagina, Eder Santos molda a argila. Um trabalho lúdico como um beijo no rosto e direto como um corte na jugular. **Em Ecos Humanos** não há diálogos. São imagens sequenciais de feras antropomórficas que buscam saciar a fome e preservar as suas vidas entre cercas, como quase todos nós que facilmente nos enganamos com a palavra segurança. Muros que permanecem em pé até que a morte ou a mudança cortem-nos as bases. Um "Paradoxo de Popper" antropomórfico que te impulsiona a agir após as possibilidades terem sido teoricamente esgotadas. Os excessos de liberdade que antecedem a autofagia. A mensagem transmitida pelo não-texto permite (re)contar a saga humana através de imagens em preto e branco que apenas nos pedem a agudeza do olhar e a perspicácia do sentir. Não é pedir muito, não é? Os signos espalhados pelas páginas espelham nossos rostos incrédulos perante tanta beleza

e crueldade. Sequências de reflexões, negras como a boca da noite para então retornarmos ao campo vazio da esperança. A obra se descortina como se estivéssemos perante uma enorme tela na qual surge o universo que se apequena em direção a um conhecido planeta – e em especial a um país de "raposas" e aves de rapina.

Edgar Franco não é simplesmente "humano", é um xamã. Sendo assim, a obra é extensão de sua persona, exatamente como um eco. Por isso, boa parte da obra de Franco se relaciona ao xamanismo, a comunhão entre os mundos. Os quadrinhos também são transe espiritual, o que nos permite eliminar a ilusão do mundo "real", para então entrarmos na "realidade" do nosso inconsciente, individual e coletivo, não apenas em busca de respostas, mas na comunhão profunda do nosso ser. É assim que também imagino e almejo a arte: libertadora. Creiam que não há super heróis que possam nos salvar de nós mesmos.

Após escrever a resenha, auscultei a obra mais uma vez e certifiquei-me do escrito. Creio que não poderia ser diferente, já que os sobrenomes dos autores de **Ecos Humanos**, **Edgar Franco** e **Eder Santos**, somam-se na convocação "**Santo Franco**"!

Conversas de Belzebu com seu Pai Morto:
Inquietante desde o título, a obra transmídia provoca reflexões sobre as consequências de nossos atos no planeta

Fredé CF



Arte do Ciberpajé que abre a HQ "Conversas de Belzebu com seu pai morto" (capítulo 1). Publicada na revista Atomic Magazine #1

Inquietante desde o título, a obra transmídia "Conversas de Belzebu com seu pai morto", composta por um EP musical (ouça-o aqui) e uma HQ (adquira-a aqui) do multiartista Edgar Franco (Ciberpajé) em parceria com o musicista Alan Flexa, provoca reflexões sobre as consequências de nossos atos no planeta. A partir da árvore familiar do Diabo, filho da espécie humana que adora um Deus déspota imaginário, a

Fredé CF (a.k.a. Frederico Carvalho Felipe) é artista transmídia, criador do universo ficcional MekHanTropia, pesquisador, professor e doutorando no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da UFG, em Goiânia.

Resenha Publicada no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 26 de julho de 2021. https://ciberpaje.blogspot.com/2021/07/resenha-conversas-de-belzebu-com-seu_26.html

obra nos provoca a iluminar as sombras sociais de maneira impressionante, emocionante e densa, expondo maniqueísmos e ditames institucionais que provocam cegueira, tal como Lúcifer, o "portador da luz".

Com reflexões acerca de questões ecoadas por pensadores como Nietzsche, Freud, Jung, Sartre, Campbell, Lovelock, entre outros tantos, sobre fenômenos relativos à essência do ser, à existência, à imaginação e à materialidade da vida – mas não se limitando ao pensamento de nenhum deles –, a obra toca, de forma bastante original, em temas caros com profundidade e importantíssima iconoclastia, elucubrando poeticamente sobre os tempos atuais a partir do deslocamento conceitual à um futuro pós-apocalíptico ambientado na Aurora Pós-Humana.

São lançadas, especialmente, reflexões típicas sobre narrativas ficcionais instituídas como regime de verdade em nossa sociedade, expondo e questionando a ideia ilusória de Deus como fonte absoluta e suprema de poder, o que causa a desconexão com Gaia e a ruína total do ser-humano. O EP proporciona a imersão ambiental nessas ideias com uma atmosfera sonora intensa, letras viscerais e uma arte visual de capa shakespeariana incrível e impactante!

Tudo isso ainda ganha mais significação e dramaticidade ao conhecermos as motivações poético-filosóficas e os processos criativos que deram origem à obra, em especial, o contexto tenebroso que passamos. Uma pandemia sem precedentes administrada por um déspota genocida que boicota e combate quem tenta curar à doença, orquestrando negócios nefastos e escusos que utilizam a vida das pessoas como moeda de troca. Uma dessas vidas ceifadas, por essa máfia funesta que detém o poder, foi o amado pai de Edgar: Sr. Dimas Franco, o GranCiberpajé. Principal amigo, interlocutor filosófico, referência inspiradora e norteadora de vida do artista, ele infelizmente foi vítima desse genocídio necropolítico que vivemos.

Como já mencionado, a obra faz um deslocamento conceitual desse contexto obscuro ao universo da Aurora Pós-Humana criado por Edgar

Franco, transmutando essa dor profunda em potência artística de vida. A criação, pela arte e pela vida, como antídoto à destruição que se apresenta. É exibido um cenário de autoextinção da espécie humana, representada pelo pai morto de Belzebu e a hecatombe causada pela adoração à um Deus ilusório. Essa adoração não se dá pelo amor, mas pelo ódio, pela guerra, pela destruição, por toda a petulância podre e ressentida da humanidade, pelas negações, pelos extermínios, pela desconexão, pela morte e, sobretudo, pelo ódio disfarçado de amor. Um ódio camuflado e vendido como amor para instaurar, incessantemente, mais ódio e por fim aniquilar a si mesmo como espécie. Edgar enfia as unhas nas hipocrisias putrefatas desse totalitarismo neopentecostal e neofascista instituído pelas milícias militarizadas servis ao mercado que tomaram o poder, expondo o pus que jorra infeccionado e lançando-o na cara dos ditos "cidadãos de bem" que só promovem ódio.

Ouvi o EP, a princípio, sem conhecer a história em quadrinhos - que teve seu primeiro capítulo publicado na revista Atomic Magazine #1 - e já o achei visceral! Fantásticas e tenebrosas melodias que nos transportam, pela imaginação, a dimensões deslocadas do ordinário. Uma viagem ao extraordinário sombrio que nos compõe e que se completa na narrativa com o monólogo de Belzebu lamentando sobre a penúria da existência em meio ao nada que sobrou.

Imagens mentais que me surgiram foram de um cenário apocalíptico agroneoliberal, como aquelas que vemos em filmes distópicos ou em fazendas do agronegócio, devastadoras das florestas e do cerrado. Coloquei o EP pra rolar e de cara já imaginei essa atmosfera penosa, com o cramunhão condenando a má sorte do desencontro com o amor em essência de seu pai (humanidade) e a ruína do ser-humano corrompido por ilusões que o desconectaram de sua essência maternal natural.

A obra toca também em temas socioculturais importantes, como a intolerante cultura machista do paternalismo monoteísta impregnada há tempos na humanidade e que aniquila Gaia pela ilusão de não sermos

parte dela. Essa mórbida "fricção de falos", como coloca a faixa 2 do EP, instaura uma visão deslocada de nós mesmos, com inconscientes esvaziados de simpatia e repletos de ódio. Uma visão doentia de que somos alheios à natureza, à Terra, ao habitat, promovendo hostilidades e rancores destrutivos. Sem consciência de integração entre o interno e o externo. Sem identificação e afeto. Sem autoconhecimento e autocuidado.

Além disso, ainda há na sociedade uma indução do mercado pelo individualismo, que gera intolerâncias e destrói a empatia. Assim, não nos reconhecemos como natureza e, mais do que isso, nos vendem a ideia de que devemos destruí-la para ter felicidade associada à efemeridade do luxo e da riqueza material. Isso é o que chamo em meu universo ficcional de "MekHanTropia" instituída enquanto sistema, seduzindo o ser humano e cooptando sua essência desconectando-nos de tudo que nos compõe. A transformação da vida em objetos pelo mercado, do "Ser" em "Ter", do bicho em máquina, do amor em ódio, da inclusão em exclusão, da colaboração em individualismo, do ser-humano em coisa, em destruição interior e exterior.

Chega-se um ponto que não nos reconheceremos mais como humanos, reflexivos, emotivos, carnais, colaborativos, comunicativos. Nos tornaremos mecanismos servis ao capital e essa desconexão com nossa essência nos provoca ódio. Ódio de nós mesmos e dos outros que são reflexos do que estamos nos tornando: máquinas de destruição, ferramentas, instrumentos padronizados, robotizados, sem subjetividade, sem pensamento crítico, sem pensamento próprio.

A violência oriunda da destruição de nós mesmos pelo egoísmo e pela ideia de não-pertencimento. A autoaniquilação inerente ao desequilíbrio que extingue a pluralidade da vida, instaurando a exclusão e a negação de nossa essência natural inclusiva, muitas vezes sem nem nos darmos conta disso. A desconexão camuflada de conectividade maquínica. As bolhas antissociais de positividade tóxica e agressões destiladas pelas redes. A ausência de respeito à vida e idolatria à destruição.



Capa do EP, por Ciberpajé

É preciso (re)integrar. É preciso resistir. É preciso refletir que o "outro" não (re)existe fora de nós, mas que, sobretudo, vem de dentro. O "outro" também somos nós, também está presente em nós. Nós somos o outro e o outro somos nós! Enquanto não integrarmos isso ao invés de negarmos, estaremos condenados a ser o morto dependurado na árvore representada pelo Ciberpajé na HQ.

Como diria o Pink Floyd: "Together we stand. Divided we fall". A humanidade se esqueceu que é também constituída de planeta, de Gaia, de minérios, de água, de ar. Os elementos que nos movem também constituem as montanhas, as florestas, os oceanos, os rios, também estão em nossos ossos, carnes, sangue, células, átomos. Também nos faz pulsar o coração. A chuva também circula em nosso corpo composto e sedento por água e comida, que nos alimenta, integra e faz parte de nós e nós fazemos parte dela. O ar que entra e sai de nossos pulmões e nos dá vida, nos movimenta e nos integra ao todo, ao Prana, ao cosmos, à vida.

Indo além do que disse Hubert Reeves, de que "o homem é a mais insana das espécies, pois adora um Deus invisível e mata a Natureza visível sem perceber que a natureza que ele mata é esse Deus invisível

que ele adora", a obra coloca esse Deus invisível como um mandante para o assassinato de Gaia (a Natureza, a verdadeira Deusa). Um mandante criado esquizofrênicamente pelo próprio jagunço psicótico: a humanidade.

Estamos matando tudo em nome de um Deus ilusório tirano regido pelo mercado e criado por nós mesmos. Um monstro que reflete, como um espelho, nossa essência sombria negada social e individualmente. Um ser que criamos para nos desconectar do que somos: bicho, animal. Um ser que criamos para nos isentar do que somos ou nos tornamos: homicidas, genocidas, ecocidas e, consequentemente, suicidas. Um ser que destrói a mãe-Terra, a mãe-natureza, a mãe-Gaia, a verdadeira Deusa. A destruição do feminino é, assim, a destruição da nossa origem e, consequentemente, a destruição de tudo o que somos, em função de ilusões egóicas. A destruição do agora, do presente. A destruição de nós mesmos. A destruição de quem amamos.

A obra musical por si só já é bastante potente e já me provocou muitas reflexões. Mas não para por aí! Novas surpresas e vibrantes sensações ainda podem ser experienciadas transmidiáticamente nesse universo com a imersão na HQ transcendental homônima do Ciberpajé.

A forma como o artista navega pelas narrativas é inspiradora e provoca os sentidos e a imaginação a um mergulho naquele universo vigoroso, instigante, filosófico e, ao mesmo tempo, melancólico e aterrorizante pela crueza das representações de nossa decadência enquanto seres destruidores da vida. Um rompimento de fronteiras entre as mídias que culmina no rompimento de fronteiras culturais internas estabelecidas, ao longo da existência, por institucionalizações limitantes e alienantes do status quo. Um rompimento de ideias sobre quem somos e sobre quem pensamos ser. Uma possível reflexão do que poderíamos ser caso pudéssemos re-existir naquela diegése.

Ao transcender poeticamente esses limites ilusórios de formatação artística padronizadas pelo mercado, Edgar nos abre possibilidades de

adentrar a vida em sua plenitude de maneira fluida e sem amarras materialistas, aniquilando obstáculos mercadológicos de padronização e exaltando a subjetividade como uma ode à liberdade de ser quem se é, direcionando assim, pela forma e pelo conteúdo de seu universo ficcional autoral poético, o encontro consigo mesmo de forma amorosa e plena.

O amor de fato, transcendente, maternal, intenso, cósmico, autodigerido e transmutado. O amor presente em cada organismo como essência para a vida, mesmo na experiência da morte, que segue em movimento natural constante de transformação. O elixir que potencializa a vida mesmo após a morte. A planta que surge da cova. A flor que nasce do asfalto trincado. O ovo que vem antes da galinha e gera outro ovo. O efeito antes da causa. A emoção em confluência com a razão. O amor de andar de mãos dadas com a morte pelo deserto do nada, pelo que existe agora, nesse instante, deslocado. O amor que sustenta, sintoniza e dá liga aos demônios internos inerentes a todos indivíduos. As Sombras integradas ao invés de negadas. O amor à Sombra transmutada pelos movimentos de seus traços, imbricados pelas redes neurais, que harmonizam-se com as sonoridades hibridizadas das músicas de forma impressionante.

A HQ é fabulosa! Uma experiência formidável e deslumbrante de navegação transdimensional. Uma relação fantástica entre os arquétipos do Diabo (Belzebu), do Enforcado (seu pai morto, dependurado em uma árvore) e da Morte (sua amiga). A dança astral incrustrada na essência da árvore da vida que integra a morte como parte do ciclo do infinito cósmico. A árvore genealógica do Diabo em contato com seu pai morto refletindo sobre o nada da vida que simplesmente é e incorpora tudo para ser e se transformar constantemente, em uma inabalável e poética metAMORfose. E o Sol, segue lá alucinado, nas páginas exposto em sua intensidade serena e brutal que possibilita novas narrativas nascerem e fluírem iluminadas nesse horizonte devastado.

Renovaceno: as inquietações que anestesiamos

Rachel Cosme



Renovaceno, nova obra do Ciberpajé (Edgar Franco), é o primeiro álbum de HQ publicado pela editora Merda na Mão, nova iniciativa underground que tem como lema "publicando os impublicáveis". A mensagem de apresentação é escrita pelo Ciberpajé, e temos ainda um prefácio de Octávio Aragão e posfácios escritos por Danielle Barros e Gazy Andraus. Ao todo o álbum possui 68 páginas divididas em introito e três tomos. Renovaceno é uma obra que deve ser experienciada com tempo e concentração, confesso que li, reli, reli novamente e percebi novas mensagens, simbolismos e provocações. Renovaceno traz em si riqueza estética, narrativa e simbólica expressa através da ficção científica.

Rachel Cosme Silva dos Santos é quadrinhista, bacharel em artes visuais e mestranda em arte e cultura visual da UFG

Resenha Publicada no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 23 de maio de 2021. https://ciberpaje.blogspot.com/2021/05/resenha-album-em-quadrinhos-renovaceno_23.html

Conta com histórias que fruem no universo Ciberpajeano, não há como dissociar o autor de sua criação poética. O traço tão característico do artista é mais do que sua identidade visual, é a expressão do pós-futuro no presente. O contexto que circunda Renovaceno o torna tão especial e necessário, o cenário atual devido à crise pandêmica remete a uma total desesperança, a renovação é primordial, mas a transmutação é interna.

Sua história Transbinários é um mergulho nas formas e no caos, o ser abandona sua casca, dissolve seu ego, a terra o absorve e o transforma, há conexões que nunca mais nos deixam ser os mesmos. Enquanto reconhecemos os gestos, as expressões, faces e pessoa, nosso olhar se perde no caos, percebemos mais rostos, mais círculos, mais formas e relações. O caótico equilíbrio harmônico é de extrema beleza e nos tira do conforto. A mensagem binária conflui a sistematização em seu cerne com a fluidez orgânica da história e os requadros lineares não conseguem mais limitar a expressividade das formas.



Rachel Cosme com seu exemplar de Renovaceno em “pose acadêmica”!

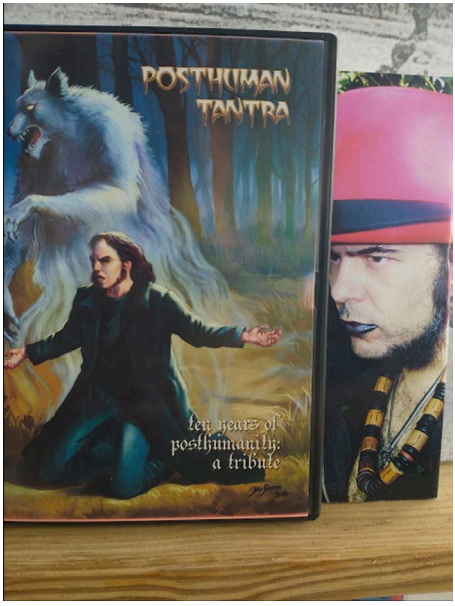
Seus 3 tomos: transbiológicos; transdigitais e transcendentes tratam de temas como a solidão, a existência, a perpetuação, a esperança e a fé. Em todas as histórias percebe-se algo em comum: a paixão em criar quadrinhos, cada requadro, cada detalhe, demonstra a pulsão criativa, o carinho de se trabalhar em narrativas, sem moldes, sem tradicionalismos e, mesmo assim, as mensagens passadas soam tão contemporâneas que fruindo a obra eu me sentia dentro desse universo. Inserida nas perturbações e incertezas dos seres, suas falas são como minhas falas.

Renovaceno soa como uma sirene contínua que não nos deixa anestesiar nos tempos sombrios que estamos afundados, escancarando nossas inquietações. Renovaceno é experienciação, fruição e transformação!

Posthuman Tantra - Ten Years of Posthumanity (Tributo): a vida é curta demais para que a gastemos sem desfrutar de várias possibilidades de experiência

Cristiano Passos

Apesar da profusão de plataformas digitais atualmente, nada consegue substituir a materialidade da arte, principalmente quando se tem em mãos um artefato cultural com tamanha potência estética e semiótica como este tributo ao Posthuman Tantra, projeto do artista e amigo Edgar Franco.



Cristiano Passos é musicista, ativista cultural underground, mestre em Literatura pela UFSC, e doutorando em Estudos da Tradução também pela UFSC.

Resenha Publicada no blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco em 30 de março de 2022. https://ciberpaje.blogspot.com/2022/03/resenha-posthuman-tantra-ten-years-of.html

Grupos, línguas e sonoridades muito distintas - embora conectadas de alguma forma - dão o tom principal do disco - que é duplo! - indo do black metal ao ambient, passando pelo harsh noise, gótico, piscodelia, indie rock, electro e muito experimentalismo, tentando dar conta desse complexo universo do Posthuman Tantra. Entre os presentes, God Pussy, sempre surpreendente, Scibex, com uma bela sonoridade entre a psicodelia, a música orquestral e o indie/folk, Luxúria de Lilith, com seu black metal macabro e de ares maléficos, Melek-Tha, Alpha III, Goriu etc.

Essa diversidade também está presente na última faixa, que é exatamente do Posthuman Tantra e traz aforismos diversos do Ciberpajé. Um deles marca o tempo como um refrão - "A batida do coração é o tambor de batalha do Ciberpajé" - mas outras "vozes de carne", masculinas e femininas, estão presentes, outros timbres, outras subjetividades...

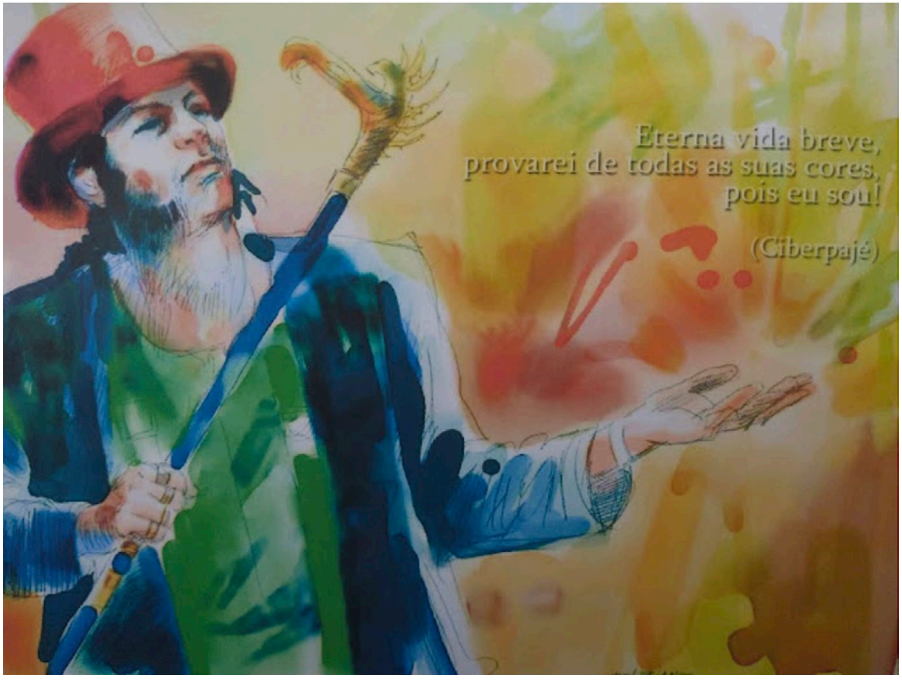
Como baterista, essa ideia da relação entre o tambor e o coração me pega de uma forma muito singular, pois quando toco, é esse o pulso que me move também. Interessante é que somente perto do final da faixa, no último dos 10 minutos de som, é que entra o som do tambor,



seguido da voz áspera que brada, como um guerreiro indígena pronto para o confronto, o mesmo aforismo-refrão.

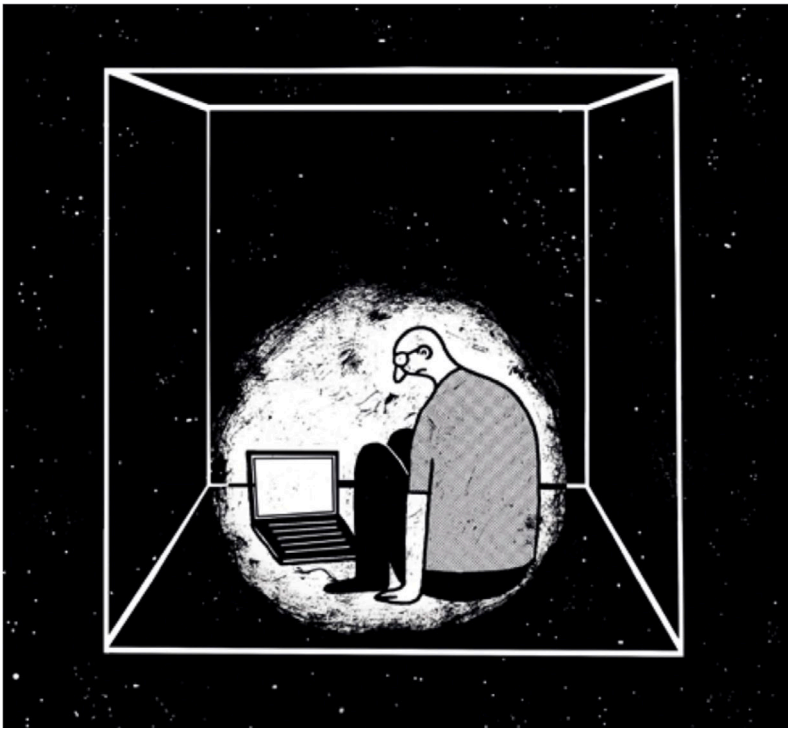
Aliás, os outros aforismos da faixa também estão ilustrados nos "cards" que acompanham o material. Um desses aforismos, aliás, resume bem essa atmosfera diversa do disco e o que está por trás desse desejo de criar um espaço mental e sensorial tão amplo: "Eterna vida breve, provarei de todas as cores, pois eu sou!" Enfim, a vida é curta demais para que a gastemos sem desfrutar de várias possibilidades de experiência.

Obrigado por mais esta obra instigante, Edgar! Tenho degustado cada um dos materiais recebidos aos poucos, pois não acho justo fazer desta vida um infinito streaming em que nada dura! E como eu dizia no começo, nas plataformas, além da imaterialidade, logo vem mais uma novidade que praticamente apaga a anterior.



Um visionário da Aurora Pós-Humana

olyveira daemon
Ilustração: Bruno Schier



1.

Somos células, enzimas, órgãos, carne e sangue, pensamento e linguagem. Somos parte do fluxo orgânico da vida, em perpétuo movimento. Ninguém sabe exatamente como esse fluxo começou, nem por quê. Ninguém sabe exatamente quando esse fluxo terminará, nem por quê. A vida nos dá todas as condições materiais e mentais pra viver, mas não

Resenha publicada no jornal Rascunho n. 294. Curitiba, outubro de 2024.

confiamos na vida.
Desconfiamos da vida.
Tememos a vida, suas armadilhas.
Estamos apavorados.
Estamos todos apavorados, aparvalhados.
Uma poderosa expressão desse medo foram as ondas de ansiedade que me atingiram recentemente.
Não me lembro de já ter me sentido tão mal antes disso.
Na escuridão do quarto eu fui obrigado a encarar minhas escuridões internas, uma onda medonha de cada vez.
O oxigênio foi ficando cada vez mais escasso.
Fui desaprendendo a respirar.
Uma crise de ansiedade, mesmo que duradoura, mesmo que em ondas, ainda não é um ataque de pânico.
É o que dizem.
Então espero jamais vivenciar um ataque de pânico.
Não faço questão alguma de comparar.
Na escuridão do quarto eu fui obrigado a encarar minhas escuridões internas, uma onda medonha de cada vez.
O corpo exausto, paralisado.
O fluxo orgânico da vida, estagnado.
Insônia-solidão.
Parcialmente paralisado pela depressão, procuro no Youtube o conforto, o bálsamo consolador dos budistas: palestras da monja Coen e do monge Genshō, da escola zen-budista.
Numa plataforma de streaming assisto ao documentário Caminhe comigo, com o monge Thich Nhat Hanh, também da escola zen-budista, e ao documentário Do estresse para a felicidade, com o monge Matthieu Ricard, da escola tibetana.
Tempos atrás um jornalista atribuiu a Ricard o título de a pessoa mais feliz do mundo, e o rótulo pegou.

2.

O bálsamo consolador eu também encontrei numa coletânea de máximas, memórias e reflexões lançada recentemente.

Uma coletânea insólita.

Uma coletânea fora do esquadro.

De um artista fora do esquadro.

De um mago psiconauta.

Provavelmente o único nas universidades brasileiras.

O bálsamo consolador eu também encontrei nos Aforismos do ciberpajé, de Edgar Franco (editora Sinete).

3.

"Eu cultuo o mito do infinito."

"Sou um filho do Cosmos nascido no Cerrado, na região mais ancestral do planeta, onde a vida primeiramente frutificou e posteriormente disseminou nossa espécie. Estive no Itzimal, vivi o Mani. Sou um Lobo da Terra da Constelação da Águia, um espírito de Braçur, navegante astral fruindo Gaia de mãos dadas com Yurupari. Sou um ser em transmutação na busca por Ra'anga, nada pode me parar, nem a tempestade —que já me tornei —, nem a morte. Sou Poraqué passageiro dos navegantes de Macauã. Eu sou, eu fui, eu serei."

"As aparências, os corporativismos e os conchavos inescrupulosos regem as relações humanas. Ser um Lobo solitário é só para espíritos fortes e resilientes. A sedução de ser aceito, de ser bajulado, de ter poder, é muito intensa, mas a única verdadeira transformação acontece em um mergulho para dentro, jamais para fora, jamais anulando-se para atender às regras de outrem."

"Um Lobo solitário não lidera ninguém a não ser ele mesmo. Não coordena e dirige nenhuma matilha, não detém nenhum poder, não sonha com nenhuma glória, não deseja nenhum prêmio. E se você caminhar ao lado dele, compreenderá a beleza e a profundidade de sua solidão.

E mesmo a Lua, que ilumina o caminho do Lobo nas noites penumbrosas, tem consciência de que ele seguirá sereno e selvagem também na escuridão."

4.

Ao longo dos anos o Ciberpajé Edgar Franco vem construindo um universo ficcional fascinante: a Aurora Pós-Humana.

Professor titular da Universidade Federal de Goiás, o Ciberpajé é uma persona alienígena mutante, um vírus fractal que se propaga livremente no Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual dessa universidade.

Mentor da banda performática Posthuman Tantra e pioneiro no uso de enteógenos na pesquisa artística acadêmica, esse feiticeiro tropical conquistou minha atenção permanente em 2013, com a novela gráfica BioCyberDrama saga, produzida em parceria com o lendário quadrinista e ilustrador mineiro Mozart Couto.

5.

"Sou apenas um Lobo fantasiado de homem, aprendendo a fruir entre seres confusos e assustados, uivando sem medo para a Lua esplendorosa."

"As incertezas são o hino do agora. Sempre foram, você apenas não percebia. Seus portos seguros eram mentiras que você contava para acalentar um coração iludido. Nesse momento, a incerteza é a melodia e eu quero dançar reconectando-me à minha natureza animal e cósmica! Sou a velha árvore e o Lobo encantado com o canto da Lua."

"Amar a deus é fácil. Amar uma imagem mental criada por você ou por algum dogmático que te domina é algo trivial. Amar alguém que não existe, que você não pode tocar, conviver, experienciar, é facílimo. Por isso tantos dizem amar a deus, uma imagem mental que varia de crente para crente, uma ilusão perfeita. Difícil é amar outro ser humano, com

suas complexidades, lidar com as diferenças, com as idiossincrasias do semelhante. Amar a deus é para os idiotas, os fracos, os escravos, amar a si mesmo e ao próximo é só para os fortes."

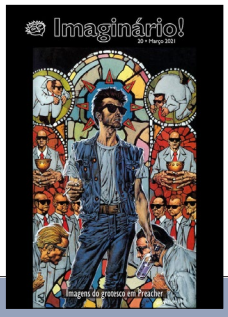
"Sou resignado. Não ensinarei nada a ninguém, todas as teorias, textos, poemas, são cinzas, lixo desprezível diante da experiência. Não me ouça, não ouça ninguém, viva, experimente. Ou morra em vida vivendo a existência dos outros."

"A universidade já morreu há tempos, segue como um zumbi ainda hipnotizado pela própria imagem pedante e cobrindo com a maquiagem da retórica sua incapacidade criativa, sua falta de vivacidade. Eu estou nela pra ajudar a enterrá-la de vez, para que venha o novo."

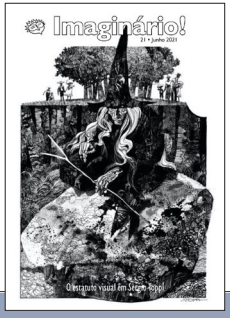
"Em 2011 descobri que era necessário propor a mim mesmo uma transmutação e um renascimento, quando me aproximava da idade de quarenta anos, a idade da maturidade. Isso ocorreu logo depois de uma profunda crise existencial deflagrada por uma experiência com o enteógeno Psylocibe cubensis. Durante um período de nove meses — tempo de um renascimento completo — passei a limpo minha existência nesse período que antecedeu a data de meu aniversário, com humildade e serenidade perdoei-me completamente por todos os chamados erros — na verdade experiências fundamentais e fundantes de minha evolução da consciência. (...) Nós somos o que acreditamos ser, então o impacto simbólico de transformar-me em Ciberpajé realmente revolucionou minha vida e minha percepção do mundo. Tornei-me ainda mais sereno, selvagem e vivo, só isso já demarca a grande importância dessa ação para mim. E a minha condição de Ciberpajé envolve o caráter mutante das verdades, é literalmente uma condição mutante, pois estou apto a reavaliar todas as minhas ideias a todo instante e não sei se amanhã, ou mesmo daqui a um segundo, não me transformarei novamente e mudarei meu nome. Estou aberto a novos renascimentos. Tudo é possível, a minha transformação é contínua e eterna como a do cosmos."

Imaginário!

Revista sobe História em Quadrinhos, Artes Visuais,
Comunicação e Cultura Pop



N. 20 - março 2021



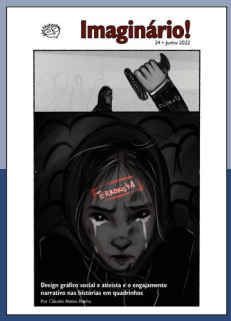
N. 21 - junho 2021



N. 22 - setembro 2021



N. 23 - dezembro 2021



N. 24 - junho 2022



N. 25 - dezembro 2022



N. 26 - junho 2023



N. 27 - janeiro 2026

https://www.marcadefantasia.com/imaginario.html